



Programa de
Pós-Graduação em
Diversidade Sociocultural
PPGDS

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL

GABRIELA GALVÃO BRAGA FURTADO

ENTRE ETNOLOGIA E ARQUEOLOGIA: o universo tapajônico de Curt Nimuendajú

BELÉM-PA
2024

GABRIELA GALVÃO BRAGA FURTADO

ENTRE ETNOLOGIA E ARQUEOLOGIA: o universo tapajônico de Curt Nimuendajú

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, linha de pesquisa “Cultura e Patrimônio”, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Diversidade Sociocultural.

Orientadora: Dra. Cândida Barros
Coorientador: Dr. Nelson Sanjad

BELÉM-PA
2024

GABRIELA GALVÃO BRAGA FURTADO

ENTRE ETNOLOGIA E ARQUEOLOGIA: o universo tapajônico de Curt Nimuendajú

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, linha de pesquisa “Cultura e Patrimônio”, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Diversidade Sociocultural.

Data da defesa: 25/01/2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MARIA CANDIDA DRUMOND MENDES BARROS
Data: 30/05/2024 13:09:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Cândida Barros (Orientadora PPGDS – MPEG)

Documento assinado digitalmente
 NELSON RODRIGUES SANJAD
Data: 03/06/2024 09:15:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Nelson Sanjad (Coorientador PPGDS – MPEG)

Documento assinado digitalmente
 CRISTIANA NUNES GALVAO DE BARROS BARREI
Data: 12/06/2024 09:36:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Cristiana Barreto (Examinadora Interna PPGDS – MPEG)

Documento assinado digitalmente
 PETER SCHRODER
Data: 11/06/2024 19:18:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Peter Schröder (Examinador Externo PPGA – UFPE)

BELÉM-PA
2024

F992 Furtado, Gabriela Galvão Braga
Entre etnologia e arqueologia: o universo tapajônico de Curt
Nimuendajú. / Gabriela Galvão Braga Furtado. – Belém, 2024.
174 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Drumond Mendes Barros
Coorientador: Dr. Nelson Rodrigues Sanjad
Dissertação (mestrado) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa
de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, Belém, 2024.

1. Etnologia. 2. Arqueologia. 3. Tapajós (Pará). 4. Curt Nimuendajú.
I. Barros, Maria Cândida Drumond Mendes. II. Título.

CDD. 20 ed. 981.15201

À minha mãe, que foi o suporte necessário para a conclusão deste trabalho.

À Jorge Sales (*in memoriam*), amigo e incentivador nos momentos da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram para a realização deste trabalho e para a conclusão desse percurso acadêmico. Quero expressar minha gratidão ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em particular ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (PPGDS), que forneceu o suporte necessário ao longo desse período de pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, e pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), subsídio financeiro como bolsista.

Agradeço à minha orientadora, Cândida Barros, e ao coorientador, Nelson Sanjad, cujas orientações e apoios incansáveis foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos docentes do PPGDS, agradeço o aprendizado e a colaboração ao longo desta pesquisa. E aos colegas do programa, meu agradecimento pelo incentivo contínuo, especialmente durante o período pandêmico.

Manifesto minha gratidão à equipe do Arquivo Guilherme de La Penha no MPEG, incluindo Lilian de Amorin, Aldeídes Rodrigues, Pablo Borges e Mazildo Ferreira, pelo auxílio e paciência durante a pesquisa documental.

À Leonardo Lopes, da Reserva Técnica Arqueológica Mario Ferreira Simões do MPEG, pelo auxílio na pesquisa documental nos documentos da reserva.

Aos historiadores André Soares e Pablo Lucena, da Coleção Carlos Estevão de Oliveira (CECEO) no Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), agradeço o suporte durante minha estadia na instituição para a pesquisa na CECEO.

À curadoria do arquivo do Penn Museum, na pessoa de Alessandro Pezzati, que gentilmente disponibilizou os arquivos digitais relacionados a Helen Palmatary para consulta.

Aos pesquisadores que contribuíram com informações acadêmicas cruciais para o progresso desta dissertação, Cristiana Barreto, Diego Leal, Glaucia Santos, Helena Lima, Katiane Silva, Marcio Amaral, Marcony Alves, Peter Schröder e Renato Athias.

Agradeço aos amigos que foram essenciais para os momentos de descontração e que pacientemente ouviram minhas reflexões sobre o Nimuendajú, tornando essa fase valiosa para compartilhar. Gratidão a Adenilse, Augusto, Ana, Cassia, Chayenne, Elcione, Edivandro, Gabriel, Igor, Jorge (*in memoriam*), Lene, Madalena, Samantha, Silvane, Solange, Tereza, Thássia e Vera.

À minha família, dedico minha eterna gratidão pelo apoio incondicional, incentivo e compreensão ao longo de toda essa jornada acadêmica. Vocês foram a fonte de força que impulsionou cada etapa desse percurso. Agradeço à minha mãe Lauriene, aos meus irmãos Artur e Maria Laura, à minha prima Isabella e aos meus tios Lene, Márcio e Sérgio. Amo vocês.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, obrigada. Esta dissertação é o resultado do esforço coletivo de muitas pessoas, e sou grata por ter tido a oportunidade de contar com a colaboração e apoio.

Faz três horas que fiz a minha entrada triunfal em Santarém
(Nimuendajú, 2000 [1924], p. 65).

RESUMO

A pesquisa analisa o artigo “Os Tapajó”, de Curt Nimuendajú (1883-1945), publicado postumamente pelo Museu Paraense Emílio Goeldi em 1949 e tendo como base um conjunto importante de fontes documentais e arqueológicas do Baixo Amazonas-PA. O texto é o primeiro escrito por um etnólogo sobre esse grupo indígena e foi o resultado de uma expedição realizada por Nimuendajú a Santarém (PA) e adjacências em 1923, com financiamento do Museu de Gotemburgo, para coletar material arqueológico e etnográfico. A dissertação conclui que a produção intelectual do etnólogo sobre os Tapajó, além de ser relevante para a História da Ciência no Brasil, delineou um tema de estudos arqueológicos que viria a se desenvolver largamente na segunda metade do século XX e configurou uma chave interpretativa sobre o assunto que perduraria por décadas.

Palavras-chave: Amazônia; Produção Intelectual; Tapajó.

ABSTRACT

The research analyzes the article “Os Tapajó”, by Curt Nimuendajú (1883-1945), published posthumously by the Museu Paraense Emílio Goeldi in 1949 and based on an important set of documentary and archaeological sources from the Lower Amazon (PA). The text is the first written by an ethnologist about this indigenous group and was the result of an expedition carried out by Nimuendajú to Santarém (PA) and surrounding areas in 1923, with funding from the Gothenburg Museum, to collect archaeological and ethnographic material. The dissertation concludes that the ethnologist's intellectual production on the Tapajó, as well as being relevant to the History of Science in Brazil, outlined a theme of archaeological studies that would be widely developed in the second half of the 20th century and configured an interpretative key on the subject that would last for decades.

Keywords: Amazon; Intellectual Production; Tapajó.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Curt Nimuendajú, indígena desconhecido e Carlos Estevão de Oliveira.	35
Figura 2 - Mapa do Lago Grande da Vila Franca, Santarém-PA.	46
Figura 3 - Lista dos locais representados no mapa da Figura 2.	47
Figura 4 - Desenhos de muiiraquitãs feitos por Nimuendajú.	49
Figura 5 - Canoa de Nimuendajú no Lago Curumucury-PA.	50
Figura 6 - Café da manhã (peixe picarucu, molho de pimenta, farinha e café) na margem do lago Maicá, em Alter do Chão, Santarém-PA.	52
Figura 7 - Croqui do Cuçari disponibilizado no livro Cartas do Sertão.	53
Figura 8 - Mapa sobre a dispersão das cerâmicas tapajônicas.	54
Figura 9 - Mapa sobre a dispersão de cerâmicas.	57
Figura 10 - Imagem do croqui original sobre a presença de cerâmicas no Baixo Amazonas.	58
Figura 11 - Reprodução do Mapa Lago Grande da Vila Franca.	61
Figura 12 - Imagem do mapa original da região do Lago Grande da Vila Franca.	62
Figura 13 - Reprodução do mapa original do Lago Grande da Vila Franca.	62
Figura 14 - Lista com os nomes das comunidades.	63
Figura 15 - Cerâmica de Santarém em formato de cabeça colecionado por Nimuendajú em 1923 (Museu de Gotemburgo).	64
Figura 16 - Cerâmica de Santarém em formato de sapo colecionado por Nimuendajú em 1924 (Museu de Gotemburgo).	64
Figura 17 - Cerâmica de Santarém presente no CECEO.	65
Figura 18 - Cerâmica de Santarém presente no CECEO.	65
Figura 19 - Nimuendajú no Museu de Gotemburgo.	68
Figura 20 - Pranchas presentes em "In pursuit of a Pasta Amazon".	70
Figura 21 - Página do índice de referências do Mapa etno-histórico.	74
Figura 22 - Base Minerva com informações sobre "Die Tapajó".	76
Figura 23 - Primeira página de "Os Tapajó", 1938a.	77
Figura 24 - Vaso de Cariátides com os olhos cobertos, da Coleção Nimuendajú do Museu de Gotemburgo.	81
Figura 25 - Item "ponto de contato" da versão de "Os Tapajó".	83
Figura 26 - Croqui dos "achados" de cerâmica Tapajó no Baixo Amazonas.	83
Figura 27 - "Literatura arqueológica" na versão de 1938.	84

Figura 28 - Primeira página da segunda versão de "Os Tapajó", 1938b.....	85
Figura 29 - Tópico sobre "traje".....	85
Figura 30 - Primeira página de "Os Tapajó", 1949a.....	86
Figura 31 - Índice dos artigos publicados no Boletim do Museu Goeldi.....	88
Figura 32 - Fotos de cerâmicas tapajônicas inseridas no artigo "Os Tapajó", 1949.	89
Figura 33 - Página do livro de tombo da Reserva Técnica de Arqueologia Mário Ferreira Simões, Museu Goeldi.....	90
Figura 34 - "Os Tapajó" 1949b, publicado no Jornal A Província do Pará.....	93
Figura 35 - Primeira página da versão de "The Tapajó", 1952.	96
Figura 36 - Primeira página de "Os Tapajó", 1953.	100
Figura 37 - Primeira página de "The Tapajó", 2004.....	103
Figura 38 - Ídolo coletado por Nimuendajú, 1923.	104
Figura 39 - Desenho do ídolo produzido por Rydén.	105
Figura 40 - Ficha com as informações do ídolo.	105
Figura 41 - Diagrama referente as versões de "Os Tapajó".	107
Figura 42 - Grupo Tapajó no Mapa etno-histórico.....	115
Figura 43 - Placa do laboratório Curt Nimuendajú, Ufopa.	133
Quadro 1 - Fontes do Universo Tapajônico.	22
Quadro 2 - Autores-fonte de Curt Nimuendajú.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
OBJETIVOS DA PESQUISA	25
METODOLOGIA	26
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	27
1. CAPÍTULO 1: A ATUAÇÃO DE CURT NIMUENDAJÚ NO BAIXO AMAZONAS-PA (1923-1925)	28
1.1. Financiamento do trabalho de campo	28
1.1. As excursões	39
2. CAPÍTULO 2: “OS TAPAJÓ” (1923-2004): DE RELATÓRIO A ARTIGO	73
2.1. "Die Tapajó" (1923/1926): manuscritos	73
2.2. "Os Tapajó" (1938): Coleção Carlos Estevão de Oliveira, MEPE	76
2.3. “Os Tapajó” (1949a): Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi	86
2.4. "Os Tapajó" (1949b): Jornal A Província do Pará	91
2.5. "The Tapajó" (1952): Kroeber Anthropological Society	95
2.6. "Os Tapajó" (1953): Revista de Antropologia	98
2.7. "The Tapajó" (2004): a obra “In Pursuit of a Past Amazon”	101
3. CAPÍTULO 3: O ARTIGO “OS TAPAJÓ” ENQUANTO PRODUÇÃO CIENTÍFICA	110
3.1. Fontes de Curt Nimuendajú em “Os Tapajó” e no “Mapa etno-histórico”	110
3.2. Os Tapajó no campo da etnologia, arqueologia e história	124
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE A - Linha do tempo	149
ANEXO A – Livro de acompanha o Mapa etno-histórico	152
ANEXO B – Lista produzida por Nimuendajú sobre os Muiraquitãs e outros objetos encontrados	153
ANEXO C – “Os Tapajó”, 1938^a	155
ANEXO D - “Os Tapajó, 1939b	164

INTRODUÇÃO

A história da ciência no Brasil tem como destaque a produção etnológica sobre populações indígenas, formada por um conjunto de fontes produzidas por pesquisadores que enveredaram na investigação da formação social do país. Entre os nomes que construíram o conhecimento científico sobre essas populações, consta Curt Nimuendajú, que chegou ao Brasil em 1903, naturalizou-se em 1926 e faleceu em 1945, em uma aldeia Ticuna, no estado do Amazonas. Consagrou-se como um grande conhecedor das populações indígenas a partir de suas expedições por todo o território brasileiro, formando uma obra associada à Etnologia, à Arqueologia, à Linguística, ao Indigenismo e à Cartografia (Grupioni, 1993). Embora fosse autodidata, seus escritos etnográficos são referências aos profissionais que desejam compreender a vida e as populações indígenas estudadas, e a história da ciência no Brasil.

No período de 1905 a 1907, esteve entre os indígenas Guarani, em São Paulo, onde foi batizado na aldeia e recebeu o nome de *Nimuendajú*, que significa *aquele ser que cria ou faz seu próprio lar*, mais tarde incorporado como sobrenome (Oliveira Filho, 2014). Possivelmente influenciado por uma literatura de narrativas históricas e ficcionais sobre a exploração e ocupação do oeste estadunidense e por romances de aventura, veio ao Brasil com o intuito de experimentar, descrever, registrar e assim preservar paisagens, povos e modos de vida de nativos, que se acreditava estarem desaparecendo perante o avanço da civilização (Welper, 2013). Ao pretexto disso, sua pesquisa de campo exigia duas condições básicas: uma estadia razoavelmente longa entre os indígenas e um trabalho solitário que facilitasse sua incorporação nas sociedades que visitou. Em outras palavras, ele não procurava simplesmente “viver entre os índios”, mas viver entre os índios “como índio” (Welper, 2002, p. 127). O seu trabalho de campo se consolidou no decorrer dessas experiências, mas, nos primeiros anos no Brasil, ele certamente não tinha ideias elaboradas sobre pesquisa de campo, algo que apenas se consolidou nas primeiras décadas do século XX, no âmbito da antropologia.

Muitos autores consideram Nimuendajú o mais fecundo dos etnólogos brasileiros, não apenas pela dimensão e qualidade de sua obra, mas também porque acreditava que viver entre os indígenas era tão importante quanto escrever sobre eles. Considerado pioneiro na realização de um trabalho de campo longo e sistemático, as obras dele são lidas até a atualidade (Moreira Neto, 1982; Welper, 2002).

Em suas viagens pelo Brasil ao longo de quatro décadas, Nimuendajú realizou “pelo menos 34 pesquisas de campo entre mais de 50 etnias indígenas e [deixou] um grande número de publicações, em parte lançadas apenas postumamente” (Schröder, 2019, p. 3), o que

demonstra a grande diversidade de povos indígenas que visitou. Essa experiência de campo foi a base da correspondência de Nimuendajú com o antropólogo Robert Lowie (1883-1957), que nunca o conheceu pessoalmente, mas que viabilizou algumas viagens e as publicações de Nimuendajú nos Estados Unidos, como monografias etnográficas referentes aos Apinayé, aos Xerente, aos Canela e aos Ticuna (Laraia, 1987). Lowie foi um dos participantes de uma extensa rede de interlocutores com quem Nimuendajú interagiu, seja recebendo ajuda, seja ajudando com informações e/ou coleções (Kraus, 2009).

Nimuendajú redigiu trabalhos essenciais sobre a etnologia brasileira, tais como: relatórios de viagens para o Serviço de Proteção aos Índios (SPI)¹, materiais linguísticos e etnográficos publicados em revistas especializadas e capítulos para o importante *Handbook of South American Indians*, editado por Julian Steward entre 1945 e 1948 (Oliveira Filho, 2014; Schröder, 2022).

Segundo Schröder (2013), ainda existem materiais de autoria de Nimuendajú ou relacionados a ele esperando publicação, que incluem manuscritos, diários, cartas, fotos e objetos etnográficos depositados em arquivos universitários e em museus no Brasil (Museu Nacional², Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e o Museu do Estado de Pernambuco) e na Europa (Grassi Museum Leipzig, Museu Etnológico de Dresden, Museu Etnológico de Berlim e o Museu da Cultura Mundial).

Nimuendajú formou importantes registros etnográficos sobre boa parte das populações indígenas que visitou (Amoroso, 2001), como é o caso da obra publicada intitulada *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani* (As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani), datada de 1914, no periódico alemão *Zeitschrift für Ethnologie*, e apenas traduzida para o português em 1987 (tradução de Charlotte Emmerich e revisada por Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1987). Essa monografia foi considerada por Viveiros de Castro (1987) como uma das obras primas da etnologia brasileira.

Sabe-se que em uma carta enviada a Herbert Baldus, em maio de 1939, na ocasião de uma solicitação de uma biografia para a elaboração da obra *História da Etnologia Brasileira* (Welper, 2019), Nimuendajú fez questão de declarar:

¹ Órgão indigenista criado em 1910 e findado 1967, responsável pela tutela das populações indígenas.

² O Museu Nacional sofreu um incêndio em 2018, perdendo boa parte dos acervos depositados na instituição, incluindo as coleções etnográficas formadas por Nimuendajú e o arquivo pessoal do etnólogo. Contudo, a dissertação de Welper (2002) contém um excelente inventário sobre o espólio de Curt Nimuendajú.

O senhor quer minha história de vida? Muito simples: nasci em 1883 em Jena. Não me beneficieei de nenhuma formação acadêmica. Em 1903, cheguei ao Brasil. Mantive residência em São Paulo até 1913 e, desde então, no Pará, e todo o resto é, até hoje, uma quase incessante sequência de excursões (*apud* Baldus, 1945, p. 92).

Em outra carta, datada de setembro de 1939, Nimuendajú escreveu: “Deus me livre, como é curioso, senhor doutor Baldus, não me queira levar a mal! Por que esse interesse pela minha pessoa? Meus trabalhos não se tornam nem por um triz melhores em razão disso” (Welper, 2019, p. 106). Apesar das declarações feitas em vida sobre suas obras, seria justo deixá-las em uma prateleira empoeirada após a morte de Nimuendajú, em 1945? Essa situação foi abordada por Schröder (2022), quando ele diz ter a impressão de que os alunos dos cursos de antropologia no Brasil não conhecem mais Nimuendajú, a não ser o seu nome.

De acordo com Amoroso (2001), a atuação de Nimuendajú se dava pelo “Homem em campo” e utilizava uma metodologia que foi consagrada apenas posteriormente pela antropologia, “que conjugava controle da língua nativa, longa permanência com os índios e imersão no modo de vida das comunidades indígenas” (Amoroso, 2001, p. 175). A própria prática etnológica ou o fazer etnográfico de Nimuendajú permeava o trabalho de campo, ou melhor situando, Nimuendajú só se tornou Nimuendajú porque viveu entre os indígenas. Suas experiências relatadas não apenas em monografias, mas em variadas cartas trocadas com profissionais da época comprovam isso, em que respondia de forma rápida e extensa, com informações que qualificava uma simples carta em uma dissertação de mestrado (Kraus, 2009).

Além da sua autonomia para estar entre os povos indígenas, Nimuendajú exerceu funções para instituições brasileiras que, de certa forma, permitiram suas expedições, a exemplo do Museu Paulista, do Serviço de Proteção aos Índios, do Museu Nacional e do Museu Paraense Emílio Goeldi (Arnaud, 1983). Com este, sua relação teve início em um período de decadência financeira da instituição, a partir de 1914. Mas, paradoxalmente, foi nesse período que Nimuendajú estabeleceu contato com museus e etnólogos estrangeiros, permitindo-lhe realizar expedições e formar coleções (Maués, 2011). Essa intermediação ocorreu principalmente com a estreita ligação entre Nimuendajú e a diretora do Museu Goeldi, Emília Snethlage (1868-1929).³ Ela viabilizou, por exemplo, as primeiras observações de Nimuendajú junto aos Tembé,

³ “Nascida em uma família religiosa na Prússia (a Alemanha seria unificada somente em 1871), decidiu tardiamente ingressar em uma universidade e se dedicar à ornitologia. Aos 37 anos, transferiu-se para o Brasil, onde trabalhou no Museu Paraense de História Natural e Etnografia, em Belém, e depois no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Notabilizou-se pelas viagens que empreendeu a partir de 1905, geralmente sozinha ou acompanhada por um jovem assistente, ou ainda por índios, vestida com longas saias, através de várzeas, igapós e serras. Assumiu pesadas responsabilidades na década de 1910, durante a qual dirigiu o Museu Paraense, em meio

aos Aparai, aos Arara e aos Kayapó (Arnaud, 1983), além de contratá-lo como curador da reserva técnica de etnografia. Nesse contexto, as coleções arqueológicas e etnográficas estavam integradas no Museu Goeldi, e o etnólogo contribuiu com a organização de ambas.

Nimuendajú foi inserido, portanto, em redes científicas pré-existentes, sobretudo de língua germânica, sendo Belém do Pará referência no mundo acadêmico da Europa Central por ser o principal acesso à Amazônia. Isso facilitou a publicação da monografia sobre os Apapocúva-Guarani e sobre as lendas Tembé e o vocabulário Timbira (Sanjad, 2019). Nos anos de 1930 até a sua morte, Nimuendajú voltou a prestar serviços para o Museu Goeldi, então sob a gestão de Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946). Ali ministrou três cursos de etnologia⁴ e elaborou as quatro versões do Mapa etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (Maués, 2011). Entende-se que Nimuendajú acompanhou as mudanças no Museu Goeldi, como a troca de direção e os diversos pesquisadores (as) que passaram pela instituição.

Quanto às etnografias sobre as populações indígenas na Amazônia como resultado dos trabalhos de campo, foram financiadas por diversos museus, inicialmente pelo Museu de Gotemburgo devido a uma incursão realizada em 1922 (Nimuendajú, 2001); a partir do ano 1932, pela Universidade de Califórnia, em Berkeley; em 1941, pela Fundação Rockefeller, e, em 1943, escreveu para o *Handbook of South American Indians*, produzido pela Smithsonian Institution e editado por Julian Steward (1902-1972), com o artigo *The Mawé and the Arapium* (1946) (Faulhaber, 2008).

Nimuendajú foi responsável por compilar acervos arqueológicos e etnográficos para diversos museus. Ele coletou materiais provenientes de culturas indígenas, os quais, em sua maioria, foram inicialmente armazenados nos museus etnológicos da Europa até 1927, e até a eclosão da segunda guerra mundial, continuou a organizar coleções para museu europeus, sobretudo Berlim e Gotemburgo, porém em quantidades e dimensões menores. A partir de 1930, coleções também foram coletadas para serem acomodadas nos Estados Unidos e em museus brasileiros (Amoroso, 2001). O etnólogo se dedicou a um estudo pioneiro na catalogação de sítios arqueológicos sob uma perspectiva regional, acompanhado de uma minuciosa documentação dessas coleções. Ele inclusive elaborou mapas que registraram a presença de cerâmicas em toda a região amazônica.

a uma grave crise comercial e monetária local e aos conflitos europeus, que transformaram o seu país natal em inimigo declarado de metade do mundo, inclusive do Brasil” (Sanjad *et al.*, 2013, p. 196).

⁴ O material usado no curso de Etnologia está em posse do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), na Coleção Carlos Estevão de Oliveira (CECEO).

Nesse cenário, a arqueologia brasileira se limitou a empreendimento individuais liderados por pesquisadores afiliados a museus com demandas esporádicas, como Nimuendajú, que empreendeu várias expedições pela Amazônia com o propósito de identificar comunidades indígenas e reunir objetos, apesar de que as coleções, em sua maioria, tenham sido direcionadas ao Museu de Gotemburgo (Schaan, 2012).

Existem muitos estudos que fazem um panorama sobre a atuação de Nimuendajú no território brasileiro. Todavia, é sempre necessário contrapor as narrativas escritas sobre o etnólogo, por vezes romantizadas. Faz-se necessário a renovação de estudos para acompanhar a própria renovação da história da antropologia no Brasil (Tambascia, 2020), uma vez que os trabalhos desenvolvidos por ele podem auxiliar na compreensão dos povos indígenas na contemporaneidade, em viés histórico e arqueológico.

O artigo *Os Tapajó*, apesar de publicado apenas postumamente pelo Museu Goeldi, em 1949, é resultado da atuação de Nimuendajú com os museus, o que propiciou o financiamento de suas pesquisas com a venda de objetos etnográficos e arqueológicos para as instituições. Segundo Faulhaber (2013), Nimuendajú se inseriu em um mercado internacional de bens culturais como um coletor especializado, forneceu objetos para um mercado competitivo, formado por museus e universidades, como o Museu de Gotemburgo⁵, instituição que financiou o trabalho de campo no Baixo Amazonas-PA a partir de 1923 até 1927.

Nessa época, as principais referências da etnologia sul-americanista alemã eram Karl von den Steinen (1855-1929)⁶, Paul Ehrenreich (1855-1914)⁷, Theodor Koch-Grünberg (1899-1924)⁸ e o sueco Erland Nordenskiöld (1877-1932).⁹ O brasileiro Capistrano Abreu (1853-1927)¹⁰ também era um nome referenciado na monografia referente aos Guarani (Santos, 2022). Esses autores em sua maioria (Karl von den Steinen, Ehrenreich, Theodor Koch-Grünberg e Erland Nordenskiöld) realizaram contribuições para a arqueologia, visando uma abordagem multidisciplinar, combinando arqueologia e etnografia.

⁵ Atualmente chamado de Museu da Cultura Mundial.

⁶ Médico, etnólogo e antropólogo, foi um estudioso do século XIX, que contribuiu de forma considerável com o conhecimento de indígenas do Brasil, principalmente da região do Xingu (Coelho, 1993; Viertler, 2019).

⁷ Médico e Filósofo, realizou expedições no Brasil e inclusive acompanhou Karl Von den Stein em uma expedição pelo Xingu (Schaden, 1964).

⁸ Formado em Filologia Clássica e fez parte da segunda geração de americanistas alemães ligados ao Museum für Völkerkunde e ao seu diretor, Adolf Bastian, e que expedicionaram pela Amazônia a partir do século XIX (Coelho, 2021; Kraus, 2019).

⁹ Formado em Paleontologia, realizou expedições pela Patagônia, Argentina, Bolívia, Brasil, Peru, Colômbia e Panamá e foi secretário geral do Congresso Internacional dos Americanistas realizado em Gotemburgo em 1924 (Alvarsson; Agüero, 1997).

¹⁰ Historiador, com obras associadas à etnografia e linguística. Segundo Petschelies (2019), Capistrano Abreu foi um membro convertido da antropologia alemã e inclusive aplicou métodos de Karl Von den Steinen em seus trabalhos.

A Tradição de Etnologia Sul-Americanista Alemã desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da etnologia germânica, especialmente no estudo das culturas indígenas da região, cujo estudiosos eram bastantes heterogêneos. Embora a ênfase principal da Escola fosse uma pesquisa etnográfica, a arqueologia ofereceu informações adicionais que enriqueceram a compreensão das culturas indígenas. Os dados arqueológicos poderiam ser usados para complementar as questões etnográficas.

No âmbito da antropologia alemã, Adolf Bastian (1826-1905) era um dos principais nomes. Elaborou uma teoria que dava suporte teórico ao colecionismo frenético e incansável de objetos e informações, com o objetivo de salvaguardá-los em museus para serem preservados e estudados. Para ele, as culturas indígenas estavam condenadas à extinção e, por isso, carregava um espírito “salvacionista”, oscilando entre empirismo, romantismo e psicologia (Schröder, 2015; Viertler, 2017). Bastian incentivou o trabalho de campo etnológico de vários pesquisadores na linha de estudo *Völkerkunde*¹¹, aplicando sua teoria com enfoque no colecionismo (Kraus, 2007). Assim, o objetivo de seus discípulos era salvar o que fosse essencial para representar os pensamentos elementares de uma sociedade que chegaria à extinção (Petschelies, 2019).

Neste contexto, Nimuendajú estava familiarizado às teorias que a etnologia alemã consolidara, desenvolvendo suas atividades pelo Brasil a partir da perspectiva de salvaguardar a cultura de um determinado grupo indígena. Inclusive o etnólogo se referiu a etnologia americanista:

Aproveitei a demora em Santarém para passara limpo a tradução dos capítulos gerais que julgo mais úteis para o Snr., de Buschan's Voelkerkunde¹². Os cinco capítulos que Snr. agora possui já formam um bom guia de etnologia americanista. Quando eu voltar nós havemos de relê-los juntos, tanto para corrigir as belezas da tradução como para eu dar umas tantas explicações que julgo necessárias, porque o autor pressupõe no estudante umas tantas noções de etnologia geral e geografia local (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira, 02/01/1925, Nimuendajú, 2000, p. 71).

¹¹ “Enfim, de modo mais abrangente, os estudiosos alemães da virada do século XIX ao XX que se dedicavam ao estudo da diversidade humana em cultura, religião, mitologia, organização social e linguagem, praticavam a *Völkerkunde*. *Völkerkunde* é uma composição que une dois substantivos: Kunde, um termo do alto alemão medieval que significa conhecimento e saber e pode ser traduzido ao latim como scientia e notitia, e *Völker*, plural genitivo de Volk, povo. Logo, *Völkerkunde* pode ser compreendida como a ciência dedicada ao estudo dos povos. Enquanto durante o idealismo alemão, a *Aufklärung*, a *Völkerkunde* era sinônimo de *Ethnographie*, no final do século XIX a *Ethnographie* foi reduzida apenas às suas características empírico-descritivas, opondo-se ao caráter analítico-teórico da *Ethnologie*, com a *Völkerkunde* abarcando ambas as áreas. Resguardadas as diferenças etimológicas e respeitando-se os processos de constituição disciplinar, pode-se dizer que aquilo que o pesquisador brasileiro denomina atualmente de antropologia e o norte-americano de *ethnology* ou *cultural anthropology*, o intelectual alemão do século passado designava por *Völkerkunde*, e a seus profissionais por *Völkerkundler*. No entanto, no contexto brasileiro contemporâneo, etnologia refere-se quase exclusivamente ao estudo dos povos ameríndios” (Petschelies, 2019, p. 22).

¹² A obra que Nimuendajú se refere para tradução é Buschan, Georg. **Illustrierte Völkerkunde**. Stuttgart: Berlegt Von Gtreder. 1922. Sendo uma segunda edição ampliada (Hartmann, 2000).

O conteúdo da carta reflete a conexão entre o autor e o estudo do americanismo, explorando seu domínio em assuntos etnológicos relacionados à pesquisa sobre as populações indígenas. Além disso, a carta inclui a possibilidade de fazer análises críticas dessas pesquisas.

O etnólogo também estava associado à *Société des Américanistes*, fundada em 1895, em Paris. O objetivo da sociedade era divulgar estudos sobre sociedades indígenas da América do Sul, realizando congressos internacionais que ocorrem até hoje. A *Société des Américanistes* reuniu cientistas de suma importância, como Paul Rivet (1876-1958), que foi editor do *Journal de la Société des Américanistes* e secretário geral em 1922, colaborando para que o americanismo fosse uma área científica (Barreto, 2022; Laurière, 2009). Rivet desenvolveu o campo científico multidisciplinar no americanismo, dialogando com a antropologia voltada para documentar populações em extinção, considerado essencial para compreender a diversidade e a trajetória humana em sua plenitude (Barreto, 2022).

Em carta endereçada a Paul Rivet¹³, Nimuendajú menciona a sua relação com a sociedade: “Acusando a recepção do aviso de minha eleição como membro titular da ‘Société des Américanistes de Paris’¹⁴. Em outras cartas fica claro que a relação entre ambos é de cunho científico, pois Rivet estava interessado em publicar manuscritos sobre populações indígenas estudadas por Nimuendajú no *Journal de la Société des Américanistes*:

Ilmo Snr Dr. P. Rivet

Foi com imenso prazer que acabo de receber outravez noticias suas pela sua carta de 12 de Maio; a anterior porém, sem duvida se perdeu. Agradeço-lhe muito a comunicação e juízo lisonjeiro que faz dos meus modestos apontamentos que costumo fazer durante o meu contacto com os índios. Assim que eu voltar para Belém, no dia 25 do mez corrente, mais ou menos, aprontarei os seguintes manuscritos para remeter-los ao Snr. afim de que dispanha deles, conforme melhor.¹⁵

A associação de Nimuendajú a Rivet revela também o interesse pelas ideias que a então sociedade da época pregava, já que era um espaço onde as pesquisas eram compartilhadas. A própria sociedade divulgava os estudos sobre indígenas, era o espaço ideal para o etnólogo que buscava apoio para dar prosseguimento às suas expedições, já que variados pesquisadores circulavam por esse meio, inclusive o Barão Erland Nordenskiöld, que mais tarde contatou

¹³ As cartas entre Paul Rivet e Curt Nimuendajú foram disponibilizadas gentilmente pela professora Cristiana Barreto, que realizou pesquisa de cunho documental na Biblioteca do Muséum National d'Histoire Naturelle, Fundo Paul Rivet.

¹⁴ Carta de Nimuendajú para Paul Rivet, 04/08/1921, Fundo Paul Rivet, Biblioteca do Muséum National d'Historie Naturelle.

¹⁵ Carta de Nimuendajú para Paul Rivet, 04/07/1923, Fundo Paul Rivet, Biblioteca do Muséum National d'Historie Naturelle.

Nimuendajú para realizar as expedições via museu de Gotemburgo. Isso deixa claro as influências americanistas no contexto da década de 1920, principalmente no trabalho arqueológico de Nimuendajú. A prática de uma circulação acadêmica fazia parte de diversos programas de pesquisa empreendidos pelo etnólogo, financiado por museus internacionais e nacionais, o que lhe permitia realizar viagens como a de Santarém, no estado do Pará, onde pesquisou sobre os Tapajó, financiado pelo Museu de Gotemburgo.

No contexto do trabalho de campo arqueológico de Nimuendajú na década de 1920, o foco das pesquisas foi voltado para a corrente teórica do Difusionismo (Pesquisas de Nordenskiöld e Rivet tinham características desse campo de estudo nas suas variações de escolas, porém Nordenskiöld foi também crítico em relação ao difusionismo). Isso se baseava na ideia de que as características culturais de objetos arqueológicos estavam relacionadas a uma cultura que se originou em um ponto central e se expandiu por meio de processos de difusão. Essas teorias buscaram explicar como as migrações resultaram em mudanças culturais ao longo do tempo, e assim, ao adotar uma perspectiva histórica e culturalista, poderiam rastrear sua origem cultural no passado (Trigger, 2004).

Segundo Moran (1990), o Difusionismo¹⁶ foi uma abordagem teórica que surgiu no final do século XIX e buscou compreender a diversidade humana por meio da análise de agrupamentos de objetos e práticas culturais em diferentes localidades geográficas. Essa metodologia visava explicar a existência ou a falta de certas características culturais com base em processos de migração.

Na arqueologia, o Difusionismo desempenhou um papel central, pois sustentava a ideia de que cada cultura se originou de um processo de desenvolvimento com causas no passado, sendo um fator predominante que permitiu mudanças culturais. Nesse contexto, não era suficiente apenas registrar o material cultural de um grupo específico, era igualmente importante compreender a identidade dessa população por meio de uma análise histórica. Um material cultural não se limitou apenas a conjuntos de objetos, mas envolveu a compreensão de como as pessoas viveram no passado (Trigger, 2004).

A partir desses pressupostos teóricos está o trabalho de Nimuendajú sobre os Tapajó, associando pesquisa arqueológica com análise histórica e etnológica para uma compreensão cultural dos indígenas, que são as principais características de uma pesquisa no campo teórico

¹⁶ O Padre Wilhelm Schmidt, Fritz Graebner e Friedrich Ratzel foram alguns dos expoentes do difusionismo na Alemanha; nos Estados Unidos, Alfred Kroeber e Robert Lowie.

do Difusionismo. Inclusive, nos seus trabalhos, Nimuendajú apontou para abordagens que sugeriam relações entre as cerâmicas de Santarém e as do Caribe.

O resultado de suas pesquisas é o artigo “Os Tapajó”, um texto que tem por base a análise documental e arqueológica da região do Baixo Amazonas-PA. Iniciou o trabalho com uma linha histórica do processo de colonização da região, baseada em cronistas¹⁷. Apesar de o etnólogo entender que não teve contato com essa etnia, ele descreve em sua obra as principais características dos Tapajó, remetendo-se a fontes escritas por viajantes e organizando o texto com tópicos característicos da *Völkerkunde*: traços culturais, nome, habitat, número, língua, caráter, organização social, casamento, tratamento dos mortos, religião, traje, alimentação, indústria, armas, moradas antigas e ponto de contato. Contudo, essa organização temática não é exclusiva da etnologia alemã, Nimuendajú a usou porque era o que ele conhecia das leituras e escritas científicas da época. Um exemplo são os artigos publicados no “Handbook of South American Indians”, que seguem esse mesmo padrão de organização textual.

O povo Tapajó é considerado parte de uma sociedade ameríndia complexa no Baixo Amazonas do século XVI, e que exerceu influência sobre as demais etnias da região, estando em uma posição de poder (Harris, 2015). Roosevelt (1992) salientou igualmente que os Tapajó desempenharam um papel central nas análises sobre a complexidade social na arqueologia da região amazônica. A arqueóloga aponta a presença de um *cacicado*, que representava uma estrutura econômica e política abrangente, englobando múltiplas aldeias sob o governo de um líder local. Essa complexidade também estava relacionada ao material arqueológico da região. No entanto, segundo Gomes (2009), o modelo inicial de Roosevelt, centrado na hegemonia política dos Tapajó, negligência os dados arqueológicos e etno-históricos que evidenciam a diversidade cultural presente na área. Schaan (2016), em suas análises da cerâmica regional, não encontrou evidências de hierarquia entre os sítios. Apesar da variabilidade, as cerâmicas indicaram vínculos estreitos entre os assentamentos, sem sugerir uma superioridade entre as cerâmicas, o que revela uma igualdade social em vez de uma hierarquia.

A região teve variados visitantes, contudo, o relato feito por Martius (1867) chama a atenção, pois ele declara que, no século XVII, já não havia resquícios sobre essa população e que se observava uma variação cultural na região. Esses fatores tornam o artigo “Os Tapajó” mais importante, pois é o primeiro documento sobre esse grupo étnico, tido como extinto, hierarquizado socialmente e presente arqueologicamente na atual Santarém.

¹⁷ De acordo com Melatti (2007), os cronistas representam todos os autores que documentaram relatos sobre as populações indígenas antes do surgimento de uma disciplina científica específica. Adotando essa visão, irei denominar neste trabalho como cronistas o conjunto completo de fontes escritas que estiveram pela região.

Percebe-se que a inserção de Nimuendajú ao povo tapajônico está intercalada na prática arqueológica, etnográfica, etnológica, cartográfica e histórica para a construção do artigo. O etnólogo, na medida em que acompanhou a construção da antropologia enquanto ciência, desenvolveu um estudo pioneiro sobre o grupo étnico com vista na memória indígena da região. Segundo Oliveira Filho (1987), a consolidação etnológica e antropológica enquanto disciplina praticada no Brasil ocorreu devido ao conhecimento desses profissionais sobre as fontes de viajantes, sem as quais a antropologia não seria possível.

Para situar as atividades realizadas por Nimuendajú em parceria com museus, essa pesquisa dialoga com as representações que o etnólogo construiu sobre a etnia Tapajó no processo de formação histórica da sociedade amazônica, seguindo a perspectiva de um etnólogo voltado para a análise historiográfica, arqueológica e cartográfica.

A versão de “Os Tapajó” autografada que se conhece foi escrita em “12 de abril de 1938” e a primeira edição foi publicada em português em 1949¹⁸, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. Para análise do material produzido por Nimuendajú, proponho um “universo tapajônico” formado não apenas pelo artigo “Os Tapajó”, mas também pelos objetos arqueológicos que ele coletou durante a expedição financiada pelo museu de Gotemburgo, pelas cartas trocadas nas quais fez referência à etnia, pelo índice de referências sobre o povo indígena e a região do Tapajós no Mapa etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (Nimuendajú, 2017) e nas modificações que foram feitas pelos editores na edição do artigo. Todas essas fontes configuram o que intitulei de *Universo Tapajônico* (Quadro 1).

Quadro 1 - Fontes do Universo Tapajônico.

ARTIGOS			
“Os Tapajó”	Ano	Edições	Observações
1ª versão	1923	Material em alemão “Die Tapajó”	A data foi noticiada pelos editores do livro “In pursuit...”
2ª versão	1926	Material em alemão “Die Tapajó”	A data foi divulgada pelo editor de “The Tapajó”
3ª versão	1938a	Arquivo do MEPE	Material datilografado e assinado por Nimuendajú
4ª Versão	1838b	Arquivo do MEPE	Material datilografado

¹⁸ No Repositório do Museu Paraense Emílio Goeldi, o artigo “Os Tapajó” está depositado com citação datada do ano de 1949. Contudo, o documento digitalizado e disponibilizado no site consta com a data de 1948.

5ª Versão	1949a	Museu Goeldi	Adição de três imagens de peças tapajônicas
6ª Versão	1949b	Jornal A Província do Pará	Adição de uma foto de Curt Nimuendajú e duas imagens de cerâmica tapajônica
7ª Versão	1952	Sociedade de Antropologia Kroeber	Adição de dois mapas referente à região do Tapajós-PA
8ª Versão	1953	Revista de Antropologia	Primeiro número da revista
9ª Versão	2004	In Pursuit of a past Amazon: Archaeological Research in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region, organizada por Pen Stenborg	Acompanha um texto sobre a região do Tapajós-PA
MAPAS			
Mapas	Ano	Publicação	Observações
Mapa 1	1923	Livro “In pursuit...”	Croqui do Lago Grande Vila Franca
Mapa 2	1924	Cartas ao Sertão	Croqui da viagem ao Cuçari
Mapa 3	1937	Archäologie in Amazonien, 1986	Mapa de Nimuendajú publicado por Peter Hilbert em 1986
Mapa 4	1938	“Os Tapajó”, 1938a, Arquivo MEPE	Croqui dos “achados” de cerâmica tapajônica
Mapa 5	1952	Sociedade de Antropologia Kroeber	Imagem original do mapa referente ao Lago Grande da Vila Franca
Mapa 6	1952	Sociedade de Antropologia Kroeber	Reedição do mapa original referente ao Lago Grande da Vila Franca
Mapa 7	1960	The archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil (1960)	Mapa da dispersão das cerâmicas
Mapa 8	1960	The archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil (1960)	Reedição do mapa original referente ao Lago Grande da Vila Franca
Mapa 9	2017	Mapa etno-histórico das regiões adjacentes	Posição cartográfica: D3
COLEÇÕES			
Coleções	Ano	Publicação	Observações
Tapajônica		Museu de Gotemburgo	
Tapajônica		Museu do Estado de Pernambuco	

CARTAS			
Cartas	Ano	Publicação/Documentos	Observações
Cartas de Nimuendajú	2000	Cartas ao sertão de Carlos Estevão a Curt Nimuendajú	
Cartas de Carlos Estevão	Dec. 1930	Arquivo Guilherme de La pena – Museu Goeldi	
Cartas de Helen Pamatary	Dec. 1930	Penn Museum	
Cartas de Nimuendajú e Nordenskiöld	2004	In Pursuit of a past Amazon: Archaeological Research in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region, organizada por Pen Stenborg	Cartas disponibilizadas pelo editor
AUTORES-FONTE			
Autores-Fonte	Ano	Publicação	Observações
36 autores consultados (cronistas, arqueólogos, geólogos etc.)	Fontes com anos diversos	As referências completas constam no artigo Os Tapajó (1952) e no Mapa etno-histórico (2017)	

Fonte: Autora (2024).

O eixo desse universo, e distante das suas monografias construídas a partir do trabalho de campo com os indígenas, é pensar um Nimuendajú colecionador e preocupado em salvaguardar a cultura de um povo tido como extinto, acessível apenas em relatos de viajantes e em dados arqueológicos, para construir um texto que caracteriza a etnia Tapajó. Esse artigo pode ser considerado um primeiro trabalho científico sobre esse grupo étnico, já que o que havia escrito antes remetia às fontes produzidas pelos viajantes que se estabeleceram no local, como o João Felipe Betendorff, Francisco de Orellana, Mauricio de Heriarte, Gaspar de Carvajal etc.

Nimuendajú, ao escrever o artigo sobre os Tapajó, não reproduz o método que já havia utilizado em outros trabalhos, mas constrói uma linha temporal, de cronistas do passado e intelectuais do presente da escrita, para colocar em evidência o povo Tapajó.

Associado ao contexto da escrita em torno dos Tapajó, está o trabalho de campo arqueológico. No período em que se concentrou o trabalho de Nimuendajú, na década de 1920, outras pesquisas revisitaram a arqueologia pioneira do final do século XIX. De certo modo, o

etnólogo foi incentivado a visitar os locais amazônicos com novas descobertas arqueológicas (Fonseca Júnior, 2008).

Charles Frederick Hartt (1840-1878), geólogo, foi o primeiro a mencionar a arqueologia da região de Santarém na obra intitulada “Contribuições para etnologia do Valle do Amazonas” (Hartt, 1885). Ali ele descreve a presença de terras pretas e de sambaquis em Taperinha¹⁹. João Barbosa Rodrigues (1842-1909), no seu relatório “Exploração e estudo do valle do Amazonas: Rio Tapajós” (1875), também relatou vestígios arqueológicos na região de Santarém associados à população tapajônica (Py-Daniel *et al.*, 2017), resultado de uma expedição realizada em 1871. Nessa obra ele mencionou ter encontrado inúmeros objetos, como cerâmicas e machados, e fez menção a lugares que podem ser considerados sítios arqueológicos (Piquiatuba, Ypanema, Mararú e Taperinha). Certamente Nimuendajú consultou essas fontes para se situar na arqueologia e etnologia do povo que então estudava.

Nessa direção, esta pesquisa identificou que a partir década de 1920, em razão da expedição financiada pelo Museu de Gotemburgo para coletar material arqueológico no Baixo Amazonas-PA, articulava-se uma rede científica na qual Nimuendajú estava inserido, e a influenciou a repercussão do seu trabalho, “Os Tapajó”, após a sua morte em 1945²⁰.

OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa analisou as reflexões do etnólogo Curt Nimuendajú sobre o povo Tapajó a partir do artigo publicado com dados arqueológicos e históricos. Os objetivos específicos foram: 1) Observar as condições e os limites das articulações institucionais de Nimuendajú com o Museu Goeldi e o Museu de Gotemburgo no trabalho de campo, que tornaram possível sua atuação no Baixo Amazonas; 2) Caracterizar a rede científica na qual Nimuendajú estava inserido, através da descrição da circulação e alcance de sua produção sobre o Baixo Amazonas (artigo, cartas, mapas e peças arqueológicas); 3) Analisar a produção feita pelo etnólogo sobre os Tapajó nas diferentes versões e as modificações dos editores (mapas, fotos e notas) a cada edição póstuma desse trabalho.

O universo tapajônico de Curt Nimuendajú, constituído inicialmente pelo artigo “Os Tapajó”, de 1949, publicada pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, foi o primeiro material produzido pelo etnólogo sobre o grupo indígena que teve contato, foi a porta de entrada para o campo arqueológico e etnológico no Baixo Amazonas-PA. E, em um segundo momento, o texto

¹⁹ Fazenda localizada na região de Santarém-PA, conhecida por ser referência em pesquisas no século XIX e XX.

²⁰ Uma linha do tempo esclarecendo as datas consta no Apêndice A.

“Excursões pela Amazônia” (2001), no qual Nimuendajú relatou as expedições pelo interior da Amazônia, enfatizando seus trabalhos arqueológicos.

A partir dessas referências, e durante o decorrer da pesquisa, deparei-me com outras fontes de autoria de Nimuendajú sobre os Tapajó, como as outras edições do texto, mapas, cartas, fotos e coleções arqueológicas presentes em instituições brasileiras e estrangeiras, que serão apresentadas ao decorrer desta dissertação.

O documento sobre os Tapajó me chamou atenção devido à ausência de um trabalho de campo, mas com uma característica específica de cunho documental, que exigia tempo e dedicação para uma leitura sobre o grupo étnico. O texto é o primeiro trabalho sobre a etnia, no registro de uma virada metodológica do Nimuendajú, de etnólogo para arqueólogo.

Por sua vez, a pesquisa pretende responder a seguinte questão: *Como Curt Nimuendajú pôde contribuir para a compreensão do grupo étnico Tapajó?* Para tanto, investigou-se a formação da pesquisa etnológica e arqueológica de Nimuendajú sobre o grupo étnico Tapajó, posicionado na rede de pesquisa transnacional do etnólogo.

METODOLOGIA

As fontes consideradas como parte do Universo Tapajônico foram analisadas como proposto por Carlos Ginzburg (1992), no sentido de que podem ser observadas como pistas e revelam vestígios e apontam para caminhos não vistos inicialmente, tendo Nimuendajú como protagonista. Nesse caso, fiz uma viagem em sua companhia, como um modo de dialogar com a construção do conhecimento científico. Acompanhando esse autor por meio de uma organização cronológica, tracei uma trajetória linear de atuação do etnólogo e da própria construção da etnologia, tendo como principal referência o artigo “Os Tapajó”.

Ao longo da pesquisa, foi feito um trabalho de investigação e leitura documental e bibliográfica sobre a História da Ciência, tendo Curt Nimuendajú como personagem principal, principalmente em sentido etnológico. No levantamento das fontes documentais, foram utilizados acervos digitais disponíveis na *internet*, foram consultados os arquivos da Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, preservado no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), e os arquivos disponibilizados pelo Penn Museum, composto por um material referente a Nimuendajú²¹. Instituições com acervos necessários para

²¹ Os arquivos consultados são materiais dos registros da Expedição Amazônica, dirigido por William Curtis Farabee em 1913-1926, incluindo um relatório sobre o Apará e um vocabulário da língua Apará, e correspondências entre Nimuendajú e dois diretores do Museu, George Byron Gordon (1910-1927) e Horace H. f. Jayne (1929-1940).

a pesquisa também foram visitadas presencialmente, nesse caso, a Coleção Carlos Estevão de Oliveira, no Museu do Estado de Pernambuco, e o Arquivo Guilherme de La Penha, no Museu Goeldi. Vale ressaltar que a Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional que custodiava o Fundo Curt Nimuendajú, foram totalmente destruídos no incêndio de 2018, incluindo os diários de campo “Zweite Tapajoz Reise” (1923-1924) e “Tapajos Reise” (1924) (Welper, 2002).

Desse modo, esta pesquisa se configura como uma investigação histórica, no sentido de estudar representações, expectativas, motivações produtoras de versões diferenciadas, condições de produção dessas versões, além de captar, a partir do universo tapajônico de Nimuendajú, aspectos que serão reveladores para o entendimento dos trabalhos desenvolvidos por ele em torno da monografia.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em três capítulos, apresentados cronologicamente para deixar clara a relação entre o trabalho de campo e a escrita do artigo “Os Tapajó”. No primeiro capítulo, intitulado “A atuação de Curt Nimuendajú no Baixo Amazonas-PA (1922-1925)”, apresento a articulação financiadora para o referido trabalho de campo, enfatizando Nimuendajú em uma rede científica e o seu potencial enquanto coletor, arqueólogo e etnólogo em campo, e as principais informações mencionadas pelo etnólogo.

No segundo capítulo, chamado ““Os Tapajó” (1923-2004): de relatório a artigo”, analiso como a produção de Nimuendajú foi construída e alguns aspectos textuais e teóricos. Faço uma comparação entre versões manuscritas e impressas. Essas últimas edições foram póstumas, efetivando um diálogo entre os documentos e o que foi acrescentado e eliminado em cada versão pelos seus editores. Também apresento o local de publicação, a motivação da divulgação do referido trabalho e o possível público que teve acesso ao material.

No terceiro capítulo, denominado “O artigo ‘Os Tapajó’ enquanto produção científica”, discuto acerca do texto como sendo o primeiro texto científico escrito sobre a população tapajônica, considerado como um conhecimento essencial para a prática etnológica e se tornou referência após a sua publicação, considerado como uma leitura obrigatória para quem deseja pesquisar sobre a cultura Tapajó.

1. CAPÍTULO 1: A ATUAÇÃO DE CURT NIMUENDAJÚ NO BAIXO AMAZONAS-PA (1923-1925)

Este capítulo visa discutir a rede científica na qual Curt Nimuendajú estava inserido e que financiou o desenvolvimento do trabalho arqueológico e etnológico no Baixo Amazonas no período de 1923 a 1925, apresentando os principais nomes e instituições que tornaram possível o desenvolvimento das pesquisas e a atuação de Nimuendajú em campo no diálogo com o colecionismo, prática necessária para investigação etnológica e arqueológica da época. Desse modo, as coleções arqueológicas formadas pelo etnólogo permeiam o decorrer do texto. O item “1.1 – Financiamento do trabalho de campo” visa apresentar o Barão Erland Nordenskiöld e Carlos Estevão de Oliveira, o grau de relação deles com Nimuendajú e como se dava o diálogo para que os trabalhos de campo fossem efetivados. Em “1.2 – Universo Tapajônico” será exposto o trabalho de campo propriamente dito, a partir do relatório “Excursão pela Amazônia” (1927), que fez com que Nimuendajú conhecesse Santarém e região, dialogando com diversos pesquisadores.

1.1. Financiamento do trabalho de campo

O universo tapajônico de Curt Nimuendajú, enquanto produção etnológica, perpassou pela prática de um colecionismo arqueológico com fins acadêmicos, tendo formado coleções para museus nacionais e internacionais (Grupioni, 1998; Schröder, 2011, 2019; Faulhaber, 2012, Tambascia, 2020).

A década de 1920 foi consideravelmente marcada pelo interesse de museus europeus em obter coleções arqueológicas da Amazônia, tendo Nimuendajú como intermediador. Esses contatos foram estabelecidos devido a relevância de publicações autorais em periódicos relevantes para a etnologia na época, como a revistas “Zeitschrift für Ethnologie”, fazendo com que Nimuendajú fosse conhecido entre os etnólogos (Schröder, 2011).

Nimuendajú estava inserido em um mercado de venda de coleções etnográficas e arqueológicas para museus nacionais e estrangeiros, o que propiciou dinheiro para viajar e pesquisar, levando em consideração o destaque da sua imagem enquanto etnólogo no mundo científico, assim o levaram a contatos com diversas pessoas que intermediaram uma circulação de conhecimento científico por meio de correspondência (Hartmann, 2000). Essa rede científica era formada por Emília Snethlage, Theodor Koch-Grünberg, Herbert Baldus, etnólogos franceses, intelectuais brasileiros etc. Para a pesquisa arqueológica no Baixo Amazonas, dois

principais nomes foram relevantes para o financiamento do trabalho de campo, a saber: o sueco Barão Erland Nordenskiöld e o brasileiro Carlos Estevão de Oliveira.

Como parte desse *Universo Tapajônico*, é preciso se ater às “Excursões pela Amazônia” empreendidas por Nimuendajú e financiadas pelo Museu Etnográfico de Gotemburgo, na Suécia, sob direção do Barão Erland Nordenskiöld, que atuava no museu desde 1913, assumindo oficialmente a direção em 1915.

Nordenskiöld, um paleontólogo de formação, empreendeu expedições por vastas regiões que incluíam a Patagônia, a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Peru, a Colômbia e o Panamá. Além disso, ele desempenhou o papel de secretário geral durante o Congresso Internacional dos Americanistas, realizado em Gotemburgo em 1924. Sua pesquisa mais notável se concentra na arqueologia da Bolívia, onde conduziu extensas pesquisas nos Llanos de Mojos, na Amazônia boliviana. Ele propôs essa região como um campo de estudo arqueológico de grande relevância.

Em uma detalhada comunicação publicada em 1913, Nordenskiöld descreveu minuciosamente os trabalhos realizados, suas interpretações, ilustrações das peças encontradas e um mapa abrangente da região de várzea da Bolívia. Esse mapa destacava as principais características geográficas, localidades de maior importância, trajetos percorridos, distribuição dos grupos étnicos e a localização dos sítios arqueológicos que foram objeto de suas investigações (Calandra; Salceda, 2004).

Para Adriana Muñoz (2011), Nordenskiöld se tornou a *alma mater* do Museu Etnográfico de Gotemburgo durante a sua gestão enquanto diretor dessa instituição e posteriormente, sendo importante para o futuro desse museu, pois implementou uma forma de organização no museu que permitiu que fosse um laboratório com exposições para todos os públicos.

Nordenskiöld constituiu uma relação de intercâmbio de objetos arqueológicos e etnográficos entre os museus de Gotemburgo e de Berlim, o que teve grande importância dentro da rede de museus. Isso se deve ao fato de Nimuendajú ter atuado como um ponto de conexão nesse processo. É muito provável que tenha ocorrido uma série de trocas de objetos (inclusive material arqueológico do Baixo Amazonas) entre as instituições, visto que o etnólogo havia montado coleções destinadas a museus de ambos os países (Fischer; Muñoz, 2020).

O Museu Etnográfico de Gotemburgo enquanto instituição, fundado em 1923, foi moldado a partir de doações de empresários pertencentes à classe burguesa, que foram patrocinadores de diversas expedições pelo mundo e, de certa forma, o projeto do museu atendia

a essa classe (Muñoz, 2011). A mediação entre o Museu e Curt Nimuendajú foi mantida devido a esses doadores, que disponibilizaram dinheiro para as viagens e as compras de coleções, fazendo com que a instituição adquirisse objetos de extremo valor científico (Rydén, 2004).

Em 1925 foi inaugurada no Museu Etnográfico de Gotemburgo a “Sala Nimuendajú”, contendo exposições de coleções arqueológicas e etnográficas já presentes em Gotemburgo, visando obtenção de fundos para trabalhos de campo (Grupioni, 1998). A sala tinha por objetivo expor objetos que tivessem o nome do Nimuendajú como coletor, já que ele foi o responsável por reunir um número considerável de objetos sul-americanos que representavam as culturas indígenas. Referente à sala:

Talvez que a “Sala Nimuendajú” se torna á primeira vista até por demais imponente um pouco. Apesar da escolha é tal multiplicidade dos fragmentos cerâmicos que é difícil acreditar-se que um leigo possa interessar pelos seus detalhes nos característicos dos diversos achadouros. Para quem deseja conhecer a questão algo mais a fundo haverá, de manhã em diante, uma guia facilmente compreensível á venda. Aqui salientaremos somente algumas das peças mais notáveis das coleções. A sala contém coisas notáveis mesmo comparadas com grandes museus de outros países onde o interesse pela americanística é mais natural.²²

Vale ressaltar que Nordenskiöld, além de pesquisar e colecionar, estava inserido em um mercado para coleções etnográficas e arqueológicas da América do Sul (Welper, 2002). Na primeira metade do século XX, o departamento de etnografia teve o seu ápice com a formação de coleções de objetos latino-americanos que cresceram com 4.000 objetos durante um ano. Ele tinha como objetivo central coletar pelo menos um objeto de cada cultura, para demonstrar a diversidade de populações (Muñoz, 2011).

Nesse sistema que Nordenskiöld estabeleceu no Museu Etnográfico de Gotemburgo, a presença de Nimuendajú como seu coletor foi essencial, um dos responsáveis pela formação de coleções da Amazônia. Desse modo, o etnólogo fez parte desse mercado e desenvolveu seu colecionismo para financiar suas expedições entre populações indígenas.

Nordenskiöld tinha apreço por Nimuendajú. Em carta redigida por Alfred Métraux (1902-1963)²³ à Curt Nimuendajú em 1938, diz o seguinte: “eu contei-lhe uma vez sobre a grande admiração que Nordenskiöld nutria por você. Quando ainda era estudante na Suécia, estava acostumado a ouvir seu nome mencionado todos os dias e em qualquer ocasião” (*apud* Tambascia, 2020, p. 3). O que demonstra o prestígio da imagem de Nimuendajú no âmbito

²² A SALA NIMUENDAJÚ NO MUSEU DE GOTEORG. 1925, p. 1, Arquivo MEPE.

²³ Antropólogo com experiência em história e arqueologia, realizou pesquisas na Argentina, Bolívia, Haiti e Brasil (Baldus, 1963).

internacional, seja pelas suas empreitadas etnológicas ou colecionistas (Tambascia, 2020). Inclusive, na sua obra *L'archéologie du bassin de l'Amazone* (1930), Nordenskiöld dedicou a Curt Nimuendajú:

Si j'ai consenti à exposer le résultat des recherches entreprises dans le bassin de l'Amazone, c'est en particulier parce que le musée de Goteborg, dont je dirige la section ethnographique, s'est enrichi, pendant ces dernières années, de grandes collections provenant des contrées voisines du cours inférieur de ce fleuve, où un Brésilien d'origine allemande, M. Curt Nimuendajù, a exécuté, pour le compte du musée, des fouilles considérables. Ces travaux ont été rendus possibles grâce à l'aide généreuse de plusieurs mécènes gothembourgeois. Les fouilles de Nimuendajù ont rendu le musée de Goteborg possesseur des collections archéologiques probablement les plus considérables qui existent, en dehors du Brésil, sur la région de l'Amazone inférieure et, point de la plus haute importance, ces collections ont été établies d'après des méthodes vraiment scientifiques. Ma dette de reconnaissance envers Nimuendaju s'accroît du fait qu'il m'a transmis de précieux renseignements littéraires sur l'histoire coloniale des régions où il poursuit ses recherches. Je n'ai pas cru pouvoir mieux faire que de lui dédier cet ouvrage. (Nordenskiöld, 1930, s/p).

Observa-se que Nordenskiöld enfatiza a importância da publicação da obra devido Nimuendajú ter sido o principal responsável pelo enriquecimento da seção etnográfica do Museu de Gotemburgo, destacando ainda que o etnólogo disponibilizou informações literárias sobre as regiões que desenvolveu pesquisas.

Os trabalhos arqueológicos que Nimuendajú realizou na Amazônia para o referido museu se concentram em diferentes locais (Stenborg, 2004), a saber:

- Arquipélago do Marajó, em 1922;
- Rio Tapajós, Amapá, Marajó e Caviana, em 1923;
- Rio Tapajós, rio Trombetas, rio Nhamundá, Caviana, Amapá, em 1924 e 1925;
- Rio Madeira, rio Autaz e rio Tocantins, em 1926;
- Rio Negro, rio Içana e rio Uaupés, em 1927.

Sobre as expedições que o etnólogo estava realizando para o Museu Etnográfico de Gotemburgo, o relatório da instituição diz o seguinte:

Pela mediação de um suco no Pará, o sr G. Pira, conseguiu-se em 1922 interessa-lo por investigações no Brasil por conta do Museu, investigações archeologicas que ele empreendeu anos passados: São todos restos de uma época remota e há tempos esquecida que ali reapareceram na luz do dia. Os trabalhos entre as pouco numerosas tribos de índios ainda intactas que até hoje se tem conservado são sem duvida agora de maior importância a vista de desaparecem com tanta rapidez as culturas originaes dos índios. Pessoalmente acha Nimuendajú o maior prazer nas investigações

ethnographicas, e também durante os últimos tempos tem ele feito expedições que conduzirão novos tesouros para Museu²⁴.

O que chama atenção é a relevância dada para os objetos arqueológicos, que apesar de serem tratados como “restos”, são classificados como resquícios de uma época esquecida e que simplesmente reapareceram, e se entende que esses objetos são relevantes para a compreensão de populações indígenas consideradas extintas. A imagem de Nimuendajú também é associada às investigações etnográficas, considerando que ele tem prazer nas investigações.

As pesquisas que Nimuendajú realizou para o Museu de Gotemburgo geraram um denso levantamento de dados arqueológicos que podem ser acessados no site “Carlotta: Databasen för museisamlingar”, com fotografias desse material. Também é importante assinalar que ele próprio redigiu um texto contando suas experiências, intitulado de “Streifzüge in Amazonien” (1929), com tradução feita por Thekla Hartmann e publicado com o título “Excursões pela Amazônia”, na Revista de Antropologia (2001), texto disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Nesse artigo, Nimuendajú resume, em ordem cronológica, todas as expedições arqueológicas e etnológicas empreendidas por ele naquele período: nas regiões dos Rios Tapajós e Madeira, Nhamundá e Trombetas, na Ilha de Marajó e no alto Rio Negro.

Nimuendajú realizou suas pesquisas em um período em que o conhecimento arqueológico da região amazônica era de difícil acesso. Seus escritos sobre essa extensão geográfica têm um caráter pioneiro sobre a arqueologia da região, objetivando informar a presença de uma arqueologia tapajônica para os profissionais associados à academia na época e, para isso, catalogou as informações arqueológicas do resultado de suas pesquisas (Stenborg, 2004). Com isso, o trabalho produzido dentro da prática arqueológica revelou informações cruciais para futuras pesquisas.

O etnólogo realizou uma arqueologia de caráter regional, estabelecendo conexões entre informações de cronistas e registros históricos com evidências arqueológicas. Reconheceu as terras pretas como resultado, e não como origem, da ocupação humana. Além disso, empreendeu uma minuciosa documentação da cerâmica e elaborou uma das primeiras interpretações sobre os “ídolos” como representações de figuras mitológicas.

Segundo Eduardo Neves (2004), provavelmente Nordenskiöld conheceu a obra de Nimuendajú a partir de publicações em periódicos especializados. Contudo, o contato entre os

²⁴ DO PASSADO E PRESENTE DOS ÍNDIOS DO BRASIL, 1925, s/p, Arquivo Coleção Carlos Estevão.

dois foi estabelecido por Gunnar Pira²⁵, engenheiro sueco com residência em Belém-PA e irmão de Nordenskiöld, que sugeriu a compra de uma coleção etnográfica organizada por Nimuendajú referente à região do Xingu, e assim surgiu uma colaboração lucrativa para o museu (Rydén, 2004).

Nimuendajú e Nordenskiöld não se conheceram pessoalmente, mas trocaram cartas por anos (Neves, 2004). Inclusive Nordenskiöld era uma fonte bibliográfica de Nimuendajú, referenciada na obra “As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani” (1914), revelando um conhecimento científico de autores americanistas (Santos, 2022).

O contato com o Museu Etnográfico, via correspondência, iniciou em 1922 e a última carta é de 21 de agosto de 1944 (Stenborg, 2004). O conteúdo das cartas é referente a preços de objetos, condição das coleções, falta de dinheiro e assuntos sobre Etnologia e História da cultura das Terras Baixas sul-americanas. Na primeira carta remetida, Nordenskiöld disponibilizou uma quantia em dinheiro para a compra de objetos arqueológicos do Marajó ou para uma coleção do grupo indígena Parintintin que Nimuendajú estava pacificando, porém ele não aceitou, alegando estar exercendo trabalho para o SPI (Neves, 2004). Logo depois, Nimuendajú foi dispensado da função e o posto indígena foi retirado do local, ficando sem recursos financeiros para continuar o processo de pacificação (Nimuendajú, 1924), então o dinheiro colocado à disposição pelo Museu Etnográfico de Gotemburgo parece ter sido sua renda (Rydén, 2004).

Em outras cartas, Nimuendajú mencionou o contato que tinha com Nordenskiöld: “calculo que pelo último do mês estarei de volta do Lago Grande e então embarcarei para Belém no primeiro vapor que tiver, pois tenho de liquidar lá negócios urgentes com Nordenskiöld” (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 22/07/1923, Nimuendajú, 2000, p. 45).

Nordenskiöld manifestou um claro reconhecimento pelo trabalho de Nimuendajú na área da arqueologia. No entanto, ao longo do tempo, a relação entre eles começou a se deteriorar devido à escassez de recursos para financiar suas pesquisas e para a formação das coleções destinadas ao Museu de Gotemburgo. Além disso, havia uma falta de clareza quanto ao papel que Nimuendajú desempenhava na instituição. Em uma carta datada de 1924 e endereçada a Nordenskiöld, Nimuendajú expressou seu descontentamento com a forma como as coisas estavam sendo conduzidas:

²⁵ Em uma carta de 17 de novembro de 1926, Nimuendajú menciona que pede dinheiro emprestado a Gunnar Pira. O que confirma que ele faz parte do círculo de amigos do etnólogo (Hartmann, 2000).

Eu repito mais uma vez: não tem a ver se eu recebo sumas pequenas ou grandes, mas a exata definição da minha relação de trabalho. Após cada expedição, a situação torna-se cada vez mais aguda para mim e por isso não posso mais protelar uma decisão, a menos que eu vá empobrecer definitivamente se continuar com este método de trabalho, o que certamente não é a sua intenção. eu quero saber clara e exatamente o que é meu e o que é do museu.²⁶

A carta foi redigida um ano após Nimuendajú ter iniciado suas atividades em prol do Museu, evidenciando sua preocupação em relação aos recursos que estava recebendo. Ele questionou até mesmo o método de trabalho adotado pelo então diretor. Em outra correspondência, Nordenskiöld enfatizou: “Dias passados enviei ao senhor 1 mil coroas suecas. (...) Eu lhe envio o máximo que eu posso, mas confesso que são valores insignificantes”²⁷. Entretanto, ele não esclareceu como esses fundos estavam sendo alocados para pagamento, nem delineou um plano para os futuros recursos.

Em outra carta, Nimuendajú o questionou novamente pela falta de recursos financeiros:

Se eu for arruinar definitivamente a minha saúde na minha idade mantendo as atuais expedições, onde é que está o ganho material para mim para poder viver o resto da minha vida? Sim, eu vivi muito modestamente durante os três anos que trabalhei para o Museu de Gotemburgo, mas não possuo nada. (...) A escolha de um trabalho de campo nunca foi influenciado pelo temor da febre (...) Mas se agora eu escolhesse a área dos índios Kasuenã no Trombetas isso seria suicídio.²⁸

Na carta, Nimuendajú expressou claramente sua preocupação com sua saúde, uma vez que o dinheiro que estava recebendo não era suficiente para sustentá-lo e, ao mesmo tempo, obter excelentes resultados em suas expedições, algo que provavelmente era uma expectativa de Nordenskiöld. Em outra correspondência, Nordenskiöld mencionou de maneira mais direta que não havia conseguido encontrar um emprego para Nimuendajú e estabeleceu condições para a continuidade do financiamento, caso o etnólogo desejasse prosseguir:

Não existe a menor possibilidade de o museu contratá-lo ou de dar-lhe alguma garantia futura. Se o senhor quiser continuar trabalhando conosco, posso lhe garantir 3 mil coroas para janeiro do próximo ano e mais 3 mil em junho. Isto também poderia ser feito nos anos seguintes, mas não tenho a coragem de fazê-lo, porque para isso deveria procurar pessoas físicas.²⁹

A carta em questão foi enviada em 1926, apenas um ano antes de o Museu de Gotemburgo cessar o financiamento das atividades de Nimuendajú em 1927. Coincidentemente, esse mesmo ano marcou o início de uma expedição de Nordenskiöld à

²⁶ Carta de Nimuendajú para Nordenskiöld, Belém, 06/07/1924, Museu de Gotemburgo (*apud* Baruja, 2014).

²⁷ Carta de Nordenskiöld para Nimuendajú, Gotemburgo, 01/12/1924, Museu de Gotemburgo (*apud* Baruja, 2014).

²⁸ Carta de Nimuendajú para Nordenskiöld, Belém, 19/11/1925. Museu de Gotemburgo (*apud* Baruja, 2014).

²⁹ Carta de Nordenskiöld para Nimuendajú, Gotemburgo, 12/03/1926, Museu de Gotemburgo (*apud* Baruja, 2014).

Colômbia e ao Panamá. Isso sugere que os patrocinadores do Museu optaram por não financiar simultaneamente duas expedições no mesmo período (Grupioni, 1998).

Um outro nome relevante para a arqueologia e o colecionismo praticado por Nimuendajú é Carlos Estevão de Oliveira³⁰, seu amigo e para quem formou coleções. O que se sabe é por meio do conteúdo das cartas disponibilizadas no livro “Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira”, publicado em 2000. Na Figura 1, estão Nimuendajú e Carlos Estevão na companhia de um indígena de nome desconhecido, o que demonstra a articulação entre ambos com a prática etnológica indígena.

Figura 1 - Curt Nimuendajú, indígena desconhecido e Carlos Estevão de Oliveira.



Fonte: MEPE, Coleção Carlos Estevão (s/d).

Carlos Estevão de Oliveira era natural de Recife-PE, formado em Direito, mudou-se para o estado do Pará em 1908, empossado no cargo de Promotor de Justiça de Alenquer, no Governo do Augusto Montenegro. Em 1913, fixou residência em Belém-PA e assumiu a função de segundo prefeito de Segurança Pública do Estado; no ano de 1914, foi nomeado Consultor

³⁰ Em 1930, Carlos Estevão de Oliveira esteve ao lado de Heloísa Alberto Torres, na época diretora do Museu Nacional, durante uma expedição de campo pelas ilhas do arquipélago do Marajó, incluindo Caviana e Mexiana. Durante essa jornada, ele também se dedicou ao estudo da coleção do diretor do Museu Goeldi, resultando em duas publicações significativas: "Contribuições para a pesquisa e preservação do patrimônio arqueológico e etnográfico do Brasil" e "Artes Indígenas na Amazônia" (Torres, 1940).

Jurídico da Diretoria de Obras Públicas Terras e Viação, permaneceu até 1930; depois, tornou-se diretor do Museu Goeldi até 1945, devido seus estudos de ornitologia e etnografia da Amazônia (Costa, 2014; Hartmann, 2000). A gestão de Carlos Estevão no Museu Goeldi se estendeu por 15 anos, e se comprometeu com o melhoramento de todos os setores do museu, que incluía o recebimento de coleções etnográficas e arqueológicas (Leal, 2023).

Segundo Hartmann (2000), o contato se deu pois Carlos Estevão tinha uma posição de destaque nas esferas administrativas e interesses intelectuais comuns. No início, Carlos Estevão atuava como uma espécie de procurador de Nimuendajú e logo depois se configurou em amizade devido ao contato em Belém-PA, finalizando suas cartas com “cordiais saudações do seu amigo grato e admirador” (Nimuendajú, 2000, p. 63).

Carlos Estevão, assim como Nordenskiöld, foi um excepcional colecionador e reuniu material da ocupação pré-histórica (Hartmann, 2000), formou uma coleção particular iniciada em 1907. Atualmente a coleção está depositada no Museu do Estado de Pernambuco (MEPE) e foi doada em 1947 pela família de Carlos Estevão, cumprindo uma promessa feita em vida. A coleção contém cerca de 3.198 objetos etnográficos e arqueológicos representando 45 populações indígenas do Brasil e dos Andes e de um Mapa etno-histórico produzido por Nimuendajú (primeiro de quatro versões), oferecido a Carlos Estevão. Algumas fontes consideram o mapa do “Smithsonian Institution” como o primeiro, mas o manuscrito do MEPE, complemento do mapa, está com a data de 19/01/1936 e assinado por Nimuendajú, o que confirma esta versão como a primeira³¹.

Parte da coleção de Carlos Estevão foi possível por intermédio de Curt Nimuendajú. Em uma carta enviada em 1923 para Carlos Estevão, confirma-se a relação de que Nimuendajú contribuiu diretamente com a formação da coleção: “infelizmente não pude ainda conseguir nenhum material para as suas Aves lendárias; de volta ao Alto Tapajós, porém, quero me demorar um pouco em Alter do Chão e creio que arranjaréi então alguma contribuição” (Nimuendajú, 2000 [1913], p. 35).

A relação que Nimuendajú e Carlos Estevão estabeleceram se configurou em uma rede de apoio: Carlos Estevão ajudou financeiramente nas expedições de Nimuendajú e comprou objetos etnográficos e arqueológicos. O dinheiro recebido pelo etnólogo não se acumulava, pois usava nas viagens de pesquisa (Hartmann, 2000). Em carta dirigida para Carlos Estevão em 24 de maio de 1923, Nimuendajú expõe dificuldades financeiras para prosseguir viagem e retornar de Santarém para Belém. Com isso, solicitou um empréstimo:

³¹ A imagem da página com a data e a assinatura consta no Anexo A.

Diante desta dificuldade, lembrei-me de sua generosa oferta de socorrer-me com algum dinheiro, se isto fosse preciso para concluir bem o meu trabalho, e assim me animo a pedir-lhe que me empreste a quantia de cem mil reais, o mais que pode faltar para efetuar a minha viagem de volta se, como já disse, algum acidente imprevisto me forçar a despesas extra-orçamentárias (Nimuendajú, 2000, p. 40).

Em carta dirigida a Carlos Estevão em 1926, Nimuendajú relatou também os impasses financeiros que tinha com a articulação via Nordenkiöld e o Museu Etnográfico de Gotemburgo, demonstrando que o Carlos Estevão era a pessoa com quem poderia compartilhar suas dificuldades durante as pesquisas: “Nordenskiöld me respondeu, dizendo que por mais que o lamentasse, ele não podia dar um lugar fixo no Museu de Göteborg e nem me garantir coisa alguma no futuro, e que, portanto, se eu tivesse alguma oferta vantajosa, a aceitasse. Parece caçoadada!” (Nimuendajú, 2000, p. 96).

Por diversas vezes Carlos Estevão se colocou em uma posição de mediador para que Nimuendajú prosseguisse com suas pesquisas. Já no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil³², Nimuendajú, em uma carta endereçada ao presidente do Conselho, cita Carlos Estevão para ter um respaldo sobre suas atividades expedicionárias:

No mais, o actual Delegado do Conselho de Fiscalização no Pará, Dr. Carlos Estevão de Oliveira, já muito antes de existir um Conselho de Fiscalização, tinha por costume de visitar-me em casa cada vez que eu voltava de uma excursão para discutirmos o material trazido por mim.³³

No âmbito do Conselho de Fiscalização, Nimuendajú foi questionado na sua integridade durante as suas pesquisas entre os indígenas e acusado de enviar objetos etnográficos e arqueológicos de valor científico único para fora do país, pelo conselheiro e relator Flexa Ribeiro, que inclusive envolveu o nome Carlos Estevão no conflito. Ele defendeu Nimuendajú afirmando o compromisso com os grupos indígenas e o governo brasileiro. Vale ressaltar que o mundo estava na Segunda Guerra Mundial, sendo a imagem de Nimuendajú contestada enquanto alemão.

Em cartas escritas na década de 1940, de Carlos Estevão para Nimuendajú, também revelam informações sobre o grau de amizade que os dois mantinham, relações pessoais e de caráter científico, comunicando notícias na esfera acadêmica. Observa-se na carta a seguir o modo como Carlos Estevão se dirige, “Amigo Senhor Curt”:

³² Criado em 1933, o Conselho tinha como propósito regular as expedições no Brasil, garantindo a preservação do patrimônio científico e cultural nacional. Durante o período de 1935 a 1945, as atividades de Nimuendajú foram sob rigorosa vigilância, afetando seu trabalho ao atrasar a concessão de licenças, supervisionar seus relatórios e tentar influenciar na distribuição das coleções etnográficas obtidas em suas pesquisas (Grupioni, 1998).

³³ Carta de Nimuendajú para Francisco de Assis Iglésias, 29/11/1940, Arquivo MAST.

Amigo Senhor Curt.

Hoje, pela manhã, recebi uma carta censurada e dirigida a Lygia³⁴, onde virá essa carta? Disse de mim para mim. Quando ela a abriu, ví, com satisfação, que a aludida carta não era mais nem menos do que uma interessantíssima lenda Tucuna que você lhe enviara. Muito grato lhe sou por essa gentileza, que como era natural, desvaneceu grandemente a sua discipula...³⁵.

Em outra carta, de Carlos Estevão para o Magalhães Barata (1888-1959)³⁶, comenta sobre a relevância de Nimuendajú para os estudos etnológicos e que ele era referência nos assuntos sobre populações indígenas. Na ocasião, Carlos Estevão revela que mostrou um ídolo de pedra de Santarém para Nimuendajú para que ele avaliasse e desse um valor de mercado, que o considerou como rara e valiosa, pois representa claramente a cultura tapajônica:

Exm^o Sr. Coronel Magalhães Barata

Respeitosos cumprimentos

Tenho a honra de acusar o recebimento do ídolo de pedra procedente de Santarém que Va. Excia. se dignou remeter ao Museu Paraense Emilio Goeldi para exame e verificação.

Leveio-o à presença do sr. Curt Nimuendajú que, como Va. Excia. sabe, é hoje em dia a mais alta autoridade em assuntos de etnografia indígena da América.

Ele ficou verdadeiramente maravilhado pela beleza, importância e raridade da peça. Recomendou logo que o Museu não a deixasse mais sair daqui, pois não é rara, é raríssima, dessas que se contam pelos dedos e tipicamente representativa da cultura tapajônica. Estou me servindo de suas próprias expressões.

O ídolo avaliou-o o sr. Curt pelo menos em Cr\$ 4.000,00. Isso aqui em Belém, porque lá fora, pela sua extraordinária raridade, dará muito, muito mais.

Dou essas informações a Va. Excia. em carta porque as faço em caráter confidencial, habilitando-o a comprar a peça pelo preço que convier ao Estado.

Subscrevo de Va. Excia. am^o e admirador³⁷.

Nesse sentido, a relação que se configurou com Carlos Estevão é a consolidação de uma amizade a partir de laços científicos, uma rede de apoio para que Nimuendajú prosseguisse com suas pesquisas a partir de viagens de campo pelo interior da Amazônia. Um fato curioso é que Carlos Estevão faleceu em 1946, um ano após o óbito de Nimuendajú.

Carlos Estevão, como um admirador da cerâmica tapajônica, escreveu um texto intitulado de “A Cerâmica da Santarém” (1939), onde ele citou “Os Tapajó” de Nimuendajú e mencionou ser um material inédito (ocasião da publicação do texto de Carlos Estevão) e

³⁴ Lygia Estevão de Oliveira (1914-1998) era filha de Carlos Estevão, etnóloga e chegou a ser aluna de Curt Nimuendajú no curso de Etnologia ministrado no Museu Goeldi na década de 1940 (Um exemplar do curso consta no arquivo do MEPE). No mesmo ano da doação da coleção para o MEPE, tornou-se funcionária da instituição e foi curadora da coleção.

³⁵ Carta de Carlos Estevão para Curt Nimuendajú, 02/09/1942, Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Goeldi.

³⁶ Joaquim de Magalhães Barata foi interventor Federal do Pará no período de 1930 a 1935 e 1943 a 1945, nomeado pelo então presidente Getúlio Vargas.

³⁷ Carta de Carlos Estevão para Magalhães Barata, 30/08/1945, Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Goeldi.

considera a obra como relevante para compreender a dispersão da cerâmica referente ao povo Tapajó.

São essas as principais relações (Nordenskiöld e Carlos Estevão) que de certa forma financiaram as excursões de Nimuendajú e propiciaram toda uma rede científica em torno da arqueologia da região, interligada à ideia de que pensar o etnólogo é viabilizar as interlocuções sociais que estava inserido, com destaque às redes transnacionais que influenciaram o desenvolvimento dos seus trabalhos, principalmente como colecionador (Schröder, 2022) e também como uma troca de conhecimentos previstos nesses diálogos entre pesquisadores (Sanjad, 2019).

A carta endereçada a Carlos Estevão em 18 de janeiro de 1925, confirma essas articulações entre os intelectuais: “faça o favor de abrir qualquer telegrama que pra mim chegar, pois avisou-me Nordenskiöld novamente que havia de me mandar em janeiro a quantia de 3.000 coroas” (Nimuendajú, 2000, p. 73). Revelando que enquanto Nordenskiöld desempenhava o papel de financiador, Carlos Estevão era o amigo que auxiliava academicamente e pessoalmente.

Será exposto no próximo tópico o campo referente à arqueologia tapajônica, apresentando o etnólogo durante a expedição interligada à rede transnacional de contatos quando o assunto é arqueologia, evidenciando o trabalho pioneiro desenvolvido por Curt Nimuendajú.

1.1. As excursões

Os trabalhos de escavações realizados por Curt Nimuendajú, na região de Santarém, foram no período de 1923, 1924 e 1925 (Iphan, 2017). Sigvald Linné³⁸ (1928) fez um apontamento sobre o trabalho desenvolvido por Nimuendajú e a importância para a compreensão arqueológica da região:

C'est tout par hasard que son attention fut attirée par l'archéologie de cette région. Pendant l'été 1922, des pluies torrentielles dévastèrent les rues de Santarem et mirent à jour des fragments de poterie aux formes curieuses. De longues expéditions et le matériel archéologique qu'on en ramena firent connaître dans la suite une céramique dont la richesse de détails est surprenante. Les objets découverts se composent surtout de fragments de poterie en grande quantité et d'outils en pierre (Linné, 1928, p. 82).

³⁸ Nasceu em 1899 e faleceu em 1986, arqueólogo sueco, acompanhou expedições de Erland Nordenskiöld ao Panamá e Colômbia, escavou no México, em Teotihuacán, na década de 1930, e entre 1954 e 1966 foi diretor do Museu Etnográfico de Estocolmo.

Para imergir nas expedições pela região do Baixo Amazonas, Nimuendajú disse em uma carta dirigida à arqueóloga Helen Palmatary³⁹, disponibilizada na dissertação de mestrado de Elena Welper (2002), que ele estava em Santarém quando ocorreu uma forte chuva e revelou fragmentos de cerâmica, contudo, ele próprio desmente a situação dizendo que um padre havia encaminhado a notícia:

Já se tornou um facto aquella historia que se deve a descoberta da cerâmica de Santarém a uma chuva torrencial durante a qual eu casualmente me achei no lugar. Eu, porém, nunca disse isto. Quem chamou a minha atenção para a existência dessa ceramica foi um dos frades franciscanos allemães⁴⁰, residentes em Santarém, lá pelo anno de 1922, contando-me que as crianças lá brincavam com figuras de barro que encontravam na terra. Eu apenas disse que as enxurradas das chuvas do inverno costumavam descobrir sempre quantidade de fragmentos. (01/10/39:CN-HP *apud* Welper, 2002, p. 113).

Mais tarde, Frederico Barata (1900-1962)⁴¹, na sua monografia *A arte oleira do Tapajó* (1950), também confirma a mesma versão, o que chamou a atenção de Nimuendajú, que posteriormente deslocou-se para Santarém:

Tal versão não é rigorosamente exata. Desmentiu-a, em uma palestra comigo, em agosto de 1945, no Rio de Janeiro, o próprio Curt Nimuendajú. Tivera ele noticia, por um padre alemão (do qual infelizmente não guardei o nome) de que em Santarém as crianças apareciam frequentemente brincando com pedaços de cerâmica indígena, aos quais chamavam “caretas” e que encontravam na cidade. Ficou interessado e logo que lhe possível dirigiu-se a Santarém, especialmente para estudar a cerâmica que fora descrita como originalíssima e diferente de todas as conhecidas (Barata, 1950, p. 18).

As várias versões sobre o trabalho desenvolvido por Nimuendajú demonstram um certo imaginário em torno da sua imagem com o trabalho de campo arqueológico. Suposições sobre a descoberta da cerâmica são recheadas de invenções por quem a contava, como a ideia de que uma chuva revelou a arqueologia tapajônica quando ele estava em Santarém ou informações de que um padre alemão fez um comunicado oficial sobre objetos. De qualquer forma, é visível uma ética nas pesquisas de Nimuendajú, pois tanto na carta enviada a Palmatary quanto no relato mencionado por Barata, o etnólogo deixou claro a informação que de fato foi um padre que o informou sobre a cerâmica em Santarém.

³⁹ A arqueóloga será apresentada posteriormente.

⁴⁰ Intitulada Custódia São Benedito da Amazônia, iniciou o trabalho missionário em 1908, com a chegada dos frades franciscanos alemães da Província de Santo Antônio do Nordeste do Brasil, em específico Dom Amando Bahlmann (Vaz Filho, 2010).

⁴¹ Jornalista e interessado pela arqueologia santarena, formou uma coleção que foi depositada no Museu Goeldi e chamada de “Coleção Frederico Barata”, realizou um trabalho pioneiro com reconhecimento nacional e internacional (Guapindaia, 1993).

Essas questões também se conectam com a abordagem metodológica de Nimuendajú durante suas atividades de pesquisa arqueológica de campo. O etnólogo menciona a participação de crianças na coleta de objetos, a interação com moradores de rua, aquisição de muiraquitãs e ídolos dos habitantes locais, bem como a prática de escavações em “valas” cavadas por residentes.

No contexto da pesquisa arqueológica de Nimuendajú, a arqueologia no Brasil estava sendo conduzida por indivíduos sem o preparo devido, resultando em trabalhos que se davam pela coleta não sistemática de objetos arqueológicos em sítios pouco documentados. Esses estudos se concentraram na descrição das coleções mantidas por museus, muitas vezes compostas por peças coletadas e acumuladas por amadores ou adquiridas por leigos de maneira ocasional, sem a indicação da origem dos sítios onde foram encontrados. Além disso, havia limitações específicas em termos de recursos técnicos para a elaboração de cronologias e a organização das peças encontradas era muitas vezes feita com base em áreas geográficas (Melatti, 2007).

Apesar disso, na década de 1920, durante o período em que Nimuendajú efetivou suas pesquisas, um instrumento metodológico essencial era a seriação contextual. Essa abordagem foi desenvolvida como uma maneira de organizar os vestígios arqueológicos com base na presença ou ausência de determinados objetos ou estilos. A sugestão era que esses padrões carregavam significados culturais e, conseqüentemente, o método de seriação passou a ser amplamente empregado na criação de cronologias culturais (Robrahn-González, 2000).

Nimuendajú, embora fosse autodidata, baseou suas pesquisas nas ferramentas metodológicas disponíveis na arqueologia da época. Além disso, ele analisou terras pretas a partir da estratigrafia de solos, descreveu cerâmicas e atribuiu pontos de contato a partir de estilos de cerâmicas, o que, naquele momento, estava alinhado com uma perspectiva difusionista. Desenvolveu uma variada cadeia de análises sobre a arqueologia do Baixo Amazonas.

Com todas as intermediações realizadas via Museu Etnográfico de Gotemburgo, em fevereiro de 1923 o etnólogo faz uma primeira viagem para a região visando estudar populações indígenas Munduruku e Apiaká no Alto Tapajós, ocasião em que conhece a cidade de Santarém e se deparou com a cerâmica presente:

Em fevereiro de 1923, voltei ao Pará e resolvi empreender primeiro uma viagem ao alto Tapajós para estudar os Munduruku e Apiaká; mas uma estadia de 14 dias em Santarém levou-me de início à descoberta dos estratos culturais extraordinariamente interessantes e ricos sobre os quais a atual cidade está edificada, e que se estendem

pelas altas terras vizinhas, como foi imediatamente verificado (Nimuendajú, 2001, p. 189).

Apesar de ter considerado uma “descoberta dos estratos culturais extraordinariamente interessantes e ricos”, precisou adiar a investigação e seguiu viagem para aldeias indígenas, mas devido às condições do barco em que viajava, não visitou os Munduruku e os Apiaká por conta das cachoeiras que tornavam o percurso perigoso (Nimuendajú, 2001, p. 189). Seguiu viagem para encontrar o povo Maué, e chegou a visitar 11 assentamentos desse grupo (Nimuendajú, 2001).

Em carta dirigida a Rivet em 1923, o etnólogo faz um comentário sobre a excursão:

Acabo de voltar de uma viagem ao Rio Tapajoz. Queria estudar os Mundurukú e os Apiaká, estes últimos já quase extintos, mas não me foi possível chegar até as moradas deles devido ao péssimo estado em que estava o motor em que viajava. Já acima das cachoeiras grandes tive de abandonar o meu plano, e então entrei por terra, em rumo Norte das cachoeiras, para visitar os índios Maué, o que consegui depois de 5 dias de viagem bem penosa. Estive nas diversas aldeias desta tribo durante um mez, e enfim saí no Rio Amazonas pelo “Furo de Tupinambaranas”, pouco abaixo da cidade de Parintins. Também o resultado desta viagem não foi nada satisfatória. Agora me ocupo em reunir, nas vizinhanças de Santarém, algum material archeologico, proveniente da extinta tribo dos Tapajó⁴².

Essa informação revelada pelo próprio Nimuendajú confirma a sua preferência por um trabalho etnológico propriamente dito, com o trabalho de campo e vivência em aldeias indígenas, deixando a investigação arqueológica paralela a essas atividades. No mais, ele salientou que estava reunindo material arqueológico da “extinta tribo dos Tapajo”, evidenciando de forma implícita a importância da cerâmica, já que o grupo não existia mais.

Em abril de 1923 retornou a Santarém para analisar os “achados”, tendo como marco o início de suas atividades arqueológicas na região, e revelou o seguinte:

Voltei a Santarém para continuar a investigar os vestígios encontrados na foz do Tapajós. Como nos antigos sítios do alto Tapajós (em Itaituba e atrás de Vila Braga), eu havia me deparado com os restos de uma outra cultura com enterro secundário em urnas e com cerâmica exclusivamente gravada, interessava-me verificar a extensão da cultura de Santarém. Para isso, empreendi primeiro uma excursão subindo pela margem direita do Tapajós até Samaúma, depois a cavalo novamente até as terras altas e por fim uma viagem de canoa até o Lago Grande de Vila Franca. Em todos os lugares encontrei apenas vestígios extremamente numerosos da cultura de Santarém, que talvez possa ser atribuída, principalmente aos Tapajós, extintos como tribo autônoma já no final do século XVII. Ela se caracteriza pela total ausência de sepulturas – praticava-se a cremação e o consumo das cinzas em bebidas e, em parte, também uma espécie de mumificação – e por uma cerâmica completamente diferente, de espantosa riqueza de formas e alta elaboração artística que, de um lado, evidencia um parentesco

⁴² Carta de Nimuendajú para Paul Rivet, 04/07/1923, Fundo Paul Rivet, Biblioteca do Muséum National d'Histoire Naturelle.

inconfundível com a velha cultura Chiriqui do Panamá e, de outro, estranhas concordâncias, às vezes até nos mínimos pormenores, com a das Pequenas Antilhas (Nimuendajú, 2000, p. 190).

Quando Nimuendajú se refere aos vestígios dos Tapajó, salienta a possibilidade de verificar a extensão da cultura Tapajônica, para isso, ele faz uma série de expedições pela região visando compreender a influência das populações indígenas, sempre destacando que são pertencentes a uma “tribo extinta”; faz, ainda, uma associação com os povos indígenas Chiriqui do Panamá, e com outros grupos das Pequenas Antilhas, enfatizando ser uma cerâmica diferente. Nesse relato, observa-se que a noção colecionista de Nimuendajú não estava interligada unicamente a um valor de mercado, mas também à necessidade de um estudo aprofundado sobre a cerâmica e grupos indígenas, tendo um cunho acadêmico explícito nas suas análises.

Em uma carta enviada a Nordenskiöld, datada de 1923, Nimuendajú (2004) relatou suas descobertas após sua chegada a Santarém em 10 de abril de 1923. Durante os três dias seguintes, coletou fragmentos de cerâmica nas ruas da cidade e montou uma coleção notável. Concluiu que o bairro Aldeia foi o local exato dos assentamentos dos indígenas Tapajó, observando que as chuvas feitas expuseram fendas no solo, revelando fragmentos de cerâmica em uma camada de terra preta com 1,5 metro de espessura.

Nimuendajú (2004) também relatou que a maioria das cerâmicas eram lisas, embora houvesse diferentes estilos discerníveis; destacou características antropomórficas e zoomórficas em algumas cerâmicas, bem como a presença de pinturas, embora considerasse que isso não fosse particularmente relevante; notou que o estilo das cerâmicas era diferente dos objetos encontrados na região do Marajó. Além disso, encontrou machados de pedra, pedras de martelo e calibradores usados para hastes de flechas.

Entre os dias 13 e 20 de abril de 1923, Nimuendajú explorou a região sul de Santarém e fez comparações com suas descobertas no bairro Aldeia. Ele observou que, ao chegar ao planalto, começou a encontrar terras pretas e vestígios arqueológicos em toda a extensão dessa camada. Identificou que a camada de terra preta era mais fina do que a encontrada em Santarém e que estava interligada por caminhos retos, com 1,5 metro de largura e 30 cm de profundidade, muitas vezes se ramificando. Analisou essas ramificações como estradas que conectavam as áreas de terra preta, indicando uma densa população anterior na região. Nimuendajú também especulou que essas áreas de terra preta estavam distantes da água e que os grupos indígenas provavelmente obtiveram água de poços.

Embora Nimuendajú tenha visitado uma região a cerca de 30 km ao sul de Santarém, as intensas chuvas limitaram suas escavações mais profundas nas terras pretas. Ele cavou várias covas, mas encontrou pouco material arqueológico. No entanto, concluiu que, a cerca de 20 km de Santarém, não encontrou o mesmo estilo de cerâmica que havia identificado na cidade. Em vez disso, descobriu objetos lisos ou levemente decorados e fragmentos de peças do estilo de Santarém, indicando que esse estilo pode ter sido importado para a região. Ele também notou que na zona norte das terras pretas, os fragmentos decorados eram mais raros do que em Santarém. Além disso, durante suas escavações, encontrou muitos ossos grandes organizados lado a lado, indicando uma ação intencional (Nimuendajú, 2004).

A região descrita por Nimuendajú em sua carta corresponde ao Baixo Tapajós, ao Rio Arapiuns e ao Lago Grande da Vila Franca. Suas análises representaram um avanço significativo no conhecimento arqueológico da região, não se limitando apenas à coleta de material, mas incluindo propostas de análises de terras pretas e estilos cerâmicos, incluindo comparações com a arqueologia do Marajó. Suas interpretações viriam a se confirmar apenas em pesquisas no final do século XX.

Em carta dirigida para Carlos Estevão, em 20/04/1923, Nimuendajú (2000) comenta sobre as suas incursões pela região, relatando a facilidade em coletar os fragmentos de cerâmica pelas ruas de Santarém-PA e que dentro de apenas um dia, com o auxílio de crianças, já tinha um bom material para uma coleção arqueológica. Em outro trecho, o etnólogo comparou a não praticidade de encontrar objetos arqueológicos nos demais locais, “a uns 20 quilômetros ao sul de Santarém, onde me demorei durante uma semana, examinando as <<terras pretas>>. Apesar de eu ter mandado abrir valas em diversos pontos, o resultado lá foi menor do que em Santarém; mas sempre achei alguma coisa” (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 20/04/1923, Nimuendajú, 2000, p. 35), e conclui destacando que a cerâmica encontrada em Santarém é digna de interesse e estudo.

Nimuendajú (2004) concluiu, com base em suas pesquisas, que o bairro Aldeia, em Santarém, destacava-se como o local mais intrigante entre todas as descobertas na região do Baixo Amazonas. Ele observou que a camada de terra preta naquela área era cortada por ruas que se aproximavam das margens do rio Tapajós. Em decorrência das chuvas frequentes e intensas, essas ruas costumavam ficar inundadas, misturando objetos contemporâneos e antigos. Em sua busca por objetos tapajônicos, Nimuendajú precisou contar com a colaboração dos moradores locais, embora tenha enfrentado um conflito com um residente português. Esse

indivíduo reivindicou o direito de escavar do mesmo local escolhido por Nimuendajú, alegando que o etnólogo estava buscando enriquecimento aos custos dos habitantes locais.

Dentre uma variada coleção de cerâmicas coletadas por Nimuendajú, destacou algumas como merecedoras de descrição especial, uma vez que eram realmente únicas no contexto da cerâmica sul-americana:

The first one consists of a conical foot, sometimes decorated with reticulated work. On the foot stands a more or less flattened body, which in its centre-line on a ball-shaped support carries a slender, conical neck with a rather narrow rim. The entire surface is covered with decoration. In one case, zoomorphic double-figures carrying a vessel on their backs are placed on the foot. The most perfect of the vessels of this type has at the side two handleshaped, curved arms stretching outwards which are richly decorated. On them, a bird-shaped figure and a long-tailed quadruped are placed. The latter, in a half-raised position, is holding a cylindrical object to its mouth with its forepaws (Nimuendajú, 2004, p. 127).

Sempre que possível, o etnólogo se dedicou a descrever detalhadamente os objetos que encontrava, dando especial atenção às peças que se apresentaram praticamente intactas. Elas eram consideradas raras, já que Nimuendajú nunca tinha testemunhado algo semelhante. Era crucial, portanto, documentar essas análises. Um exemplo notável foi a descoberta de uma tigela de barro em uso ativo, evidenciando a presença contínua da arqueologia tapajônica na vida dos habitantes de Santarém.

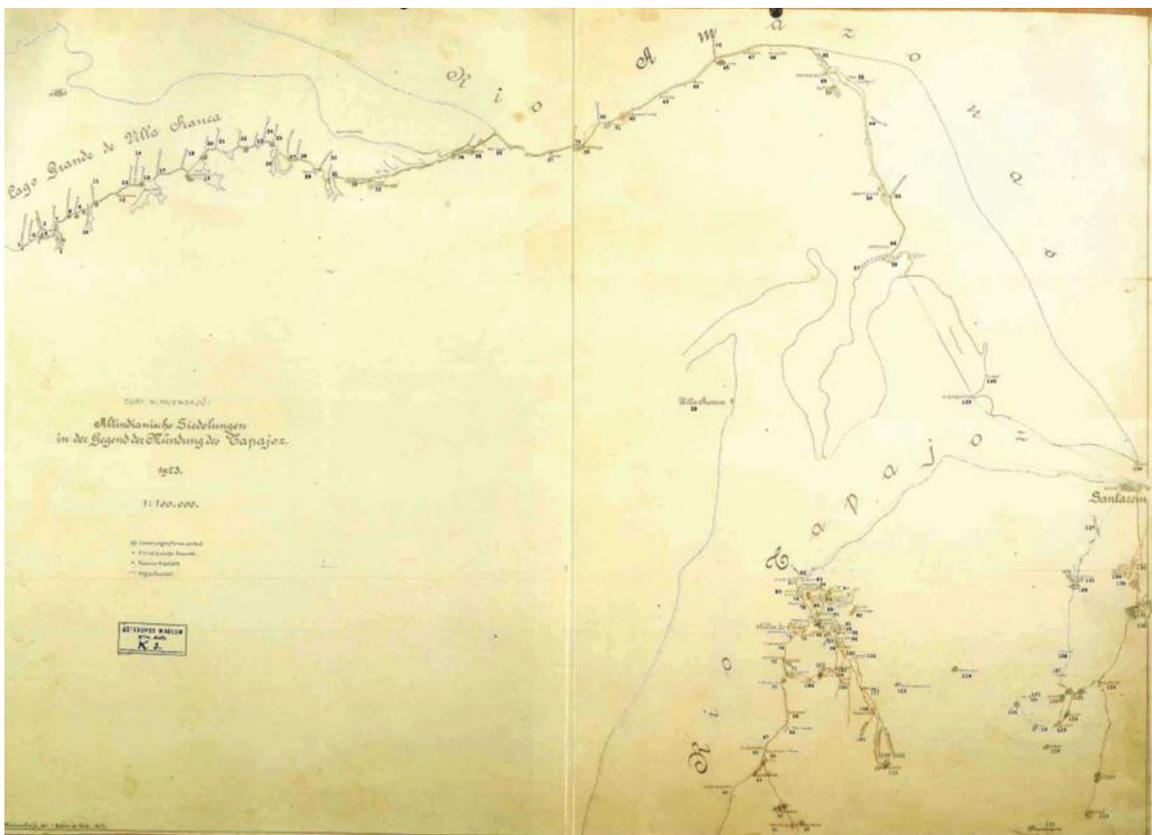
Nimuendajú (2004) também chamou a atenção para uma cerâmica descoberta na propriedade de um senhor chamado Montenegro, que embora tivesse sido encontrada junto com o estilo de cerâmica usual de Santarém, os objetos indicavam uma origem diferente, especialmente pela presença de vasos com três pés, conhecidos como cerâmica com base trípole. O etnólogo associou essa cerâmica ao Konduri, destacando que ela se aproximava mais daquela característica do que do estilo Tapajó, no qual predominavam vasos com pés redondos. Ele também concluiu que a arte cerâmica do Tapajó mantinha uma forte tradição, evidenciada pela regularidade na estrutura dos objetos, que frequentemente apresentavam figuras humanas e de animais.

O etnólogo também explorou a área dos indígenas Arapiuns, observando a presença de uma missão jesuíta que havia reunido tanto Tapajó quanto Arapiuns. Em termos arqueológicos, ele apresentou uma cerâmica que difere da tradição Tapajó. Nessa cerâmica, era mais comum encontrar a presença de bases trípedes e raramente figuras antropomórficas e zoomórficas. Ele a descreveu como mais simples em comparação com a cerâmica Tapajônica, mas a associou às características do Konduri, o que indicava uma certa variabilidade arqueológica (Nimuendajú, 2004).

Essas análises destacam que o ponto de partida para a sua análise arqueológica era a cerâmica Tapajônica. Comparou constantemente os objetos que estavam localizados com a cerâmica de Santarém, que era central em sua pesquisa. Isso ocorreu porque a sua visão sobre a população indígena foi fortemente influenciada pelo que foi descrito nas crônicas, retratando um povo de grande habitação e posição, o que explicava a dispersão desses objetos por toda a região. Essa característica também se manifestou na cerâmica, que, segundo Nimuendajú, representava um refinamento da cultura Tapajó no passado.

As Figuras 2 e 3 ilustram a diversidade de cerâmicas encontradas na vasta região abrangida pelos rios Tapajós e Arapiuns. Esses croquis foram enviados juntamente com o material coletado para o Museu de Gotemburgo, marcando o primeiro mapa desenhado por Nimuendajú sobre a área em questão.

Figura 2 - Mapa do Lago Grande da Vila Franca, Santarém-PA.



Fonte: Nimuendajú (2004).

Figura 3 - Lista dos locais representados no mapa da Figura 2.

1. Porto Alegre	45. Paricatuba	88. Serra do Pobre	128. Traquí
2. P. Sapucaya	46. P. Paricatuba	Alegro	129. Montanha
3. Trincheira dos cabanos	47. Aninduba	89. L. Macaco	130. Plouiatuba
4. Cemiterio	48. Marajuba	90. Serra Capiranga	131. Mararú
5. Ponto	49. Carariacá	91. L. Piracucury	132. Ig. Carahgucejaj
6. Ens. Cururú	50. Joaq. Motta	92. Etelheiro Rurubú	133. Laguinho
7. P. Cuturú	51. Carariacá	93. P. da Barra	134. Serrado da Saubal
8. P. Livramento	52. Lago Carariacá	94. S. Anna	135. Ig. Urumary
9. M. Galucio	53. Baladão	95. Guajará	136. Urumary
10. Ens. Uruary	54. Arapixuna	96. Jardim	137. Igarapezinho
11. P. Uruary	55. Tucumanduba	97. Ynema	138. P. Negra
12. Contradansa	56. Laranjal	98. L. Curuary	139. P. Periquitos
13. P. Paturá	57. Arapixuna	99. Cuictaera	140. S. José
14. Ens. Perézinho	58. Scurú	100. Ig. Acú	
15. P. Peré	59. Villa Franca	101. Ig. Arú	
16. Ens. Peré	60. P. da Pedras	102. B. Esperançal	
17. P. Stahelena	61. Bom Socego	103. Serra Do Mocotó	
18. P. Ajamory	62. Novo Mundo	104. B. Fim	
19. Ens. Ajamory	63. Bom Futuro	105. Villa Nova	
20. P. Acai	64. Samaúma	106. S. Luiz	
21. P. Tucumá	65. P. Laguinho	107. Bom Logar	
22. P. Cajua	66. Cemeterio S. Maria	108. Cacaoalinho	
23. Cemiterio	67. P. Mirrema	109. Ig. Iijucal	
24. P. Acutyreçá	68. L. Yroiçanga	110. Ig. Andirobalzinho	
25. P. Jacaré	69. Genipapal	111. Ig. Castanhalzinho	
26. Ens. Jacaré	70. P. Pindobal	112. Conceição	
27. Ens. Jacarézinho	71. L. Jurycuy	113. Serra Curucuruy	
28. P. Maracú	72. P. Jurucuy	114. Fortaleza	
29. Pesqueira	73. Caxambú	115. Cemiterio Mojuim	
30. P. Itacuminy	74. P. Moretá	116. Maracajá	
31. Ens. Itacuminy	75. P. Moracaçara	117. Jacú	
32. Castello Br	76. L. Jacundá	118. S. Maria	
33. Lago Mutuquara	77. P. Guarita	119. Acuzal	
34. P. Cururú	78. Araçzal	120. Lavras	
35. S. Anna	79. P. Tausí	121. Boa Fé	
36. Bom Jesus	80. L. Piranhas	122. Trindade	
37. Patacho	81. P. Cururú	123. São José	
38. P. Itapeua	82. P. Jacaré	124. Genipapo	
39. Cuipiranga	83. L. Jacaré	125. Guirana	
40. P. Guajará	84. L. Mangueiras	126. Poco Branco	
41. Guajará	85. Sierra Piroca	127. Cipozal	
42. Guajara miry	86. Lago Mirity		
43. Membeça	87. Apina		
44. Jacao	87. Serra da Avenca		

Fonte: Nimuendajú (2004).

Além disso, o etnólogo fez referência a uma cerâmica que ele não conseguiu associar a nenhum grupo anteriormente conhecido, especialmente relacionado a Monte Alegre. Destacou essa cerâmica como as peculiaridades das tradições Arapiun, Konduri e Tapajó, embora tenha notado algumas características que remetem ao Tapajó. Esse “achado intrigante” seria relevante, já que, de acordo com Nimuendajú, os “relatos antigos” não forneciam informações sobre a população que habitava a região de Monte Alegre.

As análises propostas pelo etnólogo estabeleciam um diálogo claro entre sua pesquisa arqueológica e as fontes escritas por viajantes e exploradores do passado. Sua abordagem não se limitou à simples coleta de material arqueológico com o objetivo de obter financiamento. Pelo contrário, envolveu um processo abrangente de estudo e pesquisa, permitindo-lhe compreender as “antigas moradias indígenas” em meio a um cenário complexo de diferentes populações indígenas na região. Tais descobertas culturais estavam intimamente relacionadas com as cerâmicas, fornecendo exames profundos sobre a história e a cultura desses grupos.

No trabalho de campo, as escavações se concentram na localização de “achados” considerados pelo etnólogo como “preciosos” para compreender a arqueologia produzida na região. Nas cartas remetidas a Carlos Estevão, observa-se uma discussão em torno da curiosidade para classificar a arqueologia tapajônica. Em uma carta possivelmente escrita ainda no primeiro semestre de 1923, Nimuendajú comenta sobre os muiraquitãs e da dificuldade de encontrá-los, o que confirma essa busca por “preciosidades”, adquiridas não somente através de escavações, mas também por compras diretas de pessoas específicas, considerando que a prática do momento era o colecionismo, o que justificava a necessidade de encontrar objetos valiosos:

Não encontrei até agora nenhum muiraquitã, apesar de procurar e indagar por eles em toda parte. Em Faro eles são relativamente frequentes – dis-que – e um moço, morador de Bom Jardim, prometeu-me arranjar algum; mas eu duvido que ele ainda se lembre disso! Sei que um morador no Lago Grande de Vila Franca possui um em forma de rã, e se possível, faria ainda uma viagem para lá, mas creio que depois de voltar de Alter do Chão e de Mararú não me restarão mais os meios para ir e adquiri-lo (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 1923, Nimuendajú, 2000, p. 43)

Em um documento de Nimuendajú, cujo título é “Apontamentos sobre o achado de muiraquitãs e objectos congêneres” (1926), ele mostra uma classificação da dispersão de “achados” arqueológicos durante suas viagens na década de 1920, mencionando a Guayana, Caviana, Carariaca, Lago Selé e Santarém – Aldeia. Especificamente em Santarém, ele descreve três muiraquitãs encontrados no bairro Aldeia: um em formato de rã, de um material cinzento; outro em formato de peixe, produzido em um material preto; menciona, também, um muiraquitã de pedra verde em forma de rã, encontrado na Ilha Grande do Mamahurú, próximo a cidade de Santarém:

Santarem – Aldea 1924

Um muirakitã em forma de rã de um material cinzento.

Um muirakitã em forma de peixe de um material preto.

Ilha Grande do Mamahurú.

Na ponta superior desta ilha foi encontrado um pequeno muiraquitã em forma de rã, de pedra verde. É propriedade da mãe do agente do Correio de Santarem que por motivos supersticiosos não se quer desfazer dele por preço algum.⁴³

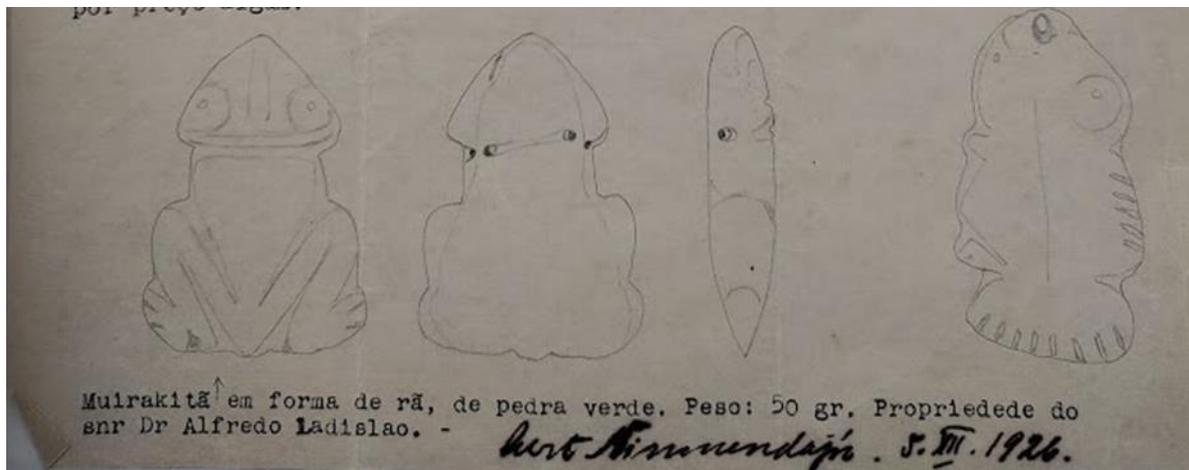
No documento original⁴⁴, Nimuendajú desenhou as formas dos muiraquitãs a lápis na folha datilografada, dialogando com o texto (Figura 4). Além disso, representa um certo detalhe na apresentação dos “achados” associado ao conhecimento da prática do fazer arqueológico,

⁴³ Nimuendajú, 1926. Arquivo MEPE.

⁴⁴ Imagens do documento na íntegra se encontra no Anexo B.

caracterizando o local, a forma, as cores etc. Esses objetos fazem parte da coleção de Nimuendajú no Museu de Gotemburgo.

Figura 4 - Desenhos de muiraquitãs feitos por Nimuendajú.



Fonte: Arquivo MEPE (1926).

A narrativa de uma das viagens de Nimuendajú pela região de Santarém relatada para Carlos Estevão de Oliveira contém certo detalhamento, inclusive sendo possível entender o percurso que o etnólogo efetuou pela região, que se deu da seguinte forma:

Numa canoinha de vela com 2 rapazes fiz o complicado caminho que o Snr. pode ver do croquis provisório que mando junto: fui pelo rio Arapium até as cachoeiras, voltei em parte por terra pelo centro e saí no Amazonas pelo Arapixuna e Carariacá, entrei no Lago Grande, passei pelo igarapé das Fazendas para o lago Selé, saí no Amazonas pelo curumucuri, atravessei, entrei no Bom Jardim, voltei por ele ao Amazonas, entrei pelo Cachoeiri, fui a Oriximiná, ao lago Sapuquá e desci pelo Trombetas, visitando também uns lagos que nele desembocam. De Óbidos atravessei de novo para a margem direita do Amazonas, entrei pela segunda vez no Lago Grande de Vila Franca pelo Furo do Borges, visitei o sambaqui de Taperebá, atravessei o lago para a vila Curai, saí pela boca do lago no Amazonas e voltei a Alter do Chão pelo Carariacá, Arapixuna, Mauacá e Picãe. Passei a semana lá e voltei a Santarém ontem. A minha esperança de achar nesta zona algum ídolo de pedra foi de balde, mas no lago Sapuquá arranjei um muiraquitã em forma de rã e no Arapium um outro amuleto de pedra, já bastante avariado (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 23/04/1924, Nimuendajú, 2000, p. 57).

O etnólogo, ao descrever a trajetória de uma das suas expedições pela região, deixa claro um conhecimento pelos nomes dos rios e localizações específicas por onde passou, nomeando suas rotas e esclarecendo que fez a viagem apenas em canoa acompanhado de 2 rapazes, o que demonstra uma certa exploração em conhecer a região, para de fato afirmar que fez um denso trabalho. A imagem a seguir (Figura 5) mostra a canoa que Nimuendajú navegou pelos locais

que menciona, a bordo com dois homens que possivelmente o auxiliaram em sua viagem exploratória.

Figura 5 - Canoa de Nimuendajú no Lago Curumucury-PA.



Fonte: Coleção Carlos Estevão (s/d).

As suas estadias em Santarém são retratadas por ele: “faz três horas que fiz a minha entrada triunfal em Santarém”, disse o etnólogo (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 18/12/1924, Nimuendajú, 2000, p. 65), referindo-se às suas “andanças” pelas demais localidades em busca de ídolos de pedras verdes e com o seu retorno posterior à cidade (Nimuendajú, 2000), o que ele considerou celeberrimo. Esses ídolos são peças raras encontradas por Emilio Goeldi, Barbosa Rodrigues e Nimuendajú, que foram abordadas pelo etnólogo como peças com forte significado simbólico (Nimuendajú, 2004).

Nimuendajú também relata sobre as suas experiências com os moradores locais e como isso influenciou nos seus trabalhos de campo, já que ele precisou se adaptar ao contexto que estava inserido para conseguir prosseguir com suas pesquisas:

Quando cheguei aqui em Santarém estava tudo em festa. Não achei quase um lugar para armar a minha rede, e não havia quem quisesse fazer viagem comigo antes de acabar o último dia de festa. Segui enfim, mas só para a mesma coisa me acontecer em Alter do Chão, e agora já preciso entregar outra vez a montaria antes do tempo, porque estão se preparando já para outra festa em Alter do Chão, em começo de janeiro! Tudo isto parece-me que não passa de uma esperteza dos meus amigos cablocos que querem à fina força me obrigar a passar a festa lá com eles, na

expectativa de que eu serei o padrinho de meia dúzia de curumins e cunhazinhas. Era o que me faltava. (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 18/12/1924, Nimuendajú, 2000, p. 66).

No trecho acima, Nimuendajú menciona a sua relação com os habitantes, ficando evidente que ele era convidado para fazer parte das festas nas comunidades, apesar de preferir os seus trabalhos de campo. O que chama atenção, também, é como ele se refere a esses moradores, como “caboclos”, indicando a noção de “camponeses amazônicos”, que não são considerados indígenas, imerso na ideia de “índio puro”.

Existem também menções ao que ocorria durante as viagens:

O primeiro e menos interessante capítulo da minha viagem acabou ontem com a minha chegada em Maués. Parti de Santarém 26 de fevereiro, naufragando quase na primeira noite num temporal, perto do lugar onde a von Martius aconteceu por pouco a mesma coisa, passei no dia 1 de março por Óbidos e demorei-me de 3 a 6 no Lago Curumucuri, ramificação mais ocidental do sistema de lagos chamado Lago Grande de Vila Franca. Ali tive necessidade de arranjar um novo companheiro, pois um dos dois que levava, filho do belo Alter do Chão, criou tamanho horror aos pântanos e carapanãs que não quis ir mais avante. (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 17/03/1926, Nimuendajú, 2000, p. 87).

Nimuendajú, ao relatar sobre o quase naufrágio em um determinado ponto do rio, citou a experiência narrada por Von Martius, que vivenciou incidente similar. Esse comentário evidencia o conhecimento dos viajantes que passaram pelo local, o que confirma que ele não fez as suas excursões sem o conhecimento historiográfico. Arelado a essa informação, mencionou a necessidade de ter um novo companheiro, o que também deixa claro que Nimuendajú não fazia um trabalho solitário, mas contava com colaboração dos habitantes para auxiliar em suas empreitadas científicas. A figura 6 representa essas articulações com os moradores durante a pesquisa, mostra um momento no qual o etnólogo toma café da manhã na companhia de um homem na margem do lago Maicá-PA.

Figura 6 - Café da manhã (peixe picarucu, molho de pimenta, farinha e café) na margem do lago Maicá, em Alter do Chão, Santarém-PA.



Fonte: Carlotta Databasen för museisamligar (1924).

Sobre as escavações, Nimuendajú fez menções às terras pretas e aos insucessos durante as escavações. Realizando comparações de objetos encontrados em locais próximos, também é visível a sua busca por “preciosidades” e, em conjunto, existe um diálogo com suposições históricas sobre as antigas aldeias, demonstrando um conhecimento de cunho historiográfico sobre a região em que pesquisava:

Prezado amigo.

Acabo de voltar da minha excursão ao Cuçari. O resultado não foi lá grande coisa. Demoradamente só examinei duas terras pretas, uma no rio Curuá, 3 léguas acima da sua foz, e outra no Lago da Boa vista. Esta última representa provavelmente o lugar da antiga Aldeia do Cuçari. No Curuá, tirando a particularidade que os vasos são, como em Monte Alegre, feitos quase exclusivamente em cima de tecidos e não de esteiras, como em Santarém, nada de extraordinário achei entre os fragmentos de cerâmica. Não há uma única peça sequer que não podia ser, com a mesma verossimilhança, de Santarém.

No Cuçari o estilo cerâmico também é somente uma variante local de Santarém onde se introduziram alguns elementos do estilo de Monte Alegre, o que é muito natural, devido à proximidade dos dois sítios. Também esta terra preta não forneceu nenhum elemento que nos fosse até agora desconhecido.

Depois de amanhã irei ainda a Samaúma onde me consta existir uma espécie de túmulo numa terra preta cujo dono insiste muito comigo que eu vá lá. (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 25/12/1924, Nimuendajú, 2000, p. 67).

A partir de 1925, as pesquisas arqueológicas na região santarena não são mencionadas pelo etnólogo nas cartas, apenas duas remontam sobre o estado de saúde de Nimuendajú e o recebimento de uma quantia em dinheiro enviada por Nordenskiöld. As demais cartas versam sobre trabalhos de campo entre populações indígenas próximo a Oiapoque-AP. O etnólogo dividia suas estadias em campo com escavações e vivências entre os indígenas, possivelmente precisava do dinheiro da venda de objetos para seguir viagem para as aldeias.

(Campos, 2021). Esse movimento resultou na formulação de uma ideia de monumentalidade baseada em uma ideologia nacionalista concebida por intelectuais e arquitetos modernistas que buscavam definir a identidade brasileira. Essa abordagem foi destacada na gestão de Carlos Estevão, no Museu Goeldi (Leal, 2023).

Outros dois mapas (Figuras 9 e 10) e uma cópia do artigo “Os Tapajó”, redigida em alemão, foram produzidos para a arqueóloga Helen Palmatary, que desde a década de 1930 se dedicou ao estudo da cerâmica tapajônica e seu trabalho é considerado pioneiro em estudo de coleções oriundas de Santarém, Lago Grande da Vila Franca, que pertencem a museus da América do Norte, Brasil e Suécia (Amaral, 2016):

O trabalho de Palmatary (1939, 1960) tem o mérito de não estar centrado somente em classificar tipos cerâmicos. A autora apresenta um bem elaborado contexto histórico para a região, alerta para a necessidade de trabalhos sistemáticos de campo para o vale do Tapajós, compara similaridades e diferenças técnicas existentes entre, a cerâmica de Santarém e do Marajó (que considera mais antiga) e dissocia uma relação direta entre ambas, destacando que Santarém, embora apresente motivos em preto, vermelho, sobre fundo branco (ou creme), prima pela modelagem naturalista. (Amaral, 2016, p. 255).

Segundo Vera Guapindaia (1993), os estudos de Palmatary se concentraram em análise de coleções, um estudo comparativo entre as cerâmicas:

Helen Palmatary publicou dois estudos estilísticos sobre a cerâmica dos Tapajó. O primeiro, denominado "Tapajó Pottery" foi publicado em 1939 e contém a análise do material das coleções do Ethnographical Museum em Göteborg, da University of Pennsylvania Museum na Philadelphia, do Museum of American Indian da Haye Foundation em New York e da Catholic University of America em Washington. Em 1960, quando publicou "The Archaeology of the Lower Tapajó Valley, Brazil", incluiu as coleções brasileiras pertencentes ao Museu Paraense Emílio Goeldi e ao Museu do Estado do Recife. Analisou também as coleções particulares pertencentes ao Sr. Frederico Barata em Belém, ao Sr. 30 Carlos Liebold em Santarém, ao Sr. Townsend em Belterra e ao Sr. Carlos Estevão de Oliveira no Recife (Guapindaia, 1993, p. 30)

Helen Palmatary esteve no Brasil no início da década de 1940 e na década 1950⁴⁵, financiada pela American Philosophical Society, com o objetivo de estudar e fotografar peças tapajônicas em museus e coleções particulares brasileiras (Palmatary, 1960).

A relação que Nimuendajú e Palmatary mantinham pode ter funcionado como uma espécie de orientação. O etnólogo compartilhou várias informações referentes à cerâmica tapajônica. Inclusive quando ela estava em Belém-PA, comentou com John Alden Mason

⁴⁵ A documentação presente no Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Goeldi, revela o diálogo que teve com os diretores Carlos Estevão de Oliveira e Armando Bordado da Silva, articulando apoio acadêmico para as suas pesquisas.

(1885-1967)⁴⁶ que encontraria Nimuendajú. Ambos remeteram cartas com conteúdo arqueológico, e esses documentos são disponibilizados em seu texto *The archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil* (1960).

...Another bit of good news has reached me that Kurt Nimuendajú is returnig about a week or so before I leave so we can do some talking - maybe: he does not speak English & my portuguese is something to wonder at, although I can speak it better than I can understand it, for they rattle it off at a terrible rate...⁴⁷

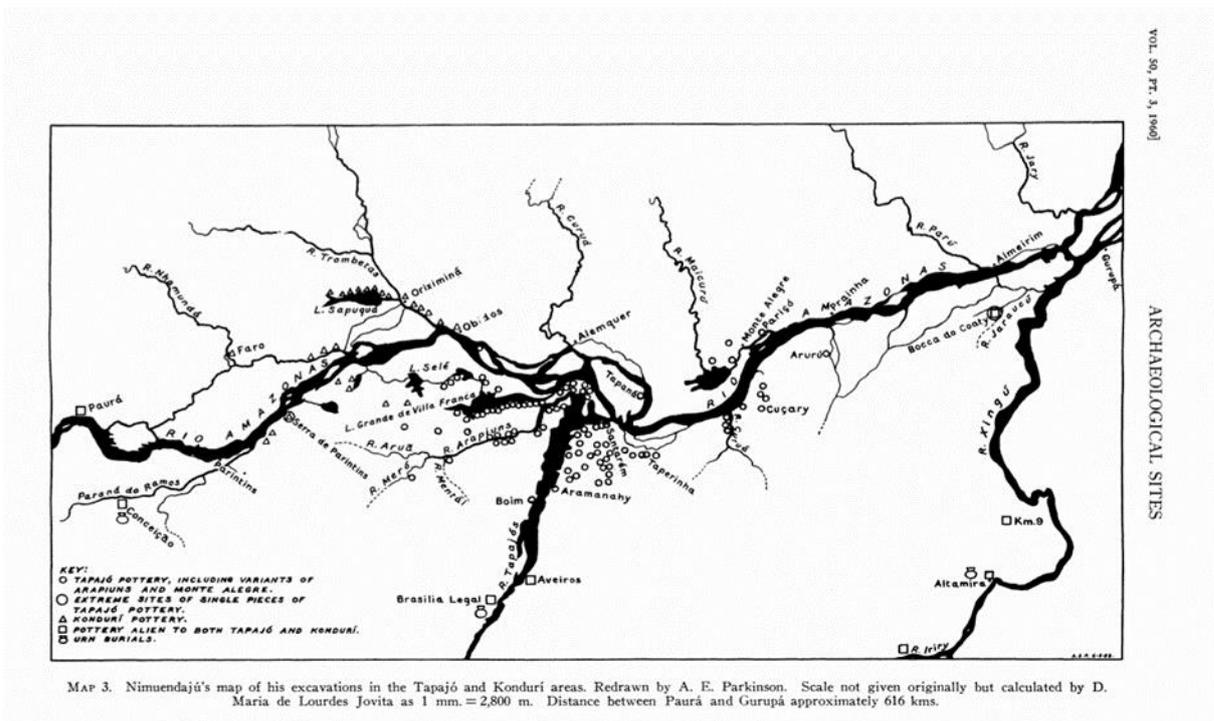
No texto de autoria da Palmatary (1960), é mencionada a produção desses mapas por Curt Nimuendajú que auxiliava a arqueóloga no conhecimento cerâmico da região santarena. O que chama atenção é que esses mapas foram produzidos a partir da memória de Nimuendajú, o que demonstra que ele tinha um vasto conhecimento da região a ponto de dispor das informações necessárias para desenhar os mapas:

During the preparation of my first published report on the Tapajo. I had the advantage of considerable correspondence with Mr. Curt Nimuendaju. To help me to understand the complicated geographical and archaeological problems of this area, he drew for me two maps one on his excavations in the Lago Grande de Vila Franca area and another, of great importance, which covered his archaeological work on both banks of the Amazon in areas where traces of Tapajo trade or influence might logically be expected. He explained that these maps might not be absolutely accurate in every detail as he did not have all his notes at hand when he drew them, and therefore had been forced to fall back upon his memory in certain instances. His more important maps were sent to Gothenburg along with copious notes, and in the Museu Paraense Emilio Goeldi, in Belem, there is a large and beautiful map recording his Amazonian field work. However, the maps included here are of great help in illustrating general tribal distribution as recorded by the archaeology (Palmatary, 1960, p. 18).

⁴⁶ Antropólogo e Linguista, foi curador da Seção Americana no Penn Museum de 1926 a 1955, durante sua carreira esteve em campo 16 vezes, exercendo atividades com antropologia cultural, arqueologia e linguística. Seu trabalho de campo mais famoso foi a escavação em dois sítios pré-colombianos, Piedras Negras na Guatemala e no Sítio Conte no Panamá (Schwartz, 2017).

⁴⁷ Carta de Helen Palmatary para Dr. Mason, s/d. Arquivo Penn Museum.

Figura 9 - Mapa sobre a dispersão de cerâmicas.



Fonte: Palmatary (1960).

A imagem acima é uma reprodução do mapa original não disponibilizado pela autora, como consta na informação abaixo do mapa: “Nimuedaju’s map of his excavations in the Tapajó and Konduri áreas. Redrawn by A. E. Parkinson”. Representa a extensão territorial percorrida por Nimuendajú durante suas viagens, além de demarcar os locais nos quais ele encontrou cerâmicas, que são Tapajó e variantes de Arapiuns e Monte Alegre, sítios de cerâmicas específicas Tapajó, Konduri, uma cerâmica não classificada por Nimuendajú e a presença de urnas funerárias. Ele também localizou nome de cidades do estado do Pará, como Altamira, Alenquer, Gurupá, Almerim, Monte Alegre etc. Sobre esse mapa (Figura 9), Palmatary (1960) fez o seguinte comentário:

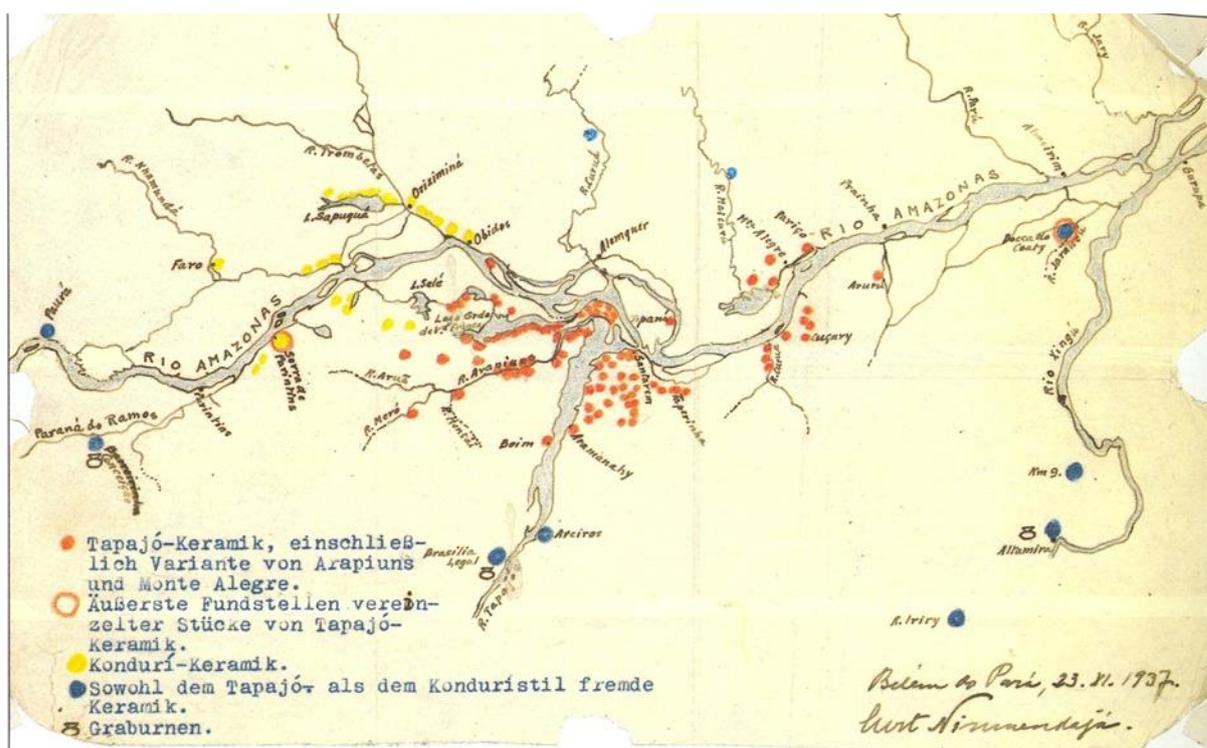
Thus, much important material on the archaeology of the Lower Amazon is, at this writing, still unpublished.

On the map which indicates the extent of Mr. Nimuendaju's excavations, his symbol for Tapajó material includes also specimens of Arapiuns and Monte Alegre wares, suggesting trade or close tribal association. I do not know which of the many non Tapajó styles these may be.

It is significant that pottery foreign to both that of the Tapajó and the Konduri was found in conjunction with burial urns evidence of an entirely different cultural pattern. South of the Amazon, these urns appeared at Altamira on the Xingú, Brasil Legal on the Tapajós, and Conceição on the Parana do Ramos. A few scattered Tapajó sites appear north of the Amazon west of Monte Alegre, but Mr. Nimuendaju wrote me that he had made no general exploratory studies in the vast area between Monte Alegre and Obidos. Thus, to date, the northern limits of the Tapajó culture are undetermined. (Palmatary, 1960, p. 21).

O mapa revelou o meticuloso zelo de Nimuendajú na documentação das cerâmicas, mostrando até as possibilidades de pesquisas futuras, especialmente sobre a cerâmica que até então era desconhecida, constituindo um material completamente inédito. Uma representação do mapa original enviado por Nimuendajú a Palmatary foi apresentada em um estudo de Peter Hilbert, intitulado “Archäologie in Amazonien”, publicado em 1986 (Figura 10). É provável que Hilbert tenha tido acesso ao croqui diretamente de Palmatary.

Figura 10 - Imagem do croqui original sobre a presença de cerâmicas no Baixo Amazonas.⁴⁸



Fonte: Hilbert (1986).

Esse mapa desempenhou um papel central em diversas discussões na área da arqueologia amazônica, sendo particularmente relevante nos debates sobre cacicados e complexidade social. Um dos estudos nesse contexto é a proposta de Roosevelt (1980), que parte da ideia de que os cacicados emergiram como resultado de um fator ecológico crucial: o cultivo de milho ao longo das margens do rio Amazonas, levando ao aumento da produção de

⁴⁸ Recebi a imagem do mapa por meio de Marcony Alves, o qual teve acesso a ela por intermédio de Klaus Hilbert, conforme também mencionado em sua dissertação de mestrado (2019), na qual outra imagem do mesmo mapa foi publicada.

grãos⁴⁹. Isso coloca em destaque o próprio mapa de Nimuendajú à medida que ele mapeia a dispersão das cerâmicas encontradas ao longo do rio Amazonas nesse contexto de mudança e área de abrangência Tapajó.

Um outro ponto diz respeito a uma carta enviada para Carlos Estevão na qual Nimuendajú comentou sobre algumas indagações feitas por Nordenskiöld sobre a cerâmica de Santarém:

Nordenskiöld ainda não se conformou com a cerâmica de Santarém. Diz ele não saber o que fazer dela, e continua: seria possível que ela fosse pós colombiana e influenciada pelo gosto português do século XV? Francamente, uma tal suposição eu não esperava de Nordenskiöld! E como ele pediu a minha opinião a respeito, respondi-lhe, expondo detalhadamente as muitas razões que tornam inadmissível uma tal explicação (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 18/01/1925, Nimuendajú, 2000, p.73).

No livro *In Pursuit of a Past Amazon – Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* (2004), Nimuendajú também escreve praticamente uma tese em respostas a Nordenskiöld tecendo sua opinião. Segue um trecho:

As I wrote to you, fragments may be found at Santarém - but in fact not very often – that were no doubt manufactured by the Indians of the time of the missions. These fragments can be distinguished from the ancient Indian ones at a glance and even the street-Arabs who collected them for me did so with amazing sharpness. This distinction between ancient and modern Indian work is so sharp that the thought never entered my head that in the case of specimens indicated by me as ancient Indian ones a European influence might have played some part. I now regret that I excluded - almost continuously - the modern Indian specimens from the collection, for, as far as I remember, I dispatched only a projection of a vessel provided with Latin letters (Plate 65:Z); even this one differs both in material and manufacture from the ancient Indian specimens (Carta de Nimuendajú para Nordenskiöld, 12/01/1924, Nimuendajú, 2004, p. 151).

Ao que parece, o Etnólogo achou um absurdo a indagação de que a cerâmica proveniente de Santarém tenha especificidades portuguesas, pois no material coletado por ele é nítido os traços de fabricação indígena e que podem ser identificados até por um leigo. No artigo “Os Tapajó” (1949), Nimuendajú discutiu a hipótese de que a cerâmica de Santarém estava relacionada à cerâmica da América Central e que o conjunto da cerâmica arqueológica continha elementos que a conectavam ao Baixo Mississipi e a outras regiões, por isso tinham

⁴⁹ Arqueólogos que estudaram a possível existência de uma dominação política tapajônica contestaram a proposta de Roosevelt, sugerindo que a área poderia ser mais bem compreendida como um conjunto de relações sociais que levaram à diferenciação de cerâmicas, em vez de ser organizada estrategicamente como um "cacicado" (Alves, 2016; Gomes, 2002).

especificações de um caráter particular. É evidente que essas considerações foram compartilhadas com Nordenskiöld, o qual posteriormente escreveu:

Em dezembro, eu viajo junto com o dr. Linneé e a minha mulher para o Panamá e de lá para Maracaibo, para realizar pesquisas na Colômbia e na Venezuela. Eu espero encontrar lá o elo entre a curiosa cultura que o senhor conheceu em Santarém e a cultura indígena na América Central.⁵⁰

Nordenskiöld conseguiu compreender as explicações de Nimuendajú e, como resultado, desejava confirmar a proposta de Nimuendajú sobre a arqueologia do Baixo Amazonas. A ênfase que ele atribuiu a essa informação sugeria que a considerasse uma descoberta de grande relevância científica para os estudos arqueológicos.

Nimuendajú, sobre a cerâmica de Santarém, versa sobre uma dispersão em que classificou como não sendo o único tipo, apresentando uma variação:

I always speak of "Tapajo pottery," but basically it is no more accurate than to say "Santarém pottery." The Tapajo were the principal producers of this type of ceramics but not the only one; while Santarém was the principal place where the Tapajo-style was made, however there were others also, though these were of less importance. (Carta de Nimuendajú para Palmatary, 24/11/1937, *apud* Palmatary, 1960, p. 18)

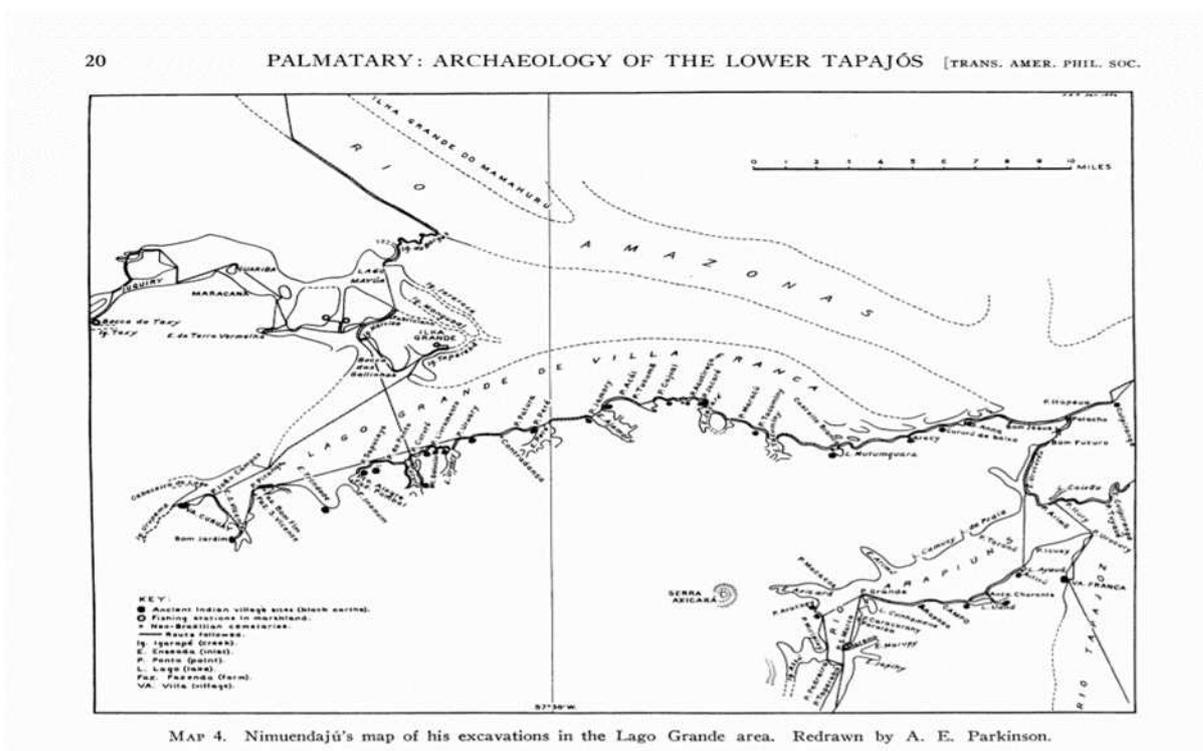
De acordo com Palmatary (1960), a cerâmica que foi encontrada longe, em probabilidades geográficas, representa peças comerciais, o que pode ser justificado por uma “migração da área ancestral” cujo povo continuou suas produções, sendo que, além da região de Santarém, a cerâmica não pode ser considerada Tapajó, uma vez que o local, em Santarém, onde o material foi encontrado, denominado de Zona Paurá, é menos relacionado com Tapajó.

O mapa a seguir (Figura 11) é referente ao Lago Grande da Vila Franca, também uma reedição, e mostra a localização de terras pretas e a presença de nome de vilas com habitantes “neo-brasileiros”, termo empregado pelo próprio Nimuendajú para se referir às populações que ele não considerava como indígenas. Sobre esse Mapa, é descrito que:

...The south shore of the lake consists of a hilly country. The north shore is low and flooded by the Amazon. It is quite possible that in the inlets along the south shore there may be old village sites...Also, there may be fishing village sites along the lakes and canals of the flooded area. The fishing stations of Lago Grande lie upon a sambaqui where an olive-colored jade muiraquitã in the form of a frog was found (Carta de Nimuendajú para Palmatary, 12/10/1935, *apud* Palmatary, 1960, p. 21).

⁵⁰ Carta de Nordenskiöld para Nimuendajú, Gotemburgo, 20/07/1926, Museu de Gotemburgo *apud* Baruja (2014).

Figura 11 - Reprodução do Mapa Lago Grande da Vila Franca.

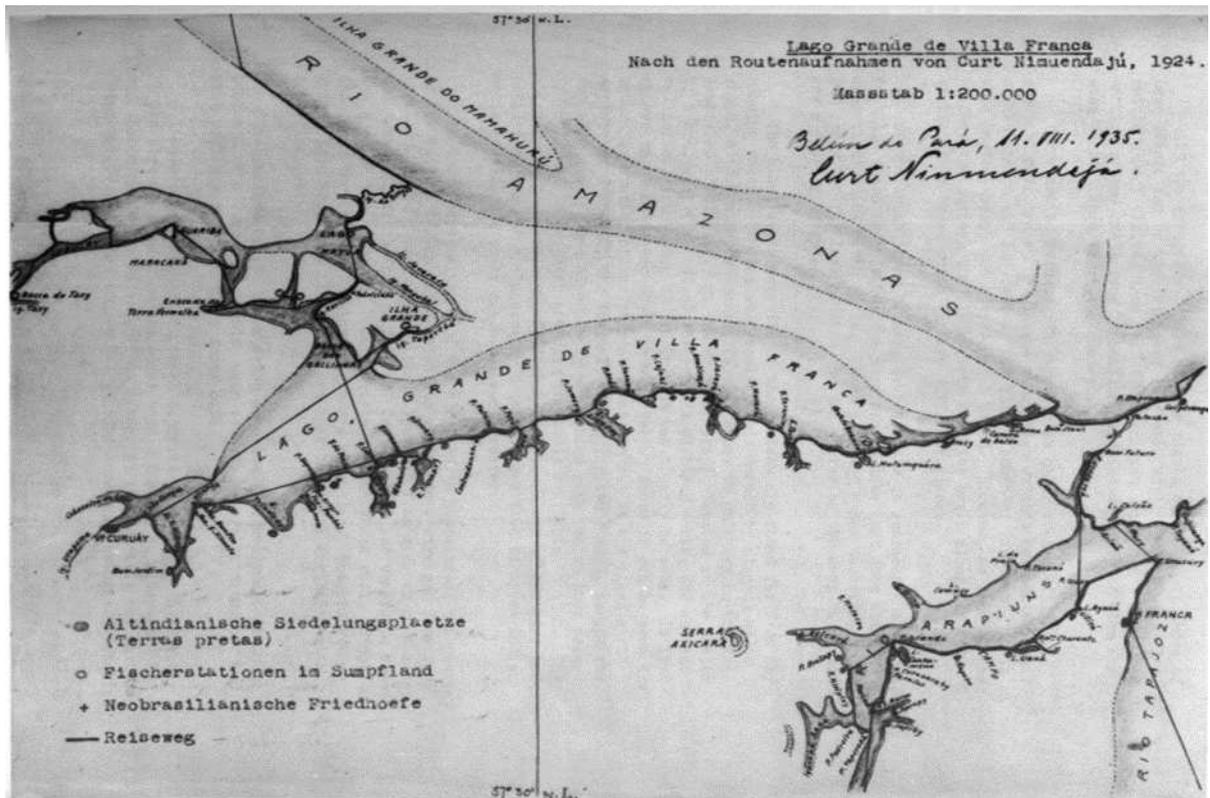


Fonte: Palmatary (1960).

A imagem dos dois mapas (Figuras 12 e 13) abaixo estão presentes em *The Tapajó* (1953), editada por John Howland Rowe. Ele comenta que os mapas foram enviados pela Helen Palmatary. Rowe insere uma foto do mapa original do Lago Grande da Vila Franca redigido em alemão, semelhante ao que foi apresentado anteriormente (Figura 11), e representa a localização de terras pretas, locais para pesca próximos de comunidades, cemitérios dos “neobrasileiros” (inclusive o ato dele plotar no mapa esses cemitérios chama atenção devido essa interligação com a cerâmica e os moradores que habitavam a região) e a rota traçada por ele no Lago Grande da Vila Franca. O outro mapa é uma reedição (Figura 13), e nele foi inserido a localização com nomes de comunidades assentadas, seguido por uma lista com os nomes (Figura 14)⁵¹.

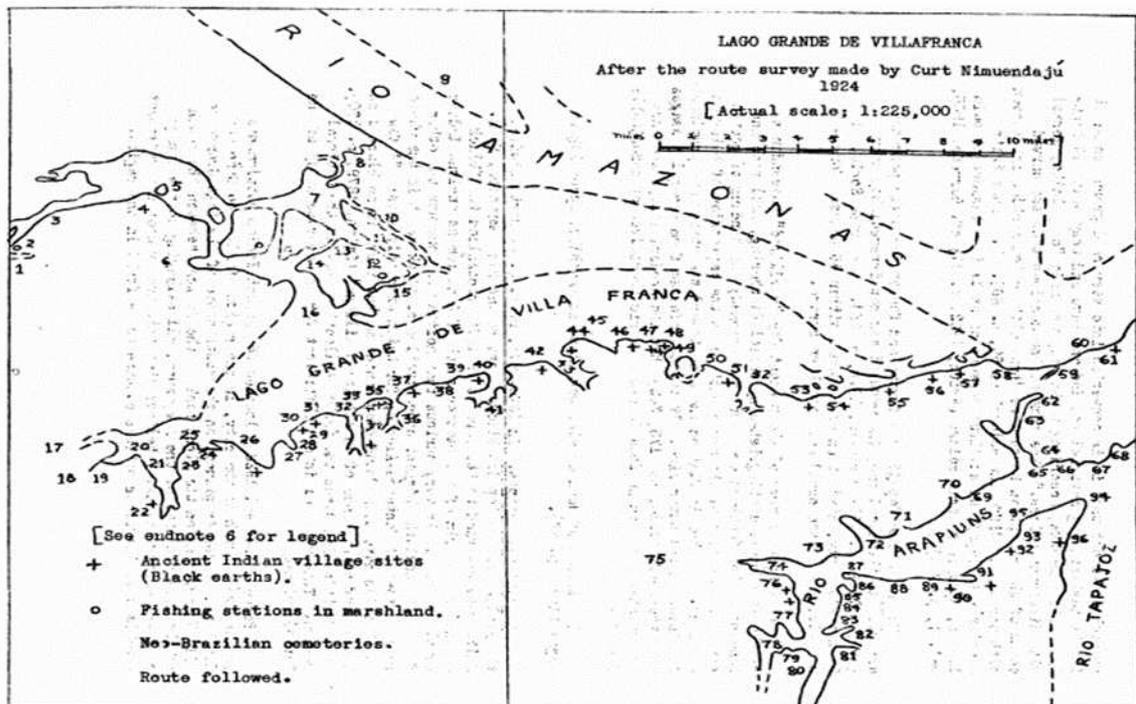
⁵¹ No livro *In Pursuit of a Past Amazon – Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* (2004), Nimuendajú faz uma descrição dessas localizações com uma contextualização.

Figura 12 - Imagem do mapa original da região do Lago Grande da Vila Franca.



Fonte: Nimuendajú (1953).

Figura 13 - Reprodução do mapa original do Lago Grande da Vila Franca.



Fonte: Nimuendajú (1953).

Figura 14 - Lista com os nomes das comunidades.

1. Lg. Taxy.	15. Lg. Taperebá.
2. Bocca do Taxy.	16. Bocca das Gallinhas.
3. Juquiry.	17. Cabeceira do Lago.
4. Maracaná.	18. Lg. Urupema.
5. Gusriba.	19. Va. Curuáy.
6. Enseada da Terra Vermelha.	20. P. João Campos.
7. Lago Mayúa.	21. E. S. Vicente.
8. Lg. do Borges.	22. Bom Jardim.
9. Ilha Grande do Momahurú.	23. Paz. S. Vicente.
10. Lg. Jararaca.	24. Paz. Bom Fim.
11. Lg. Mongubal.	25. P. Pitanga.
12. Ilha Grande.	26. E. Trindade.
13. Fabriciano.	27. E. Inanum.
14. Lg. Narciso.	28. Paz. Pombal.
29. Pto. Alegre.	63. E. Urucureá.
30. P. Sapueja.	64. L. Caixão.
31. P. do Porto.	65. P. Arimã.
32. E. Cururú.	66. P. Hury.
33. P. Cururú.	67. P. Tuyauá.
34. Mt. Gelucio.	68. E. Cuiquiranga.
35. P. Lirramant.	69. P. Toronó.
36. E. Uruary.	70. L. de Praia.
37. P. Uruary.	71. L. Camuoy.
38. Contradanza.	72. E. Arimã.
39. P. Fatura.	73. P. Macacos.
40. P. Peré.	74. E. Axicarã.
41. E. Peré.	75. SERRA AXICARÁ.
42. P. Jamery.	76. P. Aratapy.
43. E. Ajemory.	77. P. Miripixy.
44. P. Acói.	78. Igarapé Assú.
45. P. Tucumã.	79. P. Pedreira.
46. P. Cajuai.	80. P. Taperebá.
47. P. Acutiraçá.	81. E. Japihy.
48. P. Jacaré.	82. E. Marupy.
49. E. Jacaré.	83. P. S. Marco.
50. P. Maracú.	84. Paraizo.
51. P. Tacuminy.	85. P. Caracarahy.
52. E. Tacuminy.	86. L. Cunhamena.
53. Costello Branco.	87. P. Grande.
54. L. Nutumquara.	88. Rapoza.
55. Aracy.	89. Campo.
56. Cururú de baixo.	90. L. Uaná.
57. S. Anna.	91. Ant.º Charante.
58. Bom Jesus.	92. Aitirú.
59. Patacho.	93. L. Ayauá.
60. P. Itapeua.	94. P. Urucury.
61. Cuiquiranga.	95. P. Iguxy.
62. Bom Futuro.	96. Va. Franca.

Fonte: Nimuendajú (1953).

Para melhor ilustração, seguem algumas imagens de peças depositadas por Nimuendajú no Museu de Gotemburgo e no Museu do Estado de Pernambuco⁵². Os objetos coletados na cidade de Santarém são considerados da cultura tapajônica.

⁵² Infelizmente os objetos arqueológicos em posse do Museu do Estado de Pernambuco não estão fichadas e carecem de informações. É essencial uma análise arqueológica do material para catalogação.

Figura 15 - Cerâmica de Santarém em formato de cabeça colecionado por Nimuendajú em 1923 (Museu de Gotemburgo).



Fonte: Carlotta (2001).

Figura 16 - Cerâmica de Santarém em formato de sapo colecionado por Nimuendajú em 1924 (Museu de Gotemburgo).



Fonte: Carlotta, 2001.

Figura 17 - Cerâmica de Santarém presente no CECEO.



Fonte: Museu do Estado de Pernambuco.

Figura 18 - Cerâmica de Santarém presente no CECEO.



Fonte: Museu do Estado de Pernambuco.

Nimuendajú, durante as suas pesquisas, catalogou 65 sítios na área e esclareceu que esse número estava longe de ser a real quantidade, uma vez que nem se aproximava de sua metade (Nimuendajú, 1949). Segundo Eduardo Neves (2004), o arqueólogo Nimuendajú sugeriu uma relação da cerâmica tapajônica com a centro-americana, e trabalhos posteriores de Meggers e Evans (1957) confirmaram essa hipótese, apesar de apontarem para um contexto da pesquisa arqueológica da época. A contribuição mais importante de Nimuendajú para a arqueologia é referente a arqueologia de Santarém, pois foi o primeiro a estabelecer padrões tendo como ponto de partida a cidade de Santarém (Neves, 2004). Isso classifica o seu trabalho como pioneiro, já que menciona uma dispersão da cerâmica tapajônica como descrito no mapa da Figura 9. Nimuendajú versa a partir do conhecimento historiográfico que a aldeia sede dos Tapajó é a atual cidade de Santarém, tendo as demais localizações como uma dispersão do grupo, seja por guerras, colonização ou trocas comerciais.

A partir dos trabalhos de Nimuendajú, o Museu Etnográfico de Gotemburgo adquiriu coleções de extremo valor científico como resultado da excelente investigação e interesse pelo que estava se debruçando (Rydén, 2004). O trabalho de Nimuendajú foi apontado por Nordenskiöld no Congresso Americanista de 1924, apresentando a cerâmica de Santarém (Stenborg, 2004).

Na documentação referente ao Conselho de Fiscalização, Nimuendajú é acusado de enviar peças valiosas para a Suécia. O então relator, Flexa Ribeiro, menciona a publicação do livro de autoria de Nordenskiöld, em que o autor confirma que as peças em posse do Museu Etnográfico são de extremo valor científico:

Se, d'aquella feita, tomei contas ao suplicante, foi porque julgada como julgo, que o Conselho deve, ao dar licença, exigir obrigações no sentido de amparar, proteger o nosso patrimônio arqueológico, tão lamentavelmente despovoado pela serie ininterrupta de emigrações de obras marcantes. Alias, numa obra que é dedicada ao próprio sr, Curt Nimuendajú, pelo sr. Erland Nordensköld, professor da Universidade e Conservador do Museu de Göteborg, - A arqueologia da Bacia do Amazonas – tomo I, de Americana (ed. G. Van Oest-Paris-1930) - Leio que minhas ponderações eram de bom aviso. Diz o sr. Nordensköld: “Se consenti em expor o resultado de pesquisas empreendida na bacia do Amazonas – foi porque o Museu de Göteborg, se enriqueceu, nestes últimos anos, de grandes coleções que provieram de regiões visinhas do curso inferior do rio Amazonas, onde um brasileiro, de origem alemã, sr. Curt Nimuendajú, executou, por conta do museu, escavações consideráveis. As escavações de Nimuendajú tornaram o Museu de Göteborg possuidor, provavelmente, de mais consideráveis coleções que existe fora do Brasil, sobre o Amazonas inferior”⁵³.

⁵³ RIBEIRO, 1940, p. 2, CFE.T.2.027_D53, Arquivo Mast.

Em 21 de março de 1925, o jornal A Cidade divulgou uma nota sobre a importância da descoberta da cerâmica de Santarém e destacou o nome de Nimuendajú como um “ilustre cientista”:

Cerâmicas indígenas encontradas na cidade de Santarém e enviadas para o Museu de Goteborgs, na Suécia, são consideradas preciosas relíquias e confirmam as afinidades, até então não comprovadas, da cultura dos primitivos habitantes da América Central com a dos povoadores indígenas da Amazônia.

Uma cidade paraense, Santarém, acaba de fornecer um valiosíssimo contingente para as investigações científicas sobre as relações de cultura dos primitivos povos da América Central com os indígenas da Amazônia. As pesquisas a este respeito datam de muito tempo, estando nelas empenhados sábios europeus, entre os quais o maior etnólogo dos que se tem especializado sobre os primitivos habitantes da América do Sul, Esland Nordenskiöld, diretor do Museu de Goteborgs, na Suécia. Sábios de vários países admitiam aquela hipótese, que passou a ser agora uma realidade pelos estudos feitos a respeito das cerâmicas encontradas na cidade tapajônica.⁵⁴

Em 1934, Nimuendajú realizou uma viagem à Europa, durante um semestre que passou em Gotemburgo. Durante essa estadia, ele visitou o Museu de Gotemburgo. Além disso, aproveitou a oportunidade para fazer visitas aos museus alemães: o Museu de Leipzig, Dresden, Hamburgo, e o Instituto de Etnologia da Universidade de Leipzig. É importante mencionar que durante os anos de 1928 a 1930, Nimuendajú foi contratado para coletar objetos indígenas por aquelas instituições (Schröder, 2011).

Em carta para Carlos Estevão, Nimuendajú relata sua estadia no Museu de Gotemburgo:

No mais, foi um engano meu esperar que podia aprender alguma coisa na convivência com os etnólogos do Museu. Pelo menos em matéria de americanística eles é que podiam aprender de mim, esta é a dura verdade. Kaudern da América nada sabe; Rydén, que tem 26 anos, talvez ainda dê para alguma coisa quanto tiver 40; Lóven que tem 60 anos e parece ter 80, é enciclopédia ambulante, mas inteiramente concentrado nos seus Taino; Wassén, que tem a mesma idade de Rydén, foi-se embora pra Colômbia. Izikowitz não está mais no Museu porque Kaudern é anti-semita; Bolinder, Linné, Montell e Rosen então em Estocolmo. Eu tenho a nítida impressão que os dias de glória do Museu de Göteborg já passaram; Nordenskiöld não deixou quem o substituisse.

Restam como vantagens da minha estada aqui as coleções e as bibliotecas, mas também nisto há senões: no Museu de Göteborg, como, aliás, nos outros que vi também, não estão expostas as culturas dos povos integralmente, mas só séries de elementos característicos, primeiro porque de grande número de povos coleções completas também aqui não existem; segundo, por falta de espaço. Felizmente, as únicas culturas convenientemente expostas em sala são as do Canelas e a dos Apinayé! O material sobre os índios sul americanos que eu vi no Museu de Berlim e nos seus armazéns é seguramente cinco vezes maior do que o do Museu de Göteborg, mas o daqui representa maior número de tribos e representa o continente com maior regularidade de distribuição. (Carta de Nimuendajú para Carlos Estevão, 09/06/1934, Nimuendajú, 2000, p. 213).

⁵⁴ Jornal A Cidade, 21/03/1925.

O etnólogo faz uma severa crítica aos profissionais da instituição, considerando os antropólogos do Museu de Gotemburgo típicos estudiosos de museus que não saem de seus gabinetes para pesquisas de campo. Relata, ainda, que tais pesquisadores não estavam tão interessados em estudar as populações indígenas, que o tempo de interesse para esses assuntos era quando o Nordenskiöld foi diretor e que não deixou quem o substituísse.

A foto abaixo foi feita no Museu de Gotemburgo, na ocasião da sua viagem pelo Europa para conhecer as coleções que formou:

Figura 19 - Nimuendajú no Museu de Gotemburgo.



Fonte: Grupioni (1998).

Indagações quanto ao seu valor científico, seja de coleções que permaneceram no Brasil ou foram para a Europa, representam não apenas o valor arqueológico em torno dos objetos, mas também o potencial do seu coletor, nesse caso, Curt Nimuendajú. Possivelmente as coleções formadas pelo etnólogo foram disputadas pelas instituições que privilegiaram o nome do coletor.

No âmbito da pesquisa arqueológica, Nimuendajú (2004) apresentou várias análises sobre o material coletado, destacando uma série de características distintivas da cerâmica das regiões investigadas, especialmente atribuídas aos indígenas Tapajó, e essas características incluem a abundância de figuras antropomórficas e zoomórficas, muitas vezes representadas na forma de cabeças, com olhos e lábios salientados. Essas representações de humanos e animais têm a ver com uma forma de ilustrar essas relações de predação e de convivência.

Ocasionalmente são feitas descobertas nas orelhas das figuras humanas, e as cabeças podem ser decoradas com ornamentos em forma de fita cujas extremidades se cruzam na parte de trás da cabeça. Geralmente as cabeças são planas, assemelhando-se a máscaras, e as cabeças de animais frequentemente têm o nariz apoiado nas patas dianteiras. Figuras não são apenas estilizadas, mas moldadas com funcionalidade em mente, muitas vezes incluindo alças. Essas alças são formadas pelo nariz de uma face humana, que é alongada e curvada em direção à testa. Nas figuras de pássaros, o bico é espiralado, possivelmente para permitir a suspensão dos vasos por meio de ganchos. As cabeças grandes são ocas e planas, provavelmente devido à técnica de fabricação, que foi associada ao uso de cachimbos pelos habitantes atuais (na década de 1920) (Nimuendajú, 2004).

O etnólogo documentou os vasos Tapajó, que variavam em formas e tamanhos. Eles apresentavam decorações comuns, incluindo padrões geométricos, figuras antropomórficas e zoomórficas estilizadas e motivos inspirados na natureza. Alguns desses vasos tinham propósitos cerimoniais, enquanto outros eram destinados ao armazenamento de alimentos e de água (Figura 20).

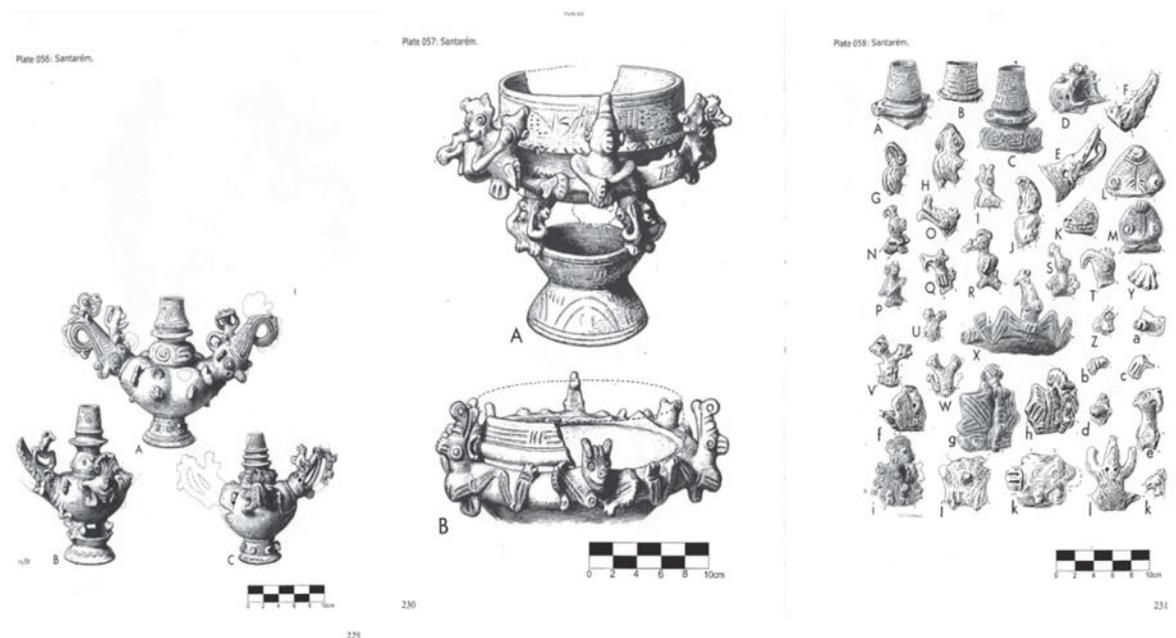
As estatuetas, predominantemente representando figuras humanas e animais, eram frequentemente esculpidas em cerâmica, exibindo detalhes minuciosos, como ornamentos corporais, expressões faciais e posturas simbólicas. Elas podiam retratar líderes comunitários, xamãs, divindades ou figuras mitológicas de importância (Figura 20).

Os adornos compreendiam uma variedade de peças usadas para embelezar o corpo e indicar status social, alguns carregando significados rituais ou simbólicos específicos. Entre os artefatos líticos, estavam machados, pontas de flecha, raspadores e outras ferramentas de pedra, empregadas em atividades como caça, agricultura e construção (Figura 20).

Essas cerâmicas não apenas serviam para propósitos práticos no cotidiano dos Tapajó, mas também desempenhavam papéis significativos em suas práticas culturais, rituais e sistemas de crenças.

Segundo Nimuendajú (2004), a decoração pintada é rara e relativamente insignificante em comparação com os ornamentos em relevo. As alças apresentam uma variedade de formas, desde protuberâncias simples e planas, com ou sem aberturas para suspensão. Há uma grande variedade de pés, principalmente antropomórficos, que podem ter sido usados como base para vasos. Impressões de dedos com decorações nas bordas, fusos de pedra com decoração na parte plana ou na borda feitos de arenito vermelho, bem como pequenos discos sem buracos, que poderiam ter sido usados como adornos para orelhas e lábios, também foram identificados. Essas características proporcionam uma visão fascinante da arte cerâmica dos indígenas Tapajó e sua rica expressão cultural, o que foi de interesse para o Museu de Gotemburgo.

Figura 20 - Pranchas presentes em “In pursuit of a Pasta Amazon”.



Fonte: Nimuendajú (2004).

No livro “In pursuit of a Past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region”, uma ampla gama de imagens de cerâmica ilustra a interpretação da cultura tapajônica sob a perspectiva de Nimuendajú. Conforme evidenciado na Figura 20, as características mais marcantes dessa cultura se manifestam na produção diversificada de cerâmica, que varia desde utensílios utilitários até peças decorativas elaboradas. A cerâmica Tapajó frequentemente exibia pinturas intrincadas e relevos sofisticados, retratando uma variedade de temas, como momentos da vida cotidiana, figuras antropomórficas e zoomórficas,

além de símbolos geométricos e mitológicos. Nimuendajú (2004) interpretou que a arte cerâmica dos Tapajó seguia uma tradição forte e não permitia desvios, evidenciada pela consistente regularidade estrutural observada na figura acima.

Nimuendajú (2004) também fez comparações com descobertas em outras regiões, como Faro, no rio Nhamundá, e Oriximiná, no rio Trombetas. Ele constatou que o estilo cerâmico nessas localidades era praticamente idêntico, a partir da hipótese de que os indígenas dessa área compartilhavam os mesmos ídolos culturais com os Tapajó. Isso levou o etnólogo a cunhar a expressão “zona Nhamundá, Trombetas, Tapajós e Lago Grande”, caracterizada pela presença de muiraquitãs, ídolos de pedra, ausência de urnas funerárias ou outros locais de sepultamento e a presença de um estilo cerâmico distintivo que ocupava uma posição proeminente na região. Essas descobertas ressaltam a conexão cultural e estilística entre diferentes grupos indígenas nessas áreas geográficas, lançando luz sobre as complexas interações culturais e a disseminação de elementos culturais ao longo do Baixo Amazonas.

As ações do etnólogo estavam intrinsecamente vinculadas ao trabalho de campo arqueológico. Isso envolveu a realização de escavações, a organização meticulosa das peças coletadas, a realização de análises desses materiais, e associado a esse trabalho, o livro “In pursuit of a past Amazon” acompanha desenhos sistemáticos de todas as peças coletadas, com duas ou três formas de perspectivas da mesma peça, o que complementa o trabalho do etnólogo. Além disso, ele formulou diversas teorias com o objetivo de identificar as culturas indígenas responsáveis pela criação das cerâmicas.

Nimuendajú desempenhou um papel pioneiro conduzindo uma pesquisa arqueológica abrangente que reuniu dados cruciais para a compreensão da disseminação das cerâmicas relacionadas à arqueologia tapajônica e suas variantes. Essas informações continuam a ser valiosas para os arqueólogos contemporâneos que se dedicam a estudos na mesma área. Seu trabalho deixou um legado duradouro, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento na área de estudo.

Além do trabalho minucioso de pesquisa arqueológica prolongado por Nimuendajú, ele também se dedicou a uma pesquisa de natureza historiográfica, elaborou um extenso catálogo bibliográfico e compilou fontes de cronistas que tratavam dos indígenas Tapajó e da região em questão. Parte desse material é referenciada em seu Mapa etno-histórico.

Um dos resultados específicos do seu estudo na região de Santarém é o artigo intitulado “Os Tapajó”. Embora Nimuendajú tenha concebido inicialmente essa obra como uma fonte de informações arqueológicas, de modo que ele mesmo a classificou como “literatura

arqueológica”, no final do texto, em fontes consultadas, após uma análise mais profunda, fica claro que o documento contém dados de natureza historiográfica e etnológica, refletindo o contexto profissional de Nimuendajú, que estava imerso em práticas tanto arqueológicas quanto etnológicas.

No próximo capítulo será apresentada uma análise das diferentes versões do artigo, destacando a relevância dessas obras em momentos distintos e a contribuição para o campo da etnologia e arqueologia.

2. CAPÍTULO 2: “OS TAPAJÓ” (1923-2004): DE RELATÓRIO A ARTIGO

O capítulo inventaria e examina as nove versões do artigo intitulado “Os Tapajó”⁵⁵, analisando sua contextualização nas publicações acadêmicas, jornal e livro em que circulou, bem como as suas diferentes épocas, idiomas (alemão, português e inglês), públicos e instituições. Ele foi postumamente reorganizado por editores que atribuíram novos significados ao trabalho a partir de dados relevantes para compreender as pesquisas arqueológicas e históricas realizadas por Nimuendajú. O texto possui relevância para a arqueologia e para a etnologia, interligada com a história apresentando um panorama sobre a população indígena Tapajó. A análise das versões do artigo teve como base a versão de 1938a, por estar assinada por Nimuendajú, partindo da ideia de um protótipo do que se tornou as demais versões.

O capítulo foi estruturado em subseções para melhor examinar as diferentes cópias e edições do artigo: 2.1 – “Die Tapajó” (1923/1926): os manuscritos⁵⁶; 2.2 – “Os Tapajó” (1938): Coleção Carlos Estevão de Oliveira, MEPE; 2.3 – “Os Tapajó” (1949a): Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi; 2.4 – “Os Tapajó” (1949b): Jornal A Província do Pará; 2.5 – “The Tapajó” (1952): Kroeber Anthropological Society; 2.6 – “Os Tapajó” (1953): Revista de Antropologia; 2.7 – “The Tapajó” (2004): a obra “In Pursuit of a Past Amazon”. Essas subseções seguem uma ordem cronológica tanto de escrita quanto de publicação, com o objetivo de apresentar as conexões que surgiram entre o texto escrito, editado, traduzido e publicado.

2.1. "Die Tapajó" (1923/1926): manuscritos

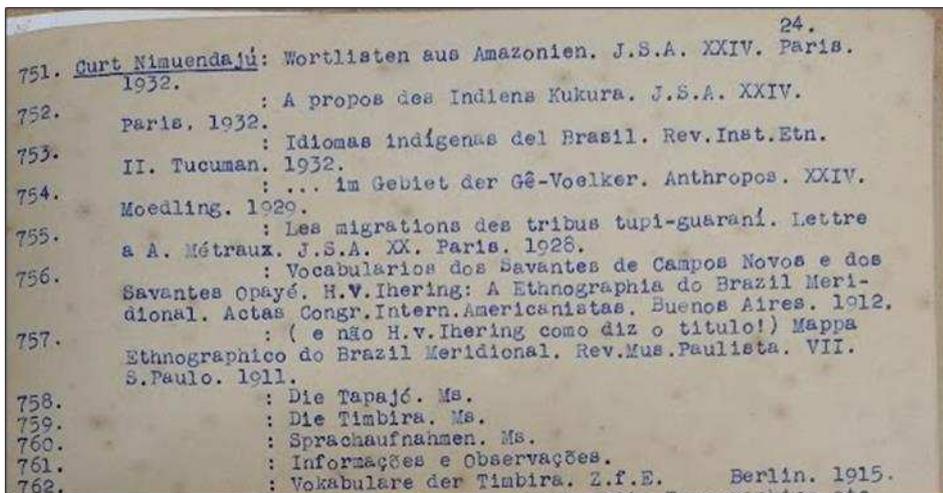
O artigo intitulado “Os Tapajó” tem um ponto fundamental que influenciou as publicações póstumas em várias revistas científicas: o manuscrito. Curt Nimuendajú menciona um texto escrito em alemão intitulado “Die Tapajó”, datado de 1923 e 1926. Isso o coloca como um registro escrito obtido diretamente do trabalho de campo arqueológico, contendo informações abrangentes sobre a cultura tapajônica e que foi enviado para o Museu de Gotemburgo como relatório das atividades financiadas pela instituição, em que Nimuendajú se direciona para o museu indicando limitação em obter peças para o museu (Nimuendajú, 2004).

⁵⁵ Das nove versões, tive acesso apenas aos originais de sete.

⁵⁶ Apesar de ter entrado em contato com o Museu da História Mundial, não consegui obter acesso à versão de 1923, e não recebi nenhum retorno da instituição. Da mesma forma, a versão de 1926 está registrada na base de dados do Museu Nacional, porém o arquivo físico não está disponível para consulta devido ao trágico incêndio que ocorreu no prédio em 2018.

O próprio etnólogo faz referência ao texto como fonte bibliográfica nas versões do Mapa etno-histórico:

Figura 21 - Página do índice de referências do Mapa etno-histórico.



Fonte: Nimuendajú (1938).

No primeiro Mapa etno-histórico, elaborado em 1938, presente no Museu do Estado de Pernambuco, há uma menção ao manuscrito em alemão, porém sem a data, identificada como número 758. Nas outras versões do mapa disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o manuscrito em língua alemã também é posicionado como número 758, porém com a data de 1938. Já o mapa digital disponível em 2022 na plataforma Nimuendajú não traz informações sobre o ano do texto.

A data de 1926 foi divulgada por John Howland Rowe em notas complementares adicionadas ao texto “The Tapajó”, publicado em 1952 pela *Kroeber Anthropological Society*. Rowe (1952) menciona que Helen Palmatary possuía uma cópia do texto em alemão, datado de 5 de setembro de 1926 (Nimuendajú estava finalizando suas pesquisas na região de Santarém, no Pará), contendo 7 páginas, datilografadas e assinadas pelo autor. No texto, não há a seção sobre vestuário presente na versão em português de 1938, mas há uma seção com informações diferentes sobre povoados antigos. No entanto, o restante do conteúdo é idêntico às versões publicadas posteriormente e não inclui uma bibliografia.

No trabalho de Palmatary (1960), intitulado “The Archaeology of the lower Tapajós Valley, Brazil”, há um diálogo com os textos “Os Tapajó” (1949) e “The Tapajó” (1952), nos

quais são incluídos dados escritos por Nimuendajú que foram publicados pelo Museu Goeldi e pela The Kroeber Anthropological Society.

Rowe (1952) também menciona que outra cópia em língua alemã está arquivada na coleção arqueológica de Nimuendajú no Museu de Gotemburgo. Essa cópia foi traduzida para o inglês por Stig Rydén (2004) na década de 1950, como parte do projeto de publicar os relatórios do etnólogo sobre a Guiana brasileira e a região do Baixo Amazonas, produzidos para a instituição. Essa versão foi datada de 5 de setembro de 1923 e se trata de um texto em caráter de relatório entre abril e agosto de 1923 sobre as atividades de Nimuendajú em campo. O projeto editorial teve sucesso apenas em 2004, quando o livro *In Pursuit of a Past Amazon: archaeological research in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* foi publicado. O texto contém informações acrescentadas pelos editores, que serão apresentadas. Segundo Stenborg (2004), o texto escrito em alemão difere em alguns pontos da versão traduzida por Rowe e publicada em 1952, como o item traje que não está na versão de 1923 e consta na versão de 1952.

Uma adicional sobre o manuscrito de 1926 é a possibilidade de ter existido uma cópia no Museu Nacional, pois o documento é mencionado na base de dados Minerva, associada ao Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN), onde o Arquivo Curt Nimuendajú estava localizado. Elena Welper (2002), que conduziu uma pesquisa minuciosa nesse arquivo em sua dissertação de mestrado, não encontrou o texto “Die Tapajó” entre os demais arquivos de Nimuendajú, apenas uma versão em português de 1938. Essa informação consta no apêndice de sua dissertação. De qualquer forma, se essa cópia estava presente, ela foi destruída pelo incêndio que ocorreu no prédio da instituição em 2018.

Figura 22 - Base Minerva com informações sobre "Die Tapajó".

The screenshot shows the Minerva database interface from the Universidade Federal do Rio de Janeiro. The top navigation bar includes links for Login, Encerrar Sessão, Preferências, Bibliotecas, Fale Conosco, Pedido de EEB, Ajuda, and A+ e-. Below this is a search bar with 'Busca por Palavras' and 'Índices' options. The main content area displays the record for 'Die Tapajó' with the following details:

No. Registro	000692349
Material	Livro
Autor Principal	Nimuendajú, Curt, 1883-1945
Título	Die Tapajó /
Imprenta	Belém, 1926.
Descrição	7 f. ; 29 cm.
Acervo Geral	Todos os itens
Itens na Biblioteca	CELIN

Additional information includes 'Registro Completo', 'Registro 2 de 4', and a list of 'Algumas obras da mesma coleção:' with links to related records. The bottom navigation bar contains links for Encerrar Sessão, Preferências, Fale Conosco, Ajuda, EEB, Ex Libris, Índices, Busca por Palavras, Resultados, Buscas Anteriores, and Bibliotecas.

Fonte: Base Minerva (2023).

O registro disponível na página da base Minerva coincide com as informações fornecidas por Rowe (1952), baseadas na fonte de Palmatary, de que o texto em alemão possui 7 páginas. A base Minerva também indica a existência de 4 registros com o título “Die Tapajó”, indicando o mecanismo de divulgação além da instituição para a qual financiava sua pesquisa.

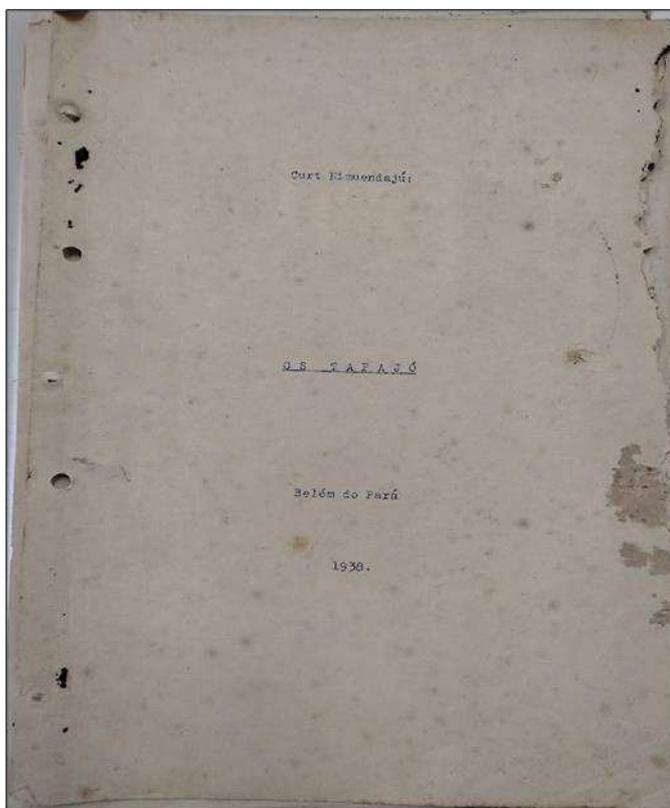
“Die Tapajó” reflete a preferência de Curt Nimuendajú por escrever em sua língua materna. Esse texto é um relatório na medida que foi encaminhado ao Museu de Gotemburgo em decorrência do financiamento da pesquisa, do que se tornaria o manuscrito em português.

2.2. "Os Tapajó" (1938): Coleção Carlos Estevão de Oliveira, MEPE

No arquivo da Coleção Carlos Estevão de Oliveira, no Museu do Estado de Pernambuco, há duas versões datadas em 12 de abril de 1938, que são referidas como o “manuscrito” por Nimuendajú, sendo que uma delas está assinada pelo etnólogo. É provável que esses dois documentos façam parte do arquivo porque Nimuendajú os enviou para Carlos Estevão de Oliveira, já que ele tinha o hábito de remeter seus escritos para revisão. Outra possibilidade é que Carlos Estevão de Oliveira tenha adquirido as cópias e outros arquivos diretamente de

Joselina, esposa do etnólogo, após o falecimento de Nimuendajú em 1945. Infelizmente os documentos da coleção não fornecem mais informações sobre esse assunto.

Figura 23 - Primeira página de "Os Tapajó", 1938a.



Fonte: Arquivo CECEO (2022).

A primeira cópia (1938a), apresentada na imagem acima, está assinada por Nimuendajú com tinta preta e datada em “Belém do Pará, em 12 de abril de 1938”. O texto contém nove páginas e termina com um croqui desenhado à mão, que lista o nome de localidades da região do Baixo Amazonas onde Nimuendajú encontrou peças relacionadas à cerâmica Tapajó. O documento foi datilografado com tinta azul e inclui anotações e correções feitas pelo próprio etnólogo.

A forma como o etnólogo optou por escrever soa como ele estivesse contando uma história com base em suas leituras da documentação de viajantes que passaram pela região. Redigiu o texto como uma etnografia, com base nos escritos dos cronistas, pois acreditava na extinção desse povo e, portanto, não fazia sentido mencionar indivíduos que não eram Tapajó naquele momento.

O texto foi organizado em 15 itens: Histórico, Nome, Habitat, Número, Língua, Caráter, Organização Social, Casamento, Tratamento do Mortos, Religião, Alimentação, Indústria,

Armas, Moradas Antigas e Ponto de Contato. Essa estrutura é como o *Handbook of South American Indians*⁵⁷ organizou seus artigos para publicação. Um exemplo é o artigo “The Maué and Arapiun” de Nimuendajú, publicado no Handbook em 1948, que focalizava os grupos indígenas do Baixo Amazonas, no Pará. Esse artigo, com cerca de 10 páginas, seguia uma abordagem em itens, o que permitia uma apresentação ordenada das informações. Nimuendajú, ao escrever sobre esses grupos indígenas, utilizou fontes históricas como base para suas pesquisas e observações. Além disso, o autor incluiu informações sobre a situação contemporânea dos Maué e dos Arapiun, fornecendo uma perspectiva atualizada sobre suas condições e contexto social. É importante ressaltar que Nimuendajú também aplicou essa abordagem em seu trabalho “Os Tapajó”, no qual incorporou informações arqueológicas adicionais para complementar sua análise etnográfica.

Esse estilo de escrita adotado no “Handbook of South American Indians” era uma prática padrão para etnografias no século XX. Através dessa estrutura, os pesquisadores poderiam fornecer informações de forma organizada e criteriosa, garantindo a conformidade com os padrões acadêmicos de publicação da época.

Curt Nimuendajú iniciou o texto com o *Histórico*, narrando a população tapajônica com base nas fontes dos viajantes. Ele menciona que “quando Orellana desceu o Rio Amazonas em 1542 e chegou próximo à foz do Rio Tapajós, a embarcação foi corajosamente atacada por duas flotilhas de canoas de índios que saíram de um braço do rio” (Nimuendajú, 1938, p. 1). O texto continua nesse diálogo com as fontes, e várias vezes Nimuendajú contextualiza os seus dados com referência dos viajantes que estão constantemente indo e vindo pela região, como a presença de Maurício de Heriarte.

O etnólogo acrescentou uma descrição sobre o povo Tapajó no texto, mencionando: “outra breve descrição da tribo devemos ao ouvidor Maurício de Heriarte, que um ano depois da fundação da missão viajou pelo Amazonas. Era então a aldeia Tapajó a mais populosa de todas as conhecidas” (Nimuendajú, 1938, p. 2). Ele associa esses dados ao artigo para apresentar aos leitores uma caracterização da população indígena.

Nimuendajú também destacou a presença de países europeus em contato com os indígenas, como Espanha, Inglaterra e Portugal. No entanto, foram os portugueses que seguiram

⁵⁷ A contribuição de Nimuendajú para o Handbook seguiu um perfil de um colaborador local, responsável por descrições de populações indígenas específicas. Mais tarde o editor do Handbook, Julian Steward, reconheceu a importância do trabalho antropológico de Nimuendajú (Faulhaber, 2012).

a missão de “conquistar” os Tapajó. Em seu relato sobre a empreitada portuguesa, Nimuendajú menciona o seguinte:

Quando P. Betendorf, em fins dos 90 do século XVII concluiu a sua crônica, aquela aldeia tão populosa na foz do Tapajos tanto como as numerosas aldeias da terra adentro estava completamente destruída pela cobiça dos moradores brancos. Pela última vez se encontra o nome das tribos Tapajos e Urucú na lista das tribos indígenas do Rio Tapajós dada por Ricardo Franco de Almeida e Serra em 1779. Martius achou em 1820 os Tapajocôs estavam completamente extintos” (Nimuendajú, 1938, p. 2).

O termo "cobiça" foi acrescentado à mão pelo etnólogo, substituindo a palavra original, “ganância”, que estava datilografada no papel, tornando-a ilegível. No entanto, esse termo se encaixa para descrever o que aconteceu com o povo Tapajó.

Ao abordar o tema *Nome*, Nimuendajú aponta diversos termos utilizados, dentre os quais: Topaio, Topayos, Rapajosos, Trapajosos, Estrapajoses, Tapajotos, Tapajocos e Tupaio. Esses termos foram mencionados por Carvajal, Samuel Fritz, Laureano de La Cruz e Hartt. Nimuendajú destaca que Hartt se referiu ao termo Tupaio, mencionando que o povo o pronunciava dessa forma. Para esclarecer o significado do termo, o etnólogo cita Martius, que explica que o nome Tapajocôs significa “mergulhadores, aqueles que trazem do fundo”. Nesse ponto do texto é perceptível a voz do autor, utilizando pronomes como “eu”. O etnólogo questionou a explicação dada por Martius e acrescentou uma informação que dialoga com sua experiência como linguista, ao afirmar:

Explicação esta que não me parece aceitável. O nome não tem sentido na língua geral e pertence, como tantos outros nomes geográficos no longo do Amazonas e da costa Norte do Brasil que apresentam o final -jó e yú, a uma língua hoje extinta que visivelmente dominava nessas regiões antes da expansão da língua Tupí (Nimuendajú, 1938, p. 2).

Nimuendajú demonstrou que não conhece a língua indígena ao falar o nome do povo tapajônico, deixando claro que ela não estava relacionada ao Nheengatu. Apesar da relevância dessa informação no texto, Nimuendajú não explicou o motivo de ter escolhido o termo “Tapajó” para se referir à população indígena.

No tópico *Habitat*, mencionou, especificamente, com base em documentos, que os Tapajó estavam localizados em Alter do Chão, mas com uma grande expansão por todo o território, inclusive acentuou que o sítio arqueológico no bairro Aldeia, em Santarém, era extremamente denso. Nesse mesmo espaço geográfico havia outra etnia mencionada por Nimuendajú, como “os Urucucuzes de Betendorf, Aruyucuzes de Texeyra e Orucucuzes de Heriartes” (Nimuendajú, 1938, p. 3). Eles estavam situados nos rios Amazonas e Tapajós. É

possível que os Tapajó estivessem estabelecidos no lado oriental e os Urucucú no lado ocidental do rio Tapajós.

Ao descrever os *Números*, relatou que os Tapajó eram um povo numeroso. Segundo Heriartes, eles possuíam a maior aldeia de todas as conhecidas e poderiam mobilizar cerca de 60.000 arcas (Nimuendajú, 1938). Estimando uma população de 240.000, Nimuendajú conclui que os vestígios arqueológicos confirmam a existência de uma população numerosa.

O etnólogo dedicou um tópico à descrição da *Língua*. Ele começa o parágrafo afirmando que “nenhuma das duas tribos na foz do Tapajós falava Tupi” (Nimuendajú, 1938, p. 3). A fonte utilizada por Nimuendajú é o Padre Bettendorff, quem afirmou que quando os visitou pela primeira vez, em 1661, precisou de um intérprete, mesmo sendo autor de livros na língua geral, o que indica que os índios não falavam Tupi (Nimuendajú, 1938). Isso se refere a uma língua que se extinguiu juntamente com o povo, segundo essas informações.

Em relação ao *Caráter*, Nimuendajú destacou que os Tapajó eram uma população respeitada pelos vizinhos e pelos portugueses, quem os consideravam amigos. No tópico *Organização Social*, Nimuendajú mencionou a estruturação em "ranchos", com 20 a 30 famílias. O etnólogo acrescentou que o termo "rancho" não era suficiente para explicar a organização, pois poderia se referir a casas coletivas ou a locais diferentes. Isso demonstra o cuidado de Nimuendajú em esclarecer os dados disponíveis no texto.

O etnólogo também citou a presença de uma nobreza entre os Tapajó e enfatizou a figura de Maria Moçara, citando diretamente o que Bettendorff escreveu: “era Maria Moçara, diz ele, princesa desde seus antepassados, de todos os Tapajós” (Nimuendajú, 1938, p. 4). Nimuendajú esclareceu que, em guarani, Moçara significa estimada. Em seguida ele abordou o tema do *Casamento*, citando novamente Bettendorff, ao afirmar que os Tapajó praticavam a poliginia, permitindo que os homens tivessem mais de uma esposa, e que as mulheres eram punidas com afogamento por adultério.

No tópico *Tratamento dos mortos*, Nimuendajú narrou, com base no que Heriarte escreveu, o processo de mumificação dos corpos e o consumo da carne e dos ossos moídos. Logo em seguida o etnólogo apresenta a *Religião*. Nimuendajú destacou a indignação dos portugueses com os cadáveres mumificados e os rituais que eram realizados. Ele também acrescenta uma história relatada por João Daniel sobre “sete múmias dos antepassados guardadas numa casa escondida no fundo da mata e somente conhecida pelos anciãos” (Nimuendajú, 1938, p. 4). Especificamente ao descrever a religião, Nimuendajú faz uma associação com dados arqueológicos:

A festa rematava com cantigas e danças gerais. Betendorf também menciona este “terreiro do diabo”: era na mata e conservado muito. Para as danças as mulheres levavam bebidas para lá. Depois as acocoravam, cobrindo os olhos com as mãos para não ver (Nimuendajú, 1938, p. 4, grifo nosso).

Especificamente nesse trecho, Nimuendajú escreveu à mão um asterisco e observou no final da página “a posição das caryátides em certos vasos sacraes!” (Nimuendajú, 1938, p. 5). Isso mostra a conexão entre a religião tapajônica e os objetos produzidos por eles, que estão associados às práticas religiosas (Figura 24).

Figura 24 - Vaso de Cariátides com os olhos cobertos, da Coleção Nimuendajú do Museu de Gotemburgo.



Fonte: <https://collections.smvk.se/carlotta-vkm/web/object/63737>.

No tópico *Armas*, Nimuendajú enfatizou a importância das flechas envenenadas, que eram bem-feitas e adornadas com penas, mas também eram temidas. Um ferimento causado por essas flechas era fatal. Os crânios dos inimigos eram guardados como troféus. No trecho a seguir, é importante observar que o etnólogo usou tanto a expressão "atuais descendentes dos Tapajó" quanto "os antigos Tapajó", chamando a atenção para a distinção entre as gerações passadas e as presentes:

As flechas de peixe dos atuais descendentes dos Tapajó, civilizados, distinguem-se por uma emplumação radial, bem feita e bonita. As penas são curtas e aparadas, a amarração de fio de algodão do lado do recorte da flecha produz efeito de um ornamento. O arco é chato pelo lado da corda e fortemente convexo pelo lado de fora. Que os antigos Tapajó sabiam aplicar veneno em comidas para desfazer-se de pessoas prejudiciais resulta de diversas passagens de Betendorf (Nimuendajú, 1938, p. 5).

Existe uma questão sobre os "descendentes dos Tapajó" e os "antigos Tapajó" levantada no texto. Nimuendajú estava se referindo aos habitantes atuais da região na ocasião das suas pesquisas, que passaram por mudanças culturais, mas ainda eram indígenas Tapajó. Isso contradiz a afirmação do etnólogo de que esse povo indígena já estava extinto, sugerindo que Nimuendajú estivesse, talvez, questionando essa informação. No entanto, ele não apresentou dados produzidos por si que comprovem a presença dos Tapajó na década de 1920, contando apenas com informações arqueológicas.

O tópico crucial do texto é *Moradas Antigas*, no qual Nimuendajú tem como objetivo escrever sobre os dados coletados em campo. É nesse momento que o etnólogo evoca seu papel como arqueólogo profissional e explica a interconexão entre o povo, os objetos e os dados históricos. Ele inicia o texto citando Hartt e Smith, que no século XIX reconheceram as terras pretas no Planalto ao sul de Santarém como antigas moradias indígenas. No entanto Nimuendajú expressa sua surpresa por nenhum dos dois terem conhecimento da maior terra preta, localizada em Santarém Aldeia. Em seguida ele discorre sobre suas próprias informações:

De 1923-1926 eu determinei 65 moradas antigas de índios em Santarém, ao Sul desta cidade, na região de Alter do Chão e de Samahuma, na margem direita do Amazonas, entre a boca daquele lago e a do Arapixuna, todas da cultura Tapajó. Contudo acredito que esse número não representa ainda a metade sequer das jazidas daquela cultura existente na região (Nimuendajú, 1938, p. 6).

Nimuendajú então descreveu o local onde essas terras pretas foram encontradas, destacando que a terra preta de Santarém Aldeia forneceu muitos materiais de alta qualidade, sendo mais importante do que todas as outras terras pretas. Essa área está localizada em uma parte da cidade de Santarém, atualmente conhecida como bairro Aldeia. O etnólogo expressa sua admiração pela riqueza do material cultural presente nesse local e ressalta a necessidade de mais estudos arqueológicos para explorar todo o potencial dessas descobertas.

No último tópico do texto, intitulado *Ponto de Contato* (Figura 25), Nimuendajú fez um comentário geral expressando sua opinião sobre o material escavado por ele e estabeleceu um diálogo com informações da pesquisadora Helen Palmatary. Ele mencionou uma carta particular desconhecida, que conecta as peças encontradas na região de Santarém com materiais do norte da Venezuela, revelando a existência de uma troca de conhecimento entre os pesquisadores com propósitos acadêmicos. Esse aspecto ressalta a importância dessas descobertas para o campo da pesquisa científica.

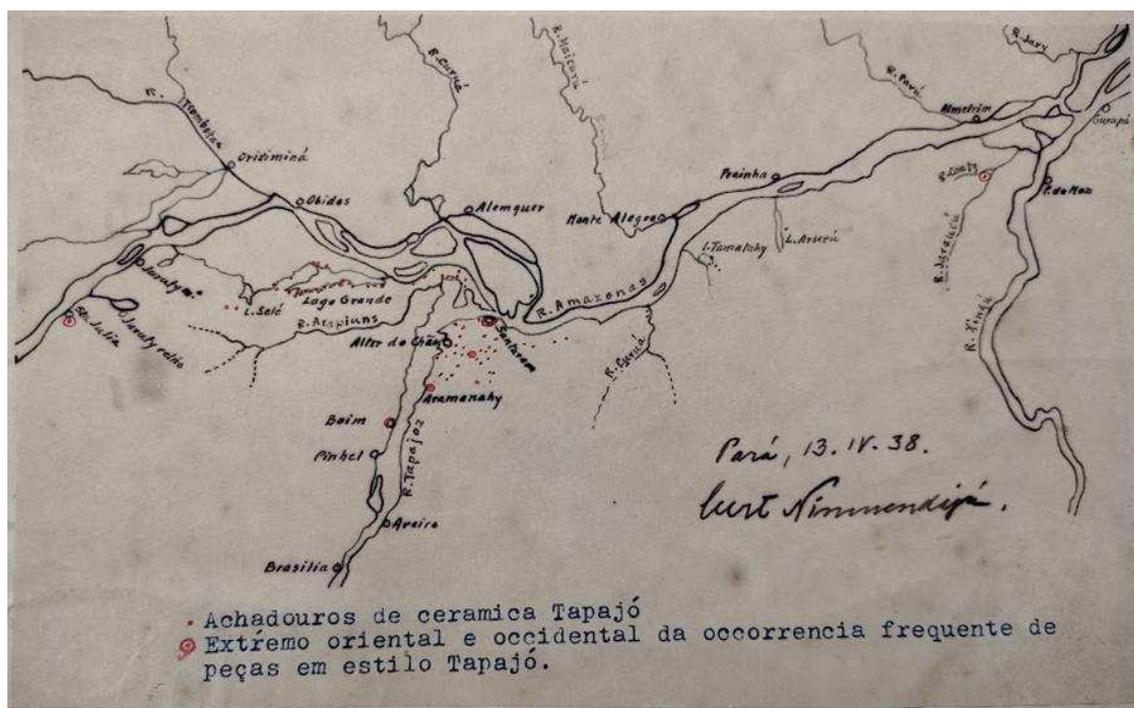
Figura 25 - Item "ponto de contato" da versão de "Os Tapajó".

porem parece existir em Aramanahy, pouco acima de Samanuma.
Pontos de contacto: Nenhum estilo ceramico em territorio brazilero apresenta tantos elementos em commum com os estilos da parte meridional da America Central (Chiriquí, Darién) como o dos Tapajó. Taes são: os caryátides assentados sobre um pé anular, os vasos tripodes, as figurinhas sentadas, os olhos em forma de ☉ e de ☾, o motivo "mão no rosto", rãs subindo pela parede exterior do vaso, etc. O caminho pelo qual chegou este conjunto de elementos até a foz do Tapajoz ainda não foi determinado, devido á grande falta de material proveniente das regiões intermediarias. Parece porém que não foi a via pela costa e pelo Amazonas acima, porque na região da foz deste rio falta a maioria daquelles elementos.

Fonte: Arquivo CECEO (2023).

A imagem exibida acima destaca os acréscimos feitos à mão por Nimuendajú para explicar os fragmentos encontrados nas cerâmicas tapajônicas, levantando questionamentos arqueológicos e estabelecendo associações com outros estilos de diferentes regiões do continente americano. Além disso, o etnólogo acrescentou um croqui para demonstrar essas descobertas de peças tapajônicas (Figura 26).

Figura 26 - Croqui dos "achados" de cerâmica Tapajó no Baixo Amazonas.

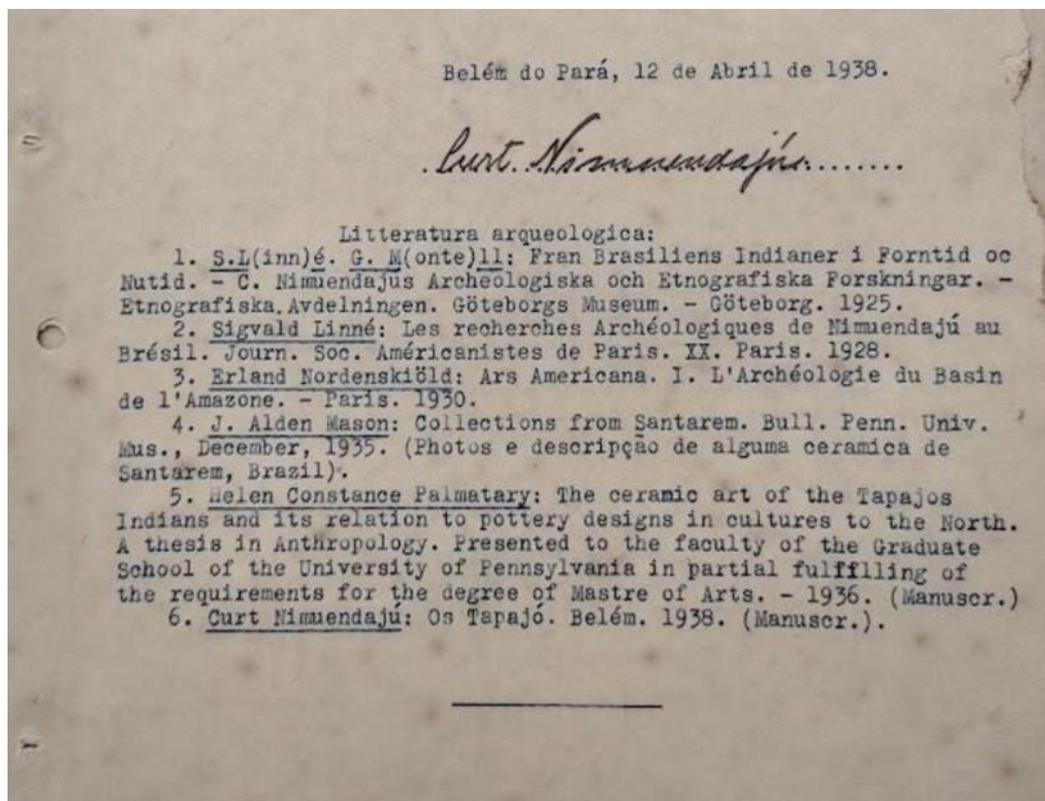


Fonte: Arquivo CECEO (2023).

O croqui não apenas mostra onde as peças tapajônicas foram encontradas, mas também revela um deslocamento desses objetos, que circularam pela região.

Curt Nimuendajú conclui o texto identificando sua localização, data e assinatura. O etnólogo incluiu uma “literatura arqueológica” (Figura 27) e não menciona especificamente os documentos dos viajantes aos quais se refere durante a escrita deste texto.

Figura 27 - "Literatura arqueológica" na versão de 1938.

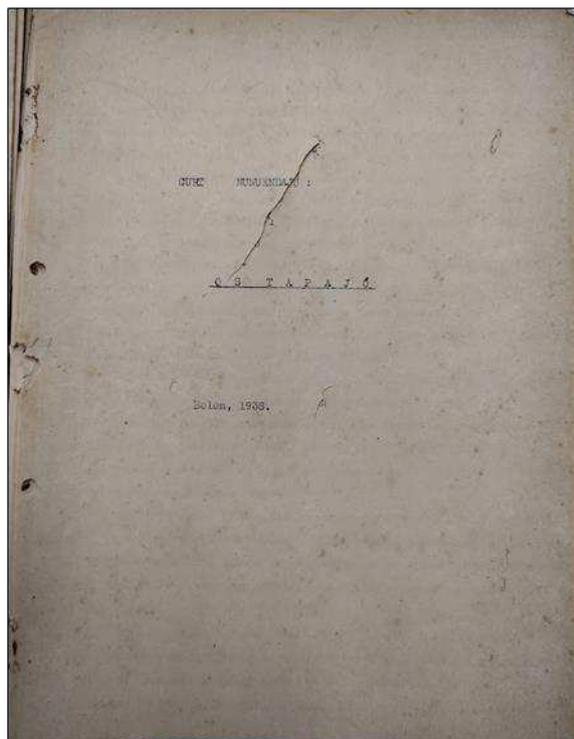


Fonte: Arquivo CECEO (2023).

A literatura arqueológica não é mencionada ao longo do texto, mas desempenha um papel de apoio teórico para abordar questões relacionadas à arqueologia da região. Isso significa que, apesar de Nimuendajú apresentar suas opiniões e dados de campo, nessas leituras confirma a sua atuação como arqueólogo, desenvolvendo um trabalho pioneiro.

A segunda cópia de “Os Tapajó” (1938b) possui 12 páginas (Figura 28), pois foi escrita com uma fonte maior do que a cópia original, e está datada em “Belém do Pará, 12 de abril de 1938”. No texto, incluiu-se observações feitas à mão na datilografia da versão de 1938a, como “a posição das caryátides em certos vasos sacraes!” e em vez de “cobiça”, que foi sugerido pelo etnólogo, a palavra "ganância" é usada. Provavelmente foi essa palavra que Nimuendajú riscou na primeira versão. Além disso, ele fez algumas correções gerais no texto. Infelizmente a primeira página, que contém o início do *Histórico*, não estava presente nos documentos.

Figura 28 - Primeira página da segunda versão de "Os Tapajó", 1938b.



Fonte: Arquivo CECEO (2023).

Os demais tópicos do texto são idênticos aos da primeira cópia, com exceção do acréscimo do tópico *Traje* (Figura 29), que está posicionado entre *Religião* e *Alimentação*.

Figura 29 - Tópico sobre "traje".

Traje -: A julgar-se pelas representações cerâmicas, ambos os sexos andavam completamente nus. Usavam o cabelo cortado e partido ao meio e atado com uma faixa sobre a testa cujas pontas se cruzavam atrás. Também se encontravam representações de homens e mulheres que têm os cabelos em duas tranças caindo pelas costas abaixo. Frequentemente ve-se diademas e corças mais complicadas. Nos lobulos das orelhas usavam rodela de medianas dimensões, talvez de uma polegada mais ou menos. Ligas nos tornozelos são comuns, pulseiras e peitorais mais raras.

Fonte: Arquivo CECEO (2023).

Nimuendajú, nesse trecho, fez uma conexão entre arqueologia e um tema de caráter etnológico, revelando-se um observador habilidoso da cerâmica tapajônica ao escrever “a

julgar-se pelas representações cerâmicas”. No trecho não há citação a um cronista para confirmar suas informações, sendo análise do etnólogo.

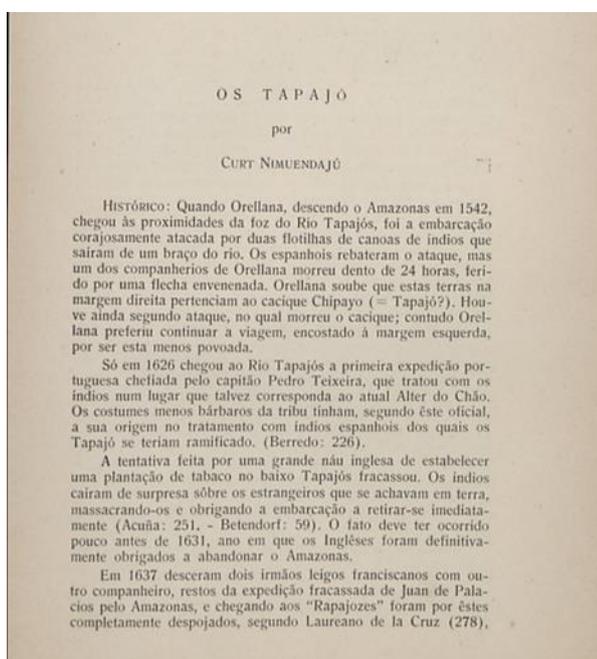
As duas cópias de 1938 acabam sendo complementares, e ambas foram corrigidas pelo próprio Nimuendajú, o que confere confiabilidade aos documentos disponíveis. Isso ocorre porque as versões posteriores foram textos publicados postumamente e reorganizados por editores com o objetivo de divulgação científica.

2.3. “Os Tapajó” (1949a): Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi

O artigo “Os Tapajó” foi disponibilizado no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi em 1949. Trata-se de um dos periódicos científicos mais antigos do Brasil, com uma história de 129 anos completados em 2023, mantendo sua relevância acadêmica na contemporaneidade.

A publicação oficial de “Os Tapajó” (Figura 30) ocorreu uma década após a escrita do manuscrito, em 1938, e três anos após o falecimento de Curt Nimuendajú, ocorrido em 1945. Portanto, o conhecimento sobre “Os Tapajó” permaneceu desconhecido por um longo período pela comunidade científica, apesar de que ele já teria circulado o texto entre o público especializado da época, sendo reconhecido, finalmente, em 1949 pela mesma instituição à qual o autor dedicou seu trabalho etnológico e etnográfico.

Figura 30 - Primeira página de "Os Tapajó", 1949a.



Fonte: Nimuendajú (1949).

O Boletim foi estabelecido em 1894 por Emílio Goeldi (1859-1917)⁵⁸, que foi diretor da instituição de 1894 a 1907, e foi criado como uma estratégia para inserir a Amazônia no contexto internacional, divulgando as atividades científicas da região. O periódico deu destaque à publicação de artigos escritos por autores amazônicos e naturalistas estrangeiros que conduziam pesquisas no Museu, abrangendo os campos da História Natural e da Etnologia (Benchimol; Arruda; Silva, 2016).

Desde a sua criação o Boletim enfrentou interrupções devido a problemas financeiros enfrentados pelo Museu Goeldi, decorrentes do declínio da economia da borracha na Amazônia. Isso afetou diretamente a circulação do periódico. Entre 1933 e 1956, apenas quatro volumes foram publicados (Volume IX/1933, Volume X/1949, Volume XI/1955 e Volume XII/1956), o que demonstrou a escassez de recursos financeiros para divulgação científica (Benchimol, 2015).

No volume X/1949, foi editado e publicado “Os Tapajó” de Curt Nimuendajú, após uma pausa de 15 anos na publicação do periódico. Nessa edição, Inocêncio Machado Coelho Neto, diretor do Museu Goeldi de 1945 a 1951, esclarece as interrupções e agradece àqueles que contribuíram para o retorno da circulação do Boletim (Benchimol, 2015). Ele diz o seguinte: “Resta-me agora agradecer ao ilustre naturalista Dr. Oliveira Pinto, de São Paulo, e à valorosa equipe do seu Departamento de Zoologia pelo muito que fizeram para que o Boletim do Museu Goeldi voltasse à órbita do mundo” (Coelho, 1949).

De acordo com a documentação presente no arquivo Guilherme de La Penha, relacionada à gestão de Machado Coelho, em uma circular sobre “obras e melhoramentos” da instituição, o diretor menciona que o volume não deixou a desejar em relação aos anteriores e foi impresso em São Paulo-SP, sob os cuidados de Oliveira Pinto (1896-1981)⁵⁹, com colaborações inéditas. Aproximadamente 1.200 exemplares foram impressos e distribuídos para as principais instituições científicas do mundo que faziam intercâmbio de publicações, algo que não ocorria durante o período de não publicação do Boletim.

Os artigos presentes no volume X estão todos datados no ano de 1948 e 1949, provavelmente foram os anos em que o periódico foi organizado para ser disponibilizado em

⁵⁸ Naturalista e zoólogo suíço-alemão, formado pelas universidades de Leipzig e Jena, dedicou-se ao estudo da Ciência da Amazônia enquanto desempenhava atividades no então Museu Paraense, de 1894 a 1907. Durante esse período, ele promoveu mudanças institucionais significativas por meio da expansão das coleções científicas, da publicação de trabalhos e do avanço da educação. Além disso, foi responsável pela criação do jardim zoológico e do horto botânico, atraindo assim a população para conhecer a instituição (Sanjad, 2009).

⁵⁹ Zoólogo brasileiro que atuou principalmente na área de ornitologia e foi diretor do Departamento de Zoologia da Secretaria do Estado de São Paulo.

1949, quando teve recurso para circulação. São 19 artigos que compõem o volume. Conforme observado na Figura 31, os artigos presentes no periódico abrangem uma variedade de temas e estão relacionados à área da Zoologia. Todos os textos têm um caráter descritivo e têm como objetivo fornecer ao leitor informações e dados sobre pesquisas específicas. É interessante notar que o artigo “Os Tapajó” não aparece no sumário, sendo acrescentada manualmente a informação de que o texto está nas páginas 93 a 106. Esse erro também é observado em todas as outras cópias disponíveis (um total de três) na biblioteca Domingos Soares Ferreira Pena, localizada no campus de pesquisa do Museu Goeldi. Apesar desse equívoco, a divulgação do artigo não foi prejudicada, pois ele se tornou o ponto de partida para outras publicações que conferiram extrema relevância científica ao texto, sendo amplamente circulado internacionalmente.

Figura 31 - Índice dos artigos publicados no Boletim do Museu Goeldi.

CONTEÚDO	
Pgs.	
PINHO, OLIVÉRIO Conceito atual e nomenclatura revista das aves alistadas no "Catálogo" de E. Sneathlage	1
DUCKE, ADOLFO Árvores amazônicas e sua propagação — Adaptação de frutos ou sementes de árvores amazônicas a diversos meios de propagação em espécies de estreita afinidade botânica, porém em condições mesológicas diferentes	81
CARRERA, MESSIAS Sobre as espécies de <i>Diognites</i> da fauna amazônica (<i>Diptera, Asilidae</i>)	115
CAMARGO, FELISBERTO C. DE Terra e colonização no antigo e novo quaternário da zona da Estrada de Ferro de Bragança, Estado do Pará, Brasil	123
AMARAL, AFRÂNIO DO Ofídios do Pará	149
GUIMARÃES, LINDOLPHO R. Sobre algumas espécies de <i>Mabôtaqos</i> encontrados em <i>Tinamus tao tao</i> Temminck e <i>Tinamus tao septentrionalis</i> Brabourne e Chubb	161
COINTE, PAUL-LE As grandes enchentes do Amazonas	175
STRYMPER, ALOIS Viute e seis anos caçando <i>Agoutis</i> na Amazônia	185
CONTEÚDO	
AMARAL, AFRÂNIO DO Serpentes gigantes	212
VIEIRA, CARLOS O. C. Nova contribuição ao conhecimento dos mamíferos do Rio Juruá	239
VANZOLINI, P. E. Contribuição ao conhecimento dos lagartos brasileiros da família <i>Amphiboenidae</i> Gray, 1825 — Sobre o gênero <i>Aalura</i> Barbour, 1914	275
SAWAYA, PAULO O sistema cardio-vascular do anfíbio-ápodo <i>Typhlonectes compressicauda</i> (Dum. e Bibr., 1841)	279
PEREIRA, NUNES Sobre a coletânea de lendas dos índios do Brasil, de Herbert Baldus	291
PINHO, OLIVÉRIO Miscelânea ornitológica	301
MELLO-LEITÃO, C. DE e J. DE ARAUJO FEIO Notas sobre pequena coleção de aracnídeos do Peru	313
HÖGE, A. R. Notas erpetológicas — Sobre a ocorrência de <i>Trimeresurus hypoleus</i> (Amaral) no Brasil	325
PINHO, OLIVÉRIO Notas e impressões naturalísticas de uma viagem fluvial a Cuiabá	331
SOARES, BENEDITO A. A. e HÉLIO F. DE ALMEIDA CAMARGO Aranhas coligidas pela Fundação Brasil-Central (<i>Arachnida-Araneae</i>)	353
COELHO, MACHADO A Biblioteca do Museu Goeldi	411

Fonte: Boletim do Museu Goeldi (1949).

Nesse volume, os dois únicos trabalhos relacionados às questões etnológicas são “Os Tapajó”, de Curt Nimuendajú e a resenha escrita por Manoel Nunes Pereira (1893-1985), “Sobre as Coletâneas de lendas de índios do Brasil, de Herbert Baldus”. Ambos são datados de 1948 e abordam temas específicos relacionados às populações indígenas.

Nunes Pereira foi um jornalista e autodidata que realizou pesquisas sobre temáticas indígenas e afro-brasileiras, sendo reconhecido como um especialista em folclore e cultura amazônica das populações ribeirinhas e afroameríndias, além de atuar como etnólogo dos povos indígenas (Cunha, 2001). Ele era um amigo próximo de Nimuendajú e escreveu a primeira síntese biográfica intitulada “Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e obra”, publicada em 1946, um ano após a morte do etnólogo. Essa obra foi baseada em uma conferência proferida por Nunes Pereira no Museu Goeldi, em 20 de outubro de 1946, durante a inauguração de uma placa comemorativa em homenagem a Nimuendajú, elaborada pela Comissão Demarcadora de Limites, Serviço de Proteção aos Índios e Museu Goeldi. Como agradecimento, a conferência foi editada, impressa e distribuída nacional e internacionalmente.

De acordo com Cunha (2001), Curt Nimuendajú não apenas influenciou Nunes Pereira a trabalhar na etnologia indígena, mas também fez comentários críticos sobre livros quase “fictícios” escritos por Nunes Pereira, que tratavam da vida social de populações indígenas e negras.

Ambos os artigos dos “amigos” estão presentes nessa edição do Boletim, o que sugere que Nunes Pereira fez a edição do texto e incluiu imagens da cerâmica tapajônica. Na segunda publicação de “Os Tapajó”, no jornal A Província do Pará, também em 1949, um texto de Nunes Pereira aparece na mesma página.

Voltando ao artigo “Os Tapajó”, o conteúdo é idêntico às versões anteriores. No entanto, provavelmente devido a um erro de digitação, ele foi datado de 12 de abril de 1939 enquanto as versões anteriores são de 12 de abril de 1938. O editor adicionou três imagens de peças tapajônicas para relacionar os dados do texto com o material cultural presente na reserva técnica de arqueologia do Museu Goeldi (Figura 32), apresentando ao leitor as características da temática arqueológica que Nimuendajú tinha como um de seus objetivos.

Figura 32 - Fotos de cerâmicas tapajônicas inseridas no artigo "Os Tapajó", 1949.



Fonte: Nimuendajú, 1949.

A primeira imagem foi adicionada logo após os tópicos sobre o *Histórico, Nome, Habitat, Número e Língua*. A segunda imagem foi inserida logo após os tópicos sobre o *Caráter, Organização Social, Casamento, Tratamento dos mortos e Religião*. Já a última imagem está posicionada após os tópicos sobre *Traje, Alimentação, Indústria e Moradas Antigas*. O editor não estabeleceu uma associação direta das imagens com o texto de Nimuendajú, optando por utilizá-las como ilustrações para complementar o conteúdo do artigo e destacar a delicadeza e exuberância da cerâmica tapajônica.

As peças escolhidas para representar a arte tapajônica são conhecidas como vasos de gargalos⁶⁰ e cariátides⁶¹. Atualmente essas peças fazem parte da Reserva Técnica Mario Ferreira Simões, na Coleção Curt Nimuendajú, e são identificadas pelos números de registro 313, 314 e 315 (Figura 33). As informações presentes no livro de registro dessas peças são limitadas, revelando pouco sobre o ano de sua criação e o coletor responsável.

Figura 33 - Página do livro de tomo da Reserva Técnica de Arqueologia Mário Ferreira Simões, Museu Goeldi.

REGISTRO - Seção de Arqueologia	
313 V. 12 10/10 ✓ Davi S. e	Vaso de "cariátides", da Cultura Santarém (Incompleto) Proc: Cidade de Santarém - PA Col: Nimuendaju (?) 1061
314 D.T. ✓ Davi S. e	Vaso de "cariátides", da Cultura Santarém (Incompleto) Proc: Cidade de Santarém - PA Col: Nimuendaju (?) Exp. Pov. Tapaj. V. 32
315 D.T. ✓ Davi S. e	Vaso de "gargalo", da Cultura Santarém (Incompleto) Proc: Cidade de Santarém - PA Col: Nimuendaju (?) 1061

Fonte: Arquivo da Reserva Técnica Mario Ferreira Simões (s/d).

⁶⁰ Um vaso de gargalo é um tipo de cerâmica caracterizado por ter um pescoço alongado e estreito, geralmente em forma de funil. Essa característica distintiva é a origem do seu nome, uma vez que o gargalo é a parte do recipiente que se estreita antes da abertura.

⁶¹ Um vaso cariátides é decorado com figuras humanas esculpidas em relevo ao longo do corpo do recipiente. Na arqueologia, os vasos cariátides são considerados artefatos valiosos, pois fornecem informações sobre a estética e a cultura visual.

O registro identificado menciona que os objetos têm origem na cidade de Santarém-PA e fazem parte da Coleção Curt Nimuendajú, porém há um ponto de interrogação que questiona se o próprio etnólogo foi o responsável por coletá-los. Esse assunto foi abordado por Marcony Alves (2019), que explora a criação do livro de registro do Museu Goeldi como resultado de uma reorganização das coleções na década de 1960. A maioria dos objetos chegou à instituição antes dessa data e provavelmente foram misturados, resultando na perda de informações durante esse processo.

É importante ressaltar que os três vasos cujas imagens foram disponibilizadas no artigo “Os Tapajó” não foram coletados por Nimuendajú. No entanto, a associação dessas imagens ao texto aponta para o fortalecimento do *estilo* configurado pelo etnólogo como cerâmica Tapajó. Isso, de certa forma, valoriza o conteúdo do texto ao estabelecer uma conexão entre o autor e os objetos. Aqueles que leram o artigo em 1949 não apenas tiveram acesso a uma síntese das fontes históricas e das experiências arqueológicas de Nimuendajú sobre a chamada cultura tapajônica, mas também puderam visualizar o conteúdo da cerâmica tapajônica por meio das imagens fornecidas.

2.4. "Os Tapajó" (1949b): Jornal A Província do Pará

No ano em que "Os Tapajó" foi publicado no Boletim do Museu Goeldi, o jornal A Província do Pará também veiculou o artigo de Curt Nimuendajú em sua edição de 9 de fevereiro de 1949. A notícia acompanhava a informação de que a instituição científica retomaria suas publicações periódicas do boletim com o objetivo de divulgar trabalhos acadêmicos:

Graças a uma gentileza do sr. Machado Coelho, diretor do Museu Goeldi, pode A PROVINCIA DO PARÁ divulgar hoje um trabalho ainda inédito de Curt Nimuendajú, o sábio etnólogo que durante quarenta e três anos se dedicou ao estudo das tribos indígenas, principalmente da Amazônia, vivendo vida de índio e morrendo ao fim, em condições ainda misteriosas, no Igarapé da Rita, no estado do Amazonas, quando se encaminhava para as malocas dos seus amigos Tukunas, com o objetivo de ultimar pesquisas anos antes iniciadas.

O presente trabalho de Nimuendajú, sobre os Tapajó, fará parte, com magníficas ilustrações, do próximo Boletim do Museu Goeldi que aparecerá, após 16 anos de interrupções, dentro dos próximos dois meses, documentando a fase de atividade remodeladora que tem caracterizado a administração Machado Coelho no tradicional instituto científico que é um dos orgulhos da nossa tradição.⁶²

O jornal A Província do Pará destacou o texto de Curt Nimuendajú (Figura 34), ressaltando-o como um trabalho inédito que estava sendo divulgado de forma pioneira pelo

⁶² A PROVINCIA DO PARÁ. **Os contos famosos**. Acervo do Centro Cultural Tancredo Neves. 2. seção. 09 de fevereiro de 1949. p. 9.

jornal. A publicação enfatizou o compromisso do etnólogo com as populações indígenas, especialmente os povos da Amazônia. Essa notícia foi divulgada entre os leitores paraenses como um motivo de orgulho da tradição e evidenciou o funcionamento do museu em um processo de reestruturação.

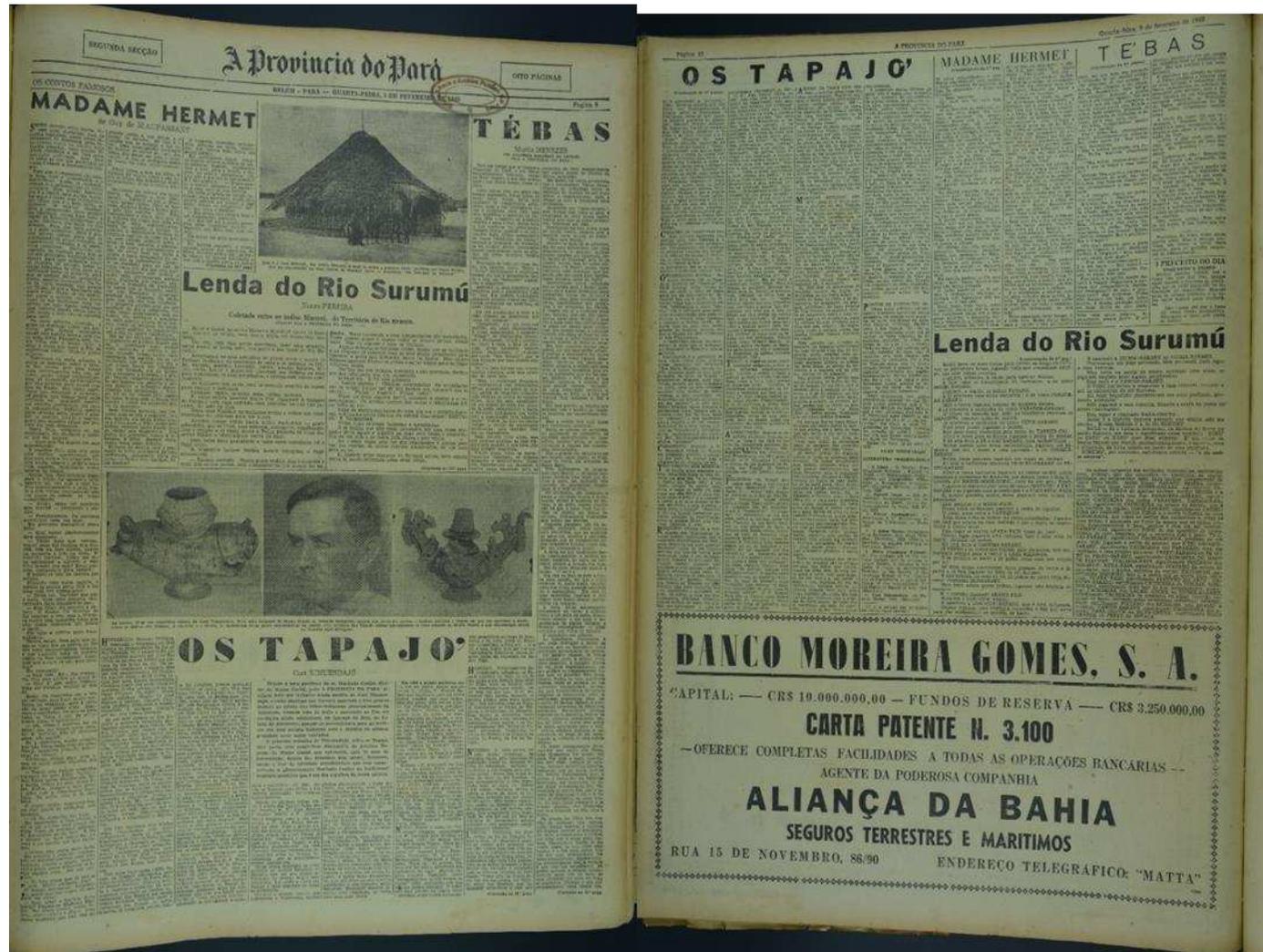
O jornal A Província do Pará foi fundado em 1876 e é um dos veículos de notícias mais antigos da região⁶³. Ao longo dos anos, acompanhou as transformações na cidade de Belém-PA e participou de eventos históricos do estado. Na década de 1940, o jornal passou a fazer parte dos "Diários Associados" e tinha como um de seus diretores o jornalista Frederico Barata, que possuía uma vasta experiência em jornais impressos e um profundo conhecimento da região paraense (Rocque, 1976).

Frederico Barata tinha interesse pela arqueologia, em particular pela cerâmica tapajônica, e publicou artigos sobre o assunto. Como jornalista e também atuando como arqueólogo, realizou escavações em sítios arqueológicos em Santarém durante suas viagens como funcionário dos Diários Associados. Ele passava dias cavando terrenos em busca de cerâmicas ou comprava objetos dessa natureza, reunindo o material e levando-o para Belém, onde tentava reconstituir as peças. Dessa forma, ele formou uma coleção pessoal, que em 1959 foi vendida para o Museu Goeldi e depositada na instituição, sendo denominada de "Coleção Frederico Barata" (Guapindaia, 1993).

Nimuendajú teve contato e trocas de conhecimentos sobre a arqueologia de Santarém com Frederico Barata. Inclusive, os dois proferiram uma palestra conjunta em 1945, no Rio de Janeiro (Barata, 1950). O etnólogo foi um dos principais incentivadores do interesse de Barata pelos objetos tapajônicos, e não é coincidência que "Os Tapajó" tenha sido publicado no jornal com destaque (Figura 34), evidenciando um assunto de extrema relevância para o diretor, Frederico Barata.

⁶³ O Jornal continua em circulação de forma digital, acesso: <https://aprovinciadopara.com.br/>.

Figura 34 - "Os Tapajó" 1949b, publicado no Jornal A Província do Pará.



Fonte: Centur (2022).

A edição em que “Os Tapajó” foi disponibilizada fazia parte de uma versão ampliada do jornal em comemoração ao aniversário de dois anos de ressurgimento da publicação. O jornal se autodenomina a “maior tribuna jornalística da Amazônia”⁶⁴. A capa do jornal traz informações de cunho regional, nacional e internacional, proporcionando um panorama histórico da década de 1940. As manchetes, como “Hungria isolada pela cortina de ferro”, “Lei da imprensa aprovada na câmara” e “Plano de valorização da Amazônia”, são de natureza política.

O texto de Nimuendajú foi incluído em uma seção incomum nas outras edições do jornal, intitulada "Contos famosos". Ele foi acompanhado por outros três textos: “Madame Hermet”, de Guy de Maupassant; “Tébas”, escrito por Murilo Menezes, enviado pela Academia Paraense de Letras; “Lendas do rio Surumú”, redigido pelo conhecido amigo do etnólogo, Nunes Pereira, especialmente para o jornal. Nota-se que um texto de Nunes Pereira aparece novamente em um contexto de publicação de Os Tapajó, o que sugere a articulação feita pelo antropólogo em ambas as publicações (Boletim e Jornal).

Os textos dessa seção têm um caráter literário, ao contrário de “Os Tapajó”, que possui relevância científica destacada pelo jornal devido à excelência do trabalho realizado por Nimuendajú. O texto é apresentado de forma proeminente na página, com o título em uma fonte maior do que os demais, com o objetivo de chamar a atenção do leitor.

A versão de “Os Tapajó” no jornal é acompanhada por três imagens: uma do próprio Nimuendajú e as outras duas de peças tapajônicas pertencentes ao acervo do Museu Goeldi (Figura 34). A foto do etnólogo foi tirada pelo fotógrafo do museu, Eduardo Kratztein, pouco antes de sua última viagem ao Ticuna, onde veio a falecer. As duas imagens são descritas como "grande arte cerâmica dos Tapajó, ambas pertencentes às ricas coleções do Museu Goeldi e que Nimuendajú estuda no trabalho aqui divulgado"⁶⁵. A primeira imagem é um vaso antropomorfo, tombado com o número 234 na reserva técnica do Goeldi, pertencente à coleção Curt Nimuendajú. A segunda imagem é um vaso de gargalo, sendo a mesma foto que aparece no texto “Os Tapajó”, publicado no boletim. Essas imagens de peças tapajônicas reforçam o estilo das peças caracterizado pelo etnólogo.

“Os Tapajó” disponibilizado no jornal tem os mesmos tópicos da versão do boletim, além da literatura arqueológica. O conteúdo do texto é idêntico à versão anterior, uma vez que

⁶⁴ A PROVÍNCIA DO PARÁ. Acervo do Centro Cultural Tancredo Neves. Capa. 09 de fevereiro de 1949. s/p.

⁶⁵ A PROVÍNCIA DO PARÁ. **Os contos famosos**. Acervo do Centro Cultural Tancredo Neves. 2. seção. 09 de fevereiro de 1949. p. 9.

foi cedido pela instituição. Permanece, também, o erro da data "12 de abril de 1939", quando deveria ser "12 de abril de 1938".

O jornal não apenas divulga o trabalho de Nimuendajú, mas também reconhece a riqueza dos estudos relacionados à cultura paraense. O artigo destacou a ligação direta do assunto com o nome do jornal, "A Província do Pará", o que permitiu ao público paraense em geral, que tinha acesso às edições, conhecer os povos indígenas Tapajó por meio do que o etnólogo escreveu, em conjunto com a história e a arqueologia.

2.5. "The Tapajó" (1952): Kroeber Anthropological Society

Três anos após a publicação de "Os Tapajó" no boletim do Museu Goeldi e no jornal A Província do Pará, foi disponibilizada a primeira versão em inglês pela Kroeber Anthropological Society, em 1952, intitulada "The Tapajó" (Figura 35). Isso possibilitou um maior acesso do público internacional ao artigo de Curt Nimuendajú.

A Kroeber Anthropological Society foi fundada em 1949 por estudantes da Universidade de Berkeley com o objetivo de formar uma sociedade de antropólogos capaz de publicar seus artigos. A sociedade recebeu esse nome em homenagem ao antropólogo Alfred Louis Kroeber (1876-1960), que na época da fundação ainda era vivo e foi professor da universidade. Atualmente a sociedade continua publicando periodicamente seus fascículos.

The Tapajó foi publicado no terceiro ano de existência da revista, no volume seis, juntamente com outros dois artigos: "A daily Journal Kept by the rev. Father Juvenal, one of the earliest missionaries to Alaska", traduzido por Ivan Petrov, e "The history of the Guayquerí, an approach to the anthropology of northeastern Venezuela", escrito por Thomas MoCorkle. O primeiro é um manuscrito sobre o período russo no Alasca e o segundo é uma reconstrução histórica detalhada do povo indígena Guayquerí. Tanto o texto de MoCorkle quanto o de Nimuendajú foram classificados por Bernad Hofftman (editor e autor do prefácio do fascículo) como etnografia sul-americana, abordando grupos indígenas das terras baixas com um enfoque histórico.

Figura 35 - Primeira página da versão de "The Tapajó", 1952.

The Tapajó

History. When Orellana, descending the Amazon in 1542, reached the vicinity of the mouth of the Tapajós River, his boat was fiercely attacked by two flotillas of Indian canoes which sallied from a branch of the river. The Spaniards repelled the attack, but one of Orellana's companions died within twenty four hours from a wound inflicted by a poisoned arrow. Orellana learned that these lands on the right bank belonged to the cacique Chipayo (=Tapajó?). There was still a second attack in which the cacique was killed; nevertheless, Orellana felt that it was better to continue his journey, sticking close to the left bank because it was less populated.

It was not until 1626 that the first Portuguese expedition reached the Tapajós River. It was commanded by Capt. Pedro Teixeira, who met the Indians at a place which perhaps corresponds to the modern Alter do Chão. The fact that this tribe had less barbarous customs was due, according to this officer, to the contacts it had had with the Spanish Indies, whence the Tapajó had originally come (Berredo, 1906, pp. 225-226).

The attempt made by a great English ship to establish a tobacco plantation on the lower Tapajós was a failure. The Indians fell without warning on the foreigners who happened to be on land, massacring them and forcing the ship to depart immediately (Acuña, 1891, pp. 186-187; Bettendorff, 1910, p. 59). This event must have taken place shortly before 1631, the year in which the English were obliged to abandon the Amazon for good.

In 1637 there came down river two Franciscan lay brothers with another companion, survivors of the unsuccessful expedition of Juan de Palafox to the Amazon. When they reached the "Rapafozes" they were completely plundered by these Indians, according to Laureano de la Cruz (1900, p. 278; 1942, p. 19), while it appears from Rojas' report (1640) that they were well received (Rojas, 1889, p. 86).

Two years later (1639) the Tapajó were subjugated by the son of the governor of Pará, Bento Maciel Parente. Acuña reports with regard to this event that the Portuguese were afraid of the poisoned arrows and tried fruitlessly for some time to obtain the submission of the Tapajó by peaceful means. The conquest, however, was never complete because the invaders wanted to move the Indians out of their territory. The Tapajó nevertheless maintained a clearly friendly attitude toward the Portuguese. They furnished foodstuffs to Teixeira's expedition when he returned from Quito in 1639 and they invited the Portuguese to establish themselves among them. Meanwhile, Bento Maciel collected all the available forces in Desterro, near the mouth of the Pará River. In spite of his promise to P. Acuña to postpone action until the arrival of new orders from the governor, Maciel attacked the Tapajó on the pretext that they were plotting a rebellion; his real motive was to extort slaves from them. Confronted with the alternatives of extermination or unconditional submission, the Tapajó chose the latter, surrendering to the Portuguese their fearsome poisoned arrows. Maciel then ordered the disarmed warriors placed in an enclosure under guard while his Indian allies sacked the village, violating the wives and daughters of the prisoners before their eyes. Finally, the unfortunate Tapajó, to regain their freedom, promised to deliver to the Portuguese the thousand (:) slaves which the latter demanded. Their own slaves

Fonte: Nimuendajú (1952).

"The Tapajó" apresenta o mesmo conteúdo das outras versões publicadas impressas, incluindo o tópico sobre trajés, a nota de rodapé sobre a posição dos vasos cariátides e a data continua sendo erroneamente listada como 12 de abril de 1939. Essas informações confirmam que é uma versão em português a partir da publicação no Boletim do Museu Goeldi.

O artigo de Nimuendajú foi traduzido e editado do original em português por John Howland Rowe, com acréscimos e eliminações, incluindo a adição de um mapa que localizou as terras pretas com 96 localizações de terras pretas, sendo que Nimuendajú mencionou no artigo 64 sítios arqueológicos de terras pretas, o que representa uma constante alteração do próprio trabalho de campo arqueológico de Nimuendajú. O mapa foi fornecido por Palmatary e reproduzido para essa publicação (ver Figura 12).

Além disso, houve uma nova e completa tradução da obra “A Província dos Tapajó” (1874), escrita por Mauricio de Heriarte, que corrige o texto de Nimuendajú para complementar um aprofundamento das fontes históricas que foram citadas pelo etnólogo no texto. Essas alterações podem ser visualizadas como parte do universo tapajônico, pois fornecem informações extras à pesquisa de Nimuendajú.

Rowe (1952) afirma que a obra de Heriarte é um relato sistemático e informativo sobre os Tapajó, sendo um dos escritos mais importantes do século XVII. No entanto, essa obra é extremamente rara e poucos estudiosos tiveram acesso a uma cópia. É provável que Nimuendajú não tivesse uma cópia consigo quando escreveu “Os Tapajó”, pois importantes dados sobre a população indígena foram omitidos. Acredita-se que o etnólogo tenha tido acesso ao livro durante suas viagens ao Rio de Janeiro, onde pode fazer anotações que serviram como fontes para a escrita do artigo. Na visão de Rowe (1952), fazia-se necessário a inserção de parte da obra, por isso traduziu e a incluiu como apêndice.

Na introdução do artigo, Rowe (1952) comenta sobre a importância e a necessidade de uma publicação em língua inglesa, afirmando que a versão em português disponibilizada pelo Museu Goeldi se tornou inacessível para a maioria dos antropólogos norte-americanos, tornando-se necessária uma tradução, e ainda chama atenção para a cobertura dos artigos de Nimuendajú publicado pelo *Handbook of South American*, que carece de um texto sobre os Tapajó. Outro dado relevante é sobre o autor do texto, nesse caso, Nimuendajú, considerado qualificado para escrever sobre os Tapajó, uma vez que foi o descobridor dos vestígios arqueológicos e estabeleceu uma conexão com as fontes históricas, resultando em um relato intitulado *Die Tapajó*, ao qual Rowe não teve acesso.

Como complemento ao texto de Nimuendajú, Rowe (1952) adicionou notas que levam a outras discussões. Por exemplo, há menção ao trabalho intitulado “História da Companhia de Jesus no Brasil”, escrito por Serafim Leite e editado em 1938 e 1950, que contém informações inéditas sobre a missão e fornece mais detalhes sobre o paradeiro dos Tapajó. Essa nota foi incluída exatamente onde o etnólogo afirma que os Tapajó e Ururucú deixaram de existir como “tribos”, fornecendo informações adicionais para uma análise histórica.

Outra nota destaca uma publicação de Frederico Barata, em uma revisão de “Os Tapajó” publicada em 1950 na Revista do Museu Paulista, sobre o tópico da *língua*, escrito por Nimuendajú. Essa nota esclarece que não é adequado afirmar apenas que os Tapajó não falavam Tupi, pois inicialmente eles provavelmente falavam outra língua, mas por volta de 1661 começaram a usar a Língua Geral, que se espalhou amplamente pela região de Santarém.

Há também uma nota sobre a questão da alimentação dos Tapajó, pois Nimuendajú deixou de citar trechos importantes escritos por Heriarte (1874), o que gerou um mal-entendido por Palmatary (1939), que afirma que os indígenas não cultivavam mandioca, citando Nordenskiöld (1930), que não deixou claro que o cultivo da mandioca ocorria em pequena escala. Rowe (1952) destaca a necessidade de consultar documentos originais em trabalhos de natureza histórica para evitar a falta ou erro de informações.

Para enquadrar “The Tapajó” nas exigências do periódico científico, Rowe (1952) organizou as referências bibliográfica citadas por Nimuendajú no corpo do texto, inserindo os nomes completos dos autores e os títulos das obras citadas. Rowe organizou e disponibilizou de forma completa o material mencionado por Nimuendajú, facilitando o acesso às fontes.

A tradução em inglês do artigo, com os complementos cartográficos, históricos e comentários adicionados pelo tradutor e editor propôs novas perspectivas para o Universo Tapajônico, além de complementar com novas informações o material sobre os Tapajó. Abrangeu ainda mais o trabalho, proporcionando o conhecimento da obra e do grupo indígena Tapajó. “The Tapajó” pode ser considerado uma publicação de “Os Tapajó”, editada como uma etnografia sul-americana para a antropologia praticada na época, a década de 1950.

2.6. "Os Tapajó" (1953): Revista de Antropologia

Um ano depois da sua publicação em inglês, uma versão em português do artigo foi disponibilizada no primeiro número da Revista de Antropologia, em 1953 (Figura 36). A revista foi fundada nesse mesmo ano por Egon Schaden (1913-1991)⁶⁶, durante as Reuniões de Antropologia. Ela surgiu com o objetivo de intensificar e divulgar os resultados das pesquisas que estavam sendo realizadas em todo o Brasil (Corrêa, 2003; Melatti, 1983), fornecendo um panorama da consolidação da prática antropológica e etnológica como disciplinas.

Na apresentação da primeira edição, Schaden (1953) esclareceu o principal motivo por trás da criação e circulação da revista, enfatizando a antropologia como uma ciência que estuda o ser humano em seu contexto cultural e social, com suas várias teorias e metodologias. Assim, as páginas da revista se tornaram a principal referência para as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas.

⁶⁶ Antropólogo brasileiro de ascendência alemã, pesquisador das culturas indígenas e da antropologia da comunicação. Foi professor da Universidade de São Paulo, contribuindo para a formação da antropologia no Brasil como primeiro antropólogo profissional de origem rural. Foi um pesquisador intimamente relacionado com as pesquisas de Nimuendajú.

No contexto da publicação, Curt Nimuendajú foi um dos nomes mais publicados ou citados em outros trabalhos (Corrêa, 2003), devido ao seu reconhecimento no campo da etnologia indígena no país.

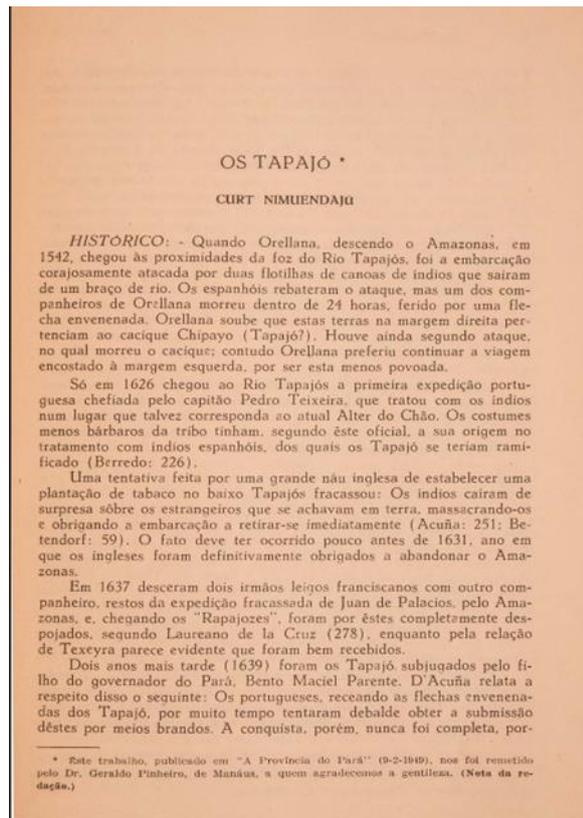
A primeira edição da revista estava organizada em três seções: artigos, pequenas comunicações e bibliografia. A seção de artigos continha os seguintes textos: “Resultado da genética para a antropologia”, de Otmar Frhr V. Verschuer; “A pluralidade dos povos e a unidade do gênero humano”, de Josef Haekel; “A Escola etnológica de Viena”, escrito por Erika Puser; “O problema da escola brasileira numa comunidade holandesa de São Paulo”, de Hermelina Maria Pretto; “Ayvu Rapyra: textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá”, por León Cadogan; “A aculturação dos bororo do rio São Lourenço”, escrito por P. Guilherme S.V.D Saake; “Os Tapajó”, de Curt Nimuendajú (Figura 36).

As pequenas comunicações incluíam três textos: “A Unesco e o problema racial, A proteção de sambaquis e de outros monumentos pré-históricos do estado de São Paulo” e “XXXI Congresso Internacional de Americanistas”, todos escritos por Egon Schaden. Na seção de bibliografia, encontravam-se os trabalhos de Florestan Fernandes, Hermann Trimborn e L. de Castro Faria, redigidos por Schaden, além de “Wilhelm Koppes: der urmensch und sein weltbild”, escrito por P. Guilherme Saake; “Pio Lourenço Corrêa: monografia da palavra Araraquara”, de Renato Jardim Moreira; “F. Ottenssoser e R. Pasqualin”, por Célia Pinto de Almeida; “Egon Schaden”, de E. A Von Buggenhagen.

Os artigos publicados abordavam uma variedade de temas antropológicos, sendo a maioria deles de autoria de estrangeiros com assuntos relacionados ao Brasil. Isso se justificava pela forte presença desses profissionais no campo da antropologia, enquanto a disciplina caminhava para a formação de antropólogos brasileiros, embora já houvesse nomes consolidados.

O artigo “Os Tapajó”, na Revista de Antropologia, pode ser enquadrado no conjunto de artigos de autores estrangeiros que tiveram relevância para os antropólogos que desenvolveram trabalhos com populações indígenas, principalmente aquelas localizadas na Amazônia. Considerando que a revista, em seu primeiro número, teve como fundador um antropólogo de ascendência alemã, a presença de um texto de Nimuendajú era indispensável, uma vez que ele contribuiu significativamente para a etnologia indígena. Após a circulação do texto em inglês em 1952, “Os Tapajó” foi novamente publicado em português, o que demonstra a relevância desse artigo para a antropologia.

Figura 36 - Primeira página de "Os Tapajó", 1953.



Fonte: Nimuendajú (1953).

Nessa edição é apresentada uma publicação diferente das outras versões oficiais (1949a e 1952), não contendo elementos visuais, como imagens de peças arqueológicas tapajônicas, mapas ou fotos de Nimuendajú. Uma nota de rodapé informa que o texto foi publicado no jornal *A Província do Pará* e enviado por Geraldo Pinheiro (1920-1996)⁶⁷, de Manaus, sem menção à publicação no boletim do Museu Goeldi. O texto é uma cópia transcrita da versão disponibilizada pelo jornal, sem acréscimos de conteúdo ou comentários extras.

O artigo é análogo às outras versões, porém com a inclusão dos ‘trajes’ e uma nota sobre os vasos sacrais cariátides, que foi colocada entre parênteses no tópico sobre religião, na página 58. A data, assim como nas outras versões, permanece como “12 de abril de 1939”, seguida da bibliografia arqueológica.

“Os Tapajó” de 1953 aponta a autoridade antropológica, arqueológica e etnológica de Curt Nimuendajú. Esse texto, em sua terceira edição em português, circulou oficialmente entre

⁶⁷ Advogado e Jornalista, atuou no *Jornal do Comércio*, promotoria do estado do Amazonas, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e do Conselho Estadual de Cultura.

antropólogos reunidos na primeira Reunião Brasileira de Antropologia, alcançando ampla leitura por parte de um público especializado em pesquisas com populações indígenas.

2.7. "The Tapajó" (2004): a obra "In Pursuit of a Past Amazon"

Durante 51 anos, Os Tapajó não foi republicado. Em 2004, a instituição para a qual Curt Nimuendajú prestou serviços e coletou inúmeros objetos arqueológicos e etnográficos, o Museu de Gotemburgo, publicou o referido artigo acompanhado de textos inéditos enviados diretamente pelo etnólogo para o museu, em um livro intitulado "In Pursuit of a Past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region". A tradução foi feita por Stig Rydén, na década de 1950 e por Per Stenborg, na década de 2000, que também foi o editor. A obra acentua as investigações arqueológicas realizadas na Amazônia oriental e no estado do Amapá durante a década de 1920.

A publicação do livro foi incentivada pelo então diretor do museu, Sven-Erick Isacson, que apresentou o material de Nimuendajú ao editor, Stenborg. Foi um projeto necessário para a publicação com informações arqueológicas organizadas e escritas pelo etnólogo e que não era de conhecimento do público, uma vez que o etnólogo já era amplamente citado por antropólogos e arqueólogos (Stenborg, 2004).

A preparação do material para a publicação começou na década de 1950, por Rydén, que foi responsável pela tradução em inglês dos relatórios, desenhou materiais arqueológicos e fez comentários ao longo dos textos de Nimuendajú. No entanto, surgiram divergências com o então diretor, Karl Gustav Izikowitz, pois ele queria que os textos fossem publicados em alemão, enquanto Rydén havia os organizado em dois volumes em inglês, um contendo a produção de Nimuendajú organizada por princípios geográficos e outro com os acréscimos feitos por ele. Alegou-se falta de recursos financeiros para financiar a publicação e o projeto foi retomado por Stenborg na década de 2000, que organizou um único volume e incorporou os dados de Rydén no próprio livro (Stenborg, 2004).

Eduardo Neves (2004) destacou a legitimidade da publicação do livro e ressaltou que as pesquisas arqueológicas de Nimuendajú realizadas no Baixo Amazonas, na década de 1920, eram pouco conhecidas, pois o etnólogo nunca havia publicado os relatórios de suas expedições. A publicação se tornou relevante, pois revelou informações ainda desconhecidas pelos arqueólogos que estão sendo investigados atualmente. Rydén (2004) enfatiza a organização da escrita, com a compilação de informações sobre fatos históricos das populações indígenas que

ele pesquisava em determinadas regiões, o que facilitava a compreensão entre os objetos arqueológicos e as culturas indígenas em um determinado momento da história.

O livro está organizado em cinco partes, por critérios geográficos: “Brazilian Guyana”; “The Amazon Estuary”; “The Region of the Rio Tocantins and the Rio Mearim” “The Region of the Rio Xingu”; “The Region of the Central Amazon”. Na última parte do livro, dedicada à Amazônia Central, encontra-se o artigo “The Tapajó”, seguido de outros textos: “Traces of Indian Habitation on the Lower Amazon”; “Rio Curuá de Monte Alegre and Cuçary” “Comments on the Archaeological Finds”; “Historical Dates of the Indian Tribes Visited by Me”. Essas novas publicações, além de “Os Tapajó”, são cruciais para compreender a extensão das pesquisas arqueológicas e etnológicas de Nimuendajú.

Segundo Stenborg (2004), o material publicado no livro é inédito, com exceção de "Os Tapajó", que já havia sido publicado em inglês em 1952 (The Kroeber Anthropological Society), com base em uma versão em português disponibilizada em 1949 (Museu Goeldi). No entanto, o texto presente na obra é anterior a essas versões e foi redigido em alemão, apresentando diferenças em relação à publicação em inglês de 1952. Na versão de 2004, o editor suplementou o texto com cartas que o Nimuendajú datou no início de suas pesquisas, em 1923.

Rydén ([1950] 2004) faz uma introdução ao capítulo, descrevendo o itinerário da viagem de Nimuendajú e esclarecendo que o texto "Os Tapajó" é uma tradução do alemão de um texto intitulado "Die Tapajó", datado de 5 de setembro de 1923.

A Figura 37 representa a primeira página do artigo “The Tapajó” presente na obra. Ao longo do texto, pode-se observar que a tradução para o inglês foi atualizada, diferindo significativamente do texto apresentado no caderno da Kroeber Anthropological Society, em 1952. Vale ressaltar que a tradução de “The Tapajó” (2004) foi feita a partir do manuscrito em alemão de 1923, enquanto a tradução de “The Tapajó” (1952) foi feita a partir da versão em português de 1949, publicada pelo Museu Goeldi.

Figura 37 - Primeira página de "The Tapajó", 2004.

Chapter 12. The Tapajó

Historical facts

When, on his voyage down the Amazon in 1542, Orellana was approaching the mouth of the Tapajós, two Indian flotillas sailed out from a tributary and bravely attacked him. The attackers were repelled, but one of Orellana's men died within 24 hours from a wound made by a poisoned arrow. The region on the right bank was said to belong to the Kazik of Chipayo (Topayo or Tapajó?). Another attack followed, in which the chief was killed; Orellana, however, chose to continue his voyage along the left bank, which was less populated.

In 1626, the first Portuguese expedition led by Pedro Teixeira came to the Tapajós and traded with the Indians at a place which was possibly what is now Alter do Chão. Teixeira thought that the fact that this tribe had less barbaric customs must be due to their intercourse with Spanish Indians (*sic*), from whom the Tapajós had split off (Berredo 1905a:226).

An attempt made from a big English ship to lay out a tobacco plantation on the lower Tapajós failed, because, quite unexpectedly, the Indians attacked and killed the foreigners ashore. After this event, the ship made off as quickly as possible (Acuña 1865:251; Betendorff 1910:59). This incident must have taken place shortly before 1631, because in that year the English were compelled to leave the lower Amazon for good.

When navigating down the Amazon in 1637, two Franciscans and their companions, the remnants of Juan de Palacios' unsuccessful expedition, came to the "Rapajosos" and were robbed of everything by them (La Cruz 1876:278).

Two years later, the Tapajó were subjugated by Bento Maciel Parente, the son of the Governor of Pará. Acuña has the following remarks. Fearing the poisoned arrows of the Tapajó, the Portuguese had for a long time made futile attempts to induce the Indians to submit voluntarily. However, as the Indians were to be exiled, their subjugation was never a complete success. Yet the Tapajó were very friendly

to the Portuguese, provisioned Teixeira's expedition on its return from Quito in 1639 and invited the Portuguese to stay with them. In the meantime, Bento Maciel collected all the men available in Desterro, near the mouth of the Pará, and, in spite of the promise given by Acuña to put off the military expedition until the Governor's orders came, they attacked the Tapajó under the pretext that they were suspected of rebellion; actually, the object was to extort slaves from them. Between extermination and unconditional surrender, the Tapajó chose the latter and surrendered their dreaded, poisoned arrows. Then Bento Maciel had the defenceless Indians penned under guard, while his Indian allies sacked the Aldéa and violated the wives and daughters of the prisoners before their very eyes. Finally, the miserable Indians promised to furnish the 1 000 (!) slaves demanded by the Portuguese in return for their own liberty. However, as the slaves had fled during the Portuguese attack, they could procure only 200 and had to give up their own children as slaves to satisfy their tormentors (Acuña 1865:248).

In the following period, the Portuguese continued this practice, as will be seen from the accounts of La Cruz (1876:298), the Franciscan father, and Juan de Quincoces, who came to the region in 1650. Both to avoid ill-treatment by the slave-hunting Portuguese and to get payment, the Tapajó pointed out some unfriendly, neighbouring tribe as their "runaway slaves" and assisted the Portuguese in attacking and bringing them in. Thus, in order not to become slaves, the Tapajó became slave-hunters themselves.

After the visits of the Jesuit Frs. João Ribeiro and Caspar Mesch to the Aldéa of the Tapajó, Fr. João Felipe Betendorff from Luxemburg was sent out by Fr. Vieira to convert them to Christianity. The Indians willingly assisted him in building a church, which became the first beginning of what is now known as Santarém. He translated the Catechism into the Tapajó and Urucucú languages and

Fonte: Nimuendajú, 2004 [1923].

Tanto o artigo de 2004 quanto a versão de 1938a, disponíveis no MEPE, não contêm o tópico *Traje*, diferentemente das outras publicações. Conclui-se que ambos são as primeiras versões escritas por Nimuendajú, sem os acréscimos posteriores. A nota de rodapé também está ausente, na qual Nimuendajú se refere às mulheres em posição de cócoras em um ritual no tópico sobre Religião, não havendo qualquer menção aos vasos caríatides incluídos nas outras variantes.

O ponto crucial desse texto, o diferencial de todas as outras publicações, é o tema sobre *Ancient Dwelling-sites*, que foi acrescentado pelos editores a partir de cartas entre Nimuendajú e Nordenkiöld. Esse tópico consiste em um texto relativamente longo com informações arqueológicas que colidem com dados de seu trabalho de campo. Nimuendajú inicia o texto afirmando que localizou 48 moradias antigas, ao contrário das outras versões em que ele

menciona 65 moradias antigas. Provavelmente essa divergência ocorreu porque a versão de 2004 é a tradução de um texto escrito em 1923, com dados iniciais de suas pesquisas. No entanto, revela informações não mencionadas nas outras versões, dados exclusivos para o Museu de Gotemburgo e seu diretor. Essas moradias antigas se referem às terras pretas que Nimuendajú identifica no mapa (Figura 12), locais onde encontrou vestígios arqueológicos e que foram parte de sua rota durante suas pesquisas.

No texto também foi inserido um desenho de um ídolo de pedra encontrado pelo etnólogo na região do Lago Grande da Vila Franca, que foi feito por Rydén. Nimuendajú (2004 [1923]) esclarece, ainda, que esse ídolo é o último de um total de 10 (Figura 38), sendo que Barbosa Rodrigues descreveu seis e Emilio Goeldi apresentou três ídolos. A partir de novas pesquisas na arqueologia, atualmente mais peça deste tipo foram identificadas.

Figura 38 - Ídolo coletado por Nimuendajú, 1923.



Fonte: Nimuendajú (1923).

Disponível em: <https://collections.smvk.se/carlotta-vkm/web/object/64613>.

O ídolo está apresentado na figura 38. Nimuendajú (2004) esclarece que tinha forma de uma figura humana agachada com as mãos sobre os ouvidos, com uma ave na frente e atrás e com a cabeça do pássaro cortada. Os demais ídolos que foram descritos foram produzidos em materiais de esteatito e serpentina. Especialmente o da Figura 38 foi feito em nefrita, conhecido como jade, representando pessoas mitológicas cultuadas pelos indígenas (Nimuendajú, 2004). O desenho do objeto no livro “In pursuit of a past Amazon”, com uma reconstituição da parte faltante da peça, a fim de demonstrar uma interpretação do objeto (Figura 39).

Figura 39 - Desenho do ídolo produzido por Rydén.

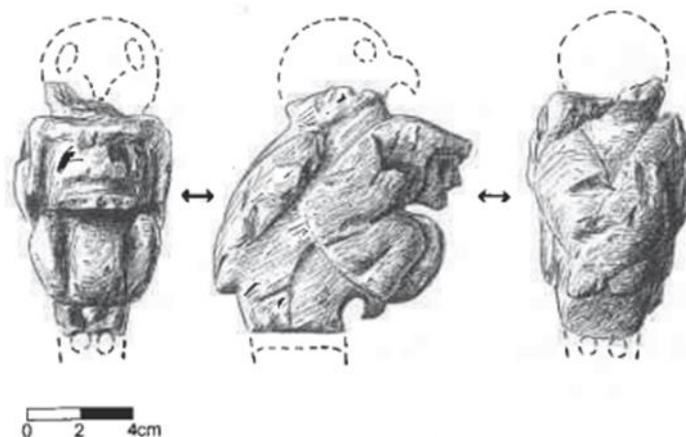


Figure 43. Stone idol, Carariacá Lago Grande de Villa Franca.

Fonte: Nimuendajú (2004, p 124).

Sobre esse ídolo, Nimuendajú disse que recebeu de um proprietário da região, no Carariacá, em 1923 (Figura 40), com características verde claro e cinzento, mutilado, e representava uma figura humana agachada com as mãos nos ouvidos, conjugada com uma ave colocada atrás das costas⁶⁸.

Figura 40 - Ficha com as informações do ídolo.

GÖTEBORGS MUSEUM, ETNOGRAFISKA AVDELNINGEN
ARKEOL.

Isander, 96

Gen. nr	Saml. nr	Dep. nr
25759	23.10.548.	
Föremål: Människofigur av sten.		
Insaml. av: Curt Nimuendajú Ar:1923.		
Lokal: Carariacá, Santarem-området, Amazonas, Brasilien.		
Stam:		
Uställt:		
Magasin: Sydansk. ark. 24 ^c , 8. lada		
Depon:		
Bytte till:		
Negat nr:	Teckn nr:	
Skript. „	Kliché „	
Publ.		

Fonte: Museu de Gotemburgo, 1923.

⁶⁸ NIMUENDAJÚ, 1926. Arquivo MEPE.

A Figura 40 é a ficha da peça depositada no museu de Gotemburgo e contém informação do número de tombo; do ano que chegou ao Museu de Gotemburgo, 1926; local da coleta, Cariacá, Santarém; o nome do coletor, Curt Nimuendajú.

“The Tapajó” foi finalizado no exato momento em que Nimuendajú esclarece que iria fazer uma viagem para o território Apiaká, com objetivo de encontrar vestígios arqueológicos. Entretanto, em uma carta enviada à Carlos Estevão de Oliveira, em 12 de maio de 1923, informa que teve que abandonar o plano da viagem (Nimuendajú, 2000).

O texto não contém o tópico sobre *Ponto de Contato* e não acompanha a *Literatura Arqueológica*, apesar dos editores terem incorporado as referências totais ao final do livro. Além disso, não consta todas as obras que foram citadas por Nimuendajú na literatura arqueológica, sendo elas: “The ceramic art of the Tapajós Indians and its relation to pottery designs in culture to the North”, de Helen Palmatary (1936); “Colletions from Santarem”, de J. Alden Mason (1935).

Os textos complementares, além de “The Tapajó”, são de cunho arqueológico. Nimuendajú detalha em variados pontos como se deu suas “descobertas de achados” da cerâmica dispersada em torno da região do Baixo Amazonas (PA), principalmente Santarém, tendo acesso a pontos de caráter investigativo para uma excelente pesquisa arqueológica.

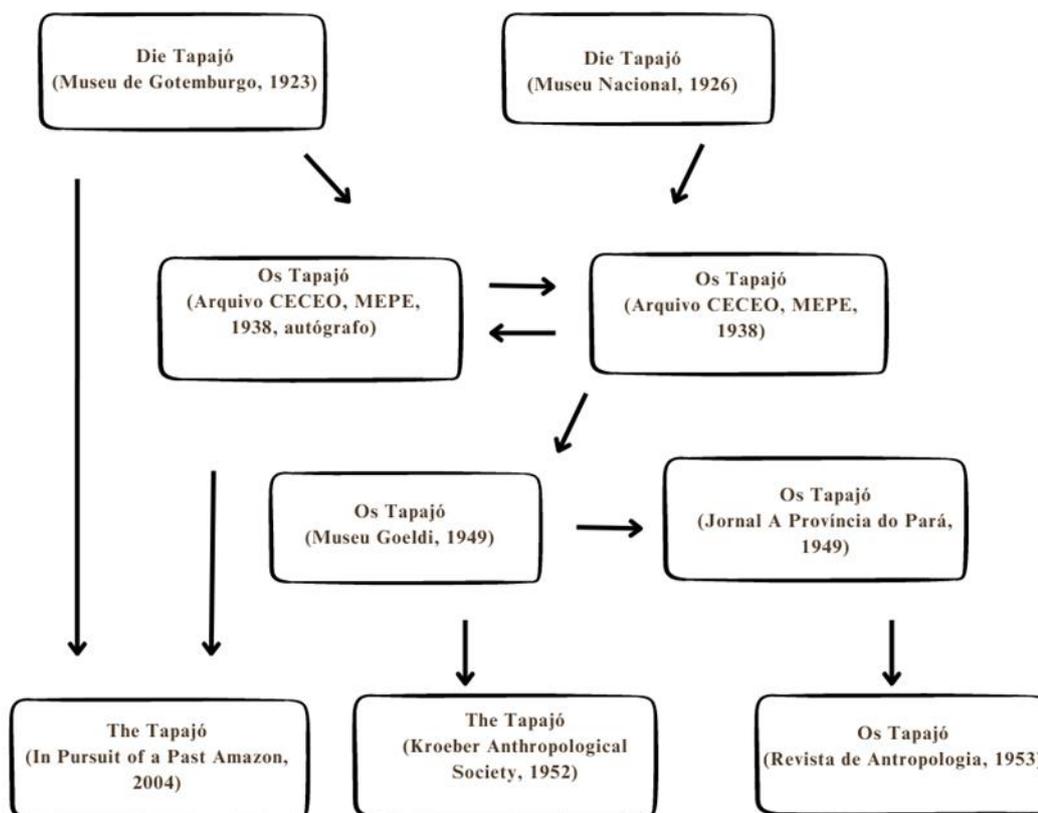
“The Tapajó” representa apenas um artigo de caráter informativo ao seu financiador, o Museu de Gotemburgo, apesar de dados iniciais das pesquisas serem ainda assim informações completas do exato momento das suas escavações e coletas. O livro em si, como sendo uma publicação atualizada de Nimuendajú, revela o pioneirismo na pesquisa e o consagra como um arqueólogo.

Em síntese, o manuscrito datilografado foi escrito em 1938 e citado na referência arqueológica do texto, existindo duas versões desse documento no arquivo Carlos Estevão de Oliveira, no Museu do Estado de Pernambuco, sendo elas diferentes entre si. A primeira edição em português foi publicada em 1949 no “Boletim” do Museu Paraense Emílio Goeldi. No mesmo ano, o “Jornal A Província do Pará” disponibilizou uma edição em português para o público, referenciando a publicação original do Museu Goeldi. Em 1952, a “Kroeber Anthropological Society” publicou uma versão em inglês em seu fascículo. No ano seguinte, em 1953, a “Revista de Antropologia” publicou uma edição também em português. A edição mais recente é de 2004, em inglês, inserida na obra intitulada “In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region”, que abrange um texto sobre a região do Tapajós. Essa versão foi traduzida a partir de um manuscrito em

alemão chamado “Die Tapajó”, escrito em 1923, que o etnólogo enviou diretamente ao Museu de Gotemburgo no início de suas pesquisas. Nas suas referências bibliográficas, Nimuendajú mencionou o texto em alemão “Die Tapajó”, só que com a data de 1926. Essa versão consta no Mapa etno-histórico, também pode ser encontrado registros na Base Minerva, uma plataforma vinculada ao sistema de consulta do Museu Nacional.

A fim de facilitar a compreensão de cada versão do texto, apresenta-se abaixo um diagrama que ilustra a sequência de escrita, edição e textos copiados de outras publicações (Figura 41). Isso auxiliará no entendimento mais aprofundado de cada uma das versões que foi apresentada.

Figura 41 - Diagrama referente as versões de "Os Tapajó".



Fonte: Autora (2023).

O diagrama inclui os dois relatórios “Die Tapajó”, de 1923 e 1926. Em seguida, apresenta as versões de 1938, que são traduções em português feitas pelo próprio Nimuendajú, com correções. Posteriormente, destaca-se a publicação de 1949 pelo Museu Goeldi, baseada no texto em língua portuguesa. Em seguida, menciona-se o artigo de 1949 no Jornal A Província

do Pará, disponibilizado pelo Museu Goeldi. Após isso, é mencionada a primeira versão em inglês de 1952, traduzida a partir da edição do Museu Goeldi. O texto de 1953 foi enviado pelo jornal para publicação na *Revista de Antropologia*. Por fim, destaca-se a edição de 2004, a segunda tradução em inglês, feita diretamente do rascunho em alemão, de 1923.

As diferentes versões de “Os Tapajó” representam uma divulgação científica imersa em um contexto de circulação do próprio texto. Redigidas originalmente em alemão, essas versões consistem em relatórios informativos sobre dados coletados em campo, combinados com informações históricas, buscando uma compreensão aprofundada por parte dos financiadores, notadamente o Museu de Gotemburgo, durante a década de 1920. Por esse motivo, os documentos datam de 1923 e 1926, período em que o autor realizou suas pesquisas na região de Santarém, Pará.

Os textos de 1938 são cópias corrigidas pelo próprio Nimuendajú, redigidas de forma datilografadas, o que sugere a existência de múltiplas cópias enviadas a diferentes destinatários, incluindo Carlos Estevão de Oliveira e Helen Palmatary (que obteve uma versão em alemão).

Embora o etnólogo tenha circulado o artigo ainda em vida, sua primeira publicação oficial ocorreu somente em 1949, por meio do Boletim do Museu Goeldi. O texto passou de um simples manuscrito e/ou relatório para se transformar em um artigo, sendo considerado uma publicação inédita póstuma que ganhou ampla republicação. “Os Tapajó” marcou o ápice de seu pioneirismo e esteve presente em várias ocasiões notáveis, como no retorno do Boletim do Museu Goeldi, na celebração da existência do Jornal A Província do Pará e na edição inaugural da Revista de Antropologia. Isso evidencia o papel singular que Nimuendajú ocupou na etnologia brasileira, tornando-se essencial ter suas publicações nas comunicações impressas do país.

Dentro dessas diversas versões, destaca-se os editores que desempenharam um papel significativo na reinterpretação do artigo. Interferiram modificando elementos que Nimuendajú havia adicionado ao texto original, adicionando informações que ampliaram as perspectivas do trabalho nos campos da etnologia, história e arqueologia.

O editor do “Boletim do Museu Goeldi” não se limitou apenas a publicar textos, mas também incorporou imagens de peças tapajônicas, talvez para ilustrar a essência da pesquisa do etnólogo. Na edição do jornal “A Província do Pará”, além do texto, foram inseridas fotos de cerâmicas e do próprio Nimuendajú, com o objetivo de apresentar visualmente o autor. Já na versão de 1952, da “Kroeber Anthropological Society”, o editor e tradutor se aprofundou consideravelmente, incluindo um mapa inédito desenhado pelo etnólogo e também adicionando

outra edição cartográfica do mesmo mapa. Além disso, questionou as fontes usadas por Nimuendajú, especificamente em relação à crônica de Mauricio de Heriarte, oferecendo uma tradução em inglês dessa fonte no artigo. O editor também inseriu notas esclarecedoras sobre as atividades no campo arqueológico e compilou todas as referências apresentadas no texto e na “literatura arqueológica”. Por outro lado, o editor da “Revista de Antropologia” se limitou a apresentar o conteúdo do texto e promoveu o trabalho de Nimuendajú na primeira edição da revista. Finalmente, a edição da obra “In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region” trouxe uma tradução da versão em alemão e complementou essas informações com cartas de Nimuendajú para Nordenskiöld, apresentando, assim, uma pesquisa arqueológica, incluindo também o material coletado apresentado por desenhos, sendo uma contribuição rica para entendimento da coleção.

Nessas publicações, com acréscimos e supressões no texto⁶⁹, observa-se uma confusão de datas que provavelmente ocorreu durante a análise dos documentos para sua publicação. Uma versão é datada de “05 de setembro de 1923” e outra de “05 de setembro de 1926”. É notável que o mês e o dia sejam os mesmos, levantando questionamentos sobre a precisão das datas atribuídas pelos editores. Outro problema de data surge na versão de “12 de abril de 1938”, enquanto todas as outras versões póstumas trazem a data como “12 de abril de 1939”. No entanto, é claro que os artigos foram erroneamente datados em 1939, já que Nimuendajú assinou a versão de 1938, confirmando assim a escrita nesse ano.

Os Tapajó é igualmente pioneiro, sendo a primeira publicação acadêmica sobre os indígenas Tapajó. Nimuendajú organizou fontes históricas e arqueológicas para retratar a cultura Tapajó, tornando-se a principal referência acadêmica para trabalhos posteriores sobre o assunto, algo que será abordado no próximo capítulo.

⁶⁹ Um quadro com informações sobre as especificações de cada versão consta no Apêndice B.

3. CAPÍTULO 3: O ARTIGO “OS TAPAJÓ” ENQUANTO PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O presente capítulo aborda o artigo “Os Tapajó” como um marco na trajetória de Curt Nimuendajú, marcando uma mudança metodológica ao incorporar estudos de natureza arqueológica. Serão exploradas as referências que Nimuendajú utilizou como base para seu trabalho, que integra o “Universo Tapajó” e reflete a compreensão do etnólogo sobre o povo indígena Tapajó. Além disso, apresentaremos uma fonte de pesquisa adicional que contribui para enriquecer o corpo bibliográfico associado ao artigo e que amplia a compreensão da região: o “Mapa etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes”. Esse mapa é construído com base no índice de fontes disponibilizado pelo etnólogo e abrange escritos relacionados aos indígenas e à região em questão.

Ao combinar o artigo e o mapa, observa-se que Nimuendajú consultou uma ampla gama de autores-fonte que documentaram informações sobre uma região, resultando em um inventário abrangente do conhecimento disponível sobre o assunto. Posteriormente, discutiremos a literatura que se desenvolveu após o trabalho do etnólogo, na qual a maioria dos trabalhos científicos sobre a região faz referência a “Os Tapajó”. Examinaremos como esses autores abordaram e reinterpretaram a produção de Nimuendajú em seus próprios estudos, destacando a influência nas pesquisas.

O capítulo está organizado em dois subitens: o primeiro, “3.1 – Fontes de Curt Nimuendajú em “Os Tapajó” e no “Mapa etno-histórico””, aponta para as referências que Nimuendajú citou para apresentar a região, os indígenas e a cerâmica tapajônica. Isso ocorreu a partir de relatos de viajantes e referências arqueológicas de pesquisadores contemporâneos a ele, em uma troca de informações científicas. O segundo subitem, “3.2 – Os Tapajó no campo na etnologia, arqueologia e história”, aborda a discussão que surgiu na decorrência dos dados apresentados por Nimuendajú e como esses dados serviram de base para que outros pesquisadores desenvolvessem estudos sobre as comunidades indígenas e a região em si.

3.1. Fontes de Curt Nimuendajú em “Os Tapajó” e no “Mapa etno-histórico”

Ao examinar as diversas fontes escritas presentes nos trabalhos produzidos por Curt Nimuendajú, fica evidente a multiplicidade de referências, especialmente ao seguir uma perspectiva de reconstrução da história indígena. Uma prova dessa abordagem é a utilização de 973 fontes referenciadas no “Mapa etno-histórico”, consultadas pelo etnólogo para mapear as

populações indígenas. Isso demonstra sua dedicação em embasar suas pesquisas em dados para contribuir para um conhecimento mais completo e preciso sobre as comunidades indígenas.

É provável que a maioria dessas fontes tenha sido lida por Nimuendajú nas bibliotecas do Museu Goeldi, Museu Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e também por meio de manuscritos enviados pelos próprios autores para sua análise e apreciação. Além de realizar extensas pesquisas de campo, o etnólogo dedicou tempo para estudar a historiografia, evidenciando seu comprometimento em abranger uma ampla gama de fontes e conhecimentos.

Uma parte significativa do material consultado pelo etnólogo está nas narrativas escritas por viajantes que realizaram diversas expedições, especialmente pelo interior da Amazônia. Durante suas pesquisas etnológicas, esses escritos eram as principais referências sobre os povos indígenas.

A produção etnológica acerca dessas sociedades consideradas exóticas precede as monografias etnológicas contemporâneas. Viajantes europeus, guiados pelo “espírito aventureiro”, realizaram trabalhos ao explorar o mundo em busca de conhecimento sobre essas populações, frequentemente com motivações colonizadoras e de domínio. Estabelece-se, assim, uma conexão entre o empreendimento antropológico e os relatos dos viajantes, que fornecem insumos sem os quais a Antropologia não teria fundamentos. Esses relatos também contribuíram para a compreensão da sociedade ao oferecer uma perspectiva histórica mais profunda (Oliveira Filho, 1987) e revelam os interesses dos colonizadores em relação a essas sociedades distintas, enfatizando os elementos “exóticos” (Fernandes, 2009). São esses viajantes que frequentemente criaram a percepção de uma Amazônia desprovida de um passado pré-colonial significativo, obscurecendo a arqueologia das culturas indígenas ao sugerir que a floresta é intocada e que qualquer vestígio pré-colombiano encontrado lá é considerado como alheio à região.

Kodama (2009) argumenta que o começo da Etnologia no Brasil se originou das informações trazidas por europeus a respeito dos povos indígenas. Nessa época, sob a orientação de estudiosos europeus, a Antropologia era reconhecida como Etnologia e Etnografia.

A abordagem literária da Amazônia tinha o objetivo de transmitir a imagem desse local como um paraíso genuíno, em contraste com as diversas cenas que a retratavam como um espaço sombrio e melancólico. No entanto, essa abordagem apresentou um dilema ao longo dos anos, pois, antes do aprender das disciplinas científicas originadas na Amazônia, a literatura

manteve uma abordagem ilusória e verbal, negligenciando os aspectos técnicos e científicos (Gondim, 2007).

Como observado por Miguel Menéndez (1982), a valia científica desses relatos é limitada, concentrando-se principalmente na identificação das localizações das comunidades indígenas e nos níveis de conflito com os colonizadores, carecendo de elementos etnográficos. Contudo, é válido ressaltar que o século XIX, marcado pelas expedições lideradas por naturalistas, possibilitou uma compreensão mais acurada das regiões em termos de sua significância etnográfica.

Os cronistas deixaram registros de observações diretas, espontâneas, ainda que não controladas. Nesse contexto, somente os naturalistas tinham sido educados de maneira a manter uma certa disciplina em suas observações, mas, de qualquer maneira, ao lidar com fenômenos sociais, deparavam com um objeto cujas peculiaridades não permitem o mesmo tratamento que os fenômenos físicos e biológicos (Melatti, 2007).

Essas expedições promoveram a transformação da região amazônica no epicentro das ciências naturais, como botânica, geografia e hidrografia. Entretanto, as narrativas retrataram os indígenas como desaparecidos desde a chegada dos portugueses ao litoral brasileiro. A literatura produzida, com muita frequência, apresentava imagens e textos que pintavam uma visão fantasiosa e distorcida da Amazônia. Isso levou muitos a se aventurarem com o objetivo de explorar suas riquezas. É importante ressaltar que essas fontes representam uma história interpretativa do Brasil com base em categorias coloniais e imagens estereotipadas dos povos indígenas, o que está sendo revisado em estudos contemporâneos (Oliveira Filho, 1987).

No campo da antropologia, o pesquisador se encontra em uma continuidade com os viajantes, mas isso não implica necessariamente em uma ligação com o passado da disciplina antropológica. Em vez disso, essa conexão visa evitar que as pesquisas atuais considerem uma conotação de naturalidade aos costumes dos povos indígenas, tratando os dados do presente como se fossem uma representação estática de uma condição natural e originária. Os relatos de viagem, por outro lado, ajudaram o antropólogo na compreensão da sociedade estudada em uma dimensão histórica, fornecendo informações que ultrapassaram a capacidade de observação dos etnólogos durante sua estadia no campo de pesquisa (Oliveira Filho, 1987).

Para a arqueologia, conforme apontado por Lopes (2021), os arqueólogos buscaram correlacionar os relatos dos viajantes com suas pesquisas arqueológicas, corroborando a ideia de que a Amazônia já foi densamente habitada, mas que, após a colonização, foi gradualmente devastada pelas práticas genocidas. Essa perspectiva é confirmada por dados arqueológicos.

Durante a primeira metade do século XX, essas fontes escritas desempenharam um papel crucial no trabalho etnográfico e arqueológico de Nimuendajú, que se baseou nessas descrições para suas pesquisas. No entanto, é crucial ressaltar que a concepção de uma Amazônia “despovoada” surgiu da inabilidade dos naturalistas em reconhecer os vestígios de ocupações humanas utilizando critérios diferentes dos europeus. Nesse contexto, o etnólogo se destacou como um arqueólogo pioneiro ao identificar vestígios de antigas ocupações por meio de fragmentos de cerâmica e solos escurecidos, e isso só foi possível devido as experiências junto às comunidades indígenas vivas.

No artigo “Os Tapajó” e no “Mapa etno-histórico”, é possível observar uma quantidade considerável de cronistas mencionados ao longo desses trabalhos. No âmbito das pesquisas de Nimuendajú, essas fontes eram os principais recursos de pesquisa disponíveis, refletindo o contexto do século XIX e XX.

De acordo com Denise Schaan e Márcio Amaral (2012), os relatos históricos não fornecem informações claras sobre a existência de sítios arqueológicos na região ou sobre a cerâmica produzida pelos Tapajó. Na verdade, a ocupação ancestral da cidade de Santarém só começou a atrair a atenção dos estudiosos algumas décadas mais tarde após a pesquisa de campo de Nimuendajú, quando o número de construções aumentou e a quantidade de vestígios encontrados cresceu significativamente.

Contudo, as primeiras informações arqueológicas que despertaram interesse datam do século XIX e foram registradas por diferentes naturalistas, como Barbosa Rodrigues, Hartt e Coudreau. Eles descreveram a região do rio Tapajós como habitada por populações indígenas, estabelecendo uma conexão entre a presença dessas comunidades e a existência de vestígios arqueológicos que poderiam lançar luz sobre os primeiros habitantes da área (Martins, 2012).

Nesse cenário, Nimuendajú emerge como um mediador entre as fontes historiográficas e os dados arqueológicos, sendo citado antes mesmo da publicação de sua obra “Os Tapajó”. Esse fato ressalta que ele desempenhou um papel de autoridade no que tange a questões indígenas, inclusive no âmbito da arqueologia tapajônica, de modo a ser reconhecido como o “pai da antropologia brasileira” (Gomes, 2008) e o precursor de uma arqueologia moderna na Amazônia e na perspectiva etnoarqueológica (Barreto; Machado, 2001). A influência de Nimuendajú não passou despercebida entre os especialistas em temas indígenas no Brasil (Schröder, 2022).

Curt Nimuendajú, na qualidade de investigador e de leitor de documentos, citou 30 autores-fonte em 34 referências bibliográficas. Ele se autorreferenciou duas vezes, citando seus

manuscritos “Os Tapajó” e “Die Tapajó”. Uma parte desse material remonta ao século XVII e XVIII, alinhando-se principalmente com a literatura de viagens. As demais fontes se concentram no século XX, especificamente entre as décadas de 1920 e 1930, e envolvem autores com os quais teve contato por meio de instituições de pesquisa.

Nimuendajú organizou suas informações considerando os dados históricos como fontes secundárias. Em trabalho posterior à redação de “Os Tapajó”, no contexto da organização do “Handbook”, criticou as informações de Constant Tastevin (1880-1962)⁷⁰ sobre os indígenas Mura, mas reconheceu sua contribuição histórica para a compreensão dos povos indígenas amazônicos (Faulhaber, 2012). Isso confirma sua abordagem de submeter as fontes escritas à análise.

Especialmente em “Os Tapajó”, essa organização fica evidente. Nimuendajú citou os cronistas no próprio texto, citando os nomes dos autores sem referenciar os títulos dos materiais consultados. Por outro lado, ele dedicou uma seção à “literatura arqueológica”, que não foi mencionada ao longo do texto, mas incluiu comentários arqueológicos derivados de seu próprio trabalho, com apenas uma menção a uma carta de Helen Palmatary na seção “Ponto de contato”.

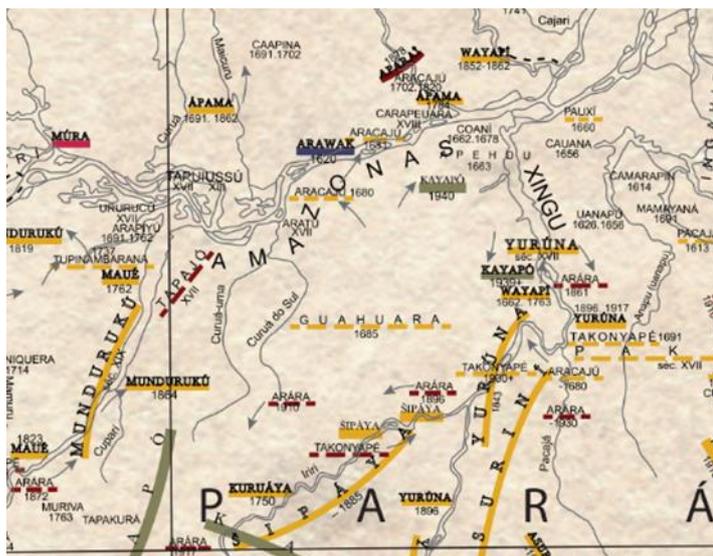
Referente ao “Mapa etno-histórico”, a literatura publicada abrange até 1944 sobre os grupos indígenas já conhecidos. Ilustra a conexão entre o conteúdo histórico-geográfico e os antropólogos (Zarur, 2002). Em suas próprias observações, Nimuendajú (2002) enfatizou que o mapa não se fundamenta em obras geográficas de outros autores. Em vez disso, os dados bibliográficos foram acumulados por ele ao longo de vários anos, autores de obras de natureza diversa e produzidas em conjunturas diferentes (Moraes *et al.*, 2021):

O trabalho de Curt Nimuendajú não era apenas uma carta geográfica de localização. Tratava-se de um complexo de dados articulados espacialmente, o que hoje chamamos de um Sistema de Informação Geográfica (SIG). O mapa propriamente dito incluía uma diversidade de dados por meio de cores, formas e estilos. Também possuía informações cronológicas, com datas atribuídas aos grupos nativos, variando entre anos específicos e séculos, o que seria razoável, já que trabalhava com fontes históricas bastante imprecisas (Moraes *et al.*, 2021).

O mapa representa cerca de 40 famílias linguísticas, com o alerta de que não pode ser considerado um trabalho definitivo, mas sim uma tentativa que poderia servir como base para pesquisas futuras, estando em constante modificação. Isso é confirmado a partir das 4 versões que não são idênticas, mas aperfeiçoadas ao decorrer do processo de criação desses mapas.

⁷⁰ Foi um missionário, etnólogo e antropólogo que escreveu sobre populações indígenas na Amazônia, coletando depoimentos para reunir em inventários culturais (Faulhaber, 2008).

Figura 42 - Grupo Tapajó no Mapa etno-histórico.



Fonte: Nimuendajú (2017).

Na figura acima estão representados os Tapajó no quadrante D3, marcados com um traçado vinho que, de acordo com a legenda do mapa, indica um grupo considerado extinto. Por sua vez, a não existência de nenhuma outra cor sobre o nome da população indígena representa uma língua não conhecida. Apesar da indicação de extinção, existem diversas referências que fornecem informações sobre os Tapajó, que foram sua base para conhecer e compreender a região do Baixo Amazonas e os indígenas.

Dentro do Universo Tapajônico, as fontes históricas mencionadas por Nimuendajú desempenham um papel crucial na compreensão do cenário da pesquisa arqueológica, pois foram essas referências que nortearam a descrição dos indígenas Tapajó no texto e a demarcação no Mapa etno-histórico. Reuniu uma diversidade de autores que exploram a região e escreveram sobre o contato com as populações indígenas. Precisou dessas fontes para situar a cerâmica coletada por ele no Baixo Amazonas-PA.

Abaixo segue um quadro com as fontes referenciadas pelo etnólogo no artigo “Os Tapajó” e Mapa.

Quadro 2 - Autores-fonte de Curt Nimuendajú.

	AUTOR	TÍTULO	SÉCULO	LOCALIZAÇÃO
a	Acuña, Cristóbal de	Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas. Colección de Libros que Tran de América, Raros o Curiosos. Tomo 2. Imprenta de Juan Cayetano García, Madrid. 1891	XVII	Texto/mapa

a	Almeida Serra, Ricardo Franco de	Navegação do Rio Tapajó para o Pará pelo tenente coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, escripta em 1779, sendo governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Revista Trimensal de História e Geographia o Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 9, 1º trimestre de 1847, pp. 1-16. Rio de Janeiro. Segunda edição.	XVIII	Texto
a	Berredo, Bernado Pereira de	Annaes históricos de Berredo. Terceira edição com um estudo sobre a vida, a época e os escriptos do autor. Historiadores da Amazonia, vols. 1-2. Typographia Barbèra, Florença. 1905	XVIII	Texto
a	Bettendorff, Johann Philipp	Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 72 (1909), parte 1, pp. V-IVI, 1-697. Rio de Janeiro. 1910	XVII	Texto/mapa
a	Carvajal, Gaspar de	Descubrimiento del río de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal, com outros documentos referentes á Francisco de Orellana y sus compañeros, publicado á expensas del Exemo. Sr. Duque de T'Sarclaes de Tilly, com una introducción histórica y algunas ilustraciones por José Toribio Medina. Imprenta do E. Rasco, Sevilla.	SXVI	Texto
a	Coudreau, Henri	Voyage au Tapajos (1895-1896). 1897.	XIX	Mapa
a	Daniel, João	Parte segunda de tesouro descoberto no rio Amazonas. Noticia geral dos índios seus naturaes, e de algumas nações em partícula; da sua fé, vida costumes, e das causas mais notáveis da sua rusticidades. Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Journal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 2, 1840 (1858 edition), no. 7, 3.º trim., pp. 321-354; no. 11, Outubro, pp. 282-297; no. 12, Dezembro, pp. 422-441. Rio de Janeiro. 1840.	XVIII	Texto/mapa
a	Fritz, Samuel	O diário do Padre Samuel Fritz, com introdução e notas de Rodolfo Garcia. Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo 81 (1917), pp. 353-367. Rio de Janeiro.	XVII	Texto

a	Fritz, Samuel	Mapa Geographica del Rio Marañon (1691). – Rio Branco: Frontieres entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas. Paris.	XVII	Mapa
0 ^a	Fritz, Samuel	Jornal of the travels and labors of Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1686 and 1723. Translated from the Evora ms. and. Edited by the Ver. Dr. George Edmundson. Works Issued by the Hakluyt Society second series, no. 51. London.	XVII e XVIII	Texto
1 ^a	Gumilla, Joseph	El Orinono ilustrado. – Madrid. 1941.	XVIII	Mapa
2 ^a	Hartt, Charles Frederick	Preliminary reporto of the Morgan Expeditions, 1870-71. – Report of a reconnaissance of the lower Tapajós. Bulletin of the Cornell University, vol. 1, nos. 1 and 2, pp. 1-37. Ithaca. 1874	XIX	Texto
3 ^a	Hartt, Charles Frederick	Contribuições para a ethnogia do valle do Amazonas. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 6, 1881, pp. 1-174. Rio de Janeiro.	XIX	Texto/mapa
4 ^a	Heriarte, Mauricio de	Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas. Feita por Mauricio de Heriarte, Ouvidor-geral, Provedor-mor e Auditor, que for, pelo Governador D. Pedro de Mello, no anno de 1662. Por mandado do Governador-geral Diogo Vaz de Sequeira. Dada a luz pela la. Voz. Imprensa do filjp de Carlos Gerold, Viemma d' Austria.	XVII	Texto/mapa
5 ^a	Katzer, Friedrich	Zur Ethnographie des Tapajos. – Globus. LXXIX. Braunschweig. 1909.	XIX	Mapa
6 ^a	Laureano de la Cruz	Nuevo descubrimiento del rio de Marañón llamdo de Las Amazonas, por Fr. Laureano de la Cruz (1651). Biblioteca de “La Irradiación”. Madrid. 1900	XVII	Texto/mapa
7 ^a	Leite, Serafim	História da Companhia de Jesus nos Brasil. vols. 1-2 published by Livraria Portugália, Lisboa, and Civilização Nacional do livro, do Ministério da Educação, Rio de Janeiro. 10 vols.	XX	Mapa
8 ^a	Linné, Sigvad; Montell, Gosta	Fran Brasiliens Indianer i Forntid oc Nutid. – C. Nimuendajú Archeologiska och Etnografiska Forskningar. – Etnografiska	XX	Texto

		Avdelningen. Göteborgs Museum. – Göteborg. 1925		
9 ^a	Linné, Sigvad	Les recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. Journ. Soc. Américanistes de Paris. XX. Paris. 1928	XX	Texto
0 ^a	Martius, Carl Friedrich Phillipp von	Beitrage zur ethographie und Sprachenkunde Ameroka-s zumal Brasiliens. Friedrich Fleischer, Leipzig. 2 vols. 1867.	XIX	Texto
1 ^a	Mason, Alden J.	Collections from Santarem. Bull. Penn. Univ. Mus., December. 1935.	XX	Texto
2 ^a	Moreira Pinto, Alfredo	Apontamentos para o dicionário geographico do Brazil. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 3 vols. 1894-99.	XIX	Texto/mapa
3 ^a	Nimuendajú, Curt	Die Tapajó. MS. s/d	XX	Mapa
4 ^a	Nimuendajú, Curt	Os Tapajó. Belém. MS. s/d	XX	Texto
5 ^a	Nordenskiöld, Erland	Ars Americana. I L'Archéologie du Bassin de l'Amazone. – Paris. 1930.	XX	Texto
6 ^a	Oliveira, Carlos Estevão de	A Ceramica de Santarem. Rev. Serv. Patrimonio Hist. Artist. Nacional. 3. Rio. 1939.	XX	Mapa
7 ^a	Palmatary, Helen C.	Tapajó Pottery – Ethnological Studie. 8. Göteborg. 1939.	XX	Mapa
8 ^a	Palmatary, Helen	The ceramic art of the Tapajós Indians and its relation to pottery designs in cultures to the North. A thesis in Anthropology. Presented to the faculty of the Graduate School of the University of Pennsylvania in partial fulfilling of the requirements for the degree of Master of Arts. (Manuscrito). 1936.	XX	Texto
9 ^a	Rodrigues, João Barbosa	Rio Tapajoz. – Rio. 1875	XIX	Mapa
0 ^a	Smith, Hebert Huntington	Brazil, the Amazons and the coast. Charles Seribner's Sons, New York. 1879	XIX	Texto

1 ^a	Snethlage, Emília	A travessia entre o Xingú e o Tapajoz – Bol. Mus. Goeldi. VII. Pará. 1910.	XX	Mapa
2 ^a	Southey, Robert	Historia do Brazil. – Rio. 1874	XIX	Mapa
3 ^a	Teixeira, Pedro	Viaje del capitan – aguas arriba del Rio de Las Amazonas (1638-1639). 1889.	XVII	Texto/Mapa
4 ^a	Tenan, Luiz C.	Relatorio da segunda expedição á Tapajonia. Pará. MS. 1938.	XX	Mapa

Fonte: Autora (2023).

As informações fornecidas no quadro foram extraídas da referência bibliográfica apresentada por Nimuendajú no artigo; referências citadas no corpo principal do texto, a partir da organização apresentada pelo editor, John Howland Rowe, em “O Tapajó” (1952); o índice bibliográfico do Mapa etno-histórico foi utilizado como referência de apoio, de onde localizei as fontes.

Entre os cronistas mencionados em “Os Tapajó”, destacam-se aqueles que embarcaram em viagens em busca da “Terra das Amazonas” e do lendário El Dorado. Expedições como as de Gaspar de Carvajal e rancisco de Orellana, em 1542; Pedro Teixeira, Cristobál de Acuña e Mauricio de Heriarte, em 1637; e Martius, que viajou com Spix, a partir do ano de 1817.

Os outros cronistas mencionados incluem Ricardo Franco de Almeida Serra, militar português que percorreu o rio Tapajó em 1794 para explorar as regiões fronteiriças do que viria a ser território brasileiro; Bernardo Pereira de Berredo, historiador português e administrador colonial que escreveu sobre a expedição de Pedro Teixeira, publicado em 1749; Alfredo Moreira Pinto, professor de história e geografia brasileira que escreveu sobre o território geográfico do Brasil, disponibilizado em 1887; Charles Frederick Hartt, um geólogo canadense que escreveu sobre a etnologia dos rios amazônicos; e Hebert Huntington Smith, naturalista americano que participou da expedição de Hartt em 1870 e explorou os rios Amazonas e Tapajós.

Entre os viajantes referenciados por Nimuendajú, há também religiosos que, além de realizarem trabalhos catequéticos, escreveram relatos de suas expedições pelo Vale do Tapajós. Entre eles estão Johann Philipp Bettendorff, superior da missão jesuíta no Estado do Maranhão e Grão-Pará, que estabeleceu a missão na região em 1661; Samuel Fritz, missionário jesuíta,

viajou no ano de 1626; e Laureano de La Cruz, frade franciscano, esteve em 1650; e João Daniel, padre jesuíta, encontra-se pelo Tapajós em 1757.

A primeira fonte referenciada por Nimuendajú (1949, p. 93) é Orellana, ao dizer: “Quando Orellana, descendo o Amazonas em 1542...”. Logo em seguida cita, “Só em 1626 chegou ao Rio Tapajós a primeira expedição portuguesa chefiada pelo Capitão Pedro Teixeira...” (p. 93). Na menção a Pedro Teixeira, o etnólogo citou indiretamente a obra de Bernardo Pereira de Berredo, que foi o cronista que escreveu sobre a expedição de Teixeira, dialogando com as fontes históricas dos dois autores. Iniciou o artigo descrevendo as duas grandes expedições pelo Rio Tapajós, nas quais Orellana estava acompanhado de Gaspar de Carvajal, o cronista da expedição; e Pedro Teixeira estava na companhia de Cristobál de Acuña e Mauricio de Heriarte, sendo que os três escreveram relatos sobre a viagem.

Posteriormente, ao abordar sobre expulsão de ingleses do território, que estavam na tentativa de estabelecer uma plantação de tabaco, é referenciado Acuña e Bettendorff. Citando, em seguida, Laureano de La Cruz para confirmar a forma que os indígenas recebiam os estrangeiros. Depois, Nimuendajú cita Acuña, e esclarece que apesar da resistência, os indígenas estabeleceram relações de confiança com a expedição de Pedro Teixeira. Ainda assim o então filho do governador do Pará, Bento Maciel, atacou os Tapajó com o objetivo de ter escravos, e entre o extermínio e a submissão, os indígenas optaram pela submissão.

Ao decorrer do texto o etnólogo cita a figura de Johann Philipp Bettendorff, que em 1661 levantou uma igreja e iniciou o processo de catequização dos indígenas da região, a partir da fundação da missão jesuíta. Em seguida cita Mauricio de Heriarte, esclarecendo que fez uma breve descrição dos Tapajó e considerou a aldeia mais populosa.

Nimuendajú ainda prosseguiu mencionado a consolidação das missões e citou Moreira Pinto para dizer que foi fundada a missão dos indígenas Arapiuns, local para onde foram transferidos parte do que restou dos Tapajó após vários conflitos com os portugueses. É nesse momento que o etnólogo teceu o comentário de que os Tapajó deixaram de existir como “tribo”, o que esclarece a seguinte citação: “Martius achou que em 1820 os Tapajocôs estavam completamente extintos” (Nimuendajú, 1949, p. 94). Nimuendajú, então, a partir das fontes, constatou a extinção dos Tapajó quando eles foram reorganizados nas missões e chamados por outros nomes.

Para escrever sobre o nome “Tapajó”, Nimuendajú citou Carvajal, Samuel Fritz, Laureano de la Cruz, Hartt e Martius, esclarecendo as diversas grafias nas referidas obras e contestou o seu significado, pois, segundo Martius, seria “mergulhadores, os que trazem do

fundo”, mas Nimuendajú diz que tal significado não é aceitável, uma vez que não faz sentido na língua geral e que, na realidade, pertencia a uma língua extinta. Deixou, assim, um dado sobre o seu conhecimento sobre as línguas indígenas.

Além das informações de cunho histórico relacionadas ao Tapajó, Nimuendajú (1949) evoca para o texto o trabalho geológico feito por Hartt e Smith, que em 1874 “reconheceram as ‘terras pretas’ da beira do planalto ao Sul de Santarém como antigas moradas de índios. Bastante estranho é que nem um nem outro teve conhecimento da maior terra de toda a zona: a de Santarém-Aldea” (Nimuendajú, 1949, p, 102). Ambas as referências são fontes do etnólogo para compreender a arqueologia da região de Santarém, e ao constatar a falta de dados completos, Nimuendajú argumenta sobre as terras pretas e demarcou seu espaço como arqueólogo afirmando que essas terras pretas eram resultado da ocupação humana e colaborador do que “foi” a cultura tapajônica.

Nimuendajú (1949) levantou questionamentos sobre o fato de Hartt não ter feito menção aos vestígios cerâmicos encontrados na cidade de Santarém, pois, à época, o Museu Nacional já contava com uma coleção que continha material encontrado na cidade, nominada de Rhome. A coleção Rhome faz referência ao nome do proprietário da fazenda Taperinha, um escravocrata que descobriu e coletou as cerâmicas, que foram, posteriormente, enviadas ao Museu Nacional. Essa coleção também é conhecida como a coleção Taperinha. Inclusive, Hartt e Rhome trabalharam juntos em escavações da fazenda (Papavero; Overal, 2011). Posteriormente essa coleção foi estudada por Anna Roosevelt (1992) e forneceu datas mais antigas para a cerâmica das Américas.

Os cronistas mais citados em “Os Tapajó” são Johann Philipp Bettendorff e Mauricio de Heriarte. Entende-se que Nimuendajú utilizou as obras desses autores como fontes primárias para sua pesquisa historiográfica e na redação do texto. Bettendorff foi o primeiro missionário residente na região do Tapajós, com a finalidade de estabelecer um assentamento que se tornaria a atual cidade de Santarém, PA (Arenz, 2010).

A obra citada por Nimuendajú é a “Crônica dos Padres da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão”, que abrange aspectos políticos, catequéticos, econômicos, sócio-políticos, jurídicos, etnográficos e geográficos. Essa crônica oferece uma visão abrangente da formação da sociedade colonial e destaca as transformações no mundo ameríndio durante o século XVII (Arenz, 2010).

Mauricio de Heriarte participou da expedição de Pedro Teixeira e, 25 anos depois a viagem, escreveu a crônica “Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das

Amazonas”. Organizou as informações coletadas de outros viajantes na expedição. Suas principais contribuições para as informações levantadas dizem respeito ao potencial da terra e à organização social do povo Tapajó.

Frederico Barata, em resenha publicada na Revista do Museu Paulista, em 1950, sobre o artigo “Os Tapajó”, criticou a forma como Bettendorff e Heriarte foram citados por Nimuendajú a respeito da língua indígena.

Barata (1949) questionou a omissão de uma passagem completa de Heriarte. O trecho afirma que as únicas três palavras conhecidas na língua Tapajó são os nomes próprios: a da tribo, a do cacique Orucurá e a ‘aura’ do diabo (Nimuendajú, 1949). No entanto, a passagem completa escrita pelo cronista é: "Quando as mudas estão maduras, cada um dá um décimo, e todos colocam junto na casa onde têm ídolos, dizendo que esta é Potaba de Aura, que em sua língua é o nome do diabo" (Heriarte, 188, p. 33). Segundo Barata (1950), Nimuendajú excluiu a palavra “Potaba” por pertencer à língua geral⁷¹ e visava apresentar apenas a língua pura do Tapajó.

Outro ponto que foi objeto de questionamento diz respeito à passagem na qual Nimuendajú afirma que nenhum dos povos indígenas da foz do rio Tapajós falava a língua tupi. Essa afirmação é baseada na interpretação de que Bettendorff teve que redigir três catecismos em diferentes línguas (língua geral, língua dos Tapajó e língua dos Urucucús) para se comunicar ao visitar os indígenas pela primeira vez em 1661. Nimuendajú também argumenta contra a presença de um intérprete, já que Bettendorff era fluente na Língua Geral, sugerindo que outras línguas deveriam estar em uso (Barata, 1950).

Barata (1950) sugeriu que Nimuendajú interpretou de maneira indireta a escrita de Bettendorff. Na verdade, o religioso redigiu os três catecismos com o propósito inicial de catequizar os chefes das aldeias para, em seguida, alcançar os demais membros. Ele fez isso intencionalmente com a finalidade de ganhar a confiança e obter acesso aos grupos indígenas. Isso é corroborado pelos próprios relatos de Bettendorff, nos quais ele afirma que as populações da região já se comunicavam na língua geral. Esse entendimento também é reforçado pela presença de um intérprete, uma vez que havia chegado ao Brasil e provavelmente ainda não dominava completamente o idioma.

Desgraçadamente nunca se encontraram os catecismos de Bettendorff, que parecem perdidos para sempre. Como afirmar ou deduzir, pois, que todos os outros nomes da

⁷¹ A “Língua Geral” faz parte da família linguística tupi guarani que foi utilizada como língua franca entre os povos indígenas e os colonizadores portugueses durante o período colonial no Brasil, e que se manteve até o século 19 no Baixo Amazonas.

língua-geral, citados pelo cronista como ouvidos dos Tapajó, não eram de língua que falavam? Quero crer que Nimuendajú não tomou em consideração esses nomes, apesar das claras citações e referências de Betendorf, justamente por serem de língua-geral, o que anularia a hipótese de falarem os Tapajó unicamente uma língua peculiar. Se Nimuendajú quis exclusivamente identificar palavras da língua pura dos Tapajós, da língua originária da tribo, porque então foi buscar Aura como exemplo, recolhida esporadicamente por Heriarte, depois de Betendorf já ter, com muito maior autoridade, anotado tantos outros termos da língua-geral por eles utilizados em seus contatos o famoso missionário? (Barata, 1950, p. 466).

Sob a perspectiva de Barata (1950), Nimuendajú deveria ter reconhecido a presença prevalente do Nheengatu entre os indígenas da região do Tapajós. É compreendido que os Tapajó utilizavam principalmente a língua geral e provavelmente a língua dos Tapajó era preservada pelos membros mais idosos.

No texto intitulado “A contribuição linguística de Curt Nimuendajú”, escrito pelo linguista Joaquim Mattoso Camara Junior em 1959, é feita uma análise do artigo de 1949 denominado “Os Tapajó”. Camara Junior (1959) aborda esse texto como um ensaio etnográfico sobre o povo Tapajó e destaca o seu interesse no âmbito linguístico, especialmente nas seções relacionadas aos termos “Nome” e “Língua”. Isso se deve à menção feita por Nimuendajú a uma língua extinta que era dominante na região antes da disseminação da língua tupi. Além disso, o etnólogo faz referência a três palavras conhecidas da língua extinta, as quais ele associa a topônimos da região amazônica. No entanto, Nimuendajú não oferece exemplos concretos que permitam uma melhor compreensão dessas referências, o que confirma a carência de informações abordadas por Barata (1950).

Apesar disso, Nimuendajú (1949) aponta que muitos dos nomes indígenas pertencem à língua geral e a outras línguas não tupi, indicando a possibilidade de que a língua extinta possa ter conexões com interpretações em línguas karíb a partir das toponímias.

Outras fontes citadas no artigo pertencem à “literatura arqueológica”, trazendo à tona autores como Erland Nordenskiöld, John Alden Mason, Helen Palmatary e Sigvad Linné, em uma publicação conjunta com Gosta Montell (1899-1975)⁷². Esses estudiosos incorporam os dados provenientes da pesquisa de Nimuendajú em suas próprias obras. O etnólogo menciona explicitamente essas fontes no corpo principal do texto, ainda assim valida essas referências como produções que foram feitas a partir do seu trabalho arqueológico. Isso sugere que todos esses autores já fizeram alusão às pesquisas de Nimuendajú, mesmo na ausência de uma

⁷² Autor sueco que pesquisou no campo da arqueologia na América do sul e na Ásia, que inclusive formou uma coleção referente a Ásia Central que está abrigada do Museu Statens Etnografiska, em Estocolmo.

publicação formal tratada à arqueologia dos Tapajó. Vale notar que as obras mencionadas se concentram primordialmente na análise das cerâmicas arqueológicas.

Os autores que foram citados apenas no Mapa etno-histórico, são: Henri Coudreau, Joseph Gumilla, Friedrich Katzer, Serafim Leite e Carlos Estevão de Oliveira. Tanto Coudreau (viajou pelo Tapajós em 1895) quanto Leite tratam de referências de cunho cronístico; o primeiro era um explorador e professor de História e Geografia, enquanto o segundo era um padre jesuíta que escreveu sobre a história da Companhia de Jesus. A contribuição de Gumilla assume a forma de uma ilustração do rio Orinoco, uma vez que esse tipo de obra se alinhava com a empreitada etnológica que resultou em um mapa. Katzer, contemporâneo de Nimuendajú, apresenta uma etnografia dos indígenas Tapajó em sua obra. Carlos Estevão de Oliveira também mencionou o etnólogo, referenciando fontes consultadas pelo próprio Nimuendajú.

A metodologia adotada por Nimuendajú estava estreitamente vinculada à disseminação científica. A atuação do etnólogo nas redes transnacionais foi essencial para a construção da ciência graças às suas conexões com interlocutores na Alemanha, Suécia, França e Estados Unidos (Schöder, 2022). É nesse contexto que se insere o seu trabalho relacionado ao Tapajó, emergindo de uma “virada metodológica” em relação ao que se documentava e relatava sobre as comunidades indígenas. Portanto, é evidente que essas fontes destacam a centralidade de Nimuendajú no campo, como um elo crucial entre diferentes fontes de conhecimento e como um pioneiro na abordagem de temas indígenas, inclusive na esfera da arqueologia, através de uma metodologia enraizada na colaboração nacional e internacional.

3.2. Os Tapajó no campo da etnologia, arqueologia e história

O foco deste subtópico se volta para a repercussão do artigo “Os Tapajó”, que marcou o início das pesquisas científicas sobre a região tapajônica e de suas comunidades indígenas. Inicialmente, são abordadas as crônicas que exploram os temas apresentados pelo etnólogo no texto. Neste ínterim, surgiram publicações e investigações fundamentadas nos estudos de Nimuendajú.

No conjunto da construção histórica da literatura referente à região tapajônica, destaca-se o trabalho empreendido por Miguel Menéndez, intitulado “Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira”, publicado na Revista do Museu Paulista, em 1981/1982. Esse trabalho surgiu duas décadas após a publicação de “Os Tapajó”, na Revista de Antropologia. A obra explora a presença indígena nos territórios dos rios Tapajós e Madeira

durante os séculos XVII e XVIII, contribuindo para a elaboração da história dessa região no Brasil. Esse esforço se baseia em documentos históricos disponíveis.

Menéndez (1981/1982) salientou que, ao longo do século XX, a região carecia de uma literatura especializada em comparação com as demais regiões do Brasil, como o rio Negro e o Xingu. Nesse sentido, o autor destacou os trabalhos de Nimuendajú, os quais contribuíram para compreender a distribuição geográfica na área Tapajós-Madeira. Esses trabalhos foram publicados no “Handbook of South American Indians” e incluíram títulos como “Os Cawahib, Parintintin e seus vizinhos”, “Os Maué e Arapiun”, “Os Cayabi, Tapanyuma e Apiacá” e “Os Mura e Piraha”, assim como “Os Tapajó”, como um trabalho extra ao compilado presente no *Handbook*.

Num outro ponto do texto, Menéndez (1981/1982) menciona que “as notícias relativas aos Tapajó foram reunidas por Nimuendajú” (p. 312), baseando-se no que o autor diz sobre a distribuição dos Tapajó na região. Essa avaliação é reforçada quando Menéndez (1981/1982) apontou para a distribuição territorial dos indígenas com base em registros documentados por Nimuendajú e Betty Meggers, equiparando essas fontes como referências válidas para questões científicas de natureza arqueológica. Em outra publicação datada de 1993, Menéndez abordou o tema da região Madeira-Tapajós em seu trabalho intitulado “A Área Madeira-Tapajós: Situação de Contato e Relações entre o Colonizador e Indígena”. Nesse estudo ele explorou a mesma abordagem da área, seguindo a proposta dos dois pesquisadores mencionados.

No entanto, o estudo realizado por Menéndez (1981/1982) examina as fontes históricas com uma análise minuciosa do que foi abordado pela perspectiva da pesquisa etnológica. Isso revela a necessidade de reexaminar essa literatura. Apesar do reconhecimento das investigações conduzidas por Nimuendajú na região, fica evidente em seu texto o questionamento de informações que exigem revisão, isso abrange não apenas “Os Tapajó”, mas também outras publicações escritas pelo etnólogo e disponíveis no “Handbook”.

Mark Harris se dedicou à pesquisa da antropologia histórica sobre os povos indígenas da região, e um de seus trabalhos é o artigo intitulado “Sistemas regionais, relações interétnicas e movimentos territoriais - os Tapajó além da história ameríndia”, publicado em 2015. Nesse texto, ao discutir a proliferação da cerâmica tapajônica na região, Harris (2015) fez referência ao trabalho de Nimuendajú de 2004. Harris também fez menção ao etnólogo ao explorar o contexto arqueológico dessa expansão da cerâmica tapajônica na área, citando um conjunto de referências, incluindo “Hilbert, 1968; Boomert, 1987; Nimuendajú, 2004; Hornborg e Hill,

2011; Schaan, 2013” (Harris, 2015, p. 39). Harris equipara Nimuendajú a esses demais autores a partir de uma análise propriamente arqueológica.

No seu artigo, Harris (2015, p. 55) tratou o tema da extinção dos indígenas, conforme retratado nas crônicas, e explicou observando que “isso não significa dizer que os Tapajó desapareceram ou se extinguiram - eles se permitiram ser renomeados”, abordada pelo fato histórico que os Tapajó foram transferidos para uma missão. Esse mesmo fato histórico foi abordado por Nimuendajú (1949) como uma perda cultural dos Tapajó:

Por isso fundou um pouco mais rio acima, na margem esquerda do Tapajós, a missão dos índios Arapiuns (Arapiyú) de nome Cumarú, hoje Vila Franca, para onde transferiu os restos da tribo Tapajó junto com Comanys, Goanacuás, Marxagoaras, Apuatiás, Arapucús, Andiragoaris (= Maué do Andirá?) e outros. Com isto parece que os Tapajó e Urucuru deixaram de existir como tribo (Nimuendajú, 1949, p. 95).

Pode-se compreender que Nimuendajú apresentou no artigo um agrupamento de diversas etnias indígenas que foram reunidas em uma missão, o que poderia explicar a ausência da identidade dos Tapajó. Essa observação, no entanto, não foi mencionada por Harris em sua obra, embora o etnólogo já tenha iniciado essa discussão em “Os Tapajó”.

Tanto Menéndez (1982) quanto Harris (2015) escolheram fazer referência ao trabalho de Nimuendajú como uma fonte de natureza arqueológica. Isso leva à compreensão de que, de acordo com esses autores, a obra “Os Tapajó” é considerada uma contribuição no âmbito da arqueologia e menos relevante na antropologia.

Dentro do campo da etnologia e no contexto das discussões antropológicas no Brasil, especialmente na região da Amazônia, pesquisadores se concentraram na análise das questões relacionadas a retomada das identidades indígenas no Baixo Amazonas. Entre esses estudiosos, destacou-se o trabalho liderado por Florêncio Vaz Filho, um antropólogo que desempenhou um papel importante como líder do movimento indígena da região do Baixo Tapajós-PA⁷³. Sua tese de doutorado, intitulada “A Emergência étnica de povos indígenas no baixo rio Tapajó, Amazônia”, foi apresentada em 2010. O cerne dessa pesquisa reside na realização de uma etnografia do processo de desenvolvimento das identidades étnicas entre as populações indígenas que habitam essa região.

⁷³ O movimento indígena no baixo Tapajós surgiu justamente da iniciativa de retomada de antigas referências culturais indígenas, reconhecendo-se como pertencentes a diferentes etnias que, até então, eram pensadas como extintas na região (Oiris, 2011). Assim, o movimento que iniciou em 1998, na Flona do Tapajós, tem o ponto de partida com uma comunidade se identificando Munduruku, e logo outras começaram a reivindicar suas identidades, com um desejo de pertencer a um povo e a uma luta (Peixoto; Arenz; Figueiredo, 2012).

Vaz Filho (2010) fez menção a Nimuendajú, destacando-o como o pioneiro na elaboração de um panorama abrangente sobre o estilo de vida e a cultura do Tapajó, fundamentado nas narrativas históricas. Embasou essa avaliação nas contribuições de Gomes (2002)⁷⁴, sendo uma referência propriamente da arqueologia, e em Menéndez (1981/1982).

Uma outra tese de doutorado no cunho da antropologia social é o trabalho produzido por Leandro Mahalem de Lima, intitulado “No Arapiuns entre verdadeiros e *-Ranas*: sobre espaços, as lógicas, as organizações e os movimentos políticos”, do ano de 2015, onde apresentou uma etnografia sobre os povos da margem esquerda do baixo rio Arapiuns a partir de uma mobilização social e política do território indígena, e destacou a figura de Nimuendajú na sua tese.

Os trabalhos de Nimuendajú destacados por Lima (2015) incluem “The Maué and Arapiun”, a versão de 1949 de “Os Tapajó” e “In Pursuit of an Amazonian Past: Archaeological researches in the Brazilian Guyana in the Amazon Region”. Essas obras são usadas como fontes etnológicas de referência, apresentadas como ferramentas para compreender o processo de organização das comunidades indígenas da região.

No estudo realizado por Lima (2015), é explicado que durante um período significativo os escritos de Nimuendajú foram a principal fonte de informações sobre os habitantes da região. O autor esclarece que “Os Tapajó” e os mapas relacionados à área fornecem um relato histórico do processo de extinção. Além disso, esclarece que as propostas do etnólogo estavam delineadas em “identificar as ‘tribos’ que ali viviam no pré-colombiano; e especificar, a partir de fontes escritas, os eventos que teriam levado estas populações à extinção em meados do século XVIII” (Lima, 2015, p. 58).

Lima (2015) também ressaltou que a análise de Nimuendajú marcou uma alteração nas categorizações, influenciando a discussão entre “índio puro” e a categoria “caboclo”, tal como estudada e apresentada mais tarde por Wagley (1953).

O autor destacou contribuições arqueológicas de Nimuendajú, especialmente na identificação de terras pretas e vestígios cerâmicos. Ao tratar essas informações arqueológicas, Lima (2015) relacionou os dados apresentados pelo etnólogo à sua pesquisa etnológica. Por exemplo, ele menciona que “Nimuendajú descreveu a existência de um corredor Konduri entre o Lago Grande e o Arapiuns, situado entre a ponta do Acai (adjacências do lago Ajamuri, Lago Grande) e a ponta do Toronó (entre os lagos da Praia e do Caruci, Arapiuns)” (Lima, 2015, p.

⁷⁴ GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 359 p.

74), e evidencia a presença desses indígenas na área com base nas descobertas arqueológicas de Nimuendajú.

No que diz respeito à extinção dos povos indígenas, Lima (2015) interpretou que Nimuendajú não se referiu à extinção como uma diminuição demográfica, mas sim como uma perda cultural, sob as categorias de cultura e sociedade debatidas durante os anos 1920, o que estava em diálogo com os pressupostos teóricos que o etnólogo compreendia na época, a noção de “perda cultural”.

A antropóloga Edwiges Ioris, que pesquisou sobre os indígenas do Baixo Tapajó, apresentou, em 2018, um artigo intitulado “Memory regimes, struggles over resources and ethnogenesis in the Brazilian Amazon” e utilizou “Os Tapajó” como uma fonte histórica e arqueológica, destacando informações referentes ao comentário de Nimuendajú sobre a não existência dessa população indígena e sobre o conceito de terras pretas presentes na região.

Os estudos de Vaz Filho (2010), Lima (2015) e Ioris (2018) estão inseridos no contexto teórico da antropologia social relacionado às especificações da “etnogênese”. Esse campo de estudo aborda a ideia de que várias comunidades, ao longo de um extenso período, foram obrigadas a ocultar suas identidades, mas agora estão retomando como povos indígenas e buscando o reconhecimento de sua identidade étnica, principalmente por parte do Estado.

Entre os arqueólogos, as contribuições de Nimuendajú desempenham um papel fundamental. Esse etnólogo se tornou uma figura de referência incontornável em estudos. As informações organizadas por Nimuendajú são comprovadas e contribuíram para o desenvolvimento da arqueologia como disciplina e área de pesquisa, especialmente quando se trata de investigações realizadas na região amazônica.

Na arqueologia é importante destacar o trabalho realizado pela arqueóloga Betty Meggers (1921-1949) e seu marido Clifford Evans. Em 1948 eles embarcaram em uma expedição ao Brasil com o objetivo de condução de pesquisas arqueológicas na região do Baixo Amazonas. Durante essa expedição, coletaram uma série de objetos arqueológicos os quais foram distribuídos entre instituições como o Museu Goeldi, o Museu do Território do Amapá, o Museu Nacional e o Instituto Smithsonian. Essas instituições forneceram os recursos necessários para a condução das pesquisas de Meggers (Sombrio, 2022).

A linha de pesquisa seguida por Meggers estava intrinsecamente relacionada ao conceito de “cultura da floresta tropical”. Essa categorização contribuiu para estabelecer padrões na compreensão da organização social, econômica e política dos povos da Amazônia. No entanto, é importante notar que sua abordagem gerou polêmicas na antropologia cultural, uma vez que

ela associou esses povos a melhorias primitivas de desenvolvimento cultural. Meggers caracterizou os grupos indígenas que ela mapeou na região do Baixo Amazonas como detentores de uma rica diversidade cultural, mas destacou que eles permaneceram em um estado de "natureza" aparentemente estático (Sombrio, 2022).

Betty Meggers (1948) utilizou as pesquisas de Nimuendajú como uma das fontes fundamentais para seu próprio trabalho. Ela ressaltou a importância dos relatos de viajantes, destacando que essas fontes devem ser consideradas como informações provisórias e incompletas. Enfatizou que a compreensão da arqueologia da Amazônia era, em grande parte, incompleta e constituía uma narrativa ainda não totalmente resolvida. Ela também apontou que havia muito trabalho a ser feito nesse campo e que as fontes escritas disponíveis frequentemente careciam de detalhes sobre a localização exata de descobertas de cerâmica, além de conter contradições.

Meggers (1948) argumentou que as explorações conduzidas por Nimuendajú continham informações necessárias que poderiam contribuir de maneira substancial para o avanço do conhecimento arqueológico. Vale ressaltar que na época da publicação do seu trabalho, “Os Tapajó” ainda não estava oficialmente disponível como fonte de referência, possivelmente a arqueóloga se baseou em outros trabalhos.

Em sua tese de doutorado intitulada “Archaeological investigation at the mouth of the Amazon”, datada de 1957, Betty Meggers destaca que as investigações arqueológicas mais abrangentes na região amazônica foram realizadas por Nimuendajú durante a década de 1920. Meggers (1957) teve a oportunidade de acessar os manuscritos do etnólogo que foram guardados no Museu de Gotemburgo graças à colaboração de Stig Rydén, responsável pela documentação na instituição à época. Essa colaboração contribuiu para que Meggers incorporasse especificações dos escritos de Nimuendajú em sua própria tese⁷⁵.

Nessa obra, Meggers (1957) enfatiza a importância de considerar a influência e o legado de Nimuendajú em seu próprio trabalho. Ela resalta que mencionar Nimuendajú é uma forma de consideração à dívida intelectual a ele. É importante notar que esses manuscritos só foram disponibilizados de forma mais ampla em 2004, com a publicação da obra “In Pursuit of an Amazonian Past: Archaeological researches in the Brazilian Guyana in the Amazon Region”.

Anna Roosevelt, arqueóloga que contribuiu com escavações na região de Santarém nos anos de 1993, 2000, 2001 e 2007, foi uma das principais autoridades no campo da arqueologia

⁷⁵ A tese de Betty Meggers é referente ao Arquipélago do Marajó, Caviana e Mexiana, então foi sobre esses locais que estão as referências disponibilizadas por Nimuendajú.

dessa região. Ela também recorreu às contribuições de Curt Nimuendajú como uma fonte essencial para a compreensão da cerâmica na área. Em seu trabalho publicado em 2009, Roosevelt ressalta que Santarém já era amplamente reconhecida como um centro crucial de um suposto contato indígena, frequentemente denominado de “Tradição Inciso-Ponteadas”⁷⁶, quando iniciou suas investigações na arqueologia e história da região. Roosevelt (1991) correlacionou os resultados de suas pesquisas arqueológicas com uma variedade de outros conjuntos de dados, incluindo fontes históricas, estudos de antropologia física e paleontologia. Isso foi feito com o objetivo de estabelecer uma linha temporal cultural que ajudasse a entender a ocupação humana na Amazônia.

Além disso, Roosevelt (2009) chama a atenção para a existência de uma sociedade regional complexa e hierarquizada, baseando-se em estudos previamente apontados por Nimuendajú em 1949. Ela destaca que Nimuendajú coletou abundantemente objetos de cerâmica durante o período de contato, o que fornece dados importantes para a compreensão dessa sociedade ao longo do tempo.

Em sua tese, Vera Guapindaia (1993) descreveu as pesquisas arqueológicas de Nimuendajú como sendo “não sistemáticas”, ou seja, realizadas sem uma estrutura organizacional formal. Apesar disso, Guapindaia (1999) destacou que a contribuição mais significativa do etnólogo foi, na verdade, suas próprias descobertas, que incluíram a identificação de 65 sítios associados à cultura tapajônica.

No campo teórico da construção das ciências humanas, por vezes Nimuendajú é situado em posição de “um grande colecionador de dados” e que nem sempre se interessou em interpretá-los (Schaan, 2012). Contudo, inserido nesse âmbito da arqueologia, Nimuendajú se referiu a cerâmica Tapajônica com o termo “estilo” que mais tarde foi utilizado pelo arqueólogo Peter Paul Hilbert ao usar critérios artísticos referente às cerâmicas (Hilbert, 2009). Hilbert (1955), em suas pesquisas, define as previsões de classificação dos materiais encontrados nos sítios da região em grupos distintos com base na categoria de “estilo”.

Conforme observado por Marcony Alves (2019), Curt Nimuendajú utilizou a categoria “estilo” ao abordar os conjuntos arqueológicos com o propósito de definir áreas de distribuição específicas. Em sua perspectiva etnológica, Nimuendajú concebeu um “estilo” como uma forma

⁷⁶ A “Tradição Inciso-Ponteadas” é um termo que se refere a um estilo distintivo de cerâmica produzido por culturas indígenas na região amazônica, especialmente na área de Santarém. Essa tradição é caracterizada por cerâmica decorada com incisões feitas nas peças de cerâmica. É significativa na arqueologia da região amazônica porque as cerâmicas desse estilo são frequentemente associadas a períodos de intercâmbio cultural e contatos entre diferentes grupos indígenas. O estudo dessas cerâmicas fornece informações importantes sobre a história e as relações culturais dessas sociedades antigas na região de Santarém e arredores.

de cerâmica que apresentava elementos decorativos, morfológicos ocasionais e que possuía uma distribuição geográfica delimitada. Esses elementos indicam a presença de um grupo humano distinto com características próprias e identificáveis, muitas vezes referenciadas nas crônicas coloniais.

Em uma correspondência dirigida a Gastão Cruls (1888-1959)⁷⁷, Nimuendajú descreveu que “(...) achados arqueológicos devem ser atribuídos á última tribo conhecida do lugar”⁷⁸, desde que seja viável estabelecer uma documentação estratigráfica entre os vestígios da ocupação indígena e a presença colonial (Alves, 2019).

Segundo Alves (2019, p. 55), “a classificação dos ‘estilos’ tinha duas dimensões distintas: a comparação de elementos visuais da cerâmica e, na maioria dos casos, a associação com informações etno-históricas que permitiram conectar objetos a uma ‘tribo’ produtora”. Essa abordagem foi claramente exemplificada por Nimuendajú em seu texto “Os Tapajó”, na qual ele converteu uma análise histórica que estava correlacionada aos seus próprios dados, estabelecendo uma conexão entre a cerâmica e os grupos indígenas que a produziram.

Inaugurou-se em 2011 o projeto “Cultivated Wilderness”, cujo objetivo é explorar a compreensão da interação entre as sociedades humanas e o meio ambiente na Amazônia pré-colombiana. O projeto visa investigar como as comunidades pré-históricas desenvolveram suas relações com o ambiente natural a partir da arqueologia da cerâmica da região de Santarém e o material coletado por Nimuendajú disponível no Museu de Gotemburgo (Stenborg *et al.*, 2014). Essa pesquisa colaborativa contou com a participação de arqueólogos tanto suecos quanto brasileiros. Os principais pesquisadores envolvidos no projeto incluem Per Stenborg, Denise Schaan, Márcio Amaral Lima, Mats Söderström e Jan Eriksson.

Dentre os trabalhos desenvolvidos pelo projeto, os pesquisadores revisitam sítios localizados por Nimuendajú em seu trabalho para o Museu de Gotemburgo, que dentre os 43 locais visitados pela equipe do projeto, 20 puderam ser identificados com certeza como os mesmos locais visitados pelo etnólogo na década de 1920 (Stenborg; Schaan; Amaral, 2012), demonstrando uma certa precisão na pesquisa desenvolvida por ele.

O etnólogo observou que a cidade de Santarém estava situada no topo de depósitos arqueológicos, uma vez que foram encontradas terras pretas que continham fragmentos de

⁷⁷ Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, escritor e influente intelectual brasileiro, atuando na Assistência Pública até 1921. Em 1928, a convite de Cândido Rondon, acompanhou uma expedição pelo interior da Amazônia, navegando pelos rios Trombetas e Cuminá, percorrendo a rota de Óbidos a Tumucumanque, que originou no livro “A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumanque” (1930) (Cordeiro, 2018).

⁷⁸ Carta de Nimuendajú a Gastão Cruls, 26/11/1941, Arquivo Curt Nimuendajú/CELIN/MN *apud* Alves, 2019, p. 55).

cerâmica. Essas descobertas levaram à sugestão de que a cidade de Santarém representava o epicentro principal da difusão da cultura tapajó na região. Nimuendajú localizou um total de 65 sítios arqueológicos na área que abrangia Santarém, Vila Franca, Alter do Chão, rio Curuá-Una e a margem direita do rio Amazonas (Schaan; Amaral, 2012).

De acordo com Stenborg, Schaan e Amaral (2012), Nimuendajú coletou materiais ao longo de diferentes anos para o Museu de Gotemburgo. É pouco provável que todas as áreas identificadas representem um material cultural das sociedades que existiram simultaneamente às datas associadas à cerâmica de Santarém, datando os complexos para o final do primeiro milênio e início do segundo milênio d.C. A presença de várias características específicas em uma área geograficamente definida sugere, pelo menos, que as pessoas interagiam de maneira distinta dentro dessa região em comparação com as regiões circundantes.

Essas observações estão em consonância com informações enfatizadas por Nimuendajú. Apontou paralelos estilísticos entre essas indústrias e as cerâmicas do sul da América Central. Além disso, concordou com a perspectiva de Palmatary (1960), que comparou essas cerâmicas às indústrias encontradas na região do Baixo Mississippi, nos Estados Unidos. Nimuendajú associou as cerâmicas ricamente ornamentadas a contextos cerimoniais e conseguiu distinguir entre as cerâmicas produzidas pelos habitantes do Baixo Tapajós na época pré-colonial e as indústrias da época colonial (Troufflard, 2016).

Nimuendajú também relatou a presença de cerâmicas não identificadas na região do Baixo Amazonas, como mostrado na Figura 9. Atualmente, esses dados estão sendo investigados por arqueólogos que examinam a presença de sítios cerâmicos na área de Monte Alegre, no Pará. Apesar da proximidade de Santarém, as cerâmicas exibem características distintas, incluindo elementos da cerâmica Koriabo, que foram encontradas nas ilustrações dos materiais coletados por Nimuendajú em Monte Alegre (Barreto; Nascimento; Pereira, 2016).

Bruna Rocha (2017) fez uma descrição sobre a cerâmica Sapupé (grupo indígena), distinta dos Tapajó e presente em Itaituba, Pará, que foi apresentada por Nimuendajú (2004). Também destacou a presença da cerâmica Konduri no Baixo Amazonas, a partir de uma variedade de elementos que questionam a natureza de uma possível tradição local. Essas questões sobre a cerâmica Konduri foram exploradas posteriormente por Alves (2019), que examinou a caracterização de estilos a partir da análise de peculiaridades encontradas em museus brasileiros. Todos esses estudos ainda estão em processo de pesquisa e debate, o que indica que novas perspectivas estão surgindo em relação ao trabalho de Nimuendajú da década de 1920.

Conforme Machado (2009), os trabalhos de Nimuendaju na região amazônica, embora possam ser criticados pela falta de sistematização nas escavações e pela criação de coleções destinadas a museus europeus, proporcionaram, por outro lado, um conjunto de materiais que serviram de base para pesquisas subsequentes. O etnólogo estabeleceu a interdisciplinaridade na arqueologia ao introduzir uma abordagem analítica que perdura até os dias atuais.

Do ponto de vista das pesquisas arqueológicas, há uma ampla variedade de estudos que destacam a contribuição pioneira de Nimuendajú, tanto em trabalhos mais antigos quanto em pesquisas contemporâneas. As informações fornecidas pelo etnólogo ainda suscitam numerosos questionamentos atuais que desempenham um papel significativo na compreensão da cultura dessa região. Ele permanece como uma das principais referências no campo da arqueologia, cujo legado continua a enriquecer os estudos.

A Universidade do Oeste do Pará (UFOPA), que hoje oferece um curso de graduação em Arqueologia, prestou uma homenagem a Curt Nimuendajú ao nomear um de seus laboratórios como “Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú”. Essa escolha simboliza o legado deixado pelo etnólogo na região, resultante de seu pioneirismo em arqueologia (Figura 43).

Figura 43 - Placa do laboratório Curt Nimuendajú, Ufopa.



Fonte: Autora (2023).

A influência de “Os Tapajó” em suas diversas versões funciona como um ponto de partida que orientou outras pesquisas, sobretudo no âmbito da arqueologia. Esse trabalho não apenas abre caminho para a compreensão desses tópicos, mas também influencia direcionamentos posteriores de estudos.

A análise de Nimuendajú é frequentemente mencionada tanto como fonte histórica quanto fonte arqueológica, raramente mencionada como fonte etnológica. Possivelmente essa situação de pouco apreço ocorreu devido o conteúdo abordado em sua obra “Os Tapajó” está inserido em busca por culturas indígenas puras em um contexto histórico-social de categorias de “neobrasileiros”, o que levou as investigações subsequentes, tendo como base o trabalho de Nimuendaju, a se concentrarem exclusivamente em abordagens históricas e arqueológicas.

A prática etnológica e antropológica só ganhou relevância nesse contexto a partir de 1988, com o decorrer da atuação do Movimento Indígena na região, quando os indígenas passaram a se declarar como tal. É a partir desse Movimento que as pesquisas etnológicas e antropológicas assumiram um papel central no estudo das culturas indígenas, partindo de novos pressupostos teóricos da antropologia para estudar a complexidade da organização social do Baixo Amazonas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do Universo Tapajônico foi elaborada a partir do contexto da pesquisa de Curt Nimuendajú na região de Santarém, entrelaçando os campos da arqueologia, etnologia e história, o que revelou uma ampla gama de conhecimentos de natureza interdisciplinar. O universo está aqui definido como o artigo, cartas, documentos e mapas.

Para entender o Universo Tapajônico, foi essencial compreender a formação de Nimuendajú como etnólogo. Isso incluiu examinar suas expedições de campo, seus contatos com intermediários, a análise de suas pesquisas e a absorção das correntes teóricas que influenciaram seu trabalho como pesquisador. Nesse contexto, o estudo do artigo “Os Tapajó” representou uma aplicação da etnologia na prática arqueológica. Naquele momento, era necessário recorrer às ‘fontes históricas’ para obter conhecimento sobre os grupos indígenas locais por ele considerados extintos. Nesse processo, Nimuendajú desempenhou um papel fundamental ao disponibilizar uma ampla gama de referências bibliográficas sobre a região e os indígenas.

Para compreender “Os Tapajó”, tive que ir além da etnologia, pois ela por si só não oferecia instrumentos teóricos necessários para entender a natureza de seu trabalho na área da arqueologia. Durante o seu trabalho de campo, o etnólogo realizou uma exploração que incluiu coletas de cerâmicas, escavações, análises de terras pretas como resultado da ocupação humana, descrição de objetos, propostas de conexões entre estilos cerâmicos e atribuição de significados míticos a ídolos. Nimuendajú, de forma pioneira, elaborou hipóteses para uma investigação de

objetos tapajônicos em uma esfera de redes de comércio, explorando a troca e a difusão cultural. No processo, desenvolveu uma abordagem arqueológica regional e multidisciplinar para interpretar a cultura da região, sendo sua maior contribuição.

Nimuendajú estava imerso em campos de pesquisas que possibilitaram resultados abrangentes. Tanto a etnologia quanto a arqueologia eram campos teóricos cruciais para ele, e, mais do que isso, foram essenciais partir dessas ferramentas nesta dissertação para compreender o desenvolvimento de seu trabalho.

A partir desse pressuposto interdisciplinar, torna-se evidente que ao examinar sua pesquisa sobre os Tapajó, percebe-se a construção de um profissional que transitou da etnologia para a arqueologia. Nesse contexto, podemos caracterizá-lo como um “Etnólogo/Arqueólogo” e “Etnoarqueólogo”. Essa perspectiva revela a existência de uma prática científica específica que se moldou durante sua formação em campo naquela região.

Segundo a ótica de Nimuendajú, dado que ele não podia realizar pesquisas com indígenas “vivos” ou pela formação de coleções etnográficas, optou por investigações arqueológicas, que se revelaram igualmente significativas. Seu trabalho não se limitou apenas à documentação dos “achados” da cerâmica tapajônica, mas também marcou sua trajetória como pesquisador. Foi a primeira vez que ele atuou como arqueólogo, devido ao financiamento fornecido pelo Museu de Gotemburgo para a coleta desse material.

No primeiro capítulo, destaca-se a maneira como a pesquisa arqueológica de Nimuendajú se desenvolveu entre os anos de 1923 e 1925, estando intrinsecamente ligada às redes transnacionais de troca de conhecimento, financiamento e à prática da etnologia científica na década de 1920. Isso é especialmente evidente na área da etnologia que Nimuendajú construiu para sustentar seu trabalho com populações indígenas, especialmente na Amazônia.

No segundo capítulo, analisou-se o artigo “Os Tapajó” em suas nove versões, como resultado desse trabalho interdisciplinar. Vale ressaltar que o etnólogo nunca publicou durante sua vida uma pesquisa de natureza arqueológica, apesar de ter sido referido como tal por vários autores. Cinco artigos são publicações póstumas, essas edições desencadearam uma série de debates e publicações sobre a arqueologia, etnologia e história da região, reelaborando o Universo Tapajônico na dimensão do texto. Além disso, é importante considerar a maneira como “Os Tapajó” foi moldado pela influência dos editores, que desempenharam um papel central na obra, especialmente por se tratar de uma publicação póstuma. Nesse contexto, foi relevante examinar esses editores dentro do processo de concepção, redação, divulgação e difusão do artigo, pois foram eles os responsáveis por acréscimos e supressões no trabalho.

Esses editores desempenharam um papel fundamental ao ampliar a produção do etnólogo/arqueólogo, seja para elogiar ou criticar seu trabalho. Independentemente das opiniões expressas, Nimuendajú se encontrou como uma figura central na discussão sobre o Tapajó.

No terceiro capítulo, observa-se como essa produção escrita orientou novas interpretações em relação à cerâmica e à cultura tapajônica, baseando-se na pesquisa de Nimuendajú na compreensão da cultura tapajônica em sentido etnológico e arqueológico. Em relação ao artigo, é importante esclarecer que na área da antropologia foi publicado na “Kroeber Anthropological Society”, em 1952 e na “Revista de Antropologia”, em 1953. Depois da década de 1950, não é publicado no campo da disciplina antropológica. Por outro lado, as demais publicações, pela sua importância, podem ser categorizadas como de natureza arqueológica. “Os Tapajó” é predominantemente mencionado no campo da arqueologia, sendo, em alguns casos, considerado apenas como fonte histórica na antropologia. Dessa forma, o artigo permanece como um elemento de importância para a arqueologia, enquanto na antropologia sua relevância se restringe, em grande parte, ao contexto histórico, devido às mudanças nas abordagens antropológicas atuais que tornaram a concepção da extinção indígenas defasadas.

Atualmente, na região do baixo rio Tapajós, localizada no Oeste do estado do Pará, informações fornecidas por representantes do Conselho Indígena Tapajós (CITA) indicam a presença de aproximadamente 7.000 indígenas, pertencentes a 13 povos diferentes: Apiaká, Arapium, Arara Vermelha, Borari, Cara Preta, Jaraqui, Kumaruara, Maytapu, Munduruku, Tapajó, Tapuia, Tupaiú e Tupinambá. Essa população reside em 64 aldeias dispersas ao longo das margens dos rios Arapiuns, Tapajós e Maró, bem como no Planalto Santareno e na região de Alter-do-Chão (Arantes, 2018).

O processo de afirmação étnica teve início no Tapajós em 1998, quando líderes indígenas da área procuraram a FUNAI para comunicar sua intenção de revitalizar a identidade indígena e iniciar os trâmites oficiais para legalizar essa decisão. Nesse contexto, o Conselho Indígena Tapajós-Arapiuns (CITA) foi estabelecido em 2000 para representar as várias associações indígenas que se construía na região (Carvalho *et al.*, 2021).

E assim surgiu a autoidentificação indígena entre os habitantes das comunidades do baixo rio Tapajós, trazendo consigo um discurso sobre sua cultura e identidade étnica. Recuperar a expressão cultural representa uma nova dinâmica de desenvolvimento e recriação das suas cosmovisões e costumes, que abrangem elementos considerados tradicionais juntamente com inovações que são construídas com o objetivo de preservar a tradição (Vaz Filho, 2010).

Portanto, contrastando com as narrativas historiográficas que afirmavam o desaparecimento dessas comunidades na região do baixo Tapajós desde meados do século XVII, os indígenas apresentam, na virada para o século XXI, uma contranarrativa que desafia a ideia de sua extinção, reafirmando sua presença na história do baixo Tapajós e fazendo valer suas demandas nas negociações de poder (Ioris, 2018).

A retomada da identidade indígena não deve ser vista como um ressurgimento de algo que foi apagado e revivido. Em vez disso, representa um processo contínuo de reafirmação da identidade indígena em uma sociedade que emprega diversos meios para marginalizar os grupos étnicos.

No contraste da atuação do movimento indígena na região, a pesquisa de Nimuendajú pode ser reexaminada e utilizada em várias dimensões para desafiar perspectivas que marginalizam as populações indígenas em seus territórios. Nesse contexto, os mapas, os dados arqueológicos e o artigo “Os Tapajó” podem servir como fontes de evidência para afirmar que os indígenas sempre estiveram presentes na região e que, na realidade, suas vozes foram suprimidas.

Proponho que esse conjunto documental produzido por Nimuendajú e seus editores pode ser visualizado no âmbito de uma territorialização dos Tapajó a partir das diversidades de mapas produzidos, na elaboração de estilos de cerâmicas na região que podem ser vistos a partir da identificação histórica dos seus produtores. A proposta de Nimuendajú confirmou a incidência de terras pretas e isso representou o grande número populacional de indígenas presentes e como essas populações se interligaram no processo de colonização e se adaptaram para (re)existirem enquanto grupos indígenas.

Por fim, a partir de uma micro-história do etnólogo/arqueólogo com base no universo documental tapajônico, apresentou pluralidades no desenvolvimento da sua pesquisa e nas versões do artigo “Os Tapajó”. Isso resultou involuntariamente na etnificação da identidade de uma população indígena por meio do estudo de cerâmicas arqueológicas e cartográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARSSON, Jan-Åke; AGÜERO, Oscar Alfredo. **Erland Nordenskiöld**: investigador y amigo del indígena. Quito: Abya-Yala, 1997.
- ALVES, Marcony Lopes. **Objetos distribuídos do Baixo Amazonas**: um estudo da cerâmica Konduri. 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- ALVES, Marcony Lopes. **Entre Konduri e Santarém**: o vaso de gargalo no Baixo Amazonas. Monografia (Graduação em Antropologia). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.
- AMARAL, Marcio. Cerâmica de Santarém de estilo globular. *In*: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; BETANCOURT, Carla (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**: rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN. Ministério da Cultura, 2016. p. 265-273. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas_arqueologicas_amazonia_nova_sintese.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.
- AMOROSO, Marta Rosa. Nimuendajú às voltas com a história. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 173-188, 2001.
- ARANTES, Luana. Trajetória de mulheres indígenas no baixo rio Tapajós: percursos entre aldeia, cidade e universidade. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 31, 2018, Brasília-DF. **Anais [...]**. Brasília-DF: UnB, 09 a 12 de dezembro de 2018. p.1-20.
- ARENS, Karl Heinz. Do Alzette ao Amazonas: vida e obra do padre João Felipe Bettendorff (1625-1698). **Revista Estudos Amazônicos**, [s.l.], vol. V, n. 1, p. 25-78, 2010. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo:arenz-2010/arenz_2010_bettendorff.pdf. Acesso em: 10, jul. 2023.
- ARNAUD, Expedito. Curt Nimuendajú: aspectos de sua vida e de sua obra. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, n. 24, p. 55-72, 1983.
- BALDUS, Herbert. Métraux e a Etnologia brasileira. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. XIV, p. 46-59, 1963. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abaldus-1963-metraux/Baldus_1963_MetrauxEAEtnologiaBrasileira.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BARATA, Frederico. A arte oleira tapajó. **Instituto de Antropologia e Etnologia Brasileira**, Belém, n. 2, 1950.
- BARATA, Frederico. Review: Curt Nimuendajju; Os Tapajó. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, X. Belém - Pará 1949, p. 93-106, 3 figuras no texto. **Revista do Museu Paulista**, vol. 4, pp. 464-468, 1950.
- BARRETO, Cristiana; NASCIMENTO, Hannah Fernandes; PEREIRA, Edithe. Lugares persistentes e identidades distribuídas no Baixo Amazonas: complexos cerâmicos pré-coloniais de Monte Alegre, Pará. **Revista de Arqueologia**, [s.l.], v. 29, n.1, p. 55-85, 2016. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/443>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- BARRETO, Cristiana. De la Dordogne aux tropiques: les missions archéologiques françaises au Brésil. **Brésil(s)**, n. 22, 31 mai 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/bresils/12173#>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BARRETO, Cristiana; MACHADO, Juliana Salles. Exploring the Amazon, explaining the unknown: views from the past. *In*: MCEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo (ed.). **Unknown Amazon**. London: The British Museum Press, 2001. p. 232-251.

BARUJA, Salvador Pane. **Curt Nimuendajú: o alemão que virou índio**. 2014. 320 p.

BASE MINERVA. Disponível em: <https://minerva.ufrj.br/F?RN=612241585>. Acesso em: abr. 2023.

BENCHIMOL, Alegria Celia. **Resgate e resignificação da pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi: presença e permanência de cientistas estrangeiros (1894-1914) na produção científica de autores atuais (1991-2010)**. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BENCHIMOL, Alegria; ARRUDA, Maria Izabel; SILVA, Taíze. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: do impresso ao eletrônico. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 26, n. 3, p. 81-93, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/repositorio/2017/01/pdf_70e5408d14_0000022218.pdf. Acesso: 21, mar.2023.

CALANDRA, Horacio Adolfo; SALCEDA, Suzana Alicia. Amazonia boliviana: arqueología de los Llanos de Mojos. **Acta Amazonica**. vol. 34(2), p. 155-163, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aa/a/JPDmNydGqRckSvB54bPMxGJ/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 26, abr. 2023.

COELHO, Machado. A Biblioteca do Museu Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 10: 411-420, 1948.

CAMARA JUNIOR, João Mattoso. **A obra lingüística de Curt Nimuendaju**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1959. (Publicações avulsas, n. 29).

CARVALHO, L. *et al.* Afirmação indígena no Baixo Tapajós: Território, memória e políticas. **Revista Ciências da Sociedade**. v. 3, n. 5, p. 8-13, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348164003_AFIRMACAO_INDIGENA_NO_BAI_XO_TAPAJOS_Territorio_memoria_e_politicas

COELHO, Matheus Camilo. **Objetos entre contextos e significados: as coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1894 e 1905**. 2021. 213 p. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, 2021.

COELHO, Vera. **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 640 p.

CORREIA, Mariza. Revista de Antropologia: 1953-2003 uma revista para muitas histórias. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 46, n. 2, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/b5hNmXLR8Y7vRNdnzrVFQyf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10, jul. 2023.

CORDEIRO, Matheus Villani. “A Amazônia que eu vi”: Gastão Cruls e a produção etnográfica das sociedades indígenas dos limites do Brasil. **Faces da História**, Assis-SP, v. 5, n. 1, p. 47-63, 2018. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/download/1134/1141/>. Acesso em 24, fev. 2024.

COSTA, Rafaela Paiva. Carlos Estevão de Oliveira e o Museu Paraense Emílio Goeldi (1930-1945). **História da Ciência e Ensino**: construindo interfaces. v. 10, p. 39-59, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/view/20840/15344>. Acesso em: 03 mai. 2023.

CAMPOS, Filipe Queiroz de. O conceito de patrimônio nos discursos de Getúlio Vargas: uma estratégia ambivalente. **Faces de Clio**, v. 7, n. 14, p. 91-110, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/34531>. Acesso em: 16 set. 2023.

CUNHA, Oliveira Maria Gomes. O etnólogo e folclorista vista de Santa Tereza. **An. Bibl. Nac, Rio**, v. 121, p. 25-221, 2001. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afaillace-2006-nunes/Faillace_2006_Arquivo_Nunes_Pereira_inventario_analitico.pdf Acesso em: 10, jul. 2023.

DULTRA, Karyna; VIEIRA, Márcia. A Institucionalização do Patrimônio Cultural. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p.1-8, mar. 2014. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/86260>. Acesso em: 19, set. 2023.

FAULHABER, Priscila. Conexões internacionais na produção da etnografia de Nimuendajú. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 56, n. 1, p. 207–256, 2013. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2013.64495. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/64495>. Acesso em: 7 mar. 2022.

FAULHABER, Priscila. Etnografia na Amazônia e tradução cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendaju. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 3(1), p. 15-29, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/t6KPvYmVbSNNMNPWXmP6XTd/?format=html>. Acesso em: 7 mar. 2022.

FAULHABER, Priscila. The production of the Handbook of South American Indians Vol 3 (1936-1948). **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 9, n. 1, p. 82-111, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/MGJrYbqDBMJHjyZW5MS3QwS/?lang=en> Acesso: 02, jul .2023.

FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica e outros ensaios**. São Paulo: Global. 2009.

FISCHER, Manuela; MUÑOZ, Adriana. The Connectedness of Archives: Museums in Brazil and Europe. **Indiana**, v. 37, n. 2, p. 205-235, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18441/ind.v37i2.205-235> Acesso em: 03, fev. 2023.

FONSECA JÚNIOR, João Aires Ataíde da. Nimuendajú revisitado: arqueologia da antiga Guiana Brasileira. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.71.2008.tde-18032009-114513. Acesso em: 2024-04-20.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMES, Denise. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia**: vasilhas da Coleção Tapajônica. MAE-USP. São Paulo: EDUSP. 2002.

GOMES, Denise. **Os Tapajó e os outros. Cenários regionais na Arqueologia brasileira**, p. 235-251, 2009.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto, 2008.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2. edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. **Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém**: a coleção " Frederico Barata" do Museu Paraense Emílio Goeldi. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 1993. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/281>. Acesso em: 14 out. 2021.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e Expedições Vigeadas**: Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998. 341 p.

HARRIS, Mark. Sistemas regionais, relações interétnicas e movimentos territoriais – os Tapajó e além da história ameríndia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 33-68, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/102099>. Acesso em: 20 out. 2021.

HARTMANN, Therla. Apresentação. In: NIMUENDAJU, Curt. **Cartas do Sertão**: de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000, p. 25-32.

HARTT, Carlos Frederico. Contribuição para etnologia do Valle do Amazonas. Rio de Janeiro: **Arquivos do Museu Nacional**, v. VI, p. 1-174, 1885. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:hartt-1885-contribuicoes>. Acesso em: 20 jul. 2022.

HILBERT, Klaus. Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 4, n. 1, p. 135-154, jan.- abr. 2009. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/bmpegch/v4n1/v4n1a12.pdf>. Acesso em: 10, set. 2023.

HILBERT, P. Archäologie in Amazonien. In: NIEMEYER, H. G (org.) **Archäologie in Amerika**. Salzbug: Andreas & Andreas, 1986, p. 3123-3142. (Die großen Abenteuer der Archäologie, n. 8).

HILBERT, Peter. A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. Belém: **Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará**, 1955. (Publicação n. 9). Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1987->. Acesso em: 10, set. 2023.

HERIARTE, Mauricio de. **Descrição do estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas**. Vienna d'Austria: Imprensa do filho de C. Gerold, 1874. Disponível em: <https://nrs.lib.harvard.edu/urn-3:fhcl:2309701>. Acesso em: 24 fev. 2023.

IORIS, Edviges M. Memory regimes, struggles over resources and ethnogenesis in the Brazilian Amazon. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 15, p. 1-23, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/Xj7gYnqhQVvKXdTFQCgswHR/?lang=en>. Acesso em: 10, set. 2023.

IORIS, Edviges Marta. Fragmentos que fazem diferença: narrativas indígenas na reconstrução do passado e das identidades étnicas. **Antropologia em primeira mão**, Florianópolis, 2011.

KODAMA, Kaori. **Os índios no Império do Brasil**: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860. Rio de Janeiro: Fiocruz; São Paulo: Edusp, 2009.

KRAUS, Michael. Amizades assimétricas: Curt Unckel Nimuendajú (1883-1945) e o estabelecimento de contato com indígenas brasileiros. **Humboldt**, vol. 99, p. 60-62, 2009.

KRAUS, Michael. Philological Embedments – Ethnological research in South America in the ambiance of Adolf Bastian. *In*: FISCHER, Manuela; BOLZ, Peter; KAMEL, Susan (ed.). **Adolf Bastian and his Universal Archive of Humanity**: The origins of German Anthropology, Hildesheim, Georg Olms Verlag, 2007. p. 140-152.

KRAUS, Michael. Beyond the Mainstream: Max Schmidt's Research on "The Arawak" in the Context of Contemporary German Ethnology. **Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 62, n. 1, p. 162-191, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.157036. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/157036>. Acesso em: 24 fev. 2024.

LAURIÈRE, Christine. La Société des Américanistes de Paris: une société savante au service de l'américanisme. **Journal de la société des américanistes**, v. 95, n. 2, p. 93-115, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jsa/11002>. Acesso em: 4 set. 2022.

LOPES, Ricardo de Almeida. Crônicas amazônicas e trocas indígenas: caminhos para uma Arqueologia documental do Médio Solimões nos séculos XVI e XVII. **R. Museu Arq. Etn.**, 36: 161-176, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/163764>. Acesso em: 01, out. 2023.

LIMA, Leandro Mahalem de. **No Arapiuns Verdadeiro E-ranas**: Sobre os espaços, as lógicas, as organizações e os movimentos políticos. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2015.

LEAL, Diego. Trajetórias profissionais e instituições científicas na Era Vargas: a atuação científica e política de Carlos Estêvão de Oliveira (1930-1941). **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 16, n. 1, p. 158-175, jan.-jun. 2023. Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/841/650> Acesso em: 01, out. 2023.

LINNÉ, S. Les recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, p. 71-91. 1928. Disponível em: [Les recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. - Persée \(persee.fr\)](https://www.persee.fr/doc/jdsa_0021-8758_1928__1_1_0). Acesso em: 01, out. 2023.

MACHADO, Juliana. Salles. Arqueologia e história nas construções de continuidade na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, p. 57–70, jan. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/fBnMNvSQm43L3SMK3BWjcBn/#ModalTutors>. Acesso 10, out. 2023.

MARTINS, Cristiane. Os Moradores do Centro: ocupações indígenas pré-coloniais no Baixo Tapajós. *In*: SCHANN, Denise (org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém. GKNoronha, 2012.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens**. 1 ed. Leipzig: Friedrich Fleischer, v. 2, 1867.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Memória da Antropologia da Amazônia ou como fazer ciência no "Paraíso dos Etnólogos. *In*: MAGALHÃES, Sônia Barbosa; SILVEIRA, Isolda Maciel; SANTOS, Antônio Maria de. (org.). **Encontro de Antropologia**: homenagem a Eduardo Galvão. Editora da Universidade Federal do Amazonas/Museu Paraense Emílio Goeldi, Manaus. 2011.

MEGGERS, Betty J. The archaeology of the Amazon basin. **Handbook of South American Indians**, v. 3, p. 149-166, 1948.

MEGGERS, Betty; CLIFFORD, Evans. Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon, Washington: **Bureau of American Ethnology Bulletin**. n. 167, 1957.

MELATTI, Júlio Cesar Melatti. O 30º aniversário da Revista de Antropologia. **Revista de Antropologia**. 1983. <https://www.scielo.br/j/ra/a/b5hNmXLR8Y7vRNdnzrVFQyf/> Acesso em: 14, jul. 2023.

MELATTI, Júlio César. **A Antropologia no Brasil: um Roteiro**. Brasília: UnB – Série Antropologia, 2007. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie038empdf.pdf>. Acesso em: 14, jul. 2023.

MENÉNDEZ, Miguel. Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira. **Revista do Museu Paulista**, v. 28, p. 289-388, 1982. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:menendez-1982-contribuicao/Menendez_1982_UmaContribuicaoAEtnoHistTapajosMadeira.pdf. Acesso em: 02, ser. 2023.

MOREIRA NETO, Carlos Araújo. Introdução. In: NIMUENDAJÚ, Curt. **Textos Indigenistas**. São Paulo: Loyola, 1982.

MORAES, L. *et al.* Eliminando manchas brancas: um desmonte da cartografia indigenista de Curt Nimuendajú. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 14, n. 37, p. 17-61, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5977/597769905001/597769905001.pdf>. Acesso em: 12, ser. 2023.

MUÑOZ, Adriana. **From curios to world Culture**. The history of the Latin American Collecions at the Museum of world Culture in Sweden. Tese. University of Gothenburg, Department of Historical Studies. 2011. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/25554>. Acesso 27 mar. 2022.

NEVES, Eduardo. The Relevance of Curt Nimuendajú Archaeological Work. In: NIMUENDAJÚ, C. **In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region**. By Curt Nimuendajú. A Posthumous Work Compiled and Translated by Stig Rydén and Pen Stenborg (Etnologiska Studier, 45), Göteborg: Världskultur musset, 2004. P. 02-08.

NIMUEDANJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros. São Paulo: HUCITEC, 1914. Disponível em: apapocuva/Nimuendaju_1987_LendasApapocuvaGuarani.pdf. Acesso: 13 jun. 2022.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Cartas do sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira**. Apresentação e notas de Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. **Zeitschrift für Ethnologie**, v. 46, p. 284-403, 1914.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Mawé and the Arapiun. In: STEWARD, J. (ed.). **The Handbook of South American Indians (III)**. Washington: U.S Gov. & Smithsonian Institution, 1946.

NIMUENDAJÚ, Curt. Excursões pela Amazônia. **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 1, p. 189-199, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/5PdbRMXkSgMSLgDLd4X3Wkx/>. Acesso 31 ago. 2022.

NIMUENDAJÚ, Curt. **In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region**. By Curt Nimuendajú. A Posthumous Work Compile and Translated by Stig Rydén and Per Stenborg (Etnologiska Studier, 45). Göteborg: Världskultur museet, 2004.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Brasília: IPHAN, IBGE, 2.ed., 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Tapajó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, vol. 10, p. 93-106, 1949.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os tapajó. **Revista de Antropologia**, p. 53-61, 1953. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41615512>. Acesso 31 ago. 2022.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Tapajó. **The Kroeber Anthropological Society Papers**, Berkeley, vol. 6, p. 1-25, 1952. Disponível em: [The Tapajó \(wdfiles.com\)](http://www.wdfiles.com). Acesso 29 ago. 2022.

NORDESKIÖLD, Erland. L'Archéologie du Bassin de L'Amazone. Paris: **Les Éditions G. Van Oest**. 1930. Disponível em: [Erland Nordenskiöld: L'archéologie du bassin de l'Amazone - Persée \(persee.fr\)](http://www.persee.fr). Acesso 22 set. 2022.

NORDENSKIÖLD, E. Urnengräber und Mounds in Bolivianischen Flachlande. **Baessler-Archiv** (Leipzig und Berlin), 3:205-255. 1913.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de. A cerâmica de Santarém. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 3. Rio de Janeiro. 1939, p. 07-34.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Marco Zero, 1987. p. 84-148.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Elementos para uma Sociologia dos viajantes. *In*: Cadernos de Etnologia. Rio de Janeiro. Museu Nacional. 1987.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Curt Nimuendajú e a configuração da etnologia no Brasil. *In*: FAULHABER, Priscila; DOMIGUES, Heloisa; Borges, Luiz C. (org.). **Ciências e Fronteiras**. Rio de Janeiro. Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014.

PALMATARY, Helen. The Archeology of the Lower Tapajós Valley. **Transactions of The American Philosophical Society**, New Series, Philadelphia, v. 50, n. 3, 1960.

PAPAVERO, Nelson; OVERAL, William L. **Taperinha: histórico das pesquisas de história natural realizadas em uma fazenda da região de Santarém, no Pará, nos séculos XIX e XX**. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011.

PETSCHELIES, Erik. **As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2019. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Apetschelies-2019/Petschelies_2019_As_redes_da_etnografia_alema_no_Brasil.pdf. Acesso 31 ago. 2022.

PY-DANIEL, A. *et al.* **Uma Santarém mais antiga sob o olhar da Arqueologia**. Belém: MPEG, 2017. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/322831855> Uma Santarem mais antiga sob o olhar da Arqueologia. Acesso 04 set. 2022.

PEIXOTO, Rodrigo Correa; ARENZ, Karl; FIGUEIREDO, Kércia. O Movimento Indígena no Baixo Tapajós: etnogênese, território, Estado e conflito. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 15, n. 2, mar. 2012. ISSN 2179 7536. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/719>>. Acesso em: 22 maio 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v15i2.719>.

PEREIRA, Nunes. **Curt Nimuendajú**: síntese de uma vida e de uma obra. Belém: [s.e.], 1946.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Arqueologia em Perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no Estudo de nosso passado. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 10-31, dez.-fev. 1999-2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/29852/31738>. Acesso em: 22 set. 2023.

ROCHA, B. C. **Ipi Ocemumuge**: A Regional Archaeology of the Upper Tapajós River. Tese (Doutorado em Arqueologia) – London, Institute of Archaeology University College London, 2017.

ROCQUE, Carlos. **História de A Província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

ROOSEVELT, Anna. **Parmana**: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco. New York, Academic Press. 1980.

ROOSEVELT, Anna. A historical memoir of archaeological research in Brazil (1981-2007). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 4, n. 1, p. 155-170, jan.-abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/4pfXtMYsPztvLDR3f5sQ4tF/?format=pdf&lang=en> Acesso em: 10, jul. 2023.

ROOSEVELT, Anna. Arqueologia Amazônica. *In*: **História dos Índios do Brasil**. CUNHA, Manuela Carneiro (org). São Paulo: Companhia da Letras. 1992. p. 53-86.

ROOSEVELT, Anna. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. *In*: NEVES, W. (ed.). **Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 103-142, 1991.

ROWE, Jonh Howland. Introduction. The Kroeber Anthropological Society. **The Kroeber Anthropological Society Papers**, Berkeley, vol. 6, p. 1, 1952.

RODRIGUES, João Barbosa. **Exploração e estudo do valle do Amazonas**: Rio Tapajós. Rio de Janeiro. 1875.

RYDÉN, S. Introduction. *In*: NIMUENDAJÚ, C. **In Pursuit of a Past Amazon**: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. By Curt Nimuendajú. A Posthumous Work Compiled and Translated by Stig Rydén and Pen Stenborg (Etnologiska Studier, 45), Göteborg: Världskultur musset, 2004. P. 9-11.

SCHAAN, Denise Pahl. Discussing centre-periphery relations within the Tapajó domain, lower Amazon. *In*: **Beyond waters**: archaeology and environmental history of the Amazonian inland. Gothenburg: University of Gothenburg, 2016. p. 23-36.

SCHAAN, Denise; AMARAL, Márcio. A grande expansão geográfica dos Tapajó. *In*: SCHANN, Denise (org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**:

pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém. GKNoronha, 2012.

SANJAD, Nelson. Nimuendajú, a Senhorita Doutora e os ‘etnógrafos berlinenses’: rede de conhecimento e espaços de circulação na configuração da etnologia alemã na Amazônia no início do século XX. **Asclepio**, v. 71, n. 2, 2019. Disponível em: <http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/90>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.

SANJAD, N. *et al.* Emília Snethlage (1868-1929): um inédito relato de viagem ao rio Tocantins e o obituário de Emil-Heinrich Snethlage. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, p. 195-221, 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53459>. Acesso 08 set. 2022.

SANJAD, Nelson. **Emílio Goeldi (1859-1917)**: a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil. Rio de Janeiro: EMC, 2009.

SANTOS, Gláucia Silva dos. **Curt Nimuendajú e as narrativas míticas tembé**: revisitando uma produção etnográfica. 2022. 100f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Belém, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2022.

SCHRÖDER, Peter. Nimuendajú e o Museu Etnológico de Berlim: história de uma coleção (quase) esquecida. **Bérose – Encyclopédie internationale des histoires de l’anthropologie**, Paris, IIAC-LAHIC, UMR 8177, 2019. Disponível em: <https://www.berose.fr/article1647.html?lang=fr>. Acesso 18 nov. 2021.

SCHRÖDER, Peter. (Re) aproximando-se e afastando-se da Alemanha: Curt Nimuendajú como parte de redes transnacionais de antropólogos. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 211-255, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/ndcZRWn3dWDCZ887KmrX77D/abstract/?lang=pt>. Acesso 01 abr. 2022.

SCHRÖDER, Peter. Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha. **Revista Antropológicas**, v. 22, n. 1, p. 141-160, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/download/23740/19388>. Acesso 23 de mai. 2021.

SCHRÖDER, Peter. Curt Unckel Nimuendajú: um levantamento bibliográfico. **Revista Tellus**, n. 24, p. 39-76, jan./jun. 2013. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo:schroder-2013-levantamento/schroder_2013_levantamento.pdf. Acesso 16 jun. 2021.

SCHADEN, E. A obra científica de Paul Ehrenreich. **Revista de Antropologia**, 12(1-2), p. 83-86, 1964. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1964.110737>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SCHWARTZ, David. John Alden Mason. Life of a Renaissance anthropologist. **Penn Museum**. 2017. Disponível em: <https://www.penn.museum/sites/expedition/john-alden-mason/>. Acesso 13 set. 2022.

SCHRODER, Peter. Etnologia indígena na Amazônia: das tradições bastianas e boasianas até o cenário atual. *In*: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, V E REUNIÃO DE

ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, XIV, 2015, Maceió. **Anais [...]**. Maceió, 2015.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Viagens por um paraíso ilusório: notas sobre a expedição de Betty Meggers à região do Baixo Amazonas e sua rede de colaboradores (1948-1949). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 39, p. 206-226, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/187333/190819> Acesso em: 10, jun. 2023.

STENBORG, Per. Curt Nimuendajú and the ethnographic museum in Gothenburg. *In*: NIMUENDAJÚ, C. **Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region**, By Curt Nimuendajú. A Posthumous Work Compiled and Translated by Stig Rydén and Pen Stenborg (Etnologiska Studier, 45), Göteborg: Världskultur musset, 2004. P. 01-05.

STENBORG, P. *et al.* The cultivated wilderness project. hinterland archaeology in the Belterra region, Pará, Brasil. *In*: ROSTAIN, S. (ed.). **Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**. Quito: Artes Gráfica Serial, p.149-155, 2014.

STENBORG, Per; SCHAAN, Denise; AMARAL, Márcio. Precolumbian land use and settlement pattern in the santarém region, lower amazon. **Amazônica**, v. 4, n. 1, p. 222-250, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/3197>. Acesso em: Acesso em 28 ago. 2022.

TAMBASCIA, Christiano Key. Não sei como hei de viver: os bastidores da etnografia de Curt Nimuendajú. **Bérose – Encyclopédie Internationale des histoires de l'anthropologie**, Paris, 2020. Disponível em: <https://www.berose.fr/article2033.html?lang=fr>. Acesso em 28 ago. 2022.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. Tradução Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora Ltda, 2004. 419 p.

TROUFFLARD, Joanna. Cerâmicas da cultura Santarém, Baixo Tapajós. *In*: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; BETANCOURT, Carla (Org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN. Ministério da Cultura, 2016. p. 249-264. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas_arqueologicas_amazonia_nova_sintese.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

TORRES, Heloísa Alberto. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1938. TORRES, Heloísa Alberto. Arte indígena na Amazônia. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 60. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Brasil, 1940.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Povos indígenas e etnogêneses na Amazônia. *In*: LUCIANO, G; OLIVEIRA, J; HOFFMAN, M (org.). **Olhares indígenas contemporâneos**. Centro Indígena de Estudos e Pesquisas. Brasília. 2010. p.105-159. Disponível em: https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1050/1/Livro_OlharesIndigenasContemporaneos.pdf. Acesso em: 22 fev. 2023.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **A emergência étnica de povos indígenas no Baixo Rio Tapajós, Amazônia**. 2010. 478f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Salvador, 2010.

VIERTLER, Renatte Brigitte. **Fundamentos da Teoria Antropológica Alemã**: etnologia e antropologia em países de língua alemã – 1700/1950. São Paulo: Annablume, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Nimuendajú e os Guarani. *In*: NIMUENDAJÚ, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani. São Paulo: Hucitec, 1987.

VIERTLER, Renate Brigitte. Karl von den Steinen's ethnographic research among indigenous peoples in Brazil, 1884-1888. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 1, p. 97-117, 2019. Disponível em: https://www.berose.fr/IMG/pdf/viertler_2019_karl_von_den_steinen.pdf. Acesso em: 24 fev. 2024.

WELPER, Elena. **Chamado da Selva: Correspondências entre Curt Nimuendajú e Hebert Baldus**. Rio de Janeiro: Camera Books, 2019.

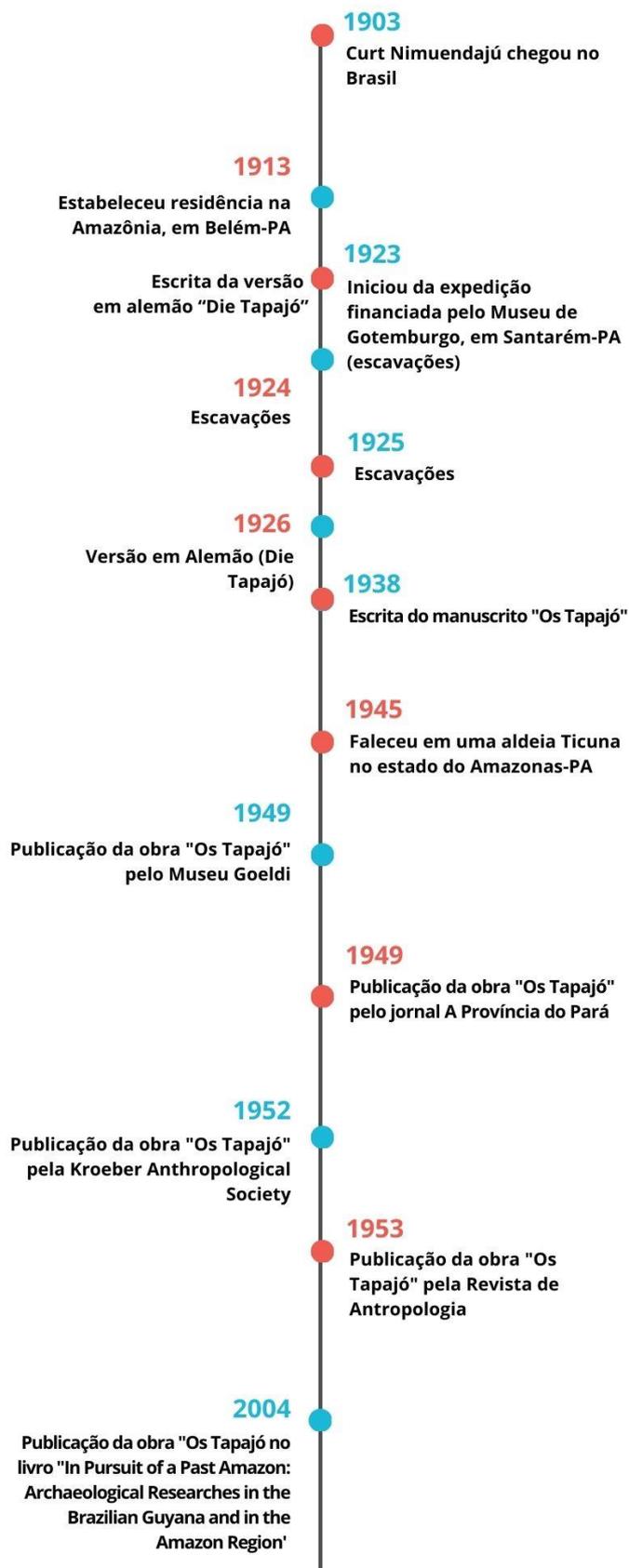
WAGLEY, Chales. **Amazon town**: a study of man in the tropics, the Macmillan, Company, New York, 1953.

WELPER, Elena. A aventura etnográfica de Curt Nimuendajú. **Tellus**, Campo Grande, ano 13, n. 24, jan.-jun. 2013. Disponível em: <http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellu>. Acesso em: 08 ago. 2022. Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/35>. Acesso em: 15 abr. 2019.

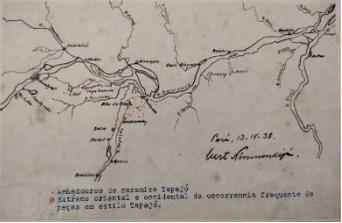
WELPER, E. M. **Curt Unckel Nimuendajú**: Um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS/MN, 2002. Disponível em: <http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus>. Acesso em: 15 abr. 2019.

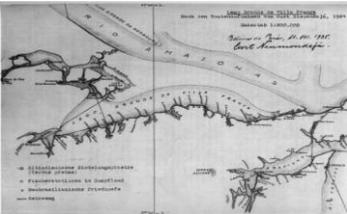
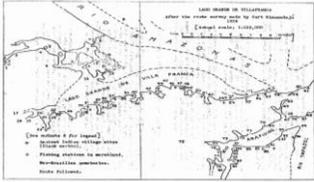
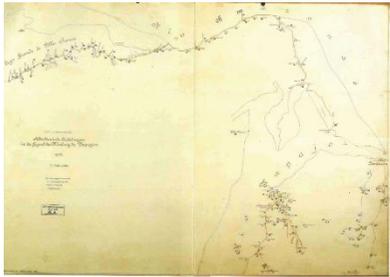
ZARUR, George. Significado e efeito da publicação do Mapa Etno-Historico de Curt Nimuendajú para a antropologia brasileira. *In*: IBGE. **O mapa etno-historico de Curt Nimuendajú**. Brasília: Ministério da Educação, 2002. p. 33-36.

APÊNDICE A - Linha do tempo

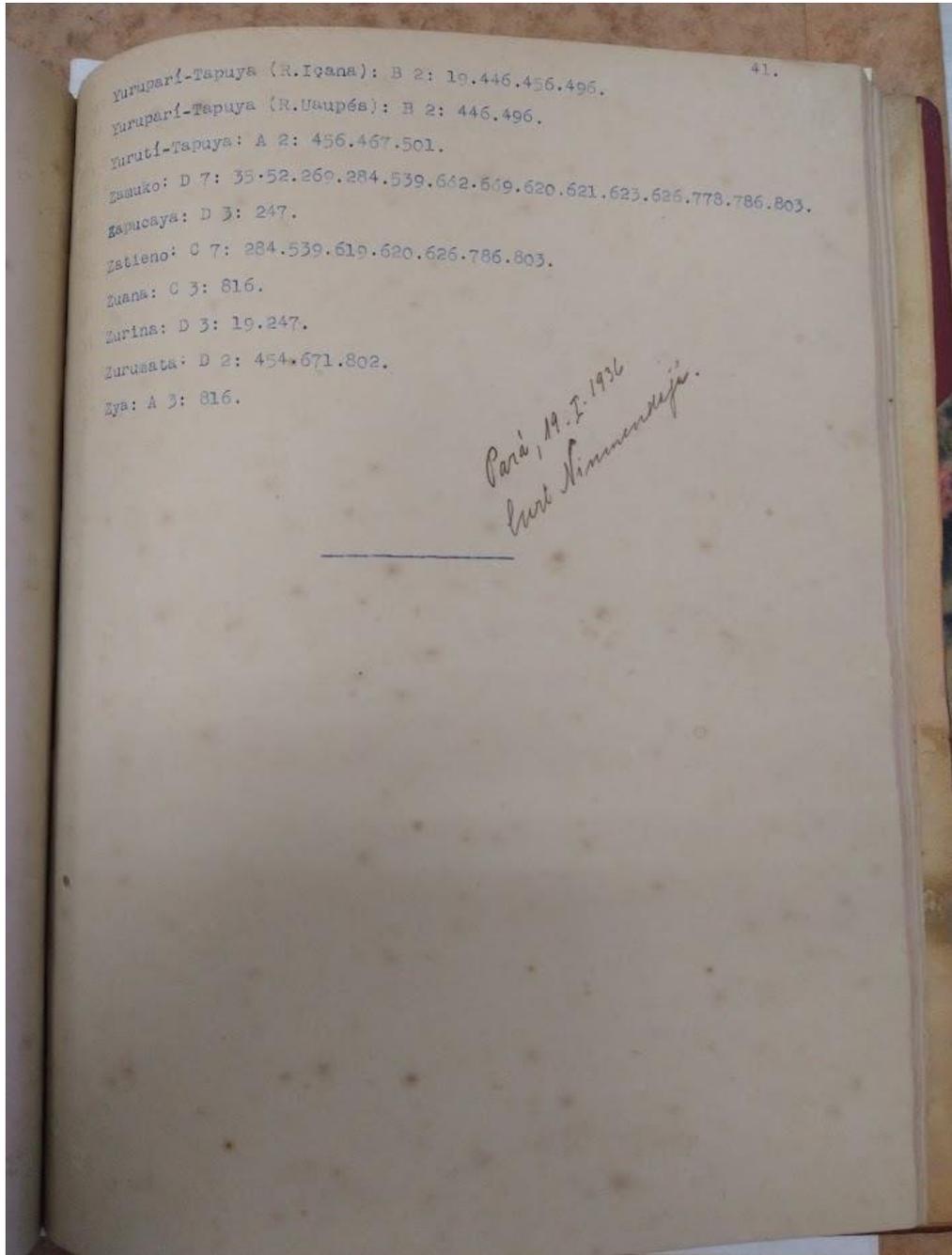


APÊNDICE B – Características de “Os Tapajó”

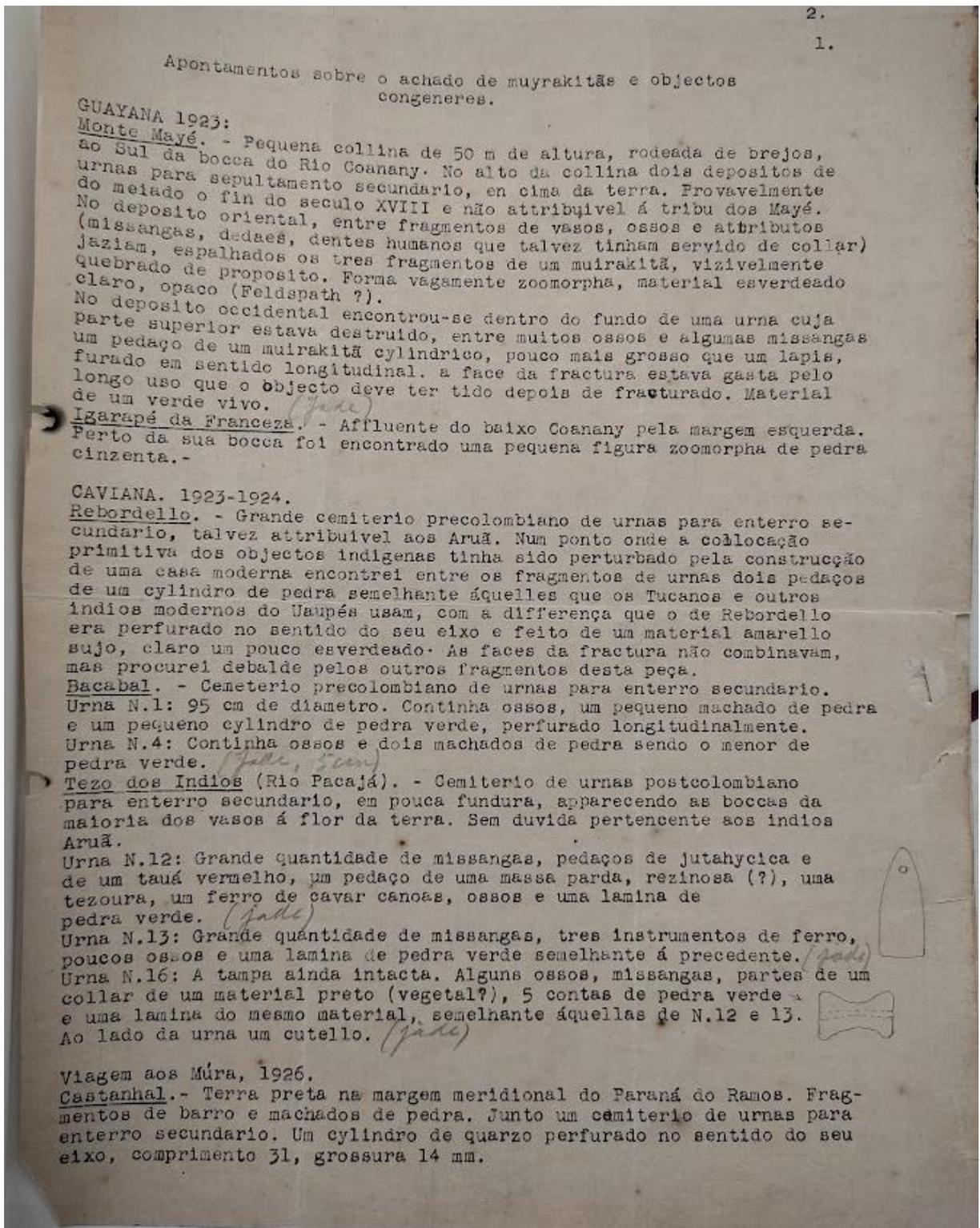
VERSÕES	INFORMAÇÕES ESPECIFICAS DO TEXTO
Os Tapajó (1938a)	 <p style="text-align: center;">Paris, 13. 11. 58. C. A. de Almeida</p> <p style="text-align: center;">- ARQUITECTURA DE CERAMICA TAPAJÓ O SÍTIO ORIGINAL, e o estilo da ornamentação frequente da peças no ESTILO TAPAJÓ.</p>
Os Tapajó (1938b)	
Os Tapajó (1949a)	

<p>Os Tapajó (1949b)</p>																																																											
<p>The Tapajó (1952)</p>			<table border="0"> <tr> <td>1. Ig. Tapy.</td> <td>15. Ig. Iperotá.</td> <td>31. Pt. Fagete.</td> <td>47. S. Trindade.</td> </tr> <tr> <td>2. Boca do Tapy.</td> <td>16. Boca das Galinhas.</td> <td>32. P. Bapoco.</td> <td>48. S. João.</td> </tr> <tr> <td>3. Jucury.</td> <td>17. Obsequio do Lago.</td> <td>33. P. Dapal.</td> <td>49. S. João.</td> </tr> <tr> <td>4. Maracá.</td> <td>18. Ig. Urupema.</td> <td>34. P. Lirio.</td> <td>50. S. João.</td> </tr> <tr> <td>5. Guritá.</td> <td>19. M. Curdy.</td> <td>35. P. Bapoco.</td> <td>51. S. João.</td> </tr> <tr> <td>6. Escada de Terra Vermelha.</td> <td>20. P. João Omepe.</td> <td>36. P. Bapoco.</td> <td>52. S. João.</td> </tr> <tr> <td>7. Lago Myia.</td> <td>21. S. S. Vicente.</td> <td>37. P. Bapoco.</td> <td>53. S. João.</td> </tr> <tr> <td>8. Ig. do Borgis.</td> <td>22. Bon Jardim.</td> <td>38. P. Bapoco.</td> <td>54. S. João.</td> </tr> <tr> <td>9. Ilha Grande do Momburá.</td> <td>23. Pta. S. Flávia.</td> <td>39. P. Bapoco.</td> <td>55. S. João.</td> </tr> <tr> <td>10. Ig. Maracá.</td> <td>24. Pta. São Filipe.</td> <td>40. P. Bapoco.</td> <td>56. S. João.</td> </tr> <tr> <td>11. Ig. Mangabal.</td> <td>25. P. Pitanga.</td> <td>41. P. Bapoco.</td> <td>57. S. João.</td> </tr> <tr> <td>12. Ilha Grande.</td> <td>26. S. Trindade.</td> <td>42. P. Bapoco.</td> <td>58. S. João.</td> </tr> <tr> <td>13. Fabriciano.</td> <td>27. S. Inara.</td> <td>43. P. Bapoco.</td> <td>59. S. João.</td> </tr> <tr> <td>14. Ig. Sarcis.</td> <td>28. Pta. Pombal.</td> <td>44. P. Bapoco.</td> <td>60. S. João.</td> </tr> </table>	1. Ig. Tapy.	15. Ig. Iperotá.	31. Pt. Fagete.	47. S. Trindade.	2. Boca do Tapy.	16. Boca das Galinhas.	32. P. Bapoco.	48. S. João.	3. Jucury.	17. Obsequio do Lago.	33. P. Dapal.	49. S. João.	4. Maracá.	18. Ig. Urupema.	34. P. Lirio.	50. S. João.	5. Guritá.	19. M. Curdy.	35. P. Bapoco.	51. S. João.	6. Escada de Terra Vermelha.	20. P. João Omepe.	36. P. Bapoco.	52. S. João.	7. Lago Myia.	21. S. S. Vicente.	37. P. Bapoco.	53. S. João.	8. Ig. do Borgis.	22. Bon Jardim.	38. P. Bapoco.	54. S. João.	9. Ilha Grande do Momburá.	23. Pta. S. Flávia.	39. P. Bapoco.	55. S. João.	10. Ig. Maracá.	24. Pta. São Filipe.	40. P. Bapoco.	56. S. João.	11. Ig. Mangabal.	25. P. Pitanga.	41. P. Bapoco.	57. S. João.	12. Ilha Grande.	26. S. Trindade.	42. P. Bapoco.	58. S. João.	13. Fabriciano.	27. S. Inara.	43. P. Bapoco.	59. S. João.	14. Ig. Sarcis.	28. Pta. Pombal.	44. P. Bapoco.	60. S. João.
1. Ig. Tapy.	15. Ig. Iperotá.	31. Pt. Fagete.	47. S. Trindade.																																																								
2. Boca do Tapy.	16. Boca das Galinhas.	32. P. Bapoco.	48. S. João.																																																								
3. Jucury.	17. Obsequio do Lago.	33. P. Dapal.	49. S. João.																																																								
4. Maracá.	18. Ig. Urupema.	34. P. Lirio.	50. S. João.																																																								
5. Guritá.	19. M. Curdy.	35. P. Bapoco.	51. S. João.																																																								
6. Escada de Terra Vermelha.	20. P. João Omepe.	36. P. Bapoco.	52. S. João.																																																								
7. Lago Myia.	21. S. S. Vicente.	37. P. Bapoco.	53. S. João.																																																								
8. Ig. do Borgis.	22. Bon Jardim.	38. P. Bapoco.	54. S. João.																																																								
9. Ilha Grande do Momburá.	23. Pta. S. Flávia.	39. P. Bapoco.	55. S. João.																																																								
10. Ig. Maracá.	24. Pta. São Filipe.	40. P. Bapoco.	56. S. João.																																																								
11. Ig. Mangabal.	25. P. Pitanga.	41. P. Bapoco.	57. S. João.																																																								
12. Ilha Grande.	26. S. Trindade.	42. P. Bapoco.	58. S. João.																																																								
13. Fabriciano.	27. S. Inara.	43. P. Bapoco.	59. S. João.																																																								
14. Ig. Sarcis.	28. Pta. Pombal.	44. P. Bapoco.	60. S. João.																																																								
<p>Os Tapajó (1953)</p>																																																											
<p>The Tapajó (2004)</p>																																																											

ANEXO A – Livro de acompanha o Mapa etno-histórico



ANEXO B – Lista produzida por Nimuendajú sobre os Muiraquitãs e outros
objetos encontrados



Arary. - Affluente do Paraná do Urariá pelo lado do Norte. Adquiri um outro cylindro de quarzo, mais grosso que o precedente e com o furo apenas começado de um lado.

Veneza. - Terra preta no Rio Mamory (Autaz). Adquiri alli um pequeno machado de pedra verde claro, furado no logar do olho dos machados modernos, sendo o furo produzido por trabalho de um só lado de maneira que o seu diametro de um lado é de 7, do outro apenas de 1 mm.



Carariacá 1923.

Grande Terra preta junto do engenho de Joaquim Motta com numerosos fragmentos de barro em puro estylo Tapajé, provavelmente antiga habitação dos Orucucú. Recebi daquelle proprietario um idolo de pedra verde-claro, tirado a cinzento, horrivelmente mutilado pois tinha servido de martello. Representava uma figura humana, de cocaras, com as mão nos ouvidos, conjugada com a de uma ave de rapina de igual tamanho collocada atraz das costas da primeira de maneira a ficar a sua cabeça (que estava quebrada) acima da cabeça humana.

Lago Selé 1924.

No logar denominado Maloca adquiri uma figura muito pequena de uma pedra amarella. Parecia ser um jogo da natureza apenas aperfeiçoado um pouco por mão humanas e tinha uma forma vagamente zoomorpha.

Lago Sapuquá 1924.

Comprei um muirakitá em forma de rã, achado numa Terra preta num logar denominado Pereiras, na margem septentrional do Lago. O material era esbranquecido, ligeiramente esverdeado. A peça não era bem polida mas talhada com muita perfeição.

No logar Anjos na cabeceira occidental do Lago foi me dado um fragmento de um outro muirakytá em forma de rã, de um material avermelhado e poroso, quasi da consistencia de barro cozido.

No Lago Uaymí comprei uma figura miudissima de um passaro, feita de um material quasi preto.

Santarem - Aldea 1924

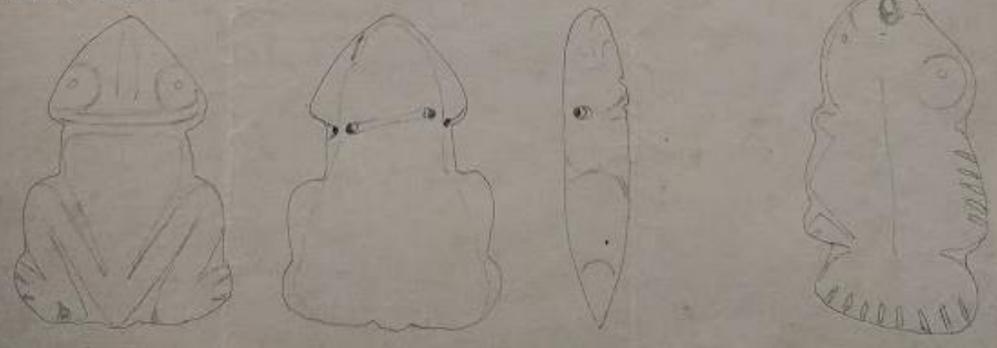
Um muirakitá em forma de rã de um material cinzento.

Um muiraquitá em forma de peixe de um material preto.



Ilha Grande do Manahurú.

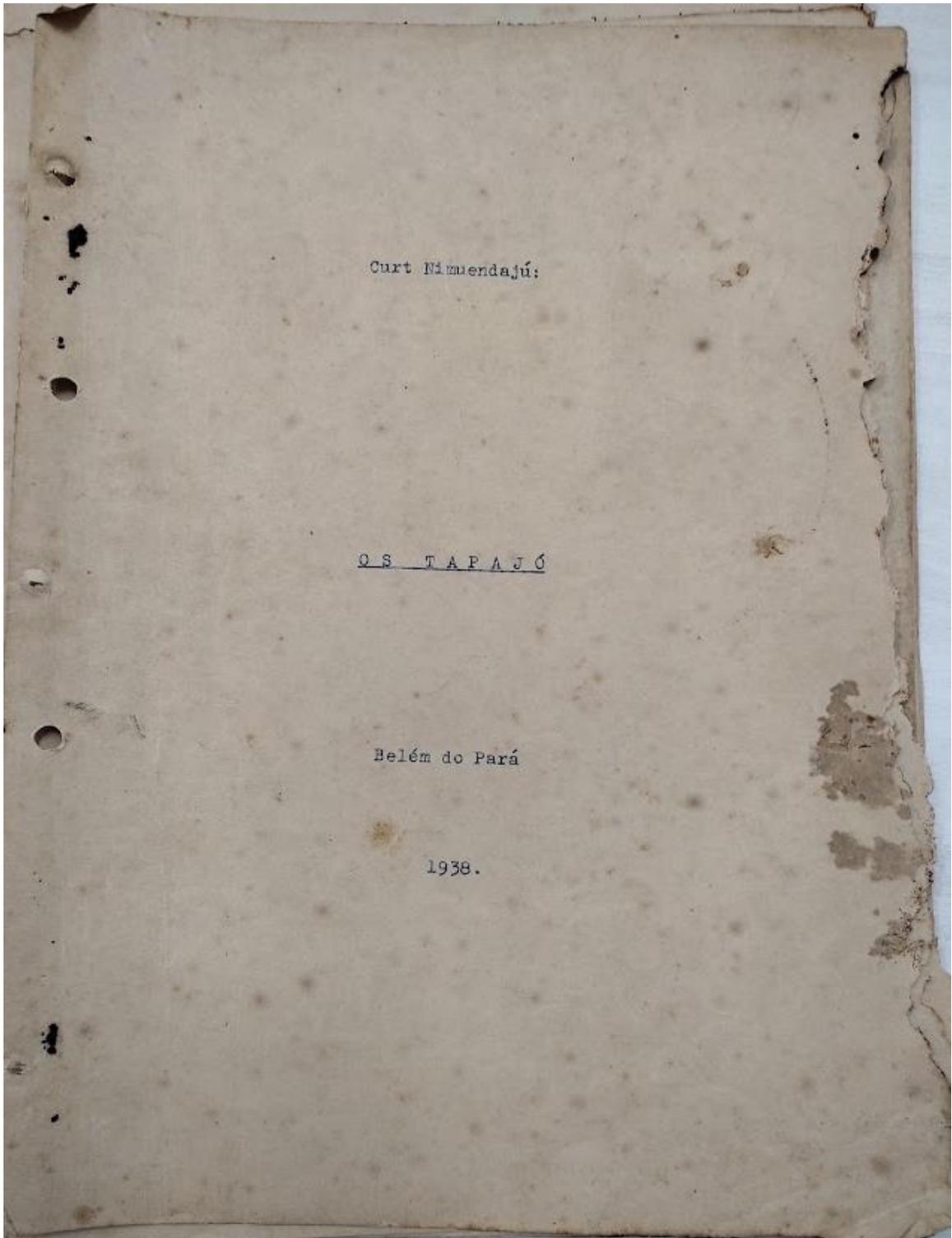
Na ponta superior desta ilha foi encontrado um pequeno muiraquitá em forma de rã, de pedra verde. É propriedade da mãe do agente do Correio de Santarem que por motivos supersticiosos não se quer desfazer d'elle por preço algum.



Muirakitá em forma de rã, de pedra verde. Peso: 50 gr. Propriedede do snr Dr Alfredo Ladislao. -

Art. Simundajá. J. III. 1926.

ANEXO C – “Os Tapajó”, 1938^a



Curt Nimuendajú:

OS TAPAJÓ

Belém do Pará

1938.

O S T A P A J Ó .

Historico: Quando Orellana, descendo o Amazonas em 1542, chegou ás proximidades da foz do Rio Tapajós, foi a embarcação corajosamente atacado por duas flotilhas de canoas de indios que sahiram de um braço do Rio. Os hespanhoes rebateram o ataque, mas um dos companheiros de Orellana morreu dentro de 24 horas ferido por uma flecha envenenada. Orellana soube que estas terras na margem direita pertenciam ao cacique Chipayo (= Tapajó?). Houve ainda segundo ataque no qual morreu o cacique, contudo Orellana preferiu continuar a viagem encostado á margem esquerda por ser esta menos povoada.

Só em 1626 chegou ao Rio Tapajoz a primeira expedição portugueza chefiada pelo capitão Pedro Teixeira que tratou com os indios num logar que talvez corresponda ao actual Alter do Chão. Os costumes menos barbaros da tribu tinham, segundo este official, a sua origem no tratamento com indios hespanhoes dos quaes os Tapajó se teriam ramificados. (Berredo: 226).

Uma tentativa feita por uma grande nau ingleza de estabelecer uma plantação de tabaco no baixo Tapajoz fracassou: Os indios cahiram de surpresa sobre os estrangeiros que se achavam em terra, massacrando-os e obrigando a embarcação a retirar-se immediatamente (Acuña: 251.- Betendorf: 59). O facto deve ter occorrido pouco antes de 1631, anno em que os Inglezes foram definitivamente obrigados a abandonar o Amazonas.

Em 1637 desceram dois irmãos leigos franciscanos com outro companheiro, restos da expedição fracassada de Juan de Palacios, pelo Amazonas, e chegando aos "Rapafozes" foram por estes completamente despojados, segundo Laureano de la Cruz (278), emquanto pela relação de Texeyra parece evidente que foram bem recebidos.

Dois annos mais tarde (1639) foram os Tapajó subjugados pelo filho do governador do Pará, Bento Maciel Parente. D'Acuña relata a respeito e seguinte: Os portuguezes, receiando as flecheas envenenadas dos Tapajó por muito tempo tentaram de balde obter a submissão dos Tapajó por meios brandos. A conquista porem nunca foi completa porque queriam conduzir os indios para fora das suas terras. A attitude dos Tapajó para com os Portuguezas porem tinha sido de franca amizade: Elles forneceram viveres á expedição de Teixeira quando este em 1639 voltou de Quito, e convidaram os portuguezes a estabelecer-se em sua companhia. Entretanto Bento Maciel reuniu todas as forças disponiveis em Desterro, perto da foz do Rio Parí. Apesar da promessa dada ao P. Acuña de adiar a acção até á chegada de novas ordens do Governador, elle atacou os Tapajó com o pretexto de que tinham planejado uma sublevação, em verdade porém para extorquir-lhes escravos. Postos deante da alternativa entre o exterminio e a submissão incondicional os Tapajó optaram pela ultima, entregando aos Portuguezes as suas temiveis flechas envenenadas. Logo Maciel mandou encurrular e guardar os desarmados, emquanto os seus alliados indios saqueavam a aldea violando as mulheres e filhas dos presos á vista delles. Finalmente os infelizes Tapajó prometteram, para reaver a sua liberdade, entregar aos portuguezes os mil (!) escravos que estes exigiam. Mas como os seus escravos se tivessem evadido durante o ataque dos portuguezes, conseguiram ajuntar apenas duzentos, vendo-se porisso forçado a entregar ~~xxxxxxxalgozxxxx~~ seus proprios filhos como escravos para satisfazer os seus algozes (Acuña: 248).

Mais tarde os portuguezes continuaram este processo, como consta da relação dos P.P. Franciscanos Laureano de la Cruz e Juan de

Quincoces do anno de 1650: Já para evitar os ultrajes impostos pelos Portuguezes que exigiam escravos, já para receber algum pagamento, os Tapajó indicavam qualquer tribu vizinha da vizinhança que lhes era hostil como sendo os "seus escravos fugidos", ajudando os Portuguezes a asalta-la e captura-la. (S. 396). Assim os Tapajó, para evitar a sua propria escravidão, tronaram-se escravizadores.

Depois de algumas vizitas brevias á aldea dos Tapajó feitas pelos Jesuitas P.P. João Ribeiro e Gaspar Mesch, o P. Antonio Vieira designou para a sua conversão o P. João Felipe Betendorf, em 1661. Com o prompto auxilio dos indios este levantou uma igreja, origem da actual cidade de Santarem, traduziu o catecismo para a lingua dos Tapajó e dos Urucucú, deixando-nos na sua Chronica diversas informações interessantes sobre os Tapajó, infelizmente sem as mencionadas provas ~~linguisticas~~ linguisticas.

Outra breve descripção da tribu devemos ao ouvidor Mauricio de Heriarte que um anno depois da fundação da missão viajou pelo Amazonas. Era então a aldea dos Tapajó a mais populosa de todas as conhecidas.

Durante o grande levante dos Caboquena e Guanavena muitos indios abandonaram o logar por medo dos rebeldes, sendo porém reconduzidos por Pedro da Costa Pavella quando este em 1664 emprehendeu a sua expedição tristemente celebre contra os indios do Rio Urubú (Berredo: II. 191).

1686 uma tropa de Tapajó e "Aruryucuzes" chefiada pelo capitão Orucurá alliou-se ás forças do Capitão mor Hilario de Souza na guerra contra os Aroaquizes e Carapitenas.

Quando trinta annos depois da sua fundação o P. Betendorf tornou a vizitar a missão estava este povoado, então tão populoso, completamente arruinado: Na collina ao pé da qual se tinha transferida a aldea, Manoel da Metta Falcão tinha construido uma fortaleza. Os indios tinham sido carregados e occupados em outros logares. A igreja tinha desaparecido, e so uns cinco a sete ranchos espalhados e abandonados ainda restavam. Betendorf mandou levantar uma capellinha de palha para nella dizer missa.

Em 1698 a missão melhorou outravez um pouco, graças aos esforços do jesuita P. Manoel Rabello que transferiu para ella novos indios trazidos das suas terras. Mas tambouco pode pol-os a salvo das violações pelos portuguezes do forte. Porisso fundou um pouco mais rio acima, na margem esquerda do Tapajoz a missão dos indios Arapiuns (Arapiyu) de nome Cumarú, hoje Villa Franca, para onde transferiu os restos da tribu Tapajó junto com Comandys, Goanaçuás, Marxagoaras, Aputiás, Arapucús, Andiragoaris (= Maué do Andirá?) e outros (Morreria Pinto: I.) ~~Vi~~ Com isto parece que os Tapajó e Urucucú deixaram de existir como tribus.

Quando B. Betendorf, em fins dos 90 do seculo XVII concluiu a sua chronica, aquella aldea tão populosa na foz do Tapajoz tanto como as numerosas aldeas de terra adentro estava completamente destruida pela grande ~~destruição~~ dos moradores brancos. Pela ultima vez se encontra o nome das tribus Tapajoz e Urucú ~~na~~ na lista das tribus indigenas do Rio Tapajoz dada por Ricardo Franco de Almeida e Serra em 1779. Martius achou que em 1820 os Tapajocós ~~existiam~~ estavam completamente extinctos.

Nome: Talvez o nome do "cacique" Chipayo mencionado por P. Carvalho seja identico ao da nossa Tribu. Os mappas mais antigos trazem Topaio. Mais tarde apparecem formas como Topayos (P. Samuel Fritz), Kapajosos, Trapajosos (P. Laureano), Estrapajoses, Tapajotos e Tapajocos. Hartt (B. 14) escreve Tupaio por ser esta a pronuncia dos habitantes do logar. Martius explica o nome Tapajocós como "mergulhadores, os que trazem do fundo" (382), explicação esta que não me parece accetavel. O nome não tem sentido na lingua geral e per-

3.

tence, como tantos outros nomes geographicos ao longo do Amazonas e da costa Norte do Brazil que apresentam o final em -jó e yú, a uma lingua hoje extincta que vizivelmente dominava nessas regiões antes da expansão da lingua Tupí.

Habitat: Historicamente documentados acham-se os Tapajó sómente na bocca do rio do seu nome e em Borary, hoje Alter do Chão, onde os Jesuitas tambem fundaram uma missão, não sei bem em que anno. O P. Betendorf fala porem tambem de muitas aldeas pela terra dentro (35). Em conjunto com os Tapajó mencionam as fontes antigas uma outra tribu: Os Urucucuzes de Betendorf, Aruyucuzes de Texeyra e Orucucuzes de Heriarte. Este ultimo os menciona tanto no Rio Tapajoz como tambem no Amazonas, entre aquelle e os Tupinambaranas (39). Talvez os Tapajó estivessem localizados da banda do Oriente e os Urucucú da banda do Poente da foz do Tapajoz.

Numero: A tribu parece ter sido muito numerosa. Já Orellana viu-se, pela densidade da população hostile na margem direita do Amazonas obrigado a continuar a sua viagem pela margem opposta. Acuña falla numa aldea de mais de 500 familias o que corresponderia a uma população total de mais ou menos ~~2x2000~~ 2.500 almas. Heriarte chama a aldea a maior de todas as conhecidas, podendo pôr em campo 60.000 arcos. Este ultimo Algarismo porém ou representa um erro d'impressão ou um enorme exagero, pois presuppôria uma população de uns 240.000. De facto os vestigios do povoamento antigo induzem a uma população excepcionalmente numerosa.

Lingua: Nenhuma das duas tribus na foz do Tapajoz fallava o Tupí. O P. Betendorf quando as visitou pela primeira vez em 1661 tratou com elles com auxilio de um interprete do qual elle, autor de livros na lingua geral, seguramente não teria tido necessidade si os indios falassem o Tupí. Depois elle traduziu o catecismo para os diversos idiomas da nova missão "todos pelo da lingua geral, um era em lingua dos Tapajoz, outro dos Urucucuzes, que commummente entendiam, e com este os ia ensinando e baptizando". (168). Heriarte salienta que, contrario aos Tupinambaranas da Lingua geral, os Orucucuzes e Condurizes (estes do lado opposto, na margem esquerda do Amazonas) fallavam linguas distinctas. Da lingua dos Tapajó só conhecemos tres nomes proprios: O da tribu, o do chefe Orucurá e o do "diabo" (heriarte: 36) Aura. Nenhum encontra explicação em Tupí. O ultimo lembra o "awirá" (i postpalatal) com que os Aparai designam o urubú de cabeça vermelha (Cathartes aura Linn.), e é notavel que tambem o nome do urubú de cabeça preta (Cathartes foetens) em Aparai: "kurumú" se encontra na região como nome de uma serra nas vizinhanças da bocca do Trombetas. Segundo de Goeje estes dois nomes entre os indios Wayána designam pessoas mythologicas. Verdade é que a grande maioria dos nomes locais indigenas da região pertence á Lingua geral que até hoje em Alter do Chão não está ainda completamente extincta. Outros porém pertencem sem duvida a linguas não-Tupí, e entre estes se acham alguns que se explicam por linguas karibes.

Caracter: Os Tapajó eram uma tribu bastante aguerrida, respeitada pelos seus vizinhos e, a principio tambem pelos portuguezes. Corajosamente elles atacaram os primeiros brancos que invadiram, debaixo do mando de Orellana, os seus dominios. Acuña chama-os "gente de brio". Para com os portuguezes elles se mostravam amigos e confiantes (Acuña: 248)

Organização social: Segundo Heriarte (38) os Tapajó se dividiam em "ranchos" de 20-30 familias. Cada rancho tinha um chefe, e todos um chefe geral que era bem obedecido. Betendorf fala em 5 chefes das diversas tribus que o receberam em 1661. Infelizmente o termo "rancho" não é sufficiente para esclarecer a organização, pois pode referir-se a simples casas collectivas e tambem a bandos locais. Texeyra falla de uma casa muito grande de madeira lavrada em que

os Tapajó em 1637 receberam os dois Franciscanos.

A escravidão existia provavelmente já antes que os portugueses forçaram os Tapajó a caça de escravos.

Interessante é a existencia de uma classe nobre, como provem certas passagens em Betendorf: "Era Maria Moacara, diz elle (p. 172), princeza desde seus antepassados, de todos os Tapajoz, e chamava-se Moacara, quer dizer fidalga grande, porque costumam os indios além de seus principaes escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oraculo, seguindo-a em seu parecer". A mãe desta Maria Moacara viu-se obrigado a permanecer viuva "porque não se achava outro que lhe fosse igual em nobreza", o que entretanto não a empêdiu a ter um amante. Betendorf dá a estes nobres o título de "cavalleiros", distinguindo-os expressamente dos chefes (p. 261). Em Guarani mboçacá significa "estimado".

Casamento: Segundo o P. Betendorf viviam os Tapajó em polygynia, punindo o adulterio por parte da mulher com o afogamento da culpada no rio.

Tratamento dos mortos: Os mortos eram collocados em suas rédes, com todos os seus haveres aos seus pés, "e na cabeça a figura do Diabo feito a seu modo, lavrado de agulha como meia, e assim os poem em suas cazas que tem feitas só para elles, onde estam a mirrar e a consumir a carne; e os ossos moidos os botam em vinho, e seus parentes e mais povos o bebem" (Heriarte, p. 37). Os Tapajó conheciam pois algum processo de mumificação, como os antigos Maué, seus vizinhos (Martius, p. 404).

Religião: Grande foi a indignação dos missionarios jesuitas quando observaram que os cadaveres mumificados dos chefes eram objecto de um culto especial. Betendorf conta de um cadaver mirrado que elles ha longos annos veneravam como o seu Monhangarypy (o creador do principio; Betendorf traduz: primeiro pae) honrando-o com danças e offertas. Estava collocado numa caixa debaixo da cumieira de uma casa. O missionario P. Antonio Ferreira que chegou ao Tapajoz em 1682, mandou uma noite incendiar esta casa, destruindo o santuario da tribu. Os indios, se bem que profundamente offendidos, conservaram-se quietos, de medo dos christãos que approvaram a acção do missionario (Betendorf, p. 353).

O P. João Daniel relata (p. 478), sem citar nem o anno nem o nome do missionario, que existiam sete mumias dos antepassados guardadas numa casa escondida no fundo da matta e somente conhecida dos anciões "Em certo dia do anno ajuntaram-se os velhos com muito segredo, e de companhia iam fazer-lhe alguma romagem, e vestiam de novo com bretanha ou algum outro panno, que cada um tinha." Na mesma casa achavam-se cinco "pedras" que igualmente eram objectos de veneração: "As pedras todas tinham a sua dedicação e denominação, com alguma figura que denotava para que serviam. Uma era a que presidia aos casamentos ... , outra a quem imploravam o bom successo dos partos; e assim as mais tinham todas as suas presidencias e seus especiaes cultos na adoração daquelles idolatras. ... Desenganado então o Missionario da sua pouca Religião e muita idolatria, á sua vista e em praça publica mandou queimar estes seus idolos ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do rio ..." Heriarte (p. 36) falla dos idolos pintados das tribus do Rio Tapajoz aos quaes se offerecia tributo de milho e sementes. Na noite de quinta-feira (?) fabricava-se destas offertas bebidas, depois faziam soar na praça atras da aldea trombetas e atabales tristes e funestos até que se manifestava um terremoto, ameaçando derrubar arvores e montes. Vinha então o Diabo e entrava num "corro" levantado para elle. A festa rematava com cantigas e danças geraes. Betendorf tambem menciona este "terreiro do diabo": Era na matta e conservado muito limpo. Para as danças as mulheres levavam bebidas para lá.

Samahuma, no Arapixuna, na margem meridional do Lago Grande de Villa Franca, na margem direita do Amazonas, entre a bocca daquelle lago e a do Arapixuna, todas da cultura Tapajó. Contudo acredito que esse numero não representa ainda a metade sequer das jazidas daquelle cultura existentes na região.

Com excepção das estações de pescaria na margem septentrional do Lago Grande e na ilha do Taperebá, ainda cobertas pela enchente quando por la passei, todas essas moradas antigas se acham em terra firme, ao abrigo da enchente, e a maioria até no alto das collinas ou do planalto.

Não existem terras pretas nem outros vestigios de indios na faixa da largura de uma legua que se estende entre a margem do Amazonas e o pé do planalto, ao Sul de Santarem. É uma zona arida, arenosa e coberta de cerrado. Assim porém que se chega ao ~~xxx~~ planalto começam logo na beira delle as terras pretas. Verifiquei isto em cinco pontos diversos.

Na margem Sul do Lago Grande quasi não existe ponta de morro que avança até á beira do lago que não tenha a sua terra preta. Muitas outras que por falta de tempo não vizitei, encontram-se ~~xxxxxxxxxxxx~~ sobre as margens das enseadas profundas que este lago forma.

As terras pretas do planalto acham-se longe de qualquer agua corrente. Os indios remediaram este defeito cavando poços que, com poucos melhoramentos, até hoje fornecem agua á população neobrazileira. No poço do Marajá, situado no fundo de uma baixa, ao pé da terra preta, vê-se distinctamente a antiga excavação cylindrica dos indios, tendo 2 m de diametro e fundura igual, e feito sobre ella a excavação quadrata dos actuaes moradores. Na terra preta do Açuzal os indios, cavando o poço, deram encima de uma camada inclinada de argila branca, extremamente dura, que provavelmente não conseguiram vencer com as ferramentas que possuíam. Cavaram então lateralmente, seguindo pelo declivio da camada dura abaixo até alcançar a fundura necessaria. Eu mesmo vi cinco destes poços indigenas, mas o numero existente é muito maior.

Outro característico das terras pretas do planalto são as antigas estradas dos indios que correm, quasi em linha recta, de uma terra preta á outra, com uma largura de um metro a metro e meio, e uma fundura de uns 30 centímetros. Grossas arvores seculares crescem hoje pelo meio dellas, contudo são ainda tão bem viziveis que chamam logo a attenção do investigador. Ás vezes ellas se ramificam em meio caminho, e perto já das terras pretas, desaparecem.

A superficie destas ultimas em geral não é plana mas composta de um numero de convexidades de alguns metros de diametro cada uma, representando provavelmente outrostantas logares de casas.

Só conheço duas terras pretas que começam immediatamente na marca da enchente da beira do rio: A de Alter do Chão e a de Santarem-Aldea. Esta ultima é sem comparação a mais importante e que ~~xxx~~ forneceu material mais numeroso e especialmente qualitativamente mais importante que todas as outras juntas. A sua espessura é em alguns pontos de quasi metro e meio. Sobre ella está construido grande parte da actual cidade de Santarem, especialmente o bairro chamado Aldea, isto é, a Rua da Alegria e as travessas della. Sobretudo nestas ultimas que apresentam forte declivio para o lado do Tapajoz, as enchurradas abrem frequentemente sulcos profundos nos quaes se encontram por toda parte os restos da ceramica velha. Considerando que ha mais de 200 annos pedestres, animaes e vehiculos diariamente esmagam o que na superficie apparece, é admiravel que se encontre ainda material relativamente tão bom. O achadouro mais importante do planalto é a terra preta de Lavras, onde existe tal quantidade de cacos de barro que difficulta a lavoura. Mas a grande maioria ~~xxx~~ provem de peças lisas, e os ornamentados são, como em toda parte, em numero muito inferior.

As terras pretas do Lago Grande, por serem geralmente de espessura diminuta, offerecem quasi só fragmentos miudos, raras vezes dignos de serem collectados. Estranhamente escasse é tambem o material de Alter do Chão, antigo centro dos Tapajó. Um achadouro de certa importancia porem parece existir em Aramanahy, pouco acima de Samahuma.

Pontos de contacto: Nenhum estilo ceramico em territorio brasileiro apresenta tantos elementos em commum com os estilos da parte meridional da America Central (Chiriquí, Darién) como o dos Tapajó. Tais são os caryátides assentados sobre um pé anular, os vasos tripodes, as figurinhas sentadas, os olhos em forma de  e de , o motivo "mão no rosto", rãs subindo pela parede exterior do vaso, etc. O caminho pelo qual chegou este conjuncto de elementos até a foz do Tapajoz ainda não foi determinado, devido á grande falta de material proveniente das regiões intermediarias. Parece porém que não foi a via pela costa e pelo Amazonas acima, porque na região da foz deste rio falta a maioria daquelles elementos.

Como geralmente nos estilos amazonicos, existem no dos Tapajó certos elementos que o ligam aos Mounds do baixo Mississippi e seus affluentes. Segundo H. C. Palmatary esses elementos são em numero de 12 a 20 (carta particular), dos quaes os mais importantes se encontram tambem na camada de cultura superior das tres que foram determinadas no Norte da Venezuela.

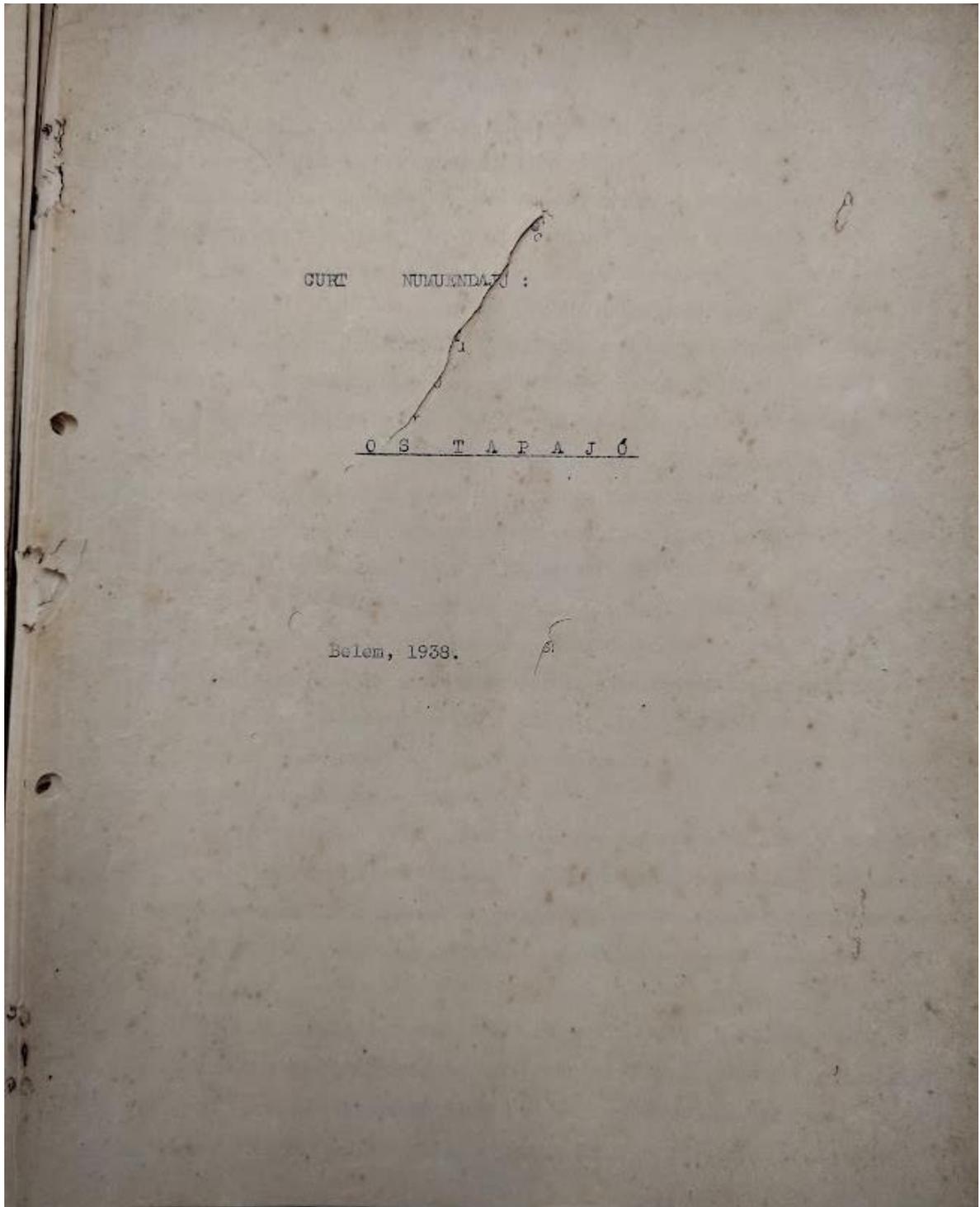
Belém do Pará, 12 de Abril de 1938.

Curt Nimuendajú.....

Litteratura arqueologica:

1. S.L(inn)é. G. M(onte)ll: Fran Brasiliens Indianer i Forntid oc Nutid. - C. Nimuendajus Archeologiska och Etnografiska Forskningar. - Etnografiska Avdelningen. Göteborgs Museum. - Göteborg. 1925.
2. Sigvald Linné: Les recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. Journ. Soc. Américanistes de Paris. XX. Paris. 1928.
3. Erland Nordenskiöld: Ars Americana. I. L'Archéologie du Basin de l'Amazone. - Paris. 1930.
4. J. Alden Mason: Collections from Santarem. Bull. Penn. Univ. Mus., December, 1935. (Photos e descripção de alguma ceramica de Santarem, Brazil).
5. Helen Constance Palmatary: The ceramic art of the Tapajos Indians and its relation to pottery designs in cultures to the North. A thesis in Anthropology. Presented to the faculty of the Graduate School of the University of Pennsylvania in partial fulfilling of the requirements for the degree of Mastre of Arts. - 1936. (Manuscr.)
6. Curt Nimuendajú: Os Tapajó. Belém. 1938. (Manuscr.).

ANEXO D - "Os Tapajó, 1939b



2

A conquista, porém, nunca foi completa porque queriam conduzir os índios para fóra das suas terras. A atitude dos Tapajó para com os portugueses, porém, tinha sido de franca amizade: Eles forneceram víveres à expedição de Texeira quando este em 1639 voltou de Quito e convidaram os portugueses ~~xxxxxxxxxxxx~~ ~~xxxxx~~ a estabelecer-se em sua companhia. Entretanto, Bento Maciel reuniu todas as forças disponíveis em Desterro, perto da foz do Rio Pará. Apesar da promessa dada ao P. Acuña de adiar a ação até à chegada de novas ordens do Governador, ele atacou os Tapajó com o pretexto de que tinham planejado uma sublevação, em verdade, porém, para estorquir-lhes escravos. Postos diante da alternativa entre o extermínio e a submissão incondicional, os Tapajó optaram pela ultima, entregando aos portugueses as suas temíveis flechas envenenadas. Logo Maciel mandou encunhar e guardar os desarmados enquanto os seus aliados índios saqueavam a aldeia violando as mulheres e filhas dos presos à vista deles. Finalmente os infelizes Tapajó prometeram para ~~chaverem~~ a sua liberdade, entregar aos portugueses os mil (!) escravos que estes exigiam. Mas, como os seus escravos se tivessem evadido durante o ataque dos portugueses, conseguiram ajuntar apenas duzentos, vendo-se por isso forçado a entregar seus proprios filhos como escravos para satisfazer os seus algozes (Acuña-1248).

Mais tarde, os portugueses continuaram este processo, como consta da relação dos P. P. Franciscanos Laureano de la Cruz e Juan de Quincoces do ano de 1650: Já para evitar os ultrages impostos pelos portugueses que exigiam escravos, já para receber algum pagamento, os Tapajó indicavam qualquer tribu da vizinhança que lhes era hostil como sendo os "seus escravos fugidos", ajudando os portugueses a assalta-la e captura-la. (S. 396). Assim os Tapajó, para evitar a sua propria escravidão, tornaram-se escravizadores.

Depois de algumas visitas brévia à aldeia dos Tapajó feitas pelos Jesuitas P. P. João Ribeiro e Gaspar Mesch, o P. Antonio Vieira designou para a sua conversão o P. João Felipe Betendorf em 1661. Com o pronto auxilio dos índios, este levantou uma igreja, origem da atual cidade de Santarem, traduziu o catecismo para a lingua dos Tapajó e dos Urucucú, deixando-nos na sua

Cronica diversas informações interessantes sobre os Tapajó, infelizmente sem as mencionadas provas linguísticas.

Outra breve descrição da tribo devemos ao ouvidor Mauricio de Heriarte que um ano depois da fundação da missão viajou pelo Amazonas. Era então a aldeia dos Tapajó a mais populosa de todas as conhecidas.

Durante o grande levante dos Caraquena e Guaravena muitos índios abandonaram o lugar por medo dos rebeldes, sendo porém reconhecidos por Pedro da Costa Favalla quando este em 1664 empreendeu a sua expedição tristemente célebre contra os índios do Rio Urubú (Berredo: II. 191).

1686 uma tropa de Tapajó e "Aruryucuzes" chefiada pelo capitão Orucurá aliou-se às forças do Capitão Mór Hilario de Souza na guerra contra os Aroaquizes e Carapitenas.

Quando trinta anos depois da sua fundação o P. Betendorf tomou a visitar a missão estava este povoado ~~xxxxxxx~~ então tão populoso, completamente arruinado: Na colina, ao pé da qual se tinha transferido a aldeia, Manoel da Matta Falcão tinha construído uma fortaleza. Os índios tinham sido carregados e ocupados em outros lugares. A igreja tinha desaparecido e só uns cinco a sete ranchos espalhados e abandonados ainda restavam. Betendorf mandou levantar uma capelinha de palha para nela dizer missa.

Em 1698 a missão melhorou outra vez um pouco, graças ~~xxxxxxx~~ aos esforços ~~xxx~~ do Jesuita P. Manoel Rabelo que transferiu para ela novos índios trazidos das suas terras.

Mas tão pouco pôde se salvar a salvo das violações pelos portugueses do forte. Por isso fundou um pouco mais rio acima, na margem esquerda do Tapajoz a missão dos índios Arapiuns ~~xxxxxxx~~ (Arapiyu) de nome Cumará, hoje Vila Franca, para onde ~~xxxxxxx~~ transferiu os restos da tribo Tapajó junto com Comandys, Goanacuás, Marxagoaras, Apuatíás, Arapucús, Andiragoaris (= Maué do Andirá?) e outros (Moreira Pinto: I.) Com isto parece que os Tapajó e Uru-cucú deixaram de existir como tribus.

Quando P. Betendorf, em fins dos 90 do seculo XVII concluiu a sua

2500 almas. Heriarte chama a aldeia a maior de todas as conhecidas, podendo por em campo 60.000 arcos. Este ultimo algarismo, porém, ou representa um erro de impressão ou um enorme exagero, pois presuporia uma população de uns 240.000. De fato os vestígios do povoamento antigo induzem a uma população excepcionalmente numerosa.

Língua -: Nenhuma das duas tribos da foz do Tapajoz falava o Tupí. O P. Betendorf quando as visitou pela primeira vez em 1661 tratou com eles com o auxilio de um intérprete do qual ele, autor de livros na língua geral, seguramente não teria tido necessidade si os indios falassem o Tupí. Depois ele traduziu o catecismo para os diversos idiomas da nova missão "todos pelo da língua geral, um era em língua dos Tapajó, outro dos Urucucús, que comumente entendiam, e com este os ia ensinado e batizando." (1668). Heriarte salienta que, contrario aos Tupinambaranas da Língua Geral, os Urucucuzes e Conduzizes (estes do lado oposto, na margem esquerda do Amazonas) falavam línguas distintas. Da língua dos Tapajó só conhecemos três nomes proprios: O da tribo, o do chefe ~~Wixax~~ Orucurá e o do "diabo" (Heriarte: 36) : Aura. Nenhum em contra explicação em Tupí. O ultimo lembra o ɣ "awirá" (ɣ post palatal) com que os Aparai designam o urubú de cabeça vermelha. (Cathartes aura Linn.), e é notavel que tambem o nome do urubú de cabeça preta (Cathartes foetens) em Aparai: "kurumá" se encontra na região como nome de uma serra nas vizinhanças da boca do Trombetas. Segundo E de Goeje estes dois nomes entre os indios Wayana designam pessoas mitológicas. Verdade é que a grande maioria dos nomes locais indigenas da região pertence à Língua geral que até hoje em Alter do Chão não está ainda completamente extinta. Outros porém pertencem sem duvida a línguas não-Tupí, e entre estes se acham alguns que se explicam por língua Caribes.

Caráter -: Os Tapajó eram uma tribo bastante aguerrida, respeitada pelos seus vizinhos e, a principio tambem pelos portugueses. Corajosamente eles atacaram os primeiros brancos que invadiram debaixo do mando de Orellana, os seus domínios. Acuña chama-os "gente de brio". Para com os portugueses eles

se mostravam amigos e confiantes (Acuña:248).

Organização social -: Segundo Hariarte(38) os Tapajó se dividiam em "ranchos" de 20-30 famílias. Cada rancho tinha um chefe, e todos um chefe geral que era bem obedecido. Betendorf fala em 5 chefes das diversas tribus que o receberam em 1661. Infelizmente o termo "rancho" não é suficiente para esclarecer a organização, pois poder referir-se a simples casas coletivas e também a bandos locais. Texeira fala de uma casa muito grande de madeira lavrada em que os Tapajó em 1637 receberam os dois franciscanos.

A escravidão existia provavelmente já antes que os portugueses forçaram os Tapajó à caça de escravos.

Interessante é a existência de uma classe nobre como provém certas passagens em Betendorf: " Era Maria Moacára, diz ele (P. 172), princesa desde seus antepassados, de todos os Tapajoz, e chamava-se Moacara quer dizer fidalga grande, porque costumam os indios além de seus principais escolher uma ~~xxxxxxx~~ mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em seu parecer". A mãe desta Maria Moacara viu-se obrigada a permanecer viuva "porque não se achava ^{entre} que lhe fosse igual em nobreza", ou que entretanto não a impediu a ter um amante. Betendorf dá a estes nobres o título de "cavalheiros", distinguindo-os expressamente dos chefes (P. 261) Em Guarani moçacá significa "estimado" ".

Casamento -: Segundo o P. Betendorf viviam os Tapajó em Polygynia, punindo o adultério por parte da mulher com o afogamento da culpada no rio.

Tratamento dos mortos -: Os mortos eram colocados em suas redes com todos os seus haveres a seus pés, "e na cabeça a figura do Diabo feita a seu modo, lavrada de agulha como mala, e assim os põem em suas casas que tem feitas só para êles, onde estão a mirar e a consumir a carne; e os ossos moídos os botam em vinho, e seus parentes e mais povos o bebem" (Hariarte, P. 37). Os Tapajó conheciam pois algum processo de mumificação, como os antigos Mauó, seus vizinhos (Martius, P. 404).

Religião -: Grande foi a indignação dos missionarios jesuitas

quando observaram que os cadáveres mumificados dos chefes eram objeto de um culto especial. Betendorf conta de um cadáver mirrado que eles ~~xxxx~~ há longos anos veneravam como o seu ~~xxxxxxxxxxxx~~ seu Monhagar~~yy~~ (= creador do principio ; Betendorf traduz: primeiro pai) honrando-o com danças e ofertas. Estava colocado numa caixa debaixo da cumieira de uma casa . O missionario P. Antonio Ferreira que chegou ao Tapajoz em 1682, mandou uma noite incendiar esta casa, destruindo o santuário da tribo. Os índios, si bem que profundamente ofendidos, conservaram-se quietos, de medo dos cristãos que aprovaram a ação do missionario (Betendorf, P. 34).

O Pa João Daniel relata (p. 473), sem citar nem o ano nem o nome do missionario, que existiam set. muniás dos antepassados guardadas numa casa escondida no fundo da mata e somente conhecida dos ancians "Em certo dia do ano ajuntaram-se os velhos com muito segredo, e de companhia iam fazer-lhes alguma romagem, e vestiam de novo com bretanha ou algum outro pano, que cada um tinha." Na mesma casa achavam-se ~~xxxx~~ cinco "pedras" que igualmente eram objeto de veneração: "As pedras todas tinham a sua dedicação e denominação, com alguma figura que denotava para que serviam. Uma a que presidia aos casamentos..., outra a quem imploravam o bom successo dos partos: e assim as mais tinham todas as suas presidencias e seus especiais cultos na adoração daqueles idólatras... Desenganado então o missionario da sua pouca Religião e muita idolatria, à sua vista e em praça publica mandou queimar estes seus idolos ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do rio..." Heriarte (P. 36) Fala dos idolos pintados das tribus do Rio Tapajoz aos quais se oferecia tributo de milho e sementes. Na noite de quinta feira (?) fabricava-se destas ofertas bebidas ; depois faziam soar na praça atraz da aldeia trombetas e atabales tristes e funestos, até que se manifestava um terremoto, ameaçando derrubar arvores e montes. Vinha então o Diabo e entrava num "corro" levantado para ele. ~~xx~~ A festa rematava com cantigas e danças gerais. Betendorf tambem menciona este "terreiro do diabo": Era na mata e conservado muito limpo. Para as danças as mulheres levavam bebidas para lá. Depois se acocoravam,

cobrindo os olhos com as mãos para não ver, (v. a posição das caryátides em certos vasos sacrais!) "então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta era a fala do Diabo que lhes punha na cabeça tudo o que queriam"; O missionario proibiu aos indios essas reapições e quando apesar disto tornaram a preparar o terreiro, mandou quebrar ^{li} os vasos com as bebidas por um português. Existia ainda outro terreiro dentro da mesma aldeia chamado de Mafoma pelos brancos, que o missionario interditou ^{si} da mesma maneira (Betendorf: 170).

Traje -: A julgar-se pelas representações cerâmicas, ambos os sexos andavam completamente nus. Usavam o cabelo cortado e partido ao meio e atado com uma faixa sobre a testa cujas pontas se cruzavam atrás. Também se encontravam representações de homens e mulheres que teem os cabelos em duas tranças caindo pelas costas abaixo. Frequentemente ve-se diademas e corôas mais complicadas. Nos lobulos das orelhas usavam rodela de medianas dimensões, talvez de uma polegada, mais ou menos. Ligas nos tornozelos são comuns, pulseiras e peitorais mais raras.

Alimentação -: Quando a expedição de Pedro Texeira visitou os Tapajó em 1639 os indios lhe forneceram galinhas, patos, peixes e frutas (Acuña: 248). Segundo Texeira eles ofereceram aos franciscanos em 1637 peixe e beijos. O P. Betendorf às vezes se queixa da má qualidade da farinha dos Tapajó. Já fizemos menção das suas bebidas alcoólicas.

Industria -: Os tapajó dormiam em redes e negociavam com elas. (Betendorf: 172. - Heriarte + 37. - Acuña : 248). Segundo Heriarte as tribus do Rio Tapajoz fabricavam loças finas para venda. Como outros artigos de comercio cita ele madeiras, urucú e "buraquitás" (muiraquitás), "e comumente se diz que estas pedras se lavram, neste rio dos Tapajó, de um barro verde que se cria debaixo da água e debaixo dela fazem contos redondas e compridas, vasos para beber, assentos, passaros, rãs e outras figuras; e, tirando-o feito debaixo da água, ao ar, se endurece o tal barro de tal maneira, que fica convertido em durissima pedra verde: e he o melhor contrato destes indios e de-

az á'eles mui estimado." As redes, segundo Texeira, eram feitas " de palmito, labrada com diferentes cores" O mesmo autor menciona que as madeiras lavradas da casa de recepção era "colgadas com mantas de algodão entretejidás en ellos hilos de diversas cores ". O P. Samuel Fritz cita os Tapajó como habéis tecedores de pequenos e chatos cestos de folhas de palmeira, tingidas de diversas cores.

Armas -: Os Tapajó eram ólebras e temidos pelas suas flechas envenenadas. Correndo sangue, o ferido estava irremediavelmente perdido (Acuña: 248.- Heriarte: 35). Gaspar de ^{nt} ~~Lorta~~ Soria, da expedição de Orellana morreu de uma flechada dentro de 24 horas. O veneno, portanto, não pode ter sido o Curare.

As flechas de peixe dos atuais descendentes dos Tapajó, civilizações, distinguem-se por uma implumação radial, bem feita e bonita. As penas são curtas e aparadas a amarração de fio de algodão do lado do recorte da flecha produz o efeito de um ornamento. O arco é chato pelo lado da corda e fortemente convexo pelo lado de fóra. Que os antigos Tapajó sabiam aplicar veneno em comidas para desfazer-se de pessoas prejudiciais resulta de diversas passagens em Betendorf (P. 173, 341).

Os crânios dos inimigos mortos eram guardados como troféus, segundo Texeira.

Moradas Antigas -: 1870 - 1871 O Prof. C. F. Hartt estudou a geologia do rio Tapajoz. Tanto ele como seu companheiro H. H. Smith que voltou ao Tapajoz em 1874 reconheceram as "terras pretas" da beira do planalto ao sul de Santarem como antigas moradas de índios. Bastante estranho é que nem um nem outro teve conhecimento da maior terra preta de toda a zona : a de Santarem - Aldeia, pois Smith afirma expressamente: "poucas antiguidades tem-se encontrado perto de Santarem, porem não há por lá terra preta e nem evidencia de alguma aldeia extensa.". Dos tempos de Hartt data a "coleção Rome", existente no Museu Nacional. Para um estudo acurado da cultura Tapajó este material não é suficiente.

De 1923 - 1926 eu determinei 65 moradas antigas de índios em Santarém, ao sul desta cidade, na região de Alter do Chão e de Samaúma, no Arapixuna, na margem meridional do Lago Grande de Vila Franca, na margem direita do Amazonas, entre a boca daquele lago e a do Arapixuna, todas da cultura Tapajó. Contudo acredito que esse número não representa ainda a metade sequer das jazidas daquela cultura existentes na região.

Com exceção das estações de pescaria, na margem septentrional do Lago Grande e na Ilha do Taperebó, ainda cobertas pela enchente quando por lá passei, todas essas moradas antigas se achavam em terra firme, ao abrigo da enchente, e a maioria até no alto das colinas ou no planalto.

Não existem terras pretas nem outros vestígios de índios na faixa da largura de uma légua que se estende entre a margem do Amazonas e o pé do planalto, ao sul de Santarém. É uma zona árida, arenosa e coberta de serrado. Assim, porém, que se chega ao planalto começam logo na beira dele as terras pretas. Verifiquei isto em cinco pontos diversos.

Na margem Sul do Lago Grande quasi não existe ponta de morro que avança até à beira do lago que não tenha sua terra preta. Muitas praias que por falta de tempo não visitei encontram-se sobre as margens das enseadas profundas que este lago forma.

As terras pretas do planalto acham-se longe de qualquer água e corrente. Os índios remediaram este defeito cavando poços que com poucos melhoramentos, até hoje fornecem água à população neo-brasileira. No poço do Marajá, situado no fundo de uma baixa, ao pé da terra preta, vê-se distintamente a antiga escavação cilíndrica dos índios, tendo dois metros de diametro e fundura igual, e feito sobre ela a escavação quadrada dos atuais moradores. Na terra preta do Aguzal os índios, cavando poço, deram em cima de uma camada inclinada de argila branca, extremamente dura, que provavelmente não conseguiram vencer com as ferramentas que possuíam. Cavaram então lateralmente, seguindo pelo declive da camada dura abaixo, até alcançar a fundura necessaria. Eu mesmo vi cinco destes poços indígenas, mas o numero existente é muito maior.

Outro característico das terras pretas do planalto são as antigas estradas dos índios que correm, quasi em linha reta, de uma terra preta à outra, com uma largura de um metro a metro e meio, e uma fundura de uns trinta centímetros. Grossas árvores seculares crescem hoje pelo meio delas, contudo são ainda tão bem visíveis que chamam logo a atenção do investigador. As vezes elas se ramificam em meio caminho, e por isto já das terras pretas desaparecem.

A superficie destas últimas em geral não é plana mas composta de um número de conveçidades de alguns metros de diametro cada uma, representando, provavelmente, outros tantos lugares de casas.

Só conheço duas terras pretas que comecem imediatamente na marca da enchente da beira do rio: A de Alter do Chão e a de Santarem - Aldeia. Esta última é sem comparação a mais importante e que forneceu material mais numeroso e especialmente qualitativamente mais importante que todas as outras juntas. A sua espessura é em alguns pontos de quasi metro e meio. Sobre ella está construido grande parte da actual cidade de Santarem, especialmente e-bai-o bairro chamado Aldeia, isto é, a rua da Alegria e as travessas dela. Sobre-tudo nestas últimas que apresentam forte declive para o lado do Tapajoz, as enxurradas abrem frequentemente sulcos profundos nos quais se encontram por toda a parte os restos da cerâmica velha. Considerando que ~~a-esta~~ ha mais de duzentos anos pedestres, animais e veiculos diariamente esmagam o que na superficie apparece, é admiravel que se encontre ainda material relativamente tão bom. O achadouro mais importante do planalto é a terra preta de Lavras, onde existe tal quantidade de cacos de barro que difficulta a lavoura. Mas a grande maioria provem de peças lisas, e os ornamentos são, como em toda a parte, em número muito inferior. As terras pretas do Lago Grande, por serem geralmente de espessura diminuta, oferecem quasi só fragmentos miúdos, raras vezes dignos de serem coletados. Extranhamente escasso é tambem o material de Alter do Chão, antigo centro dos Tapajó. Um achadouro de certa importancia, porem, parece existir em Aramanná, pouco acima de Samaúma.

Pontos de contacto -: Nenhum estilo cerâmico em territorio brasi-

leiro apresenta tantos elementos em comum com os estilos da parte meridional da America Central (Chiriquí, Darién) como ~~os~~ dos Tapajó. **Tais são** os caryátides assentados sobre um pé anular, os vasos trípodés, as figurinhas sentadas, os olhos em forma de  e de , o motivo "mão no rosto", rãs subindo pela parede exterior do vaso, etc.. O caminho pelo qual chegou este conjunto de elementos até à foz do Tapajoz ainda não foi determinado devido à grande falta de material proveniente das regiões intermediárias. Parece porém que não foi a via pela costa e pelo Amazonas acima, porque na região da foz deste rio falta a maioria daqueles elementos.

Como geralmente os estilos amazônicos, existem no dos Tapajó certos elementos que o ligam aos Mounds do baixo Mississípe e seus afluentes. Segundo H. C. Palmatary esses elementos são em número de doze a vinte (carta particular), dos quais os mais importantes se encontram também na camada de cultura superior das três que foram determinadas no norte da Venezuela.

Belém do Pará, 12 de Abril de 1938.

ass. Curt Nimuendajú

LITERATURA ARQUEOLOGICA:

- I. S. L. (im) e G. M. (onte) 11 : Fren Brasiliense Indian i Forntid oc Nutid.-C. Nimuendajú *Archeologiska och Etnografiska Forskningar. Etnografiska Avdelningen. Göteborgs Museum.- Göteborg. 1925.*
- II. Sigvald Linné : Les recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brest Brésil. Journ. Soci. Americanistes de Paris. xx. Paris. 1923.
- III. Erlend Nordenskiöld : *Ars Americana*, I. L'Archéologie du Basin de l'Amazonie. - Paris. 1930.
- IV. J. Alden Mason : Collections from Santarem. Bull. Penn. Univ. Mus., December 1935. (Photos e descrição de alguma cerâmica de Santarem, Brasil).
- V. Helen Constance Palmatary : The ceramica art of the Tapajoz Indians and its relations to pottery designe ~~in~~ culture to the North. A thesis in Anthropology. Presented to the Faculty of the Graduate School of the University of Pennsylvania in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. 1936. (Manusc.)
- VI. Curt Nimuendajú : Os Tapajó. Belém. 1938. (manusc.).